



Universidade Federal
de Campina Grande

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO: CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE: UMA ANÁLISE A
PARTIR DO ARQUIVO PESSOAL DO CRONISTA ESPORTIVO JOSELITO
PEREIRA DE LUCENA (1950-2011)**

JILTON JOSELITO DE LUCENA FERREIRA

CAMPINA GRANDE - PB

2022

JILTON JOSELITO DE LUCENA FERREIRA

**O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE: UMA
ANÁLISE A PARTIR DO ARQUIVO PESSOAL DO CRONISTA ESPORTIVO
JOSELITO PEREIRA DE LUCENA (1950-2011)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para a obtenção do título de Mestre em História, na linha de pesquisa Cultura e Cidades.

Orientadora: Profa. Dra. Keila Queiroz e Silva

Campina Grande - PB

2022

F383r

Ferreira, Jilton Joselito de Lucena.

O radiojornalismo esportivo de Campina Grande: uma análise a partir do arquivo pessoal do cronista esportivo Joselito Pereira de Lucena (1950-2011) / Jilton Joselito de Lucena Ferreira. – Campina Grande, 2022.

260 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação: Profa. Dra. Keila Queiroz e Silva".

Referências.

1. Radiojornalismo Esportivo. 2. Arquivo Pessoal – Joselito Lucena. 3. História do Rádio Esportivo de Campina Grande. 4. História Cultural. 5. Cultura e Cidades. 6. Lucena, Joselito Pereira de, 1935-2011. I. Silva, Keila Queiroz e. II. Título.

CDU 654.195(043)

JILTON JOSELITO DE LUCENA FERREIRA

**O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE: UMA ANÁLISE A
PARTIR DO ARQUIVO PESSOAL DO CRONISTA ESPORTIVO JOSELITO
PEREIRA DE LUCENA (1950-2011)**

Texto dissertativo avaliado em ___/___/___ com o aceite _____

BANCA EXAMINADORA

**Prof.^a Dr.^a Keila Queiroz e Silva – Orientadora
Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG**

**Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes – Examinador Externo
Universidade Federal de Rondônia – UNIR**

**Prof.^a Dr.^a Joedna Reis de Meneses – Examinadora Interna
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG**

**Prof.^a Dr.^a Hilmaria Xavier Ribeiro – Suplente Externa
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB**

**Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira – Suplente Interno
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Às 09:30h (nove horas e trinta minutos) do dia 09 (nove) de dezembro de 2022 (dois mil e vinte e dois), de forma remota via chamada no Google Meet, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo(a) aluno(a) **Jilton Joselito de Lucena Ferreira**, intitulada: “O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ARQUIVO PESSOAL DO CRONISTA ESPORTIVO JOSELITO PEREIRA DE LUCENA (1950-2011)”, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **“Aprovado”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Keila Queiroz e Silva - Orientador(a), Joedna Reis de Meneses - Examinador(a) Interno(a) e Iordan Queiroz Gomes - Examinador(a) Externo(a). Assina também a presente Ata o Secretário do PPGH Yaggo Fernando Xavier de Aquino e o Coordenador do PPGH José Otávio Aguiar, para os devidos efeitos legais.

Parecer: O mestrando Jilton Joselito de Lucena Ferreira teve sua dissertação aprovada com sugestão de publicação, feitas as devidas revisões formais.

Lista de Presença

Orientador (a)	Keila Queiroz e Silva	
Examinador(a) Interno(a)	Joedna Reis de Meneses	
Examinador(a) Externo(a)	Iordan Queiroz Gomes	
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino	
Coordenador	José Otávio Aguiar	

Campina Grande-PB, 09 de dezembro de 2022.

RESUMO

Como objetivo de pesquisa busquei analisar o radiojornalismo esportivo de Campina Grande compreendendo o recorte temporal entre 1950 e 2011, período em que aconteceram grande parte das mudanças mais significativas desse seguimento da mídia radiofônica local. Foi preciso investigar o radiojornalismo esportivo local como um seguimento radiofônico constitutivo no tecido social campinense, onde me apoiei, principalmente, nas contribuições de Sandra Pesavento e seus trabalhos que tem como pano de fundo as cidades, pois pensar tal seguimento radiofônico é o refletir sobre a sua interação com a cidade, a dinâmica entre seus agentes sociais e suas tramas sociopolíticas e culturais em seu entorno. Para tanto, tomei como fontes de pesquisa uma série de documentos pessoais – crônicas, agendas, diários e fotografias – produzidos, selecionados e guardados por Joselito Pereira de Lucena, um dos mais ativos cronistas esportivos de Campina Grande, atuando no rádio entre 1950 e 2011. Ao “preservar os rastros de sua própria atividade”, como sugere Sue McKemmish (2013), Joselito Lucena acabou por fornecer uma série de indícios passíveis de serem problematizados à luz da História. Em seu arquivo pessoal, é possível perceber sinais das várias relações sociais e a dinâmica cultural suscitada frente à prática de esportes – com ênfase maior no futebol – e sua difusão no rádio campinense, objeto de nosso recorte espacial e temporal. Além das crônicas, agendas, diários e fotografias encontradas em seu arquivo pessoal, recolhi um conjunto de entrevistas com torcedores, torcedoras, cronistas e ouvintes das programações que compreendem o recorte temporal apontado. Entendemos que a metodologia da História Oral, tal qual pensou Bosi (2003) possui as ferramentas necessárias para lermos tais dinâmicas e, como aponta Roger Chartier (1990), os “jogos de representações”, tanto agenciados pelo Joselito Lucena quanto pelos seus ouvintes, buscando “uma possibilidade de percepção de como se dá a construção de uma realidade social, em outros momentos ou lugares, por meio de delimitações, divisões e classificações”. Foi possível traçar um caminho entre a Campina Grande do final da década de 1940, quando no surgimento do rádio na cidade e percorrer as décadas que seguiram, observando o surgimento e consolidação do radiojornalismo esportivo campinense, a dinâmica entre os profissionais do rádio e a população e como cronistas esportivos, a exemplo do Joselito Lucena, surgiram e passaram a fazer parte da vida dos torcedores, no caso do Joselito Lucena, se tornando um *homem monumento*, conceito baseado nas leituras de Le Goff (1990). Tomar tais documentos como fontes para entender tais relações motivou essa iniciativa frente ao exercício do “fazer história”, problematizando-os para operar uma narrativa que objetivava compreender a história do radiojornalismo esportivo de Campina Grande, a partir do arquivo pessoal do cronista esportivo Joselito Pereira de Lucena e de como ele e os seus ouvintes representaram esse período por eles vivido.

Palavras-chave: Radiojornalismo esportivo. Joselito Lucena. Arquivo pessoal. História do rádio esportivo de Campina Grande.

ABSTRACT

As a research objective, I sought to analyze the sports radio journalism of Campina Grande by understanding the time between 1950 and 2011, period in which most of the most significant changes happened in this segment of the local radio media. It was necessary to investigate the local sports radio journalism as a constitutive radio segment in the social fabric of Campina Grande, where I based myself mainly on the contributions of Sandra Pesavento and her works that have cities as background, because thinking about such radio segment is to reflect on its interaction with the city, the dynamics between its social agents and their sociopolitical and cultural plots in its surroundings. To do so, I took as research sources a series of personal documents - chronicles, diaries, diaries and photographs - produced, selected and kept by Joselito Pereira de Lucena, one of the most active sports chroniclers in Campina Grande, working in radio between 1950 and 2011. By “preserving the traces of his own activity”, as suggested by Sue McKemmish (2013), Joselito Lucena ended up providing a series of clues likely to be problematized in the light of History. In his personal archive, it is possible to perceive signs of various social relations and cultural dynamics raised in front of the practice of sports - with greater emphasis on soccer - and its dissemination in Campinas radio, object of our spatial and temporal cut. In addition to the chronicles, diaries, journals, and photographs found in his personal archive, I collected a set of interviews with fans, chroniclers, and listeners of the programs that comprise the indicated time frame. We understand that the methodology of Oral History, as Bosi (2003) thought, has the necessary tools for us to read these dynamics and, as Roger Chartier (1990) points out, the “games of representations”, both agencyed by Joselito Lucena and by his listeners, seeking “a possibility of perception of how a social reality is constructed, in other moments or places, through delimitations, divisions, and classifications”. It was possible to trace a path between Campina Grande at the end of the 1940s, when radio appeared in the city, and to go through the decades that followed, observing the emergence and consolidation of Campina Grande's sports radio journalism, the dynamics between radio professionals and the population, and how sports chroniclers, such as Joselito Lucena, appeared and became part of the fans' lives, in the case of Joselito Lucena, becoming a monument man, a concept based on the readings of Le Goff (1990). Taking such documents as sources to understand such relations motivated this initiative facing the exercise of “making history”, problematizing them to operate a narrative that aimed to understand the history of sports radiojournalism in Campina Grande, from the personal archive of the sports journalist Joselito Pereira de Lucena and how he and his listeners represented this period lived by them.

Keywords: Sports radio journalism. Joselito Lucena. Personal archive. History of Campina Grande's sports radio.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Imagem 1:** O arquivo pessoal quando e como foi encontrado – 2018
- Imagem 2:** Time de futebol da Rádio Caturité – início da década de 1950
- Imagem 3:** Equipe da Rádio Caturité no carnaval de 1958
- Imagem 4:** Estádio Olímpico em João Pessoa – 1962
- Imagem 5:** Estádio Olímpico José Américo de Almeida, Boi Só – início da década de 1960
- Imagem 6:** Jilton Joselito de Lucena Ferreira e sua Irmã – 1993
- Imagem 7:** Jilton Joselito de Lucena Ferreira e seus avós – 2001
- Imagem 8:** Jilton Joselito de Lucena Ferreira e Joselito Pereira de Lucena – 2001
- Imagem 9:** Jilton Joselito de Lucena Ferreira e Joselito Pereira de Lucena no 31º Bimtz em Campina Grande – 2006
- Imagem 10:** Jilton Joselito de Lucena Ferreira Joselito Pereira de Lucena no 31º Bimtz em Campina Grande – Formatura de recebimento da boina – 2006
- Imagem 11:** Reunião da Associação dos Cronistas Desportivos de Campina Grande (ACDCG) – PB
- Imagem 12:** Estádio Governador Ernani Sátyro, *O Amigão* – 2019
- Imagem 13:** Campo do Paulistano Esporte Clube – setembro de 2014
- Imagem 14:** Campo do Paulistano Esporte Clube – setembro de 2021
- Imagem 15:** Campo do Leão no bairro do Monte Santo, campos adjacentes no mesmo bairro
- Imagem 16:** Campos do bairro Jardim Verdejante – setembro de 2021
- Imagem 17:** Área dos campos em construção – 26 de setembro de 2022
- Imagens 18:** Inauguração do Estádio O Romeirão, Juazeiro do Norte – 1º de maio de 1970
- Imagem 19:** Inauguração do Estádio Governador Ernani Sátyro, *O Amigão* – 1975
- Imagem 20:** Estacionamento de Imprensa, Delegações e Diretores do Estádio *O Amigão*
- Imagem 21:** Ginásio Poliesportivo Radialista Joselito Lucena – 2015
- Imagem 22:** Cabines de imprensa do Estádio Presidente Vargas

*Dedico aos que fizeram e fazem o
radiojornalismo esportivo de Campina Grande.*

*Dedico a Joselito Pereira de Lucena, intérprete
das conquistas e dificuldades do
radiojornalismo esportivo de Campina Grande.*

Dedico ao rádio, pelo seu 1º centenário.

AGRADECIMENTOS

Gratidão, essa é a palavra que deve iniciar esse espaço, espaço que se tornará, de certo, pequeno, pois foram muitas e constantes as ajudas que recebi nesse processo todo. Mas eu queria começar agradecendo aqueles que não estou mais aqui conosco no plano terreno, pelo menos duas figuras muito importantes na minha formação de caráter e de hombridade merecem esse pequeno gesto, falo do meu avô paterno; José Ferreira da Silva, que com muita honestidade criou seus 5 filhos debaixo de muita dificuldade, mas principalmente de muito amor, era isso que eu sempre sentia quando estava perto dele e quando todos os finais de semana iam dormir em sua casa.

Ao meu outro avô, o materno; Joselito Pereira de Lucena, que com muita determinação, consegui escrever o seu nome nas linhas das histórias sobre o futebol e o rádio paraibano. E pensar que quando criança ele tentou repassar para mim aqueles ensinamentos sobre o rádio, talvez enxergasse em mim uma pessoa com vocação para narrar futebol, fato que não aconteceu, mas o seu olhar clínico para encontrar novos nomes me acertou, não parra o rádio, mas me tornei um narrador de histórias. Como historiador, hoje, faço o papel do cronista que narra as façanhas do radiojornalismo esportivo campinense e de um dos seus maiores ícones na radiodifusão paraibana; Joselito Pereira de Lucena. A você, voinho, meu muito obrigado por tudo, e um tudo que só eu sei mensurar diante do que vivi ao seu lado e tendo-o como referência.

Às minhas vovós, que seguem firmes na caminhada aqui na Terra, uma com 90 anos; Eliete Silva de Lucena e a outra com 87; Justa de Oliveira Ferreira. Duas mulheres guerreiras que enfrentaram todas as dificuldades de uma vida dura e de muito trabalho, mas que, sobretudo, foram felizes, e hoje gozam da presença da família, sempre conversando e relembando o passado por elas vivido, que tenham ainda muitos anos nessa Terra, pois com elas é possível se reaproximar dos dois vovôs que já se foram.

Um agradecimento cheio de muito afeto, a ela que por vezes deu o sangue para que eu pudesse fazer esse mestrado, me acompanhando em todas as fases, desde a seleção até a defesa final, sempre com um brilho de orgulho no olhar, como se aquela conquista fosse dela, e de fato é, pois quando me vi com COVID-19, era ela que ia levar minha comida em casa, onde eu estava sozinho isolado. Miscilene, se não fosse por você, esse trabalho não existiria, esse mestrado não faria sentido e essa pesquisa não teria o valor que tem para mim. Muito obrigado por dar conta de duas filhas; nossas filhas, para que eu, por vezes ficasse pesquisando e

escrevendo. Eu lembro de cada momento onde você, ainda grávida, com a barriga enorme e cuidando de Aurora para que eu pudesse avançar no trabalho antes de Catarina nascer.

Esse espaço é para reafirmar o meu amor por você e pelo que construímos juntos, esse mestrado é nosso, essa dissertação é nossa, e se Joselito Lucena tivesse te conhecido, com certeza ele diria que tu serias uma ótima locutora, pois com essa voz, faria concorrência com ele. Aqui também me lembro da minha sogra, dona Ivonete, que tantas vezes nos ajudou ficando com as meninas, cuidando de Aurora na hora da correria, e quando passava por mim enquanto eu pesquisava ou escrevia algo, dizia sempre “estás trabalhando, é menino?”. Muito obrigado, dona Ivonete, a senhora foi e é luz na minha vida.

Às minhas filhas, Aurora Helena e Catarina Luna; Aurora já mais consciente do que acontece, com 5 anos de idade. Lembro-me de por vezes apertar o coração quando ouvi-la dizer: “papai, brinca comigo” e eu ter que manter o meu compromisso de seguir trabalhando firme para cumprir os prazos, prazos que todas as vezes eu mesmo que estabeleci, para criar uma dinâmica sempre séria e comprometida. Mas a você, minha menina, no futuro irás entender todas aquelas faltas e falhas contigo, pois você sabe que sempre fiz questão de participar de forma muito ativa da sua vida, desde 6 semanas de vida, quando descobrimos que você viria, até hoje. À Catarina Luna, que nasceu nesse processo entre pandemia e escrita da dissertação. Tantas vezes dividindo comigo o teclado do *notebook*, entre uma fralda e outra, um parágrafo sendo escrito. Hoje você não entende, tem apenas alguns meses de vida, mas no futuro você irá saber quem foram suas bisavós e se orgulhará do tempo que abri mão de ficar contigo para pesquisar e escrever.

Aos meus familiares, em especial ao meu pai e a minha mãe, pessoas que mesmo não tendo tanto estudo, sempre acreditaram na minha educação, espero mesmo que eles se orgulhem de mim, pois é para eles que eu me esforço tanto, para que o pai e a mãe sintam algum orgulho do filho. Meu pai é pedreiro, mas é dos homens mais inteligentes que eu já vi, tive oportunidade de conhecer muita gente, muitos mestres e doutores, que possuem evidentemente o domínio da letra, da palavra, mas como meu pai, uma inteligência natural e apurada com a vivência do mundo, eu conheci poucos. Minha mãe, mulher guerreira que enfrenta há mais de 40 anos uma doença tão minuciosa; a diabetes. Essa é para vocês, o filho do pedreiro e da dona de casa é Mestre em História.

À minha querida orientadora, a professora doutora Keila Queiroz e Silva, que foi pessoa chave nesse processo. Lembro-me que antes da seleção do mestrado, alguns professores que conheciam a minha área e pretensão de pesquisa, disseram que a professora Keila poderia se interessar pela pesquisa, eu nem a conhecia, apenas de nome, pois como fazia a graduação em

História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, não havia tido a oportunidade de conhecê-la como alguns colegas da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Ao encontrá-la como presidente da banca examinadora daquele processo, em 2020, uma chama me acendeu, naquele momento era esperar a avaliação do projeto de pesquisa e ir para a entrevista, foi o que aconteceu, passei na fase de avaliação do projeto de pesquisa e segui para a entrevista.

Na entrevista, encontrei uma professora sensível, tranquila, muito calma e que nunca irei esquecer do que ela disse, que se identificava muito com a minha pesquisa pois a fez lembrar de sua infância e adolescência ao lado de seu pai ouvindo futebol através do rádio, aquilo para mim foi muito importante, eu poderia não passar por aquela fase do processo, que já estaria bom para mim, pelo simples fato de ter atingido uma pessoa tão importante, uma pesquisadora de tanta relevância de uma forma tão minha. Passei na entrevista e segui para outras etapas, e ao sair o resultado final, recebi da professora Keila o convite para ser orientando dela, aquilo foi um marco para mim, pois sabia que dali sairia uma relação muito fecunda, parafraseando-a. Desde então, a professora Keila sempre me tratou de uma forma muito humana, recebeu-me, por vezes, em sua casa, ajudou-me e auxiliou em todas as etapas da produção da dissertação e sempre me disse palavras muito amorosas, a ela eu agradeço de coração.

Aqui dedico um espaço singelo para agradecer a minha colega historiadora, mas amiga na vida, Jessica Kaline. Jessica foi escuta em momentos difíceis, foi ombro amigo nas discussões bibliográficas, quando muitas vezes conversávamos sobre a angústia de não entender completamente determinado autor ou ainda, trocando sempre figurinhas em relação ao processo de escrita, um indicando e ajudando o outro naquela empreitada. Jessica surgiu na minha vida ainda na graduação, e eu fiquei extremamente feliz em ter passado pelo processo da graduação ao lado dela, mas principalmente quando vi que seríamos novamente colegas de curso, agora no Mestrado na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Aqui, meus sinceros agradecimentos a toda sensibilidade que Jessica sempre demonstrou ter comigo, “respira, amigo, vai dar certo, você já fez muito, já avançou muito, descansa um pouco”, e é isso que guardarei de Jessica em meu coração, torcendo para que nos encontremos novamente em um doutorado, um concurso ou qualquer trabalho, pois ao lado dela, a sua serenidade me será benfazeja.

Como Jessica, que representa nesse espaço os colegas e as colegas da graduação em História lá na querida Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Letícia Vieira me apareceu como uma das melhores amigas dos últimos anos. Nos conhecemos ainda na graduação, mas eu não havia tido a oportunidade de conhecê-la de fato, pois posso afirmar que foram nas

primeiras cadeiras pagas juntos, que vi em Letícia um “porto seguro acadêmico”, além de extremamente dedicada, ponto que nos uniu de imediato, Letícia passou a fazer parte da minha vida pessoal, pois os laços construídos no mestrado não conseguiram segurar uma irmandade que acabara de nascer. Aqui, digo, nesse espaço tão curto para pessoa tão grande, agradeço à Letícia por toda a partilha, nos momentos engraçados, risinhos, nos STs (Simpósios Temáticos) apresentados juntos, nas organizações de livros e etc., mas principalmente, nos momentos de dores e aflições, aquele “meu bem, fique bem” sempre foi acalentador.

Ao professor Mário Vinícius, que foi um grande companheiro nessa escrita, quando muitas vezes eu o perguntava se ele conhecia algum jogador, algum jogo ou data que algo ocorreu, já que ele, um exímio pesquisador da história do Treze Futebol Clube, sempre me ajudou, respondendo-me prontamente a tudo que eu o questionava. Gravava um áudio, mandava uma fotografia, indicava uma leitura, professor Mário Vinícius foi muito importante para essa pesquisa e assim eu estendo esses agradecimentos a todos os depoentes, homens e mulheres que doaram o seu tempo para contribuir com aquilo que julgo ser a sua própria história, a história de Campina Grande a partir das vivências e experiências com o rádio e o futebol, meu muitíssimo obrigado.

Ao professor Iordan Queiroz Gomes, pessoa humana que conheci ainda na graduação em História lá na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, e que sempre me passou uma tranquilidade e uma serenidade peculiares. De um orientador passou a ser um amigo, e de um amigo se tornou um irmão, pois em momentos onde muitas vezes me vi sozinho, desorientado ou até financeiramente necessitado, Iordan me foi ombro amigo e palavra de conforto. Eu jamais irei esquecer de tudo que ele já fez por mim, de todos os conselhos, todas as partilhas e todas as ajudas que ele me deu. Tê-lo em minha banca, agora em outra etapa, no mestrado, muito me alegra. Ao senhor, nobre irmão, meu emocionado agradecimento.

À professora Joedna Reis de Menezes, figura humana incrível, aliás, eu tive muita sorte nessa trajetória dentro do mestrado na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, pois encontrei uma orientadora maravilhosa e por extensão, uma professora de teoria que se tornou escuta em um dos momentos mais difíceis que passei nessa pandemia, porque não dizer, mais difícil da minha vida, quando acometido pela COVID-19, a professora ficou bastante preocupada, ligava-me, mandava-me áudios, perguntava-me a todo momento se eu estava bem e se precisava de algo, foi um momento de firmação de almas, a partir dali, criamos uma ligação muito sincera e tê-la em minha banca foi algo muito emocionante. Aproveito para estender os agradecimentos a todos os professores e professoras do PPGH-UFCG, em especial aqueles que tive a oportunidade de estudar em disciplinas e criar laços que levarei para a vida.

Aqui um espaço bastante justo, afim de homenagear todos os autores que me ajudaram a construir esse texto, a teorizá-lo, a problematizá-lo, destaco um em especial; José Araújo Lira, que por motivos maiores não está completamente em nosso convívio, mas a sua pesquisa sobreviveu, e os Anos dourados da Rádio Borborema – década de cinquenta, foi meu livro de cabeceira, fazendo com que o meu trabalho ganhasse brilho e pujança, partindo de uma contribuição que foi concebida por Lira em 1986, coincidência ou não, ano de meu nascimento. Seu Lira, obrigado por me emprestar seus escritos, que consegui com o professor Luciano Mendonça, na biblioteca da UFPB. Meu muito obrigado por ter deixado material tão rico e que tanto me ajudou a entender tanto o contexto da época em que viveu, como o da década de 1980 com quando escreveu, no caso o senhor. Seu legado acadêmico segue mantido, gratidão.

Neste trabalho fui apenas um escriba, quem o fez, de fato, foi Joselito Lucena, pois, sem as centenas de fontes que ele deixou, muitas delas produzindo, não haveria essa narrativa tão detalhada. Sinto-me como que um pequeno intérprete das produções deste cronista que, na minha opinião, ousou ser memorialista, historiador e, nos dizeres da minha orientadora, a professora doutora Keila Queiroz, “Joselito Lucena foi um dionisíaco”, pois foi um cronista que uniu, que deu voz aos clubes, aos torcedores e torcedoras, aos militantes do radiojornalismo esportivo de Campina Grande e as Rádios da cidade.

Sumário

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	7
AGRADECIMENTOS	9
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1 - BUSCANDO AS SINTONIAS ATRAVÉS DO ARQUIVO PESSOAL: O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE NO INÍCIO DE SUAS ATIVIDADES.....	35
1.1 Buscando as sintonias através do arquivamento de si	36
1.2 Quando o historiador encontra e adentra no arquivo pessoal	41
1.3 Joselito Lucena e sua rede de relações diversificadas (em todo o Brasil existe um companheiro do rádio).....	45
1.4 Seguindo os rastros do arquivo: as narrativas do eu e narrativas dos outros sobre si.....	47
1.5 Joselito Lucena fora do ar: quando desliga o microfone, mas a narração continua... ..	53
1.6 A constituição do jovem radialista no cenário radiofônico campinense.....	56
1.7 A Campina Grande dos “tempos áureos do rádio”, na ótica do jovem cronista.....	61
1.8 Sintonizando o cronista esportivo e seu arquivo pessoal.....	67
CAPÍTULO 2 - ENTRE O RÁDIO ESPORTIVO E OS ESPAÇOS CONSTITUÍDOS EM SINTONIA COM O LUGAR: A CIDADE E OS SEUS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES E SOCIALIDADES A PARTIR DO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE	82
2.1 Quando as memórias do historiador se confundem com a história que se quer narrar ..	84
2.2 Alinhando o crescimento da cidade serrana ao surgimento das primeiras movimentações radiofônicas e suas nuances sociopolíticas.....	91
2.3 O surgimento dos lugares de sociabilidade a partir do apelo da crônica esportiva local	101
2.4 E a crônica campinense venceu mais uma partida: trilou o apito para o início da construção do Estádio “O Amigão”, <i>O Colosso Da Borborema</i>	109
2.5 Bem antes do Estádio Ernani Sátiro, <i>O Amigão</i> : Campina Grande nos tempos do Largo da Flórida e de outras socialidades	115
2.6 Quando os espaços sofrem interferências na sintonia: lugares e espaços que sofrem com a violência e com o próprio crescimento da cidade.....	120
CAPÍTULO 3 – “EU LEMBRO DO SEU AVÔ NO DOMINGO, QUANDO TINHA FUTEBOL NO DOMINGO ELE NARRANDO OS JOGOS”: A IMPORTÂNCIA E O LUGAR, NA MEMÓRIA CAMPINENSE, DOS JORNALISTAS PIONEIROS – A EXEMPLO DE JOSELITO LUCENA – PARA O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE	131
3.1 Quando morre o radialista e se imortaliza a “escola” (Joselito Lucena servindo como baliza para os profissionais do rádio segundo eles mesmos).....	132
3.2 De “ <i>estaca central</i> ” à “ <i>homem monumento</i> ”: Joselito Lucena e os aspectos de perpetuação da crônica esportiva campinense no cenário nacional	145

3.3	O lugar na memória dos torcedores e torcedoras ouvintes: Joselito Lucena e outros cronistas que contribuíram para a força do rádio campinense segundo os próprios torcedores.....	153
3.4	E há então o surgimento dos lugares de memória, das representações criadas sobre o <i>mestre</i> . (Joselito Lucena sendo posto em simbólicos depositários de memórias).....	167
3.5	Entre o enquadramento das memórias e a perpetuação das lembranças: Joselito Lucena visto por alguns familiares	180
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	190
	REFERÊNCIAS	199
	APÊNDICE A – PERGUNTAS UTILIZADAS NA PESQUISA	204
	APÊNDICE B – LISTA DE DEPOENTES	206
	ANEXO 1 – FONTES	207
	ANEXO 2 – CRÔNICAS DIGITALIZADAS	209
	ANEXO 3 – PARECER CONSUBSTANCIADO – COMITÊ DE ÉTICA	258

INTRODUÇÃO

“Ah! o rádio, a sua instantaneidade... a sua propagação... o seu alcance, o seu poder de comunicação... a sua condição de formador de cultura... a sua história de levar alegria aos lares... de relatar o que é agradável... o que é bom...”¹

Joselito Pereira de Lucena, 14 de maio de 2010

O rádio, veículo de comunicação como poucos, conseguiu sobreviver ao longo dos últimos 100 anos no Brasil, em meio a um avanço tecnológico esmagador. O rádio, além de democrático, pois acorda o rico e o pobre, informa a secretária e o patrão, acompanha a madrugada do porteiro que está de serviço na gélida guarita e ao mesmo tempo toca a música do momento no som do carro mais luxuoso, tudo isso de forma muito natural, espontânea.²

Pois é, o rádio se tornou nosso meio de comunicação mais conhecido e democrático de todos, e sua permanência nos lares, nos carros – até nas motos, pois hoje é comum ver motocicletas equipadas com caixinhas de som que transmitem as ondas das Rádios da cidade – nos bares, restaurantes e até nos *smartphones* mais modernos, é possível fazer o *download* de um aplicativo e acompanhar sua Rádio de preferência.

Acredito que em Campina Grande, obviamente que baseado em todas as pesquisas que fiz sobre o rádio local, esse meio de comunicação foi, e por muito tempo estará intimamente ligado à história da cidade, pois Campina Grande experimentou, no final da década de 1940, o surgimento desse veículo de comunicação e posteriormente sua melhor fase, a "era de ouro" do rádio local, por muitos anos.

No final da década de 1940, mais precisamente em 1948, Campina Grande vivia a emoção de receber não apenas uma, mas duas emissoras de rádio, a Rádio Cariri – PRF – 5, que foi inaugurada em 13 de maio de 1948 e a Rádio Borborema ZYO – 7³, em 08 de dezembro do ano seguinte. A “caçulinha” da cidade – por ter sido a última a surgir nesse contexto – como ficou conhecida a Rádio Caturité, nasceria em 24 de agosto de 1950. O futebol mudou a rotina da cidade, a cidade e os sujeitos articularam toda uma estrutura em torno do esporte, estrutura

¹ Crônica escrita por Joselito Lucena em 14 de maio de 2010 e encontrada em seu arquivo pessoal.

² Aqui, devo destacar que tal “naturalidade” parte do sujeito que ouve o rádio, por toda estabilidade que o aparelho e a tecnologia radiofônica já apresentaram. Do ponto de vista teórico, não há tal naturalidade, pois somos cercados de intencionalidades, seja a escolha da programação; a forma como os radialistas destacam determinadas falas e até como enxergam e interagem com o público em geral, daí valer a pena ler A Operação Historiográfica, pensando na “Artes da Memória”, conceito trabalhado pelo Michel de Certeau.

³ As siglas PRF – 5 e ZYO – 7 são um indicativo de chamada, que é uma designação única de uma estação de transmissão de rádio. É designado formalmente por uma agência governamental, como identificador de uma estação de rádio, no Brasil por exemplo, é atribuição da Anatel.

comercial, econômica, de transportes, estrutura política, e o radiojornalismo que também atravessou tais mudanças se apresenta como essencial para ler essas estruturas.⁴

O radiojornalismo esportivo em Campina Grande figurou inicialmente como uma espécie de “subsetor” do radiojornalismo local, muito disso devido à dificuldade em conseguir a realização de transmissões de partidas de futebol, inovação empreendida na época pela Rádio Borborema, que após várias tentativas conseguiu conquistar o pioneirismo e ser a primeira emissora da cidade a realizar tal feito. Foi a partir da década de 1950 que a radiodifusão esportiva, com ênfase maior no futebol, cresceu extraordinariamente, não somente em quantidade de Rádios que transmitiam os jogos, mas em profissionais e, principalmente, na qualidade dos que militaram no rádio esportivo de Campina Grande.⁵

Nomes como Palmeira Guimarães⁶, Ariosto Sales⁷, Josusmá Viana⁸, Joselito Lucena e outros e outras, abriram as portas para o início dos tempos áureos do rádio esportivo campinense, bem como vivenciaram os anos de estagnação do rádio esportivo paraibano. Tais nomes interligam memórias, posto que o pesquisador que procura historicizá-las individualmente acaba esbarrando na outra, e isso nos mostra o quanto as relações pessoais e profissionais figuram como índices importantes para reconstrução das trajetórias em conjunto com um meio social mais amplo.

A historiadora Giovanna Lopes Marques (2018), destaca sua relação com o ambiente jornalístico em conjunto com o futebolístico da época, “o cenário era marcante, dele fazia parte escutar as resenhas pelo rádio de pilha, ouvir a narração de um gol feita pelo jornalista Joselito Lucena, participar do bate papo futebolístico”. Essa junção entre o futebol e o rádio fez com que ambos os seguimentos crescessem, de um lado o “esporte das multidões”, do outro o

⁴ Ver SOUZA, Antônio Clarindo de. *História da mídia regional: o rádio em Campina Grande*.

⁵ Ver Goretti Maria Sampaio de Freitas, A trajetória histórica da radiofonia campinense: do alto-falante ao FM. In. *História da mídia regional: o rádio em Campina Grande*. Coordenação: Antônio Clarindo Barbosa de Souza, EDUFPG/EDUEP; Campina grande, 2006.

⁶ José Palmeira Guimarães foi um dos primeiros locutores esportivos da rádio Borborema, foi também poeta, escritor, compositor e conhecido pela sua mais famosa poesia *O último pau-de-arara*, que ganhou destaque nas vozes de vários intérpretes tais como Fagner, Zé Ramalho e Gilberto Gil. A poesia foi musicada por Venâncio e Corumba.

⁷ Natural de Picuí, Ariosto Ferreira Sales (1937-2018) marcou a imprensa campinense, atuando no rádio, jornal e televisão. Além de ter sido a voz do início da radiodifusão de Campina Grande na década de 1950, trabalhou na Rádio Cariri e foi diretor esportivo dos Diários Associados e depois diretor geral da TV Borborema. Era formado em Ciências Econômicas e especialista em Administração pela Mexicali, no México. Fonte: <https://resumopb.com/noticia/morre-aos-78-anos-o-ex-radialista-ariosto-sales.html> e <https://paraibaonline.com.br/2018/06/morre-em-campina-grande-ex-narrador-esportivo/>

⁸ Josusmá Coelho Viana, professor e juiz classista aposentado, é natural de Alagoa Nova, e é um dos fundadores do Jornal da Paraíba. No rádio fez dupla com Ariosto Sales na locução e ele como comentarista esportivo. É um dos nomes que compõem a *LISTA DOS 50*, uma lista das 50 pessoas que em todos os tempos mais contribuíram para fazer de Campina Grande esse polo de desenvolvimento que orgulha o Brasil, iniciativa do Jornal Online *A Palavra*.

veículo de comunicação mais democrático já visto, pois chegava e chega em todas as casas sem distinção, e é nesse cenário de crescimento do radiojornalismo esportivo em Campina Grande, que começamos a pensar em sua relação com a cidade, com seus atores sociais, com suas tramas políticas e culturais, e como esse seguimento radiofônico interferiu no cotidiano da cidade.

Além de outros já citados, um dos nomes que mais aparece na crônica esportiva de Campina Grande, já citado acima, é o do cronista esportivo Joselito Pereira de Lucena⁹, ou como muitos conheciam, Joselito Lucena. Mas, quem foi Joselito Lucena? Joselito Pereira de Lucena nasceu na cidade de Jacobina no estado da Bahia, em 29 de junho de 1935. Mudou-se para Campina Grande ainda criança¹⁰, com seu pai, o pernambucano Manoel Pereira dos Santos e sua mãe, a paraibana Gercina Pereira de Lucena, respectivamente caminhoneiro e dona de casa.¹¹

Joselito Lucena começou ainda menino a demonstrar um fascínio pelo rádio¹². Morou próximo de um sistema de autofalantes, o primeiro da cidade de Campina Grande, frequentava assiduamente as movimentadas programações daquele sistema sonoro de comunicação, ali nascia tanto um amor incondicional pela *Rainha da Borborema*, bem como pelo microfone, aquele que seria seu instrumento de trabalho por pelo menos os próximos 60 anos.¹³

Trabalhou primeiramente como um tipo de *office boy*, levando e trazendo recados nas Rádios da cidade. Foi ainda *disc jockey*, discotecário, radioator; repórter, apresentador, comentarista; noticiarista, locutor comercial e locutor esportivo. Chegando a se tornar diretor do departamento de esportes, tanto da Rádio Borborema como da Rádio Caturité.¹⁴ Foi na locução esportiva, ainda na década de 1950, que Joselito Lucena se firmou. Desde então narrou

⁹ Por se tratar de um dos militantes do radiojornalismo esportivo que permaneceu por mais tempo na crônica esportiva, seu nome é associado ao seguimento radiofônico esportivo local.

¹⁰ Em crônica escrita por Joselito Lucena, e encontrada em seu arquivo pessoal, o mesmo afirma que chegou à Campina Grande com 8 anos de idade, mas que já havia visitado Campina Grande quando mais novo, e não lembrava da visita pela pouca idade que tinha na época, mas que com 8 anos foi o encontro, agora mais consciente, com “a Rainha da Borborema”. É preciso esclarecer que nem todas as crônicas utilizadas nas análises e como citações foram publicadas em algum periódico. Joselito Lucena escrevia e na maioria dos casos fazia a leitura ao microfone, da crônica – se fosse o caso de utilizá-la em algum programa - ou comentário, em nossas pesquisas não encontramos escritos feitos pelo titular do arquivo que tivesse sido utilizado em algum jornal, mas que como apontamos no capítulo que segue, o titular manteve esses escritos de forma cuidadosa e seletiva.

¹¹ Informações encontradas e colhidas no arquivo pessoal de Joselito Lucena.

¹² Em crônicas encontradas no arquivo pessoal do Joselito Lucena, é possível constatar esse fascínio pelo rádio desde os seus primeiros contatos com os sistemas sonoros da cidade.

¹³ O sistema de autofalantes foi montado pelo “Gaúcho”, sr. Jovelino Farias, que em 1936 chegou em Campina Grande e em 1937 montou o sistema na rua Marquês do Herval, ao lado da Panificadora Nossa Senhora das Neves, como destaca Antônio Clarindo de Souza na História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande, p. 29.

¹⁴ Informações retiradas da Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), de Joselito Pereira de Lucena.

praticamente todos os acontecimentos futebolísticos de Treze e Campinense¹⁵, os dois maiores clubes da cidade de Campina Grande, e também maiores rivais.¹⁶

Para além de sua trajetória pessoal já apresentada, apresentemos o cronista, pois “o cronista do século XX é uma espécie de narrador que, acima de tudo, pensa o espaço de veiculação das informações, ele sistematiza a informação, utilizando recursos linguísticos exteriores ao universo da linguagem jornalística”.¹⁷ É aqui que o cronista em questão, dedicou-se também a criação, ou seja a produção de um arquivo pessoal extenso – a saber de 1950 à 2011 - repleto de vestígios que trata não apenas de sua vida pessoal e profissional, pois ambas chegam a se confundir, mas relaciona-se com o desenvolvimento do radiojornalismo esportivo de Campina Grande, suscitando algumas questões.¹⁸

Portanto, o objetivo geral desse trabalho é analisar o radiojornalismo esportivo de Campina Grande a partir do arquivo pessoal do cronista esportivo Joselito Pereira de Lucena, local depositário de grande parte da memória do rádio esportivo campinense. Apoiados em tais fontes, questionamos, como o radiojornalismo esportivo de Campina Grande surgiu e se estabeleceu dentro do Estado da Paraíba? De que modo, a inserção do radiojornalismo esportivo alterou a dinâmica social e cultural da cidade de Campina Grande entre 1950 e 2011? Como se deram as relações sociopolíticas no meio radiofônico de Campina Grande, bem como se constituíram os espaços de sociabilidade na cidade a partir de tal segmento? Qual a importância e o lugar, na memória campinense, dos jornalistas esportivos pioneiros – a exemplo de Joselito Lucena – no radiojornalismo esportivo de Campina Grande?

O jornalista e sociólogo Wellington Pereira (2014) nos esclarece que “o exercício do cronista está ligado diretamente às relações que as formas narrativas mantinham com o tempo, visto em etapas sucessivas de ações dos indivíduos e depois caracterizado por uma enunciação de eventos presos a ciclos históricos”. Para o cronista “o mais importante era a organização cronológica dos fatos”, dentro dessa noção, o sociólogo aponta que “o cronista estabelece novos processos de enunciação, ultrapassa os limites impostos pela conotação, procurando

¹⁵ O primeiro jogo entre as equipes ocorreu em 27/11/1955 com vitória do Treze por 3 a 0 sobre o Campinense, no Estádio Plínio Lemos – Campina Grande-PB, no comando do árbitro Almeida Passos.

¹⁶ Durante essa pesquisa, mais precisamente no dia 16 de setembro de 2022, faleceu o compositor João Martins de Oliveira, ou simplesmente João Martins. João Martins foi o compositor do hino do Treze Futebol Clube, que adotou como hino oficial no final da década de 1970 e do cântico “*Eu sou Campinense*”, também adotado pela torcida do Campinense Clube como sendo o hino mais popular da agremiação. João Martins era pernambucano, natural de Paudalho – PE, mas adotou Campina Grande como sua morada. João Martins atuou por um tempo como radialista na Rádio Caturité e tanto a crônica local como as torcidas lamentaram o seu falecimento e os clubes renderam suas devidas homenagens. Cabe-me aqui, esse acerto de contas com a memória de João Martins.

¹⁷ Ver PEREIRA, Wellington. Crônica: A arte do útil e do fútil. / Wellington Pereira. - Campina Grande: Latus, 2014. 252 p. (pág. 160).

transformar o exercício da crônica num espaço textual que absorve, criticamente, várias linguagens”.¹⁹

Dentro dos diversos gêneros da crônica, a crônica esportiva surge como a grande narradora dos fatos esportivos, que inicialmente foram as corridas ou apresentações de cavalos e as partidas de futebol. Foi na crônica esportiva que os primeiros radialistas iniciaram as narrativas a respeito do meio esportivo brasileiro. É preciso destacar que os times de futebol, assim como outras práticas esportivas, mantinham treinamentos e funções das práticas diárias, necessitando de um acompanhamento não somente nos dias das competições, mas mostrando tudo que acontecia nos bastidores dos treinos e trabalhos diários oriundos da determinada prática esportiva.²⁰

Aqui, isto é, no primeiro objetivo específico desse trabalho – o primeiro capítulo – buscamos apresentar esse diálogo entre o arquivo pessoal do cronista esportivo Joselito Lucena, e como esse dito arquivo pessoal, pôde nos ajudar a pensar o radiojornalismo esportivo de Campina Grande em seu surgimento, sua estabilidade como um meio de comunicação sério e que se enraizou na cidade, e principalmente, porque o radiojornalismo esportivo de Campina Grande se tornou uma referência dentro do Estado da Paraíba.

Já no segundo objetivo específico – o segundo capítulo – pudemos observar as mudanças sofridas pela cidade de Campina Grande a partir dessa dinâmica de interação entre o radiojornalismo esportivo, obviamente que pelos seus agentes militantes do rádio e os ouvintes, que expressamente perceberam um crescimento potencial e dinâmico entre a cidade e o radiojornalismo esportivo local, gerando uma relação quase que de pertencimento à cidade por consequência da força exercida pelo rádio na região paraibana. É como se o radiojornalismo esportivo de Campina Grande tivesse surgido e alavancado o amor que já existia pelo futebol desde a década de 1910 e 1920.

E no terceiro objetivo específico – o terceiro capítulo – investigamos qual a importância dos cronistas esportivos em meio a todo esse processo vivido por décadas, de um lugar marginalizado, pois no final da década de 1940 e na década de 1950 “os locutores esportivos faziam de tudo para agradar aos ouvintes. Verdadeiras peripécias para transmitir os clássicos entre Treze e Campinense, ou mesmo os jogos das grandes equipes que vinham de fora jogar no acanhado estádio municipal, depois de 1951”. Não era fácil para o locutor esportivo daquela época de início das transmissões, como visto, faziam de tudo para dar um trabalho de qualidade, mas “mesmo assim, eram também alvo de grandes cobranças. O sr. Amaury Capiba, um dos

¹⁹ Ibidem pág. 38-39

²⁰ Discussão que será mais aprofundada a partir do primeiro capítulo.

entusiastas do futebol campinense, sofria nas mãos dos redatores dos jornais de festa. Sempre que possível eles inseriam uma quadrinha venenosa contra os dotes de “*speaker* esportivo” do moço”.²¹

Foi possível discutir qual a relevância desses cronistas, tomando o Joselito Lucena como exemplo, pois seria impossível trabalhar com mais de um cronista, haja vista a gama de material coletado em entrevistas e depoimentos orais, mas que, pudemos perceber o quanto o agente do rádio, o locutor, o comentarista; o repórter de campo, o redator, o plantão esportivo e o técnico de áudio, ocuparam lugares importantes na memória dos torcedores ouvintes das jornadas esportivas campinenses.

A escolha da temática se dá pela inquietação em perceber que mesmo sendo parte integrante da cidade, a história do radiojornalismo esportivo de Campina Grande não possui uma pesquisa específica sobre seu surgimento, suas conquistas, dificuldades, relações sociais; contribuições e principalmente para preencher essa lacuna intelectual sobre tal seguimento radiofônico.

É preciso compreender também o contexto do rádio no cenário nacional. Em 7 de setembro de 1922, devido à comemoração ao primeiro centenário da Independência do Brasil, uma “Feira de Amostras” que acontecia no Rio de Janeiro, foi palco da primeira aparição do rádio no Brasil. Duas empresas, uma americana e uma inglesa, fizeram demonstrações de rádio. Com transmissor instalado no Corcovado, transmitiram a radiofrequência para a sede da Feira²². Apesar de toda euforia experimentada na década de 1920, o rádio passou por muitas dificuldades nesse período, vivenciava muitos problemas técnicos e a qualidade do sinal era questionada. Segundo Sevcenko (1998), “somente a partir dos anos 30 que o rádio teria um impacto decisivo na transformação da cultura brasileira”.²³

Salvos os trabalhos *História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande* (2006), do professor doutor Antônio Clarindo Barbosa de Souza e *Memórias da Radiofonia Campinense: As Vozes do Jornalismo Esportivo* (2018), artigo da professora do Departamento de Comunicação Social, doutora Maria Goretti Freitas, que empreenderam enorme contribuição, mas tais trabalhos não aprofundam as discussões sobre o seguimento em questão, até mesmo pelo foco das pesquisas citadas, sendo assim, não encontramos trabalhos que tratem do radiojornalismo esportivo de Campina Grande em sua particularidade.

²¹ Conferir SOUZA, Antônio Clarindo de. *História da mídia regional: o rádio em Campina Grande*. p. 53.

²² Antes disso, em 1919 a Rádio Clube de Pernambuco fazia transmissões de rádio e foi uma das primeiras Rádios do Brasil. Ver SOUZA, Antônio Clarindo de. *História da Mídia Regional: O rádio em Campina Grande* p. 25.

²³ Ver SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil: República – da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.3, pp. 7-48.

Já a escolha do personagem e de seu arquivo pessoal, é a de se considerar que Joselito Lucena dedicou parte considerável de sua vida ao rádio, fato que fez com a sua trajetória estivesse intimamente ligada ao surgimento das rádios na cidade. Joselito Lucena mudou de prefixo, mas não de profissão, atuando no rádio de Campina Grande de 1950, ano de inauguração da Rádio Caturité, até a sua morte em 2011, colocando-o como o único radialista do Estado da Paraíba a trabalhar por tanto tempo seguido em um sistema de difusão sonora, o rádio.

Nos aproximando dos aportes teóricos, conceitos e problemáticas que nos ajudarão a entender melhor nosso objeto, devemos compreender, como afirma Barros (2005), que “a ‘teoria’ remete a uma maneira de ver o mundo ou de compreender o campo de fenômenos que estão sendo examinados”. Partindo desse diálogo, elencamos autores e o campo de estudo que nos embasem em como pensar nossas indagações sobre o nosso objeto de pesquisa, no caso, o radiojornalismo esportivo de Campina Grande a partir do arquivo pessoal do cronista Joselito Lucena.

A nossa pesquisa também se propõe a analisar em uma perspectiva da História Cultural. Dessa perspectiva, tem surgido trabalhos que partem das trajetórias para se entender questões mais amplas. Da História Cultural, o conceito de “práticas e representações”, tal como apontado por Roger Chartier (1990, p. 17), é importante para a presente análise, por entender que “as representações são parte integrante também daquilo que chamamos realidade, não só porque são matrizes geradoras de práticas sociais”, como também “porque demonstram um esforço de revelação/ocultamento dado tanto pelas imagens reais (cenários, paisagens de rua, arquitetura) como pelas imagens metafóricas (da literatura, pintura, poesia; discurso técnico e higienista etc.)”.²⁴ Sobre essas práticas, podem ser práticas culturais, que são “realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as ‘práticas discursivas’ como as práticas não-discursivas”.²⁵

Em paralelo a dimensão cultural, têm crescido no meio historiográfico trabalhos que partem do *nome*, isto é, do sujeito e suas marcas para se entender questões mais amplas que envolvem as relações sociais, a dinâmica do cotidiano, as sociabilidades, entre outros. Inspirados na micro-história, tais trabalhos têm partido do micro para se entender o macro. Perspectiva que teve sua ascensão na década de 1970, com historiadores em sua maioria

²⁴ Pesavento, (1995, p. 283).

²⁵ Conferir Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005 *A HISTÓRIA CULTURAL E A CONTRIBUIÇÃO DE ROGER CHARTIER* - José D'Assunção Barros.

italianos, como, Carlo Ginzburg²⁶, Giovanni Levi²⁷ e Edoardo Grendi²⁸, que é o gênero da “micro-história”, que é analisada por Peter Burke, em *O que é História Cultural?*

Em sua análise sobre a “micro-história”, Burke (2004) observa que a micro-história foi uma reação a certa vertente da história social que seguia o modelo da história econômica, não atribuindo tanta importância à multiplicidade ou à especificidade das culturas locais, apenas descrevendo tendências econômicas gerais. Um segundo ponto foi que a micro-história teria sido uma reação ao encontro com a antropologia, pois os antropólogos ofereciam um modelo alternativo onde a questão cultural tinha espaço. E um terceiro fato visto por Burke (2004), foi que a micro-história seria uma reação a uma crescente desilusão com a chamada “narrativa grandiosa”.

Pesavento (2005) afirma que “a micro-história põe em prática uma metodologia de abordagem do social [...] esse processo é acompanhado de uma valorização do empírico, exaustivamente trabalhado ao longo de extensa pesquisa de arquivo”. É nesse cenário que a micro-história acaba por sugerir um melhor aproveitamento em nossas pretensões no que tange à pesquisa. Pesavento (2007) destaca ainda que “a cidade é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens; grupos, classe, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de um domínio e transformação de um espaço social no tempo”. Aqui, a História Cultural apresenta-se indissociável da dimensão social da experiência passada, posto que “a História Cultural é indissociavelmente social, dado que está ligada ao que diferencia um grupo de outro.”²⁹

Pensar o radiojornalismo esportivo de Campina Grande é refletir sobre as relações sociais estabelecidas entre o cronista esportivo e o torcedor ouvinte, que muitas vezes tem no jornalista esportivo a personificação da voz do espetáculo de futebol, fazendo com que o radialista esportivo se torne “a voz do futebol”. É pensar a prática, é ir para o campo de futebol assistir uma partida pessoalmente, mas levar um rádio de pilha para ouvir as vozes que embalam a emoção da partida, é ficar em casa por não poder ir ao estádio, mas acompanhar com igual emoção todos os lances de uma partida de futebol através das ondas do rádio.

O radiojornalismo esportivo não está dissociado da cidade, do município, da zona rural, muito pelo contrário, ele figura através de seus variados personagens que muitas vezes narravam as conquistas de algum clube de futebol como sendo suas, como destaca Marques

²⁶ Ver Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes* 1976

²⁷ Ver Giovanni Levi, *A herança imaterial* 1985

²⁸ Ver Edoardo Grendi, *Ripensare la microstoria? Quaderni storici, Bologna: il Mulino* 1994

²⁹ Ver PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 134-135

(2018) “a conquista do hexacampeonato foi contada em forma de LP, pelo jornalista baiano Joselito Pereira de Lucena que, conforme destacado, já havia assumido o comando do caderno esportivo do Diário da Borborema, muitas vezes narrando as conquistas do rubro-negro como sendo suas”.

É possível perceber que os cronistas esportivos se envolviam com seu espaço de trabalho, Marques (2018) ainda destaca que “percebe-se que a ação dos meios de comunicação colaborou intensivamente para que os clubes ganhassem visibilidade, contudo, até a década de 40 o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais”, mas apontou que “mesmo assim, a junção crônica esportiva e futebol tornaram-se um dos fatores mais prodigiosos na construção de sentimentos nacionais”.

A exemplo do que descreveu a historiadora Giovanna Lopes Marques, quando destacou essa aproximação do cronista Joselito Lucena com o Campinense Clube, é possível perceber em uma escrita encontrada em seu arquivo pessoal, que ele não defendia apenas o rubro-negro, mas o alvinegro também, o Treze Futebol Clube aparece com frequência no arquivo do titular, quando disse, “o que o futebol me deu? Prestígio, fama, valor, garra e coragem para defendê-lo nos dois lados; o vermelho e preto e o preto e branco”.³⁰

Joselito Lucena pertencia a um universo radiofônico esportivo interativo, que contava com profissionais comprometidos com sua profissão, pois “os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros” (SIMMEL, 2006, p.17). A noção de sociabilidade pensada pelo sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel, nos é importante para compreendermos que tais relações superam as linhas do jogo de futebol, se estendendo às relações entre os moradores da cidade.

É possível perceber no próprio arquivo pessoal do Joselito Lucena, que as mudanças experimentadas em Campina Grande quando do surgimento do radiojornalismo esportivo em sua relação com o futebol foi imprescindível para a consolidação do rádio como um todo para a cidade, pois como destaca Gastaldo (2005) “o futebol no Brasil, como produto midiático especial, suscita também uma dinâmica de recepção especial. Além do forte recorte de gênero, o compartilhar coletivo do mesmo jogo estimula a formação de um espaço de sociabilidade muito peculiar”³¹.

³⁰ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita no ano de 2009.

³¹ Ver *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* Édison Luís Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity ano 3 - nº 43 - 2005 - 1679-0316

Com seu arquivo pessoal, pudemos esmiuçar as particularidades de tal seguimento radiofônico, pois como destaca da Silva (2017) “paralelamente, identifica-se a coexistência de informação pública e privada, geradas por pessoas singulares no âmbito das suas funções, e que complementam a informação existente em entidades institucionais”. Destaca ainda que “de facto, os produtores de arquivos pessoais não estão dissociados das funções sociais, políticas, profissionais, acadêmicas que desempenharam ao longo da vida”.³²

Em *A Memória, a História, o Esquecimento*, Paul Ricoeur (RICOEUR, 2014, p. 176) destaca-nos algo importante sobre o arquivo, ele diz que, “o momento do arquivo é o momento do ingresso na escrita da operação historiográfica. O testemunho é originalmente oral; ele é escutado, ouvido. O arquivo é escrita; ela é lida, consultada. Nos arquivos, o historiador profissional é um leitor”, importante para compreendermos a importância do movimento de escuta das fontes.³³

Já nas discussões sobre memória, Paul Ricoeur adentra em um lugar importante para entendermos tais lembranças, o filósofo fala de uma luta contra o esquecimento, postulada desde Heródoto, diz que “sob esse aspecto, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento”, mas é preciso atentar para o fato de que “ao mesmo tempo, e no mesmo movimento espontâneo, afastamos o espectro de uma memória que nada esqueceria. Consideramo-la até mesmo monstruosa”. Paul Ricoeur questiona, “o esquecimento não seria, portanto, sob todos os aspectos, o inimigo da memória, e a memória deveria negociar com o esquecimento para achar, às cegas, a medida exata de seu equilíbrio com ele?”³⁴.

Diante disso, para além de uma busca por uma “memória total” dos eventos que circundaram o radiojornalismo esportivo e Campina Grande, é preciso assegurar que esse esquecimento do qual discute Paul Ricoeur, é inerente ao fato do lembrar, do guardar na memória. Não há como, e nem seria nossa pretensão, apontar todas as memórias, nem do ponto de vista dos documentos encontrados no arquivo pessoal do Joselito Lucena, pois algumas crônicas foram encontradas faltando algum trecho, nem do ponto de vista do que foi encontrado nas entrevistas sobre o período recortado. Pois ao pensar sobre o fato dessa “justa memória”, o

³² Ver DA SILVA, Ana Margarida Dias, Pressupostos teóricos e metodológicos aplicados aos arquivos pessoais: o caso do arquivo de Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, 2º Visconde de Vila Maior in: *Arquivologia: história, tipologias e práticas profissionais*. Eliete Correia dos Santos, Alzira Karla da Silva, Ediane Toscano Galdino de Carvalho, (Organizadoras). Campina Grande: EDUEPB, 2017. 4750 kb. 396 p.: il. (Coleção Diálogos Arquivísticos)

³³ Conferir CAMARGO, Ana Maria de Almeida; & BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Dicionário de terminologia arquivística. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros - Núcleo Regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura. 1996.

³⁴ (RICOEUR, 2014, p. 424)

filósofo nos adverte que “de fato, o que o esquecimento desperta nessa encruzilhada é a própria aporia que está na fonte do caráter problemático da representação do passado, a saber, a falta de confiabilidade da memória”³⁵.

Outros conceitos que se mostram muito importantes sobre memória são os do sociólogo Michael Pollak (1992), ele enxerga a memória como individual, mas também coletiva e nos atenta para percebermos que constitutivamente os acontecimentos são sempre relacionados a pessoas e lugares, e as experiências vividas pelas pessoas mesmo que não sendo partícipes diretos, mas foram vividas *por tabela*, o que gera uma memória *herdada*, e isso se confunde entre personagens que muitas vezes não são necessariamente do nosso tempo, mas que aparecem como nossos “conhecidos” justamente por essa relação que o Pollak destaca sobre a memória sendo individual, mas coletiva, não se resumindo a uma única vida, mas a uma coletividade.³⁶

Sobre essas memórias constituídas em grupo, Pollak (1989) nos propõe uma reflexão a partir de um *enquadramento de memória*, onde os pesquisadores, historiadores tem papel fundamental, pois é nesse enquadramento que se estabelecem a manutenção, organização, coerência, unidade e continuidade. É sobre uma emergência de certas lembranças que ressaltam um ou outro aspecto que, segundo o sociólogo, há uma deformação ou ainda uma reinterpretação do passado vivido, “assim, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos”.³⁷

Definindo os caminhos que tomaremos nessa pesquisa, devemos atentar para o uso das fontes, fontes essas que estão dispostas em um arquivo extenso, como já apontado, no arquivo existe um conjunto de fitas K7s³⁸ contendo detalhes descritivos das partidas de futebol ou dos programas esportivos ali gravados; fotografias de vários eventos que circundaram o universo jornalístico do período recortado e recortes de jornais das décadas que compreendem a pesquisa. Aqui, isto é um ponto importante a destacar é que devido a extensão do arquivo, optamos por analisar de forma mais dedicada e atenta as agendas que guardavam compromissos do dia a dia do jornalista, contendo situações particulares e sensíveis do Joselito Lucena, e que ele utilizava

³⁵ (RICOEUR, 2014, p. 425)

³⁶ POLLAK, 1992, p. 200-212)

³⁷ D. Veillon, 1987, apud Pollak, 1989, p. 3-15.

³⁸ A fita cassete ou K7 como optamos por utilizar na escrita, surgiu no início da década de 1960, trazendo a questão portátil como seu ponto central, já que os discos de vinil eram e são grandes, possuindo cerca de 25 e 40 centímetros em suas variações de tamanho. O nome por trás da invenção é o do engenheiro holandês Lodewijk Frederik Ottens, ou simplesmente Lou Ottens. Segue um link que mostra uma fita k7 e o seu respectivo funcionamento, <https://www.youtube.com/watch?v=GNcSC0LsOqs>

como verdadeiros diários. Centenas de crônicas feitas pelo Joselito Lucena também foram melhor investigadas, nelas é possível encontrar escritos sobre o rádio, a cidade de Campina Grande, suas inquietações sobre a vida e até sua visão de mundo.

Em *História e Memória*, Jacques Le Goff (1990) aponta que “o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, ou pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”. A problemática lançada por Le Goff em *História e Memória* (1990) acerca da relação entre documento e monumento pode ser melhor elucidada quando se analisa a entrada da história na chamada “operação historiográfica”, cuja reflexão inicial é de Michel de Certeau (2010).

Esta é uma noção preciosa ao nosso traçado metodológico, pois, na leitura de Certeau, o primeiro passo da operação é reconhecer o caráter constitutivo da história que consiste em “compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da ‘realidade’ da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana’, ‘enquanto prática’”.³⁹ No que tange à identificação da fonte histórica dentro da operação historiográfica, o autor assevera que o historiador é capaz de transformar um resíduo qualquer do passado – desde que construído e/ou tocado pelo homem, isto é, que informe sobre esse homem – em fonte histórica.

Como já dito, os diários pessoais e as crônicas foram parte das nossas principais fontes de pesquisa, e para a historiadora Maria Teresa Cunha, os diários pessoais “como ferramenta de uso social, a escrita pode salvar do esquecimento ou fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, um instrumento de construção do passado”⁴⁰, para Pesavento “a sensibilidade está no cerne da História Cultural, que se propõe a trabalhar com as formas pelas quais os homens, a partir de sua história, representaram a si próprios e ao mundo”.

A função das crônicas e dos diários pessoais do Joselito Lucena em nossa pesquisa se fundamenta justamente nessa sensibilidade apontada por Pesavento, que não retira o objeto do contexto social, mas que traz uma dimensão de peculiaridade em meio às práticas e representações do indivíduo ou do todo social, pois como destaca Pereira (2014) “os cronistas tiveram um papel fundamental no período de transição entre a modernidade e a pós-

³⁹ Sobre as manobras produzidas em função da Operação Historiográfica, Ver Certeau (2010, p. 57).

⁴⁰ Ver Maria Teresa Cunha, *Territórios abertos para a História* in *O historiador e suas fontes*, São Paulo 2009.

modernidade. A grande contribuição se deu na tentativa de adequar os escritos jornalísticos à realidade dos grandes centros urbanos”⁴¹.

Sobre o uso das fontes orais, a historiadora Verena Alberti (2010) destaca que “a História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história” e “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram, ou testemunharam, acontecimentos do passado e do presente”. Nesse movimento, o historiador produz a chamada fonte oral, isto é, uma fonte de informações sobre o passado agenciada por uma recorrência ao procedimento de coleta dos relatos através das entrevistas. Alberti aponta ainda que “como toda fonte histórica, a entrevista de História oral deve ser vista como um “documento-monumento”, conforme definida pelo historiador francês Jacques Le Goff”.

No caso do nosso objeto de estudo, julgamos importante recolher um conjunto de entrevistas que puderam colaborar para identificação da trajetória de Joselito Lucena em sintonia com um campo social mais amplo. Isso se se considerar que o tempo da memória pode ser lembrado individualmente e/ou de maneira coletiva, e que ao lembrar o passado, os sujeitos que viveram a experiência passada estão se “ocupando conscientemente do próprio passado, da substância mesma da sua vida”.⁴² Argumento que nos alerta para a necessidade de fazermos um exercício de cotejamento da fonte oral com outros tipos de fontes, isto é, promovendo um confronto crítico com outras fontes de informações.⁴³

Em *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, Ecléa Bosi (2003) nos alerta para o fato de que “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano [...] a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado”. É ouvindo esses mediadores que caminham entre passado e presente, com o uso de suas memórias sobre acontecimentos do passado, que poderemos buscar, dentro do que Bosi chama de “intermediário informal da cultura”, as veredas que devem conduzir nossa narrativa histórica.

Fugindo da unilateralidade apontada por Bosi (BOSI, 2003, p. 15), pois a autora destaca que “a memória oral, longe da unilateralidade para qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza”, buscaremos dar voz a esses agentes sociais que até então se encontravam apenas por

⁴¹ Ver PEREIRA, Wellington, *Crônica: a arte do útil e do fútil*. / Wellington Pereira. – Campina Grande: Latus, 2014. 252 p.

⁴² Conferir a função social da memória de velhos em Bosi (1994, p. 60)

⁴³ Foram colhidos depoimentos orais mais recentes e com um público mais diverso de depoentes, mas utilizamos também depoimentos orais colhidos entre 2018 e 2019, depoimentos esses, colhidos para a pesquisa de graduação, mas que puderam contribuir para essa pesquisa.

trás do seu aparelho de rádio, invisíveis e sem poder de fala da sua própria experiência vivida. É somente na busca por esses relatos que muitas vezes se confundem com a própria identidade do depoente, que poderemos entender como o rádio, em conjunto com o futebol, se constituíram como uma das maiores forças do Estado da Paraíba, a exemplo de Treze e Campinense, *O Clássico dos Maiorais*, que é considerado um dos maiores clássicos de futebol do país. Para Bosi, “do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade”.

Bosi (2003, p. 16-17) nos conforta ao dizer que “quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época”, é nesse amparo que nos apegamos, pois como disse Caetano Veloso na música *Gente*, “gente é um lugar”. A cidade é feita de gente, foi gente quem fez e é gente que faz o rádio de Campina Grande, do Estado, do Brasil. É gente quem faz a história, é gente quem conta a história, é gente quem vive e quem narra a história.

E é nesse diálogo que incorremos há alguns parágrafos acima, onde pensamos o esquecimento a partir das contribuições do filósofo Paul Ricoeur, que Ecléa Bosi (2003, p. 18) também pensa que “cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento, omissões, os trechos desviados da narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época”. Mas Bosi (2003, p. 20) nos alerta para pensarmos que “não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção ‘é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais’”, quando dialoga com Pierre Nora.

Caminhando para o final do seu livro, a saber, *A Memória, a História o Esquecimento*, Paul Ricoeur (2014) destaca algo que colocaria como uma chave de leitura muito importante para os nossos diálogos entre memória e oralidade, ele diz que:

A história pode ampliar, completar, corrigir, e até mesmo refutar o testemunho da memória sobre o passado, mas não pode aboli-lo. Porquê? Porque, segundo nos pareceu, a memória continua a ser o guardião da última dialética constitutiva da preteridade do passado, a saber, a relação entre o “não mais” que marca seu caráter acabado, abolido, ultrapassado, e o “tendo-sido” que designa seu caráter originário e, nesse sentido, indestrutível. Que algo tenha efetivamente ocorrido, é a crença antepredicativa – e até mesmo pré-narrativa – na qual repousa o reconhecimento das imagens do passado e o testemunho oral. (RICOEUR, 2014, p. 505)

É nesse sentido que nos apoiamos nos testemunhos orais para compreendermos a dinâmica presente entre o cronista e o torcedor, o radialista e o seu ouvinte, pois não somente os testemunhos orais, mas as agendas/diários do Joselito Lucena, se apresentam como Bosi (2003, p. 24) afirma, “mas se eu conseguir que narrem seus dias como fazem as pessoas mais simples, ficará evidente a espoliação do nosso tempo de vida pela ordem social sem

escamoteação possível”, se referindo aos intelectuais que por vezes contam somente o que lhes convém, não dizendo sobre as horas do dia “perdidas” em filas de banco, em burocracias e etc., o que é visto com detalhes tanto nos diários do cronista Joselito Lucena, quanto nos episódios narrados pelos entrevistados.

Bosi (2003, p. 53) afirma que “a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”, a compreensão vista em Bosi é esclarecedora, ela entende que “o tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa”. Cada depoimento dado para essa pesquisa, atendeu a experiência individual de cada entrevistado, cada olhar sobre suas memórias foi cuidadosamente sendo dito, compartilhado e compreendido a partir de sua vivência do fato, pois “existe a noite serena da criança, a noite profunda e breve do trabalhador, a noite infinita do doente, a noite pontilhada do perseguido”, como destaca Bosi (2003) em sua leitura sobre as memórias individuais.

A dinâmica da sociedade moderna foi alterada, o tempo sofreu um encolhimento, os “ritmos temporais” foram afetados por todo o processo de industrialização, na fala da própria Bosi (2003). É nessa dinâmica de mudança temporal e mercadológica, que “a memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando também esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil”. Sem perder de vista a coletividade da memória, Bosi ainda destaca que “tal como o tempo social acaba engolindo o individual, a percepção coletiva abrange a pessoal, dela tira sua substância singular e a estereotipa num caminho sem volta”.⁴⁴

Com essas memórias individuais/coletivas, buscamos entender a experiência sonora de cada entrevistado, afinal, estamos falando também sobre rádio e experiências radiofônicas. Braga (2020) coloca que “o som, a experiência sensorial do ouvir, estão atrelados impreterivelmente à condição humana de maneira universal; à linguagem, à mentalidade, o imaginário, a memória, o sensível, e a existência de uma série de convenções e códigos que são cognoscíveis através da escuta”.⁴⁵ É pensando essa *Paisagem Sonora*, termo desenvolvido pelo músico e pesquisador R. Murray Schafer, no final da década de 1960. Schafer (1977) explicou que “a paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma

⁴⁴ Conferir BOSI, *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, São Paulo, 2003.

⁴⁵ Ver Débora Maria Martins Braga, *A construção do espaço e da memória sonora da cidade de Sobral e da seca de 1877-1878 em Luzia –Homem*, in *Revista Espacialidades* [online]. 2020.2, v. 16, n. 2, ISSN 1984-817X

composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como campo de estudo”.⁴⁶

Dentro dessa concepção de estudos sobre o sonoro, o ouvido, o dito, Schafer (1977) destaca que “uma paisagem sonora consiste em eventos *ouvidos* e não em objetos vistos”, e é nesse jogo entre o dito através do rádio, o ouvido através das ondas radiofônicas emitidas e o muitas vezes visto nos campos de futebol - pois era e continua sendo muito comum que mesmo o torcedor indo pessoalmente ao estádio de futebol, ele leve consigo seu rádio de pilha – que tomaremos os sons como refúgio às nossas indagações.

Compartilho nesse momento da mesma frustração que o Schafer (1977) descreveu em sua pesquisa. Apesar de falarmos dos sons, das emoções do futebol através dos sons do rádio, dos gritos de gols e das respostas das torcidas a esses gritos, onde o estádio chega a tremer suas estruturas com a vibração de tais torcedores a gritar pelos seus clubes. Os sons dos fogos de artifícios, as vaias comuns a muitas partidas, as discussões com o árbitro da partida e etc. Seguiremos nessas páginas silenciosas, historicizando os depoimentos capturados pelos ouvintes que se tornaram depoentes, para que com o auxílio da imaginação, o leitor possa compreender toda a dimensão sonora que circunda uma partida de futebol sendo narrada através das ondas do rádio.

Foi nesse universo sonoro e dentro dessa *paisagem sonora*, que buscamos entender, como o radiojornalismo esportivo de Campina Grande, foi o responsável, ou teria contribuído para um crescimento futebolístico, comercial e até mesmo das tradições esportivas com ênfase no futebol, que Campina Grande alcançou ao longo das últimas décadas. Por *tradição*, devemos atentar para o que o historiador britânico, Eric Hobsbawm (2008) nos alerta, “a “tradição” nesse sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade”.⁴⁷

Obviamente que Hobsbawm (2008) analisa contextos das “tradições” e “tradições inventadas” na Europa dos séculos XIX e XX – que viviam um contexto de mudanças principalmente de ordem das Revoluções - o que não nos impede de pensar sobre as práticas radiofônicas e futebolísticas construídas em Campina Grande e seus arredores – digo, zonas rurais e cidades vizinhas - como tradições comportamentais tanto dos cronistas esportivos

⁴⁶ Ver R. Murray Schafer, *A Afinação do Mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora* / R. Murray Schafer; tradução Marisa Trench Fonterrada – São Paulo: Editora UNESP, 2001.

⁴⁷ Ver HOBBSAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 6ª Edição 2008.

quanto dos torcedores e torcedoras, pois dada as proporções da rigidez com que trata Hobsbawm (2008) sobre o peso das *tradições* e das *tradições inventadas*, existem, no nosso ponto de visão, tradições estabelecidas no meio já citado, a saber, pelo menos duas, a) acompanhar o locutor esportivo, ou a equipe esportiva, de sua preferência, mesmo que ele mude de prefixo, ou seja, de Rádio, isso aconteceu com o Joselito Lucena, quando entre 1988 e 1989, foi demitido da Rádio Borborema e imediatamente retornou a sua emissora de origem, a Rádio Caturité, b) carregar consigo o rádio de pilha, mesmo estando no estádio de futebol presencialmente.

Sobre o primeiro ponto, o cronista e companheiro de trabalho, Adalberto Alves, comentou um fato que nos permite refletir sobre tal afirmativa, confira.

Nós tínhamos a melhor equipe, uma das melhores do Nordeste, Joselito Lucena, Humberto de Campos, Edvaldo Gouveia, Rostand já estava com a gente, fazia o *Minuto esportivo*, Chico Alemão. [...] Logo cedo da manhã, Edvaldo Gouveia foi o primeiro a chegar, para apresentar *Tiro de canto*, e quando ele chegou lá em cima, disseram “tu vai pra onde?”, ele disse, vou apresentar *Tiro de canto*, não, apresente mais não que você está fora, Edvaldo Gouveia ficou surpreso, aí ele fica na entrada da Rádio, lá embaixo, que era no Rique Palace Hotel, ficou ali encostado num carro. Depois de Edvaldo Gouveia chegou eu, Edvaldo me pergunta, “tu vai cobrir o Campinense hoje, pra Borborema”? Aí eu disse, vou, mas ainda está cedo, aí ele disse, “vai mais não que tais fora da Rádio também” aí eu disse, só nós dois? Ele disse, “não, todos”. Quando eu olho lá vem Rostand, que andava bem ligeirinho, aí fui eu quem disse pra Rostand, Rostand, tu vai gravar o *Minuto esportivo*? Ele disse, “agora mesmo”, eu disse, vai mais não, tais fora também, fique aqui com a gente, aí contei a ele. Aí depois vinha Zelito, Zelito parou na banca de revistas, me lembro como hoje, ainda existe essa banca de revistas lá. Aí ele disse, “bora, bora, todo mundo subir, se movimentar”, venha cá, Zelito, fique aqui com a gente, tiraram você, tiraram todo mundo. E assim foram tomando conhecimento um por um da covardia da atitude tomada. E achavam eles que a saída dessa equipe de ouro, da Rádio Borborema, uma equipe de ouro, porque o cara que tem Zelito, citou Joselito Lucena já é uma equipe de ouro. Aí ficamos sem Rádio. Na mesma hora já começamos a nos movimentar quanto a Rádio Caturité [...]. Fomos pra Caturité, Zelito comprou o departamento, chamou a equipe todinha nós fomos para lá, desse dia para cá, tornou-se a ex Borborema, e ex departamento esportivo da Borborema. Tentaram de todo jeito, levaram um banho grande de audiência, e aí, eu não digo que foi por causa do departamento esportivo, hoje nós temos saudade da Rádio Borborema que não existe mais, por tantas e tantas mexidas, em tirar craques da informação, bons locutores, não só na área do esporte, e a Borborema terminou fechando as portas, e a Caturité suportou e está aí até hoje, e a Borborema que era o maior nome do futebol do Nordeste, hoje tem as portas fechadas.⁴⁸

Já sobre o segundo ponto, e esse me é bastante intrigante, pois das poucas vezes que estive em um estádio de futebol, principalmente quando criança, época que mais fui ao estádio, sempre me questionava o porquê de um torcedor, mesmo vendo a partida com seus próprios olhos, em tempo real, insistia em portar um rádio de pilha ao pé do ouvido. Lembro-me que

⁴⁸ Adalberto Alves Brasileiro, entrevista concedida ao autor em 18 de abril de 2019.

permaneci com essa questão desde a infância, quando observei isso e pela primeira vez atentei por me questionar dessa forma. Já na idade adulta, retomei a tais questionamentos quando em 2019 estive no Estádio Ernani Sátiro; *O Amigão*, dessa feita com mais leituras de mundo, de vida e de teóricos, mesmo não obtendo respostas, lembrei tais questionamentos da infância, porque um torcedor que está pessoalmente no estádio de futebol, porta um rádio e acompanha a partida com seus olhos, mas também com seus ouvidos atentos ao rádio? Ou ainda, me surgia outro tipo de questionamento, pois também vi essa prática, a de acompanhar jogos de futebol pela televisão, mas apenas assistir, ouvir a narração e comentários da partida, somente pelo rádio, muitas vezes colocando a TV sem som, para ouvir somente pelo rádio enquanto assiste aos lances televisionados.

Tais pontos apresentados serão retomados no decorrer dessa pesquisa, obviamente que gostaria de lançar luzes nesses dois pontos, para percebermos o quanto o rádio se mostra forte em sua existência, seja ela comercial, cultural, tradicional ou até mesmo simbólica. Muitos torcedores definem um bom profissional do rádio como sendo aquele que é capaz de apenas com a voz, tornar visível aquilo que não está sendo visto, e é essa mesma voz que muitas vezes seduz o ouvinte. Sobre essa *sedução*, o sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard aponta que “as aparências pertencem à esfera da sedução, que vai muito além das aparências físicas”⁴⁹, o que nos inquieta a pensar que as vozes que eram emitidas através do rádio, também exerciam essa sedução, fato é que muitos radialistas eram “conhecidos” por suas vozes graves e potentes, mas muitas vezes nem eram reconhecidos pessoalmente enquanto caminhavam pela cidade, estamos falando de uma época onde a televisão ainda não era comum e muito menos programas esportivos televisionados, fazendo com que os radialistas não fossem conhecidos em sua forma pessoal, mas unicamente pela voz.

Voz que também assume a forma de uma *tradição*, pois ao pensarmos em como um nome – a exemplo do cronista Joselito Lucena – é associado a um seguimento radiofônico, como o radiojornalismo esportivo, é de se pensar em pelo menos um questionamento que será melhor elucidado no terceiro capítulo, o de como uma vinheta radiofônica é reconhecida por gerações de ouvintes onde é pronunciada? De fato, nos colocamos em um exercício difícil, assim como nos apontou Schafer, que é o de descrever apenas com palavras, algo sonoro, como a vinheta que me refiro. Para quem não conhece a vinheta citada, por muitas décadas ao anunciar o locutor da partida, assim como o plantão esportivo, o comentarista e etc., o técnico que está na Rádio libera uma vinheta, no nosso caso, tomando como exemplo; JOSELITO

⁴⁹ Conferir BAUDRILLARD, Jean, 1929 - *Senhas* / Jean Baudrillard; tradução de Maria Helena Kuhner. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2001. 84p.

LUCENAAAAA! Vinheta que, sempre que dizia ser neto do Joselito Lucena, alguém sempre me respondia cantarolando a vinheta, até hoje, quando digo ou me identificam pelo sobrenome, como sendo neto de Joselito Lucena, a grande maioria das pessoas cantarola a dita vinheta.⁵⁰

Sobre o futebol, o rádio, como o próprio Joselito Lucena afirmou em uma crônica encontrada em seu arquivo pessoal, onde disse que “o futebol, o esporte das multidões é um marco na minha vida, mas se confronta com o rádio e isto desde menino. São dois numa só mistura de gosto, e essa maravilha de afeto de convivência me revigora”, em outro comentário também escrito pelo Joselito Lucena, ele afirmou que “tenho paixão por futebol, e, essa é uma das minhas grandes paixões ou preferência, dedico muito tempo para acompanhar o que vai pelo mundo e no rádio ou na TV acompanho o dia a dia no Brasil e o mundo”. É nesse reconhecimento pela temática principal que envolve o seu trabalho, que o narrador, assim como exemplificou Walter Benjamin, no texto *O Narrador*, a narrativa “não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”, como vemos nos relatos do cronista, essa paixão pelo rádio em sintonia com o futebol, ou ainda, a narrativa “assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”⁵¹.

É nesse universo radiofônico e futebolístico carregado de muita entrega, pois a maioria dos profissionais do rádio esportivo de Campina Grande sempre deixaram claro a afirmativa de que muitas vezes encararam a profissão como uma verdadeira missão, muitos usam até o termo “militantes do radiojornalismo esportivo”, pois dentro dessa “missão”, encontramos diversas histórias profissionais que se confundem com as histórias de vida, ao passo que muitos deles, a exemplo do Joselito Lucena, vivem uma vida em função de carregar com bastante gosto a bandeira do radiojornalismo esportivo de Campina Grande em meio a tantas dificuldades e revezes.

Ao longo dessa pesquisa, poderemos compreender tais afirmativas introdutórias ou até mesmo nos questionar com tantas outras, pois estamos lidando com histórias, repito; de vida, em consonância com bases profissionais. O radiojornalismo esportivo de Campina Grande, é gigante e não me refiro ao tamanho físico de algo, mas a grandeza de um seguimento radiofônico que fora, muitas vezes marginalizado e até depreciado por outras vertentes radiofônicas, mas que, acima de tudo, resistiu e resiste até os dias de hoje.

⁵⁰ Link de acesso à vinheta: <https://youtube.com/shorts/NZbWZdIYYCc?feature=share>

⁵¹ Ver BENJAMIN, Walter. *O narrador*: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CAPÍTULO 1 - BUSCANDO AS SINTONIAS ATRAVÉS DO ARQUIVO PESSOAL: O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE NO INÍCIO DE SUASATIVIDADES

Coloquei uma fita no gravador... já era madrugada. Ouvi vozes que a mim eram familiares. Primeiro o velho Humberto... depois Maciel... as festividades de aniversário da extinta Rádio Borborema. Lá vinha Amaury Capiba... Fernando Silveira... Luiz Pereira... as características dos programas... Wilson Mau... os scripts de Deodato Borges, para mim um dos grandes produtores do rádio paraibano... as características dos anúncios dos jornais falados. Ah! No rádio de antigamente os jornais eram falados, produzidos, escritos para dois locutores e as transições. Era um jornal realmente produzido, o que não existe mais por aqui que são lidos dos jornais... e veio mais... um show de Roberto Silva de Um Encontro com o Passado às 6 da manhã que tinha na apresentação Juracy Palhano só que nessa manhã o apresentador foi o patoense Luiz Pereira.⁵²

Joselito Pereira de Lucena, 14 de maio de 2010

O barulho advindo do rádio quando o ouvinte procura sintonizar na sua emissora de preferência, é, penso eu, algo conhecido de muitas gerações. Chego a lembrar o “chiado” que o velho radinho de pilha insistia em reproduzir entre uma emissora e outra. Aliás, é preciso destacar também a força que esse centenário aparelho possui ante a todas as tecnologias digitais, que, mesmo com o passar do tempo e o avanço tecnológico, não conseguiram desbancar esse aparelho tão querido por tantos.

Falar sobre o rádio e suas mudanças ao longo do tempo, é, por vezes, algo que se confunde com minhas memórias da infância, quando ao levantar cedo para ir à escola, era “acordado” pelas vozes dos militantes do radiojornalismo em Campina Grande. As primeiras notícias do dia, as músicas pedidas pelos assíduos ouvintes e as notificações futebolísticas davam conta desde as primeiras horas do dia. Saíamos para a escola, eu e minha irmã mais nova, e o velho rádio, cansado, porém nunca desanimado, permanecia por horas trazendo todas as movimentações ocorridas na cidade.

Nos finais de semana, mais precisamente aos domingos, as Rádios⁵³ tinham endereço certo, os estádios de futebol da cidade, mas o mais visitado pelas equipes era sem dúvidas o Estádio Governador Ernani Sátyro; *O Amigão*, de onde embalavam as partidas entre Treze e Campinense e outros times paraibanos. A emoção trazida pelo locutor ao narrar o espetáculo da bola, era indescritível, chegava a arrepiar, e no grito de gol, estavam concentradas todas as forças e a originalidade do rádio, ali, se construía, ou se constituía uma das relações mais promissoras dos últimos tempos, falo do casamento entre o rádio e o futebol.

⁵² Crônica escrita por Joselito Lucena em 14 de maio de 2010 e encontrada em seu arquivo pessoal.

⁵³ A palavra rádio com letra minúscula, me refiro ao aparelho de rádio. A palavra Rádio com a primeira letra maiúscula, me refiro à emissora de rádio.

Assim como um torcedor, uma torcedora, que busca em seu aparelho de rádio a sintonia com a sua emissora de preferência, busco também essas sintonias. Apego-me no mesmo fio condutor que tais torcedores e torcedoras; o cronista esportivo. Aquele que trabalha para levar aos amantes do futebol, todo o espetáculo da partida, através, principalmente da sua voz. Será a partir de um arquivo pessoal – digo, parte desse arquivo – deixado pelo cronista esportivo Joselito Pereira de Lucena, que darei voz, como em um belo clássico futebolístico, a história do radiojornalismo esportivo de Campina Grande do seu início na década de 1950 até 2010.

É preciso destacar ainda que a utilização das crônicas e diários pessoais, bem como as entrevistas que constituem parte importante dessa pesquisa, não serão capazes de ilustrar com fidelidade o que de fato ocorreu durante todo esse tempo, pois a narrativa histórica se apresenta como um construto lacunar. Digo que é inevitável a utilização de recortes, tanto nas crônicas e nos diários pessoais, quanto nos depoimentos ricos em narrativas muitas vezes difíceis de serem recortadas. Percebo agora, aliás, desde o início dessa pesquisa, que um dos pontos mais difíceis será justamente esse, o de ter que escolher, ou selecionar o que entra neste trabalho e o que ficará para uma nova empreitada de escrita. Fato é que dentro das nossas limitações, o que for necessário e o que julgarmos mais importantes para esse contexto do primeiro capítulo, será sim, disposto e contextualizado.

1.1 Buscando as sintonias através do arquivamento de si

“O feriadão registrado há pouco, ofereceu-me o tempo necessário para limpar algumas gavetas repletas de papéis antigos e que na ótica dos mais novos só serviriam para tomar espaço e o caminho para toda essa papelada seria evidentemente o lixo. Mas, entre os papéis encontrei uma velha fotografia registrando um dos grandes acontecimentos do esporte de Campina na década de 1960. Era a formação de uma equipe fabulosa e que, certamente ao revê-la os mais antigos viveriam momentos de nostalgia. Ao contemplar a fotografia, senti o tempo voltar, como se tivesse entrado em uma máquina que proporcionasse a condição de estar naquela noite de 10 de janeiro de 1962 em pleno Estádio Municipal Plínio Lemos”.

Joselito Pereira de Lucena⁵⁴

“A preservação da memória é elemento fundamental da construção da identidade individual e coletiva, sendo os arquivos privados fundamentais nesse processo”. (DE ASSIS, 2009, p. 37)

Ailton Alexandre de Assis⁵⁵

⁵⁴ Crônica encontrado no arquivo pessoal de Joselito, com data de 31 de outubro do ano 2000. A fotografia citada trata-se de uma formação do time do Campinense Clube que naquele ano derrotou o Bahia na Taça Brasil. Na época, o time baiano era muito forte e recebeu o apelido de “Esquadrão de Aço”, com a fotografia pudemos cruzar as informações.

⁵⁵ Possui Mestrado em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura (2009), pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), graduação em Filosofia (1993) e especialização em História de Minas no século XIX (1995),

No início do ano de 2018 tivemos o primeiro contato com o arquivo pessoal do cronista esportivo Joselito Pereira de Lucena.⁵⁶ Ao entrar em seu quarto, onde tudo permanecia guardado desde a sua morte em 2011, tivemos algumas inquietações logo de imediato, a principal delas foi a de refletir sobre o significado do gesto de arquivar, e que logo nos levou a novas indagações. Joselito Lucena havia deixado um arquivo organizado, catalogado e cronologicamente disposto entre 1950 e 2010 com alguma intencionalidade? O cuidado com o arquivo já demonstra uma certa preocupação com o esquecimento? Era possível acessar a experiência do vivido através da sensibilidade do ato de arquivar que o Joselito Lucena agenciou?

Mas o que seria um arquivo? O que seriam os documentos contidos nesse arquivo? Sobre tais questionamentos De Assis (DE ASSIS, 2009, p. 36) destaca que “numa perspectiva tradicionalista, de acordo com o *Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos*, da Associação dos Arquivistas Holandeses, obra do século XIX e publicada no Brasil pelo Arquivo Nacional em 1973, arquivo era o arquivo público”, e o manual define que:

É o conjunto de documentos escritos, desenhos e material impresso, recebidos ou produzidos oficialmente por determinado órgão administrativo ou por um de seus funcionários, na medida em que tais documentos se destinavam a permanecer na custódia desse órgão ou funcionário. (ARQUIVO NACIONAL, 1973, p. 13, grifos meus)

Segundo Celso Castro (2008, p. 27), “arquivo é uma instituição destinada à guarda de documentos de origem pública e privada, e, por extensão, também o próprio conjunto de documentos guardados” sobre documento, De Assis (DE ASSIS, 2009, p. 37) aponta que “segundo a perspectiva tradicionalista, conforme o citado Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos (1973), documentos arquivísticos seriam apenas documentos escritos, desenhos e material impresso.

Castro (2008, p. 32) afirma que “o documento, portanto, não preexiste ao arquivo: um determinado artefato se constitui em documento na medida em que é associado, por diferentes pessoas, a uma série de concepções de valor, memória e passado que o levam a ser preservado”.

O filósofo Paul Ricoeur (2007, p. 178) aponta que o início da prática do arquivamento, “assume o primeiro plano a iniciativa de uma pessoa física ou jurídica que visa a preservar os

ambas pela Funrei, atual Universidade Federal de São João del Rei. Possui também graduação em Geografia pela Universidade Vale do Rio Verde-UNINCOR (1999). Atualmente é professor do curso pré-vestibular Frei Seráfico, em São João del Rei, e assistente em administração da UFSJ.

⁵⁶ Ver, FERREIRA, Jilton Joselito de Lucena, *Amigo velho, até mais tarde: Joselito Lucena, entre as representações de si e o rádio-jornalismo esportivo de Campina Grande (1950 – 2011)*.

rastros de sua própria atividade; essa iniciativa inaugura o ato de fazer história”. Nesse momento, o arquivamento transforma memória em história, como destaca Ricoeur.

O arquivo pessoal de Joselito Lucena, revela além da sua e de várias outras trajetórias, toda uma questão sensível, muitas vezes escritos poéticos, e é em meio a todo esse material já citado, que aparece o Joselito Lucena com a sensibilidade afluída, ou bravo, ou muitas vezes com dificuldades financeiras, como destaca De Assis:

Um arquivo deste tipo é constituído de documentos que não representam apenas as funções públicas do produtor: entram ali documentos que expressam sua visão de mundo, sua vida sentimental, seus hábitos, suas condições financeiras. Juízos de valor, preconceitos, opiniões pessoais sobre diversos assuntos ou sobre outras pessoas, além de outros aspectos reveladores da personalidade do produtor de arquivos e daqueles com quem ele se relacionava através, por exemplo, da correspondência, podem ser identificados no conjunto de documentos. Por isso, ter acesso ao arquivo pessoal é também, em muitos casos, ter acesso à vida íntima (DE ASSIS, 2009, p. 52).⁵⁷

Joselito Lucena cria com seu arquivo sua memória individual, com suas experiências vividas e registradas por fotos, vídeos, crônicas, periódicos, agendas, diários, áudio tapes, entre outros, as suas próprias representações, de um agente militante do radiojornalismo campinense, até o pai, marido, avô, bisavô, amigo, rival e etc. que foi esse personagem.

Para Sue McKemmish (2013, p. 18), esse impulso fundamental do ser, está associado aquilo que “Swift (1992, p. 62) caracterizou como a necessidade que o homem, ‘animal narrativo’ por excelência, tem de deixar atrás de si as reconfortantes ‘boias de marcação’ e ‘rastros do percurso’ que são as histórias”. Gomes (2018, p. 57) reforça que “desse modo, os registros e testemunhos que produzimos ao longo de nossa existência, isto é, de nossas atividades e experiências compõem um arquivo pessoal para assegurarmos nosso lugar no presente e no futuro, por meio da memória do passado”.

Crônicas encontradas no arquivo de Joselito Lucena, mostram essa sensibilidade na escrita, esse esmero com *o outro*, pois como dito, não guardava somente documentos de sua trajetória de trabalho, e mesmo que o fosse, inevitavelmente outros agentes históricos, personagens desse contexto surgiriam, como destaca De Assis:

Os arquivos reúnem testemunhos transformados em documentos – testemunhos da memória individual e da memória coletiva. O ato de arquivar – portanto de selecionar, recortar, incluir e excluir – realizado por uma pessoa física também nasce da necessidade de preservar os rastros de sua atividade: é voluntário, mesmo que para a constituição do arquivo sejam chamados testemunhos não voluntários, testemunhos a

⁵⁷ DE ASSIS, Ailton Alexandre, Cap I, O lampião – ou à luz das teorias de memória e arquivos. In. *Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco – memória e autobiografia*.

contragosto. Lembrar de si é lembrar-se do outro e com o outro (DE ASSIS, 2009, p. 39).⁵⁸

Joselito Lucena deixou em seu arquivo pessoal diversas possibilidades de leitura a partir de inúmeros agentes que fizeram ou que fazem parte do meio radiofônico de Campina Grande, a lembrar de Humberto de Campos, com o seu famoso programa chamado *Jogo Duro*, que Zelito fez questão de assegurar diversas cópias de jornais com as crônicas feitas pelo já falecido cronista e seu amigo Humberto de Campos em seu arquivo.

É então que a historiografia dos últimos anos passa por uma redefinição e nos traz novas possibilidades de alargamento no que se refere à observação da escala, antes com a história total, agora com a *Nova História Cultural*, a *micro-história* nos fazendo atentar para a vida privada, o cotidiano, as representações, os gêneros e etc. É a

História cultural que, grosso modo, vai sendo proposta a partir desse longo esforço de reflexão e aprendizado, se quer distinta porque recusa fundamentalmente a «expulsão» do indivíduo da história, abandonando quaisquer modelos de corte estruturalista que não valorizem as vivências dos próprios atores históricos, postulados como sujeitos de suas ações. (GOMES, 1998, p. 123)

Utilizando-se dessas reflexões no campo da *micro-história*, adentramos ao arquivo e cuidadosamente buscaremos os indícios e vestígios deixados pelo personagem ao longo de mais de sessenta anos. É somente com esse olhar cuidadoso acerca de todos os itens dispostos no arquivo do titular que poderemos nos aprofundar em sua vida cotidiana, suas relações, seus sabores e fazer ouvir a sua própria voz sobretudo que circundou o meio radiofônico e as relações com esses atores que passaram pelo rádio campinense no recorte apontado.

É preciso destacar ainda, uma discussão pertinente sobre *micro-história* e as relações entre História Cultural e História Social. Como apontado ainda na introdução, Antoine Prost realiza uma discussão sobre esse embate. Após uma análise dedicada, Prost conclui que, “toda história é, ao mesmo e indissociavelmente social e cultural”. Em uma entrevista, Roger Chartier, comenta também sobre a crítica do meio acadêmico que coloca a História Cultural como um perigo, pois o enfoque na *micro-história* acaba por “fazer uma sombra a uma história social”. Roger Chartier responde a indagação do entrevistador dizendo que “a História Cultural é fundamentalmente social porque as práticas de leitura, por exemplo, são representações coletivas que seguem os meios sociais”, acrescenta ainda que, “dessa maneira, temos sempre que pensar nos recursos econômicos, intelectuais, conceituais do indivíduo que pertence a um grupo, uma comunidade, uma classe”.

⁵⁸ Ver, DE ASSIS, Ailton Alexandre, Cap I, O lampião – ou à luz das teorias de memória e arquivos. In. *Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco – memória e autobiografia*.

Sobre a ideia de que a História é feita por pessoas e não por grandes massas, o historiador francês é enfático em afirmar que, “historicamente, existe uma história social que utiliza categorias globais, classes. Hoje, fala-se na presença dos atores sociais, que atuam e participam da produção e da destruição da ordem social”. Chartier ainda comenta sobre o livro *O Queijo e os Vermes*, do historiador Carlo Ginzburg, dizendo que,

Razões pelas quais os livros que tratam da *micro-história*, como o famoso livro de Carlo Ginzburg (*O Queijo e os Vermes*), tenham encontrado leitores. É porque restituem o papel original e produtivo do indivíduo na máquina social. Os atores não são unicamente determinados por suas condições sociais, mas também podem, de maneiras desiguais, participar da produção do mundo social. As histórias culturais têm impacto sobre as sociedades contemporâneas porque mostram aos nossos leitores que existe sempre a possibilidade de compreensão, único instrumento para transformar o que pode ser transformado.⁵⁹

A entrevista se seguiu e Chartier afirmou que Ginzburg “é a encarnação perfeita do método crítico, pois usa documentos e os respeita no trabalho da interpretação”, fato que corrobora com o que acreditamos, tendo em vista que a grande inquietação é a de interpretar e respeitar tais documentos, pois como enfatiza Chartier ao longo da entrevista, “através da leitura dos documentos, existe a busca por construir e representar uma realidade histórica tal como foi”.⁶⁰

Um passo importante é, portanto, no sentido de reconhecer a possibilidade de recuperar essa trajetória com o auxílio dos estudos biográficos. François Dosse (2009) em seu “O Desafio Biográfico: escrever uma vida”, analisa historicamente a inserção do gênero biográfico para verificar os momentos de maior ou menor intensidade na escrita de biografias; bem como refletir sobre a maneira como o historiador de ofício se relacionou com o biográfico nos últimos tempos.

Desde a década de 1980, por exemplo, o autor identifica a tentativa de rompimento que a historiografia francesa tentou fazer com o estruturalismo e com as generalizações demasiadas na interpretação da história, especialmente da chamada história total na esteira braudeliana. Para ele, há, nesse momento, uma busca pela singularidade individual, uma reflexão sobre as heterogeneidades, as identificações diversas dos sujeitos no decorrer de sua trajetória.⁶¹

A partir de então, os estudos que tomam por base a biografia histórica têm crescido, notadamente preocupados em entender a relação que os sujeitos, ou as trajetórias individuais,

⁵⁹ Entrevista disponível em: otempo.com.br “Representações produzem o mundo social”. Por Cinthia Oliveira, sábado, 04/11/2006 – 00h01

⁶⁰ *Ibidem*

⁶¹ Na perspectiva de Dosse (2009, p. 252), esse momento representou um “[...] retorno do sujeito após um longo eclipse ao peso das estruturas”.

estabelecem com o meio social, as instituições e a dinâmica dos tempos históricos. Nessa perspectiva, não se trata mais de narrar uma história de vida sob a ótica exclusiva do narrador/autor, mas de perceber as interconexões que esse sujeito estabelece com o tempo, as instituições e com os fatos e acontecimentos históricos do seu entorno. Foi assim, por exemplo, que a historiadora Mary Del Priore (2009) apontou que “uma vida pode contar outras tantas”, abrindo então um diálogo para refletirmos acerca das biografias históricas, ou mesmo que o gênero biográfico é uma maneira “de continuar a fazer história por outros meios”.

1.2 Quando o historiador encontra e adentra no arquivo pessoal

Ao entrarmos em contato direto com o arquivo pessoal deixado por Joselito Lucena, diversas coisas nos chamaram atenção, em primeiro lugar como os diversos documentos encontravam-se, a exemplo das fitas K7s separadas e catalogadas com pelo menos os anos e o que continham gravados naquele áudio tape. Papéis separados por décadas, desde as décadas de 1950, 1960, 1970, 1980, 1990 até os anos 2000 desembocando para 2010, contendo em algumas pastas centenas de recortes de jornais, em outras crônicas sobre o universo do futebol, outras pastas com crônicas sobre suas inquietações pessoais e algumas pastas com documentações sobre minúcias tanto de dentro da Rádio Borborema como posteriormente da Rádio Caturité.

Notas das diversas viagens por quase todo o Brasil, contas de hotéis de todas as regiões do país, passaportes de quando foi cobrir as Copas América que cobriu tanto no Brasil quanto no Uruguai e no Chile.⁶² Guardanapos com detalhes de horários quando na chegada em algum local para transmissão do espetáculo de futebol, isso quando não tinha a oportunidade de registrar sua chegada em uma agenda pessoal, diversas delas encontradas também com detalhes de eventos que cobriu ao longo dos anos já mencionados.

Em segundo lugar, o cuidado com que Joselito Lucena mantinha com esse arquivo é demonstrado quando também nos deparamos com CDs já usados para a conversão das fitas K7s, é sinal que ele tinha um cuidado com esse acervo documental de diversos eventos a nível não somente de Campina Grande, mas também do Estado da Paraíba e do Brasil como um todo, é clara em nossa leitura observando o arquivamento desses documentos, certo gosto pelos times de Campina Grande e da Paraíba em relação aos outros times de futebol do restante do país, fato é que Joselito Lucena se preocupava em manter esses arquivos “vivos”.

⁶² Inclusive o passaporte utilizado na viagem para cobrir a Copa América no Chile.

Sobre os recortes de jornais é válido lembrar de um terceiro ponto observado, Joselito Lucena não se preocupou apenas em guardar reportagens sobre o âmbito futebolístico – mesmo que seja sua maioria – mas sobre o esporte como um todo. Encontramos, por exemplo, matérias de jornais sobre a conquista da judoca paraibana Edinanci Silva⁶³, quando da conquista da medalha de ouro nos Jogos-Pan-americanos de Judô em 2003 realizados na República Dominicana. Encontramos também a conquista de Ricardo e Emanuel, dupla paraibana que conquistou os Jogos Olímpicos de 2004, e que Joselito Lucena tratou de guardar o jornal que noticiava esse feito.⁶⁴

Do mesmo modo com que tratava de regravar em CDs as fitas mais desgastadas, a fim de conservar os áudios contidos nas mesmas, Joselito Lucena também xerocava documentos que já estavam em um estado de muito desgaste, afim de “salvar”, como mesmo menciona em algumas crônicas, aquele registro. Outras vezes tecia uma crônica falando sobre o achado de um novo registro que já não lembrava mais que o tinha, devido à distância do tempo em que o guardou no passado, e “assim, a sensibilidade consegue, pela evocação/memória de uma sensação, reproduzir a experiência do vivido, reconfigurado pela presença do sentimento”, nos dizeres de Pesavento (PESAVENTO, 2005, p. 129).

Recibos de pagamentos feitos aos funcionários das rádios – Borborema e Caturité – das décadas já citadas, cartas trocadas entre chefes de departamento afim de uma comunicação previa sobre um determinado jogo a ser transmitido em uma determinada cidade, geralmente quando as rádios de outros estados entravam em cadeia com a Caturité ou Borborema, algo comum, principalmente com *Os Diários Associados*, devido a dinâmica que adotavam em todo país, de manter esse leque de profissionais interligados em todo Brasil.

A tabela a seguir deve ilustrar parte do arquivo de Joselito Lucena – o pesquisador trabalhou com um recorte do que julgou necessário para traçar a trajetória de vida do personagem em questão – pois não foi feita uma leitura do arquivo em sua totalidade, mas em uma parte considerável deste, deixando então uma dimensão do arquivo analisado. A tabela

⁶³ Edinanci Fernandes da Silva é natural de Sousa na Paraíba e nasceu em 23/08/1976, iniciou a prática do Judô com 15 anos de idade, por recomendação médica. Conquistou diversas medalhas em sua carreira como judoca, se destacando mundialmente nessa modalidade.

⁶⁴ Ricardo Alex Costa Santos nasceu em 6 de janeiro de 1975, Baiano da cidade de Salvador, se radicou em João Pessoa, na Paraíba. Formou dupla com o jogador Emanuel, com o qual participou das Olimpíadas de Atenas 2004, ganhando a inédita medalha de ouro. Já Emanuel Fernando Scheffer Rego nasceu em Curitiba no 15 de abril de 1973. Se destacou por competir em cinco Jogos Olímpicos seguidos, formando dupla com o jogador Ricardo em duas delas. Participou das Olimpíadas de Atlanta 1996, Sydney 2000, Atenas 2004, Pequim 2008 e Londres 2012. Emanuel foi escolhido como *o Atleta da Última Década do Século* em votação realizada pela Federação Internacional de Voleibol. O recorte em questão, foi extraído do Jornal *Diário da Borborema*.

abaixo apresenta a quantidade discriminada de cada item encontrado no arquivo pessoal do titular, em sua totalidade.

TABELA

ARQUIVO DE JOSELITO PEREIRA DE LUCENA: DOCUMENTOS POR SÉRIE	
SÉRIE	Nº DE DOCUMENTOS
<i>Pessoais</i>	
Agendas/diários	13
Crônicas pessoais	103
Jornais e recortes de jornais	359
Comentários/crônicas esportivas – futebol	124
Chamadas dos programas; scripts; leituras diárias nas rádios; curiosidades sobre os times	68
Correspondências	44
Recibos; contratos; rescisões	38
Cópias/xerox (documentos diversos)	139
Anotações diversas. Agradecimentos de audiência; escalações de times, horários de viagens e etc.	132
Fotografias coladas em folhas com descrições	56
Fotografias avulsas	197
Quadros/molduras com fotografias e certificados	19
Negativos de fotos	26
Troféus; placas; convites; certificados	23
Monografia de terceiros – trabalho com dedicatória à Joselito Lucena	1
Ensaio – assim nomeado pelo próprio titular	5
Livros sobre rádio e futebol – adquiridos pelo titular e/ou presentes recebidos de terceiros	25
Objetos – itens diversos, a exemplo de rádios; toca discos; micro system, entre outros.	11
Vinís	54
CDs – diversos gêneros musicais e conversões dos áudios tapes	119
Fitas VHS	8
Revistas sobre futebol	67
Fitas K7s – reprodução de narrações e passagens da atividade profissional	268

TOTAL	1899
--------------	------

Tabela – Descrição dos itens que compõem o arquivo pessoal de Joselito Lucena.

Percebemos com a tabela acima demonstrada, reiteradamente, toda a luta contra o esquecimento que Joselito Lucena travava diariamente, e que o fazia manter a prática do arquivamento, do guardar suas lembranças e as lembranças que além de o envolverem, as que envolviam o rádio de maneira geral, o esporte – o futebol de maneira mais incisiva – o cotidiano da *Rainha da Borborema* – Campina Grande – e os momentos significativos de sua passagem pela vida.⁶⁵



Imagem 1 O arquivo pessoal quando e como foi encontrado - 2018⁶⁶

Nas imagens que capturamos no dia da visita ao arquivo pessoal do cronista Joselito Pereira de Lucena, destacamos as que estão presente aqui. No primeiro quadro da esquerda para a direita é possível enxergar 4 caixas contendo centenas de fitas K7s, imagem que se repete

⁶⁵ Encontramos a maioria das crônicas descritas na tabela acima, datilografadas, mas dentro dos escritos encontrados nas agendas e diários que o titular utilizava em seu dia a dia, encontramos diversos manuscritos.

⁶⁶ Fotografias feitas pelo autor

com as caixas abertas, no quadro de número 7 subsequente. No segundo quadro, mais centralizado, é possível perceber a parte onde encontramos todas as crônicas organizadas em pastas de papel ou de plástico, no estilo escarcela. No terceiro quadro da foto, uma gaveta de um pequeno móvel que fica em seu quarto, com revistas, adesivos, livros. No quarto quadro a segunda gaveta do móvel com algumas dezenas de fitas K7s. no quinto quadro adesivos, fotografias, negativos de fotos. No sexto quadro uma pilha com livros em sua maioria relacionados com futebol, todos com alguma dedicatória, oriundo de possivelmente um presente ganho pelo Joselito Lucena através do autor do livro. No último quadro – o sétimo quadro já foi citado – uma fita K7 que fiz questão de segurá-la em mãos, com uma anotação que diz, “GOLS DE 2003....MAIO JUNHO NÃO APAGUE.”.

Essa última imagem nos parece bastante interessante, com ela é possível perceber como o Joselito Lucena tinha cuidado com o “apagar” de seus documentos. Como um “Homem Monumento⁶⁷”, Joselito Lucena preservou, como sendo sua própria história, em uma cadeia de tantas outras histórias de vida, um arquivo que fez com que ele, mesmo tendo mudado de endereços durante a vida, não permitiu que o esquecimento ou a força do tempo, apagasse aquilo que ele tratou de guardar. A fita em questão segue “viva”, o áudio, agora digitalizado, sobreviveu, e como um pedido de um pai para que alguém cuide de seu “filho”, do seu arquivo, siga cuidando, como em uma grande e interminável missão, a de não deixar que “apaguem” nada do que ele, com tanto esmero, pediu que não fosse apagado.

1.3 Joselito Lucena e sua rede de relações diversificadas (em todo o Brasil existe um companheiro do rádio)

Era comum que além da transmissão em cadeia, todos os profissionais dos *Diários Associados* tivessem um certo contato, um ponto de apoio ao chegar em outra cidade que não a sua, para uma transmissão, gerava então a amizade entre esses profissionais do rádio, que muitas vezes se correspondiam antes dos eventos para os ajustes e a logística da ida, recepção e estadia no local onde iriam transmitir a partida.

Uma dessas cartas, essa em específico quando o Joselito Lucena ainda estava na Rádio Caturité – em sua primeira passagem pela emissora – demonstra bem essa sintonia entre as rádios, e como se davam essas relações, que como frisado, Joselito Lucena fez questão de manter guardado esse registro. A carta em questão foi enviada pela Rádio Clube de Pernambuco

⁶⁷ Levantaremos essa discussão no terceiro capítulo, a partir das contribuições do historiador Jacques Le Goff em *História e Memória* – 1990.

S. A., na época localizada na Avenida Cruz Cabugá, nº 394, Recife, Pernambuco no dia 29 de setembro de 1960, e era um contato para uma venda de alguns capítulos de radionovela. Afirmou,

Companheiro Joselito. Saudações radiofônicas. Servindo-me do ensejo em que o “camarada” Genivaldo vai cumprir o direito cívico do voto, e tomando conhecimento da reforma na programação da nossa Caturité, lembro a você que ainda posso enviar os programas que foram citados por Genivaldo, no último contato que ele teve com você nesse sentido, e ainda posso lhe oferecer as seguintes novelas: ATÉ QUE O CÉU CONDENE – com 42 capítulos, poucos personagens, e que você poderá irradiar com sua turma com o mesmo sucesso que aqui obtivemos. SEMPRE NO MEU CORAÇÃO – 21 capítulos e nas mesmas condições de facilidade. Todas essas novelas são de 25 minutos cada capítulo e modéstia à parte, obtivemos grande sucesso. (Puxando a brasa para minha sardinha) O preço por capítulo podemos fazer pela metade que se paga aqui, Cr\$100,00. O meu interesse não é só ganhar essa gaiata em boa ocasião, mas, também, divulgar minhas besteiras nessa terra boa que guardo no coração e relembro com saudade o tempo que aí passei. Bem, Joselito, um abraço para você e fico aguardando suas ordens, por intermédio do Genivaldo. Abraços, (não conseguimos identificar a assinatura do remetente).⁶⁸

Diversas outras cartas, com esse teor de diálogo, algumas envolvendo emissoras de rádio tanto do Nordeste quanto do restante do país, com agradecimentos pela hospitalidade, agradecendo a ida ou mesmo pedindo desculpas por algum revés. Outras com pedidos de dispensa da Rádio em questão, como no caso de Carlos Siqueira, que em uma carta tensa, comunica seu desligamento da Rádio Caturité, veja:

AO DIRETOR DO DEPTO. ESPORTIVO DA CATURITÉ: JOSELITO PEREIRA DE LUCENA. Amigo, Zelito. Confesso a você e a todos os integrantes deste departamento que fiquei profundamente triste com o que aconteceu no último domingo até hoje (24.04.90) aqui no Departamento de Esportes. [...] Confesso que aprendi muito fazendo parte desta equipe. Zelito (você além de um grande profissional é uma ótima pessoa). Sempre que precisar do AMIGO VELHO estou a sua disposição. Só que desta vez não dá mais. A partir de hoje a chamada do futebol deve ser gravada por vocês. Sinceramente, mesmo de fora, vou ficar torcendo pelo sucesso da equipe. Afinal, eu fui um dos incentivadores para a criação deste departamento, desde a época em que você, Adalberto, Rostand e Humberto de Campos foram demitidos da Borborema. Velho Baiano, não há mais jeito. Este é o melhor caminho. [...] Um forte abraço a você e a todos da equipe. Carlos Siqueira Filho. Campina Grande, 24 de abril de 1990.⁶⁹

É nesse universo de documentos encontrados no arquivo pessoal de Joselito Lucena, que começamos a enxergar além de uma preocupação que ele nutria com relação ao esquecimento, ao “extrair um fato do real, em constituí-lo enquanto acontecimento, inscrevendo-o numa lista, e em conservar esse documento”, podemos observar também a sua

⁶⁸ Carta encontrada no arquivo pessoal de Joselito Lucena.

⁶⁹ Comunicado encontrado no arquivo pessoal de Joselito Lucena.

rede de relações diversificadas. Nesse gesto, a própria vida é arquivada enquanto vivida, criando-se uma espécie de arquivo de si, nos dizeres de Gomes (2018, p. 57).⁷⁰

1.4 Seguindo os rastros do arquivo: as narrativas do eu e narrativas dos outros sobre si

Um *esforço por narrar os traços essenciais de sua vida*, é notado em escritos encontrados em seu arquivo pessoal, arquivo esse que é guardado pela família desde sua morte em 2011, e mantido “por respeito, pelo cuidado que ele tinha com as coisas dele” como lembrou sua filha mais velha, Josiete Lucena. Francisco Assis do Nascimento, o Olé, também guarda na memória a lembrança de Joselito Lucena o dizendo que quando partisse gostaria que ele pudesse utilizar o arquivo para escrever sobre o futebol, o rádio, os diversos personagens que passaram pela história do rádio campinense e paraibano e assim manter viva a memória de muitos.

Seguindo tais rastros pudemos relembrar e conhecer um pouco das viagens feitas pelo Brasil afora, como a que segue, vejamos,

No dia 22 de setembro de 1993 viajei com Chico Alemão para transmitir o jogo Brasil e Uruguai, no Estádio do Maracanã, decidindo as eliminatórias da Copa do Mundo para o ano de 1994. Foi no voo da Varig 268 saindo do Aeroporto João Suassuna, com conexão no voo 341, saindo do Aeroporto Internacional dos Guararapes com destino ao Rio de Janeiro, as 18 horas já com bastante atraso. Ficamos no Hotel OK, onde já estava o amigo Natanael Oliveira, Doutor das Faixas. O Hotel OK situado na Rua Dantas Barreto, 24. A noite jantamos, fomos ao Amarelinho onde encontramos os amigos de Alagoas, tomando Chopp preto e amarelo. No sábado fomos a Copacabana e a Gávea onde aproveitamos para ver o treino de descontração da Seleção Brasileira de Futebol.⁷¹

Percebamos os detalhes envolvidos na escrita, a riqueza desses detalhes revela o cuidado com que Joselito Lucena tinha em guardar não apenas o fato ocorrido e transformá-lo em memória, mas registrando suas atividades ele se perpetuava, como afirmou De Assis (DE ASSIS, 2009, p. 50) “uma vez que o arquivar é também uma forma de se perpetuar”. Vários outros escritos e registros dessa natureza foram encontrados no arquivo pessoal de Joselito Lucena, tanto em forma de crônica quanto em suas agendas, e é bem verdade que aparecem mais em suas agendas/diários que os acompanhava obviamente em seu dia a dia.

As dificuldades e alegrias passadas ao lado dos companheiros que militavam no rádio ao seu lado, por exemplo, o locutor esportivo Romildo do Nascimento, que Joselito Lucena

⁷⁰ Ver GOMES, Iordan Queiroz, Cap. II, Tempos de configuração da vida material. In. *A Família Pessoa, o prestígio e a tradição: encenações e práticas oligárquicas na Paraíba (1889-1942)*.

⁷¹ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada pelo autor no arquivo do titular, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita ainda em 1993, logo após o acontecido.

carinhosamente chamava de *o Grandão*, e guardou diversos escritos de viagens ao seu lado, a exemplo dessa que diz:

21 de fevereiro de 2006, a confirmação para a viagem a Campo Grande no Mato Grosso do Sul só saiu quase em cima da hora de viajar. Cheguei em casa quase 12, banho às pressas, chegando ao centro as 12 horas. Rostand me levou até um taxi próximo a rodoviária onde Romildo me esperava e fomos para o aeroporto de Santa Rita. Uma viagem muito séria e inesquecível. Com o grandão [Romildo Nascimento] sempre me dei bem e não tenho restrições até que a mim seja mostrado o contrário. Pois bem. Embarcamos no mesmo voo saímos até a primeira classe, de Goiânia saímos as 21:30 debaixo de chuva, confesso que não sabia o que a mim era oferecido quando solicitei da aeromoça uma cerveja, a mesma disse dois nomes e perguntou, você conhece a “Xingu”? Disse que não, mas, ela chegou depois numa lata verde escura com cores da Amazônia, pedi uma pra mim e outra para o grandão, repeti a dose o grandão também, mas, ele sentiu, era forte. Estava com a Xingu nos lábios, de repente o avião estremece todo, balança de um lado para o outro, entra em um vácuo, mais adiante outro registro dos fatos, escuto um grito, e o grandão na poltrona atrás de mim, tenta assistir uma das assistentes do avião que escorregou e caiu, justamente ali onde são servidos os alimentos, refrigerantes, etc. desde Goiânia, Brasília e Campo Grande isto se registrou quando a Xingu deixou minhas mãos e subiu para bater no teto do avião, uma senhora se solidarizou comigo, olhei para trás e o Romildão estava agarrado na poltrona. Claro que os passageiros que comumente viajavam para Campo Grande nos alertaram no desembarque que aquele foi um fato inusitado. Mas, a viagem a Campo Grande teve outros fatos que justificaram a nossa, pelo menos a minha, ida. Se quiserem alguma confirmação procurem “o grandão”, Romildo Nascimento, ele vai confirmar que amizades existem pois fomos recebidos pelo presidente da Associação dos Cronistas Esportivos do Mato Grosso, Marco Antonio e seu filho, que nos levou para o Hotel Nacional onde dividimos o mesmo apartamento. Após o banho fui com Romildo para o restaurante do Hotel Internacional à beira da piscina e pegamos uma picanha caprichada, andamos um pouco e como estava ficando tarde fomos recuperar as energias pois o jogo no Pedro Pedrossian [Estádio] nos tomaria mais tempo em vista do fuso horário. Dia do jogo andamos bastante pela cidade e almoçamos no Gauchão, uma boa churrascaria próxima ao Hotel. Finalmente fomos levados para o Estádio, claro que mais cedo. Primeiro susto; procurei minha linha de transmissão e não tinha, fui informado pelo técnico da Embratel que o pedido não havia chegado, uma decepção, quando vi os companheiros testando e falando para suas rádios não me apavorei, já havia passado por alguns vexames anteriores, resolvi lutar. Conversei com o técnico e pedi para fazer uma ligação para a minha Rádio pelo telefone e fui atendido, mostrei os conhecimentos técnicos e consegui convencê-lo a me emprestar o seu comunicador para que eu pudesse com a ligação a cobrar, fazer minha transmissão, ele argumentou que era impossível porque não tinha retorno, mostrei a ele que eu faria, com um bom papo e um agrado, usei o seu telefone e quando ouvi que meu som chegava a Recife e João Pessoa faltava apenas um degrau que era a Telemar, e assim cheguei com meu som à Rádio. Combinei como seria o meu retorno e o que parecia difícil também para minha técnica, eu já havia feito quando da Mini Copa e despedida do rei Pelé, ano 71 e 72. Como naquelas jornadas do Maracanã, a de Campo Grande Também. O técnico da Embratel ficou encantado, nunca havia visto nada igual e que iria contar aos seus companheiros o que aconteceu. Minha transmissão foi excelente, o meu pista comentarista ficou encantado, trabalhei muito, cansei, mas fiquei contente comigo mesmo e os companheiros que me ajudaram.⁷²

⁷² Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada pelo autor no arquivo do titular, com data de fevereiro de 2006. Uma parte do relato foi escrita na hora do fato, ainda no avião, em uma de suas agendas, no caso a de 2006.

Sobre esse ocorrido, Romildo Nascimento fez questão de comentar no ar em um programa de rádio, como Joselito Lucena tinha um cuidado com seus escritos, no episódio narrado acima, quando da viagem até o Mato Grosso, onde estavam o próprio Romildo Nascimento e o Zelito Lucena⁷³, Romildo observou algo que nos chamou a atenção,

Zelito andava com uma agenda, e nós passamos por um episódio, nós fomos ao Mato Grosso, na cidade de Campo Grande, não me lembro bem exatamente o ano, e eu tive talvez o maior susto na minha vida, eu não gosto de voar, se for para voar amanhã eu vou, mas eu não gosto, mas o susto foi realmente muito grande, não foi turbulência, depois a gente foi jantar com um irmão de um piloto comercial e ele disse, “eu não sei na verdade o que aconteceu”, mas ele deu um relato que a gente acredita piamente que foi o fato em tela. Amigo, o avião ele desceu, ele perdeu altura, e foram muitos metros no vácuo, e foi muito, mas foi muito, ele não balançou, ele desceu, sabe? E a aeromoça caiu, e ela pediu socorro, então o nosso pânico foi esse, a aeromoça é preparada, então quando ela pediu socorro o resto acabou [risos], se a aeromoça está nessa situação... Zelito vinha tomando Caracu/Xingu, nessa viagem só íamos nós dois, eu e Zelito por emissoras diferentes, Zelito já estava na Caturité e eu na Borborema. Zelito estava tomando Caracu/Xingu, que era uma cerveja escura, essa cerveja ela voou, ela foi para o teto, mas o detalhe que eu queria chegar é exatamente que em meio aquele susto Zelito não abriu mão da agenda, e ele escrevendo e eu dizendo, Zelito o que é isso? Como é que tu tens coragem de fazer isso? Aí ele disse, “não, porque se caso o avião cair e tal, ainda que queime tudo se restar a agenda alguém um dia vai pegar e vai ver como realmente tudo aconteceu”.⁷⁴

Como percebemos na fala do Romildo Nascimento, era perceptível o cuidado que Zelito Lucena tinha com seus escritos, quando não podia escrever de maneira mais formal ou datilografada, rabiscava sua agenda e depois fazia uso da lembrança para assim detalhar os acontecimentos do seu dia a dia. Agendas essas que nos serviram a todo momento para cruzarmos as fontes e verificarmos que existia essa preocupação em manter os fatos registrados de forma que ele não esquecesse e depois pudesse narrar de forma mais tranquila e assim guardar as suas lembranças.

A exemplo do trecho acima utilizado, Adalberto Alves, Chico Alemão, Rostand Silva Lucena, Gilson Souto Maior, Paulo Roberto, Levi e Clélio Soares, Alberto de Queiroz,

⁷³ Zelito Lucena é uma forma carinhosa que os companheiros de trabalho e os torcedores e torcedoras passaram a usar para se referir ao Joselito Lucena. Ele recebia com muita satisfação e até hoje, em comentários nas redes sociais, nas entrevistas que tive a oportunidade de conversar com cronistas esportivos, mas também com torcedores, ambos chegam a se confundir entre chamá-lo de Joselito Lucena ou Zelito Lucena, optamos então por fazer uso de ambas as formas para nos referirmos a Joselito Pereira de Lucena.

⁷⁴ Áudio retirado do Programa Atualizando, apresentado pelo radialista Cléber Oliveira e exibido no dia 7 de novembro de 2019. Diversas crônicas tiveram origem ainda nas agendas/diários que Joselito Lucena carregava consigo em seu dia a dia, como destacou seu contemporâneo, Romildo Nascimento. Vale lembrar que ao citarmos como crônica, as citações dentro deste trabalho, que soe também como a consulta dessas agendas/diários que Joselito utilizava corriqueiramente para rascunhar algo que depois quisesse escrever com mais profundidade e calma em frente à sua máquina de datilografia, pois era sua companheira fiel. Outro registro é que nas agendas encontramos sempre escritos a próprio punho, já nas crônicas e comentários escritos para falar ao ar na rádio, ou mesmo os escritos sensíveis que Joselito Lucena guardou e escreveu sobre si, em sua maioria estão datilografados por ele mesmo, todos os escritos com dias, meses e anos no início ou no final. Foi comum encontrar dicas do próprio titular indicando que aquela escrita datilografada poderia ser facilmente conferida em determinada agenda, nos inquietando até mesmo no cruzamento de tais fontes.

Francisco Assis do Nascimento, Humberto de Campos, Luciano Santos, Edson Maia e tantos outros que fizeram ou ainda fazem rádio jornalismo em Campina Grande, estão *guardados* e cuidadosamente rememorados no arquivo pessoal de Joselito Lucena.

Além de eventos futebolísticos e paralelamente coisas do âmbito esportivo, Joselito Lucena deixou um vasto número de escritos que chamamos de sensíveis, tanto envolvendo sua profissão, como sobre outras profissões ou temáticas, o mostrando atento a diversos outros campos, a exemplo desse, vejamos,

Hoje é dia do circo, quem é que não gosta de circo? Desde menino que sou louco por circo, vi muitos desde mambembe até os mais ricos que se apresentaram neste país. O circo tem a China revelando registros antigos, mas na Grécia Antiga e Roma Antiga que o circo adquiriu forma e até uso político, os césares inclusive instituíram a política do “pão e circo”. O circo moderno surgiu na Inglaterra, tendo como atração principal o espetáculo com cavalos, depois vieram os saltimbancos, malabaristas e palhaços. Hoje pela manhã assisti pela televisão o treinamento exaustivo para o indivíduo chegar a ser palhaço, nas diversas modalidades, eles estudam a profissão e chegam à formatura nas variadas atividades, hoje no Rio de Janeiro várias pessoas estarão se formando nas atividades circenses.⁷⁵

A crônica acima citada corrobora com a afirmação de alguns contemporâneos de Joselito Lucena quanto ao nível da sua intelectualidade, alguns companheiros de trabalho fazem questão de afirmar que Zelito Lucena – como muitos o chamavam - era uma pessoa muito inteligente, que lia muito e que estava sempre a par de diversos assuntos, não somente sobre o rádio e o futebol, em entrevista Chico Alemão fez questão de destacar que “é aquilo que eu já frisei para você, o QI dele era muito avançado, o Zelito não era para ser locutor na Paraíba, Zelito era locutor para viver, se destacar, no sul do país”, “ele era um cara muito competente, era um cara que conhecia muito, lia muito, sabia perfeitamente o que era o futebol”.⁷⁶

Sobre a questão levantada por Chico Alemão e que tocaremos também no terceiro capítulo, Francisco Assis do Nascimento, o Olé, também frisou essa questão de seu potencial para se destacar fora de Campina Grande, Francisco Assis do Nascimento disse que,

Joselito Lucena, que era baiano, lá de Jacobina, ele firmou um conceito tamanho em Campina Grande que eu me lembro que nos idos de 1971 ele recebeu um convite para ser narrador esportivo da Rádio Clube de Pernambuco, imagina-se que naquela época a Rádio Clube de Pernambuco tinha um alcance em todo nordeste do país, então descobriram aqui em Joselito Lucena que ele seria capacitado para ir trabalhar na Rádio Clube de Pernambuco, mas ele tinha um amor férreo, tremendo por Campina Grande e disse que não, que não se ausentaria daqui.⁷⁷

⁷⁵ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 27 de março de 2009.

⁷⁶ Francisco de Assis Lopes da Costa, entrevista concedida ao autor em 12 de julho de 2018.

⁷⁷ Francisco Assis do Nascimento, entrevista concedida ao autor em 16 de julho de 2018.

Outros tipos de relatos sensíveis são encontrados em seu arquivo em forma de escritos, desta vez um comentário que escreveu sobre um acidente doméstico quando do acontecido, quebrou o tornozelo, o que o fez passar por cirurgia. Notamos sempre uma reflexão sensível a respeito de algo que aconteceu, como a que segue,

Nada acontece por acaso, não posso e nem devo esquecer desta verdade, hoje sei muito bem o que significa e ontem mais uma vez ouvi um companheiro dizer para mim estas palavras, foi o Lula Barbosa, quando de sua visita ontem. Agradeço aos que repetiram esta máxima. Eu já sabia e pressentia que algo poderia acontecer, veio ainda em boa hora, penso eu, porque o tempo oferece seus espaços e a cabeça que não foi feita para separar as orelhas e ser um terreno para a criação de cabelos, ela abriga uma mente que tem suas funções básicas de raciocínio, pensamentos positivos e criatividade sem outras funções como, afeto, amor, carinho. Sem ódio ou rancor. Aproveito para agradecer mais uma vez, aqueles que me trouxeram essas verdades mais uma vez. Obrigado ao amigo doutor Godofredo Borborema lá no Pedro I [Hospital], a sua equipe e aos que me assistiram. Posso mudar o tema...? Acho que sim, escrever deitado é um drama e dramas na minha vida já vivi demais, escrever está sendo difícil porque acho que a minha inspiração desceu para o pé, qualquer dor e lá se vai o pensamento.⁷⁸

Mas o fato acima descrito não limitou a escrita de Joselito Lucena, ele seguiu escrevendo e em outras crônicas podemos continuar percebendo sua sensibilidade na escrita, vejamos essa,

Graças a Deus uma etapa vencida, o raiar de um novo dia e o sol a iluminar uma nova caminhada, e que assim seja, escrever deitado é um problema, dói aqui, ali e acolá, fazer o que...? Se é o jeito [...] ontem foi uma tarde e anoitecer de recordações, de lembranças, de tirar do fundo do baú aquelas cartas... fitas... scripts amarelecidos com registros dignos de choros... risos... alegrias e tristezas. Por mais de 3 horas com satisfação recebi a visita do companheiro Edivaldo Gouveia. Falamos sobre família, rádio... casamento... filhos... netos e bisnetos. Rimos... não choramos, lembramos, o que descobrimos... as recompensas que tivemos... os que partiram, os que por aí ainda estão, alamos de futebol... companheirismo... viagens... festas... falamos do bem e do mal, claro... faltou o que...? Falamos de política e ainda não faltou a politicagem... a bajulação que os políticos gostam... falamos de rádio e foi um papo esclarecedor, nesse capítulo demoramos um bocado. Dizem as vezes quando se fala de rádio... que é uma família, se foi tivemos restrições... se é... negativo. Uma arte que não tínhamos índole para isso e não cultivamos foi a bajulação e a traição, ele sabe, graças a Deus guardei ao longo dos anos, cartas, bilhetes ameaçadores, votos de aplausos, congratulações, muitos se foram, partiram, deixando exemplos de educação, bondade e respeito, nesses ou desses herdamos coisas boas, dos que se foram e não se comportaram a altura, nós perdoamos, deus já perdoou e de nós só restou para eles aquela frase, perdoai senhor... eles não sabem o que fazem.⁷⁹

E o titular sempre estava revolvendo papéis, fotografias e atualizando seu arquivo, uma crônica que nos fez perceber isso foi uma onde Joselito Lucena diz que “encontrei ontem velhas crônicas, bilhetes antigos com letras quase sem cor, recados em meia lauda ou menos, congratulações, escalas, e fui lendo nome por nome”, e continuou dizendo,

⁷⁸ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, apenas o dia, sexta feira, mas, pela pasta onde foi encontrada e pelo assunto que trata, sugere que tenha sido escrita em janeiro de 2010.

⁷⁹ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 25 de fevereiro de 2010.

Porque fui revirar esse amontoado de papéis? Foi para tentar vencer a solidão que esta inércia me faz, ou estou em busca de um passado brilhante e que orgulhosamente digo que tive o prazer e a honra de servir a terra que me acolheu ao lado de figuras brilhantes, inteligentes que fizeram a grandeza desta terra. O que o futebol me deu? Prestígio, fama, valor, garra e coragem para defendê-lo nos dois lados; o vermelho e preto e o preto e branco como destaca o vereador José de Arimatéia Rodrigues, na luta que orgulhosamente travei ao lado de outros companheiros, velho Ary Rodrigues, eu deveria ter revirado estas páginas a mais tempo, estariam nas reminiscências.⁸⁰

As narrativas de Joselito Lucena são maioria em seu arquivo, mas é importante esclarecer que Joselito Lucena guardava também o que as pessoas – os que militavam na crônica esportiva – falavam sobre ele, diversos recortes de jornais onde aparecem reportagens ao seu respeito, comentários onde citam seu nome ou o colocam como referência, aparecem em abundância em seu arquivo, o comentário a seguir deve ilustrar bem o que discutimos sobre *as narrativas dos outros sobre si*, o comentário é do jornalista Ramalho Filho, e foi escrito pelo próprio Ramalho Filho e lido ao microfone da Rádio Borborema no ano de 1965, em ocasião do aniversário de Joselito Lucena, diz,

Amigos, não sei se vocês sabem que nós, os homens e as mulheres que fazemos rádio somos uns sentimentais e sentimentais doentes, inveterados mesmo. Em Campina Grande, pouquíssimos os que fazem rádio por profissão, isto é, os que vivem exclusivamente do rádio. A maioria vive para o rádio. Explicando melhor: o grande número faz rádio por amor à arte, pela satisfação de ver o seu nome divulgado, pelo prazer de dar ao ouvinte um pouco de si mesmo. Para tanto, é preciso renunciar a muita coisa, principalmente ao afastamento da família e às delícias das horas de lazer. No número dos que fazem rádio por amor, por dedicação, por prazer intelectual, está esse sujeito admirável, inteligente, bom, temperamental, explosivo às vezes, mas sentimental, bom colega, versátil como homem de rádio, pois é locutor (o melhor de 64), locutor esportivo, radioator, noticiário, que é Joselito Lucena. Unificando todas essas grandes qualidades, a de ser pontual, cumpridor de seus deveres. Joselito, como vocês ouviram, começou no rádio como “boy” do serviço de alto-falantes do pioneiro da radiodifusão em Campina Grande, o José Jataí. A primeira grande experiência da sua vida serviu para que ele fosse, no rádio, o homem de sete instrumentos, porque Joselito, na verdade, conhece todos os segredos, todas as “nuances” de uma estação de rádio, o “baiano”, como chamamos fraternalmente, faz graça, diz pilhérias. Nos dias de “lundu” (característica própria dos negros), Amaury Capiba, seu grande amigo e grande colega fá-lo modificar a cara feia e tudo fica às mil maravilhas. Atacado de todos os lados pelos que fazem esporte em Campina Grande, pula por cima dessas injustiças e desses ataques, dando verdadeiro “show” de honestidade profissional. Na vida particular teve a felicidade de casar-se com uma mulher admirável, incentivadora nos seus triunfos e consoladora nas horas de tristeza que não são incomuns na vida dos que fazem rádio por idealismo. Neste dia do seu aniversário, nós estamos felizes, não houve festa especial, porque, graças a Deus, para os que fazem rádio por amor, todos os dias são dias de festas, basta um furo, nos sentimos pagos de todas as cansaças. Abraçamos cordialmente o querido amigo, colega, irmão, o grande valor do rádio paraibano e nordestino, que é Joselito Lucena... O BAIANO! Ramalho Filho 29/06/1965.⁸¹

⁸⁰ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita no ano de 2009.

⁸¹ Crônica escrita por Ramalho Filho e encontrada no arquivo pessoal do titular, com data de 29 de junho de 1965. No comentário sobre a crônica escrita por Ramalho Filho, Joselito Lucena escreveu em 04 de junho de 2008,

Ramalho Filho⁸² foi nome marcante na radiodifusão campinense, e essa crônica em específico, nos faz pensar sobre o ano de 1965, ano em que o rádio campinense atravessava alguns dissabores, pois como mesmo afirmou o Ramalho Filho em sua crônica sobre seu companheiro de rádio, Joselito Lucena, “atacado de todos os lados pelos que fazem esporte em Campina Grande, pula por cima dessas injustiças e desses ataques, dando verdadeiro “show” de honestidade profissional”, esses “ataques” significam as desavenças entre os presidentes dos clubes de futebol para com a imprensa, muitas vezes dificultando o trabalho dos militantes do radiojornalismo esportivo, como veremos mais a frente.

É inviável no momento dessa pesquisa fazermos uso de todas as crônicas encontradas no arquivo pessoal do objeto de estudo, bem como os tantos outros itens já descritos na tabela acima citada, mas, dentro dos recortes feitos pelo pesquisador, podemos ter uma ideia da quantidade de material relevante que possui tal arquivo e isso se estende às agendas já citadas, aos recortes de jornais, às meias laudas como o próprio titular citou e etc.

1.5 Joselito Lucena fora do ar: quando desliga o microfone, mas a narração continua

Embora seja uma discussão que retomaremos no terceiro capítulo, mas sob a ótica de alguns familiares a respeito de Joselito Lucena profissional e familiar (pai, avô, bisavô), é importante que percebamos Joselito Lucena em sua vida particular, em suas relações familiares, em seus convívios fora do ar, em suas narrativas sobre a sua trajetória sob a sua própria ótica e, principalmente, para continuarmos percebendo que os condicionantes externos foram decisivos na caminhada de Joselito Lucena desde o seu nascimento – ou bem antes disso – até a sua chegada à Campina Grande e seu enveredamento pelo rádio na *Rainha da Borborema*, como assim a gostava de chamar. Sobre sua infância em Jacobina e a sua saída da cidade baiana em direção à Campina Grande, Joselito deixou escrito que:

Da fazenda O MUNDO NOVO, onde um rio corrente nos dava a sensação de um paraíso, das criações, das andanças em cavalos, cercando o gado, dos seus veículos, um Ford 29 e um 30, um velho caminhão, uma residência há poucos passos da estação ferroviária, foram evidentemente momentos de satisfação de uma família que deixava o solo paraibano para se refazer de tudo numa cidade altamente hospitaleira. Essas cenas que se tornaram corriqueiras, que faziam parte do cotidiano, são como um replay saudoso em minha retina. De um momento para outro, tudo se desmoronou. Questões, que somente com o passar dos anos vim a saber, determinaram a nossa saída

“faltando exatamente 25 dias para a comemoração de mais um aniversário, encontrei um comentário escrito pelo saudoso jornalista Ramalho Filho por ocasião do aniversário do ano de 1965, dia 29 de junho, lido ao microfone da Rádio Borborema naquele dia, o comentário foi redigido desta forma”.

⁸² Ver FILHO, Ramalho, 1922-1966, Bom dia para você / Ramalho Filho. – 1. Ed. – Campina Grande, PB: Plural, 2022. 246p.

urgente da velha e acolhedora JACOBINA com destino a Campina Grande, deixando para trás a casa de primeiro andar em frente ao cinema onde víamos o filme sem sequer entrar no mesmo, bastando abrir a janela; os banhos na lagoa da Picula; o açougue na rua da Matriz; os primeiros colegas de escola também na mesma rua, cercada de areia branca nos morros tradicionais de Jacobina, o casarão da linha do trem, a entrega de leite em garrafas, montados no lombo de um cavalo, atravessando a ponte do Rio de Ouro, eu e Zezito [irmão], quando tive a primeira fratura num braço ao despencar de um cavalo, tudo isso é um filme de longa-metragem, cujo o celuloide nunca se apagou da minha mente. Em vez de quatro já éramos cinco, com o irmão Waldemar e a única mulher da família, Tereza. Mas, como frisei antes, de um momento para outro tudo se desmoronou e deixamos para trás, tios, primos, tias e toda espécie de parentes, com destino a Campina Grande, onde realmente crescemos e nos tornamos parte da comunidade. Minha infância em Jacobina, vale a pena contar. Isto fica para depois. É uma homenagem, à cidade que me serviu de berço.⁸³

A crônica acima revela não somente as lembranças da infância de Joselito Lucena na cidade de Jacobina, na Bahia, mas uma narrativa triste ao lembrar do rompimento brusco com a cidade, pois como destacou Ferreira Gullar em uma rede social – *Instagram* – “quer dizer, a cidade é a tua história também”⁸⁴, e Joselito Lucena deixava os amigos, os parentes que ali viviam, porém, em sequência a crônica acima descrita, Joselito Lucena emenda sua narrativa a respeito da chegada à Campina Grande⁸⁵, vejamos,

Campina dos meus 8 a 15 anos. Uma mudança brusca, repentina, sem a consciência do que realmente acontecera, transformou tudo do dia para a noite. Desde a viagem de JACOBINA a JUAZEIRO DA BAHIA, num trem que nos conduziu em horas incontáveis. O sabor dos bolos de SONHO e a visão pela primeira vez da Catedral de Petrolina foram fatos marcantes como atravessar o Rio São Francisco em barcos, cujas BARRANCAS metiam medo, até a chegada já a noite na cidade serrana. CAMPINA surgiu aos meus olhos como uma cidade progressista, embora não me passasse pela mente o que era progresso ou desenvolvimento, mas, era uma cidade imponente, com o seu comércio de algodão, com suas fábricas de descaroçamento, com uma movimentação ímpar, com seu serviço de auto falantes A VOZ DE CAMPINA GRANDE, com seus edifícios majestosos como o Esial e Grande Hotel, com suas ruas largas, com sua feira central, com os seus cartões postais, AÇUDE VELHO E AÇUDE NOVO e o velho prédio dos Correios e Telégrafos e o Cine Capitólio.⁸⁶

⁸³ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 26 de outubro de 2000. É sabido que após a escrita dessa crônica, Joselito encontrou um livro memorial, a saber, AMÉRICO II, José. Uma vitória dentro de uma derrota que eu não tive. Esta derrota foi a vitória do meu livro. Grafset – Campina Grande – PB. S/D, escrito pelo seu tio, onde narra através da memória do autor, como os pais de Joselito Lucena teriam ido parar em Jacobina, na Bahia, haja vista que seu pai e sua mãe eram pernambucano e paraibana, respectivamente.

⁸⁴ Conferir em, <https://www.instagram.com/reel/CiVQuaXMhQx/?igshid=MDJmNzVkMjY=> publicado em 10 de setembro de 2022 na página Canal Curta, no Instagram.

⁸⁵ A família de Joselito Lucena, composta pelos pais e os irmãos, na ocasião, teriam deixado a cidade de Jacobina por motivos pessoais que podem ser melhor esclarecidos com a leitura do livro memorial já citado, de autoria do seu tio, a saber, AMÉRICO II, José. Uma vitória dentro de uma derrota que eu não tive. Esta derrota foi a vitória do meu livro. Grafset – Campina Grande – PB. S/D

⁸⁶ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita nos anos 2000. Optamos por manter a escrita original das crônicas, por isso as mesmas aparecem muitas vezes com frases ou palavras aleatoriamente – para nós leitores – com letras maiúsculas.

E os escritos sobre a sua trajetória seguem, mas é comum encontrar crônicas reflexivas e/ou com alguma menção a família ou amigos, em um trecho encontrado em uma das diversas crônicas, Joselito Lucena diz que “foi mais um entardecer que foi trazendo velhas lembranças que são um belo e profundo mergulho no livro do passado que me acostumei a chamar de reminiscências”, e segue lembrando dos companheiros que militaram no rádio ao seu lado no passado,

Fui revirar velhos papéis, antigas fotografias, e lá encontrei uma que ao vê-la os cabelos dos braços ficam ouriçados, lá na foto Humberto de Campos, os irmãos Marcos e Mucio Albuquerque e Ary Ribeiro, a frente este modesto escriba. Ainda hoje sinto orgulho desta foto e tenho respeito aos companheiros que estiveram ao nosso lado em uma transmissão que um dia me perguntaram: qual foi a mais difícil e em que estádio ela ocorreu? A madrugada reavivou a memória, a de um clássico onde as luzes foram apagadas até a iluminação dos hospitais e o local da transmissão foi “a caixa d’água do quartel da polícia militar do Estado da Paraíba”. Aos companheiros que participaram deste duelo e que não estão mais aqui, o respeito e a gratidão pois não se deixaram vencer pela arrogância, a prepotência, a opressão, o trunfo foi o poder da palavra através de pessoas que mostraram a uma coletividade e ao Estado que a imprensa é livre. Que estas lembranças permaneçam em seu tempo e que esta viagem no túnel do tempo seja cancelada por homens esclarecidos que se abrigam sob o manto da “Rainha”.⁸⁷

Em fevereiro de 2010, ainda em recuperação em decorrência de um acidente doméstico, Zelito Lucena escreveu sobre as três bisnetas: Júlia Lira, Maria Eduarda e Ana Beatriz, ele diz o seguinte, “você já esteve cercado por mulheres bonitas por todos os lados? Não? Então você não é um homem feliz, eu sou um homem sereno, tranquilo, alegre, feliz. Essas três que me cercam são colírios para os olhos e quando se juntam a minha enfermeira-chefe e auxiliares, abrem as portas do paraíso”.

Quando seu companheiro de trabalho, Chico Alemão, esteve hospitalizado em decorrência de uma cirurgia, na mesma época em que Zelito Lucena estava em casa em recuperação e não podia sair, deixou escrito o seguinte, vejamos,

[...] O som de ontem foi bom, espero a mesma coisa hoje, a narração de ontem com O Bom de Bola Edson Maia, excelente, hoje é Rostand, sinônimo de bom desempenho. Já falei tudo, mas faltou uma mensagem: velho amigo Chico Alemão, Rostand já lhe visitou após a cirurgia, não pude fazê-lo, mas em pensamento estou aí, tudo de bom e uma recuperação maravilhosa, você foi atendido por um grande profissional, é só questão também de tempo para sentir a família, eu que o diga.⁸⁸

Joselito Lucena acompanhava sua equipe esportiva, mesmo sem condições de exercer sua função, estava sempre observando, anotando, tecendo comentários sobre a atuação da

⁸⁷ Comentário do meio dia escrito por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 6 de outubro de 2009. O comentário se refere a um evento que será melhor abordado no decorrer deste trabalho. A fotografia citada encontrasse no arquivo pessoal e serviu para cruzarmos as informações.

⁸⁸ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 24 de março de 2010.

equipe em sua ausência, e ao final da crônica citada acima, deixou seu sensível comentário de melhoras ao amigo Chico Alemão.

Sobre a família, Joselito Lucena descreveu em março de 2010 a seguinte crônica,

Os dois últimos meses me deram análises mais reais da vida, do dia a dia, da família, dos companheiros, da amizade. As lembranças vêm e voltam, ou fogem ou passam celeremente como as nuvens e outras ficam, machucam, são as doces e belas recordações, umas trazem canções, vultos e aí ouço vozes que dizem: nada acontece por acaso, e o que vem em seguida, é o livro da vida para o estudo mais profundo do que se passou. É o estudo no qual você se aprofunda para separar o joio do trigo. De uns dias para cá, dói aqui, ali e acolá, e o lenitivo está mais perto do que você imagina, está na família, uma ação, uma palavra, uma assistência, um afeto, um carinho. De uma consulta: quer isto? Está bom hoje está melhor, o pé desinchou! Quer ir para o quarto? Quer que apague a luz? Desligo o televisor? É a família, e a família é tudo, não sei porque esse desabafo, se fio para amenizar, diminuir ou afastar as dores, ou para mostrar que nem tudo acontece por acaso. Uma lição a mais no aprendizado da vida: não seja um robô, não seja uma máquina cujos mecanismos das suas atividades superaram esta dádiva maravilhosa que é a vida de um ser humano que tem pensamentos, vigor, coração, afeto, carinho e amor para dar, e receber no caso da família.⁸⁹

Em continuação na mesma crônica Joselito Lucena encontrou espaço para falar de sua maior paixão, o futebol e o rádio, vejamos,

3 dias macambuzio, triste e prestes a explodir a qualquer instante, ainda bem que faço minhas orações todas as madrugadas, ninguém tem nada a ver com isto, e tenho dito. Ah! O horário é de esportes, e o meu horário e dos companheiros, é de futebol. E aí espero que Treze e Campinense vençam seus compromissos de hoje à noite. A Raposa aqui com o apoio da torcida e o Galo lá fora ultrapassando barreiras, com vitórias posso dormir tranquilo e feliz. Vou ouvir Rostand, Maia e todos da equipe.⁹⁰

Era dessa maneira que Joselito Lucena, muitas vezes, se comunicava, não somente através dos microfones, mas escrevendo e descrevendo sentimentos, aflições, dores e angústias derivadas da condição humana, como ele mesmo frisou. Podemos perceber que fora do ar temos um radialista sensível às questões tanto do trato familiar quanto para com os seus afetos. Através de seu arquivo pessoal foi que pudemos perceber suas continuidades e descontinuidades dentro de suas próprias relações demonstradas através de seus escritos, fossem datilografados, fossem manuscritos, mas que de alguma maneira dialogava com o contexto da época. É possível notar a sensibilidade tanto na escrita quanto na forma que guardava os documentos que se propunha guardar, que desejava manter em sua cuidadosa forma de arquivar, um pedaço de si e dos outros em forma de memória.

1.6 A constituição do jovem radialista no cenário radiofônico campinense

⁸⁹ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 24 de março de 2010.

⁹⁰ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 24 de março de 2010.

Como visto, Joselito Lucena deixou diversos escritos, em forma de crônicas que podem nos conectar com o passado por ele vivido, pois como destaca Pesavento (2005), “mesmo as sensibilidades mais finas, as emoções e os sentimentos, devem ser expressos e materializados em alguma forma de registro passível e ser resgatado pelo historiador”, e foi dessa forma que o Joselito Lucena registrou parte de sua juventude que se confundiu com o rádio, pois a forma como aproveitou sua juventude na movimentada Campina Grande das décadas de 1950, 1960 e 1970, são resgatadas em crônicas como a que segue,

O dia do radialista sempre transcorreu em clima de festa. As emissoras faziam questão de dar destaque ao seu corpo de funcionários. Tanto a Rádio Caturité como a Borborema e a pioneira Rádio Cariri realizavam suas confraternizações com missa, disputas esportivas, muita música geralmente em fazendas que recepcionavam a classe radialista. O dia 21 de setembro conhecido como o dia da árvore, o dia do radialista constava de solenidades como o plantio de mudas de árvores etc. As disputas esportivas eram geralmente quentes em vista da rivalidade existente entre os da Borborema e Caturité. Cada um que formasse sua equipe em busca do título de campeão do ano ou detentor do troféu do dia do radialista [...] passadas as emoções das disputas, a paz voltava a reinar, o resto era festa. As Rádios só voltavam a funcionar após às 18 horas (LUCENA, crônicas, manuscritas, 2006)⁹¹.

No trecho acima, retirado de uma crônica, podemos perceber a narrativa no Joselito Lucena sobre o grupo dos radialistas, hora eram rivais em campo, para defender a equipe que representava sua Rádio, fosse a Borborema, fosse a Caturité, mas que tudo acabava terminando em festa e divertimento, a fotografia a seguir ilustra bem o momento, vejamos,



Imagem 2 Time de futebol da Rádio Caturité, década de 1950. Fotografia retirada do arquivo pessoal do Joselito Lucena

⁹¹ Crônica escrita por Joselito Lucena para o programa *Reminiscências* e encontrada no arquivo pessoal do mesmo.

Aqui, isto é, no registro acima, visualizamos uma das formações da Rádio Caturité nas disputas com a Rádio Borborema em jogo realizado no Estádio Presidente Vargas onde aparecem em pé: Aécio Diniz, Joselito Lucena, Luciano, Mivaldo França (que inclusive foi jogador profissional do Paulistano e do Campinense Clube), Severino Quirino, José Eymard e Birino. Agachados podemos ver Genival Barros, Figueiredo, José Vilar, Zé Maria, Marcos Antonio Lucena – irmão mais novo de Joselito Lucena – e Barney Mendes. No time da Borborema nessa época nomes de destaque eram Ariosto Sales, Olívio Evangelista, Arnaud Diniz, Cirino Rodrigues, Rosil Cavalcante, Ary Rodrigues, Luismar Resende, Edmilson Juvenal, Benjamin Bley e outros.⁹²

Essas formações de times de futebol nas rádios de Campina Grande e todo o convívio com o ambiente futebolístico – pois Zelito chegou a jogar no futebol amador da cidade – inspiraram a sua entrada na crônica esportiva. Em escritos feitos pelo radialista, ele foi enfático em afirmar que “o futebol, o esporte das multidões é um marco na minha vida, mas se confronta com o rádio e isto desde menino. São dois numa só mistura de gosto, e essa maravilha de afeto de convivência me revigora”, em outro comentário também escrito pelo Joselito Lucena e apresentado na introdução apenas para uma breve contextualização, o mesmo afirma que “tenho paixão por futebol, e, essa é uma das minhas grandes paixões ou preferência, dedico muito tempo para acompanhar o que vai pelo mundo e no rádio ou na TV acompanho o dia a dia no Brasil e o mundo”.⁹³ Interessante que esse olhar do cronista esportivo também é um olhar preocupado com a cidade, na mesma crônica apresentada, Joselito Lucena dedica esse olhar para questões que naquela ocasião estavam o inquietando, vejamos,

De repente, como dizia Odorico Paraguassú, as câmeras mostram o Rio de Janeiro. Quando é no futebol, os duelos de torcidas, brigas generalizadas e na do alto de braços abertos para a Guanabara o Cristo Redentor, uma das 7 maravilhas do mundo a tudo observa. A câmera muda, e lá vem outras imagem, mas? Não era aquela do passado, quando Dick Farney levava aos lares brasileiros uma música que decantava as belezas de Copacabana a princesinha do mar, com destaque para as areias, para o céu tão lindo suas sereias sempre sorrindo. Não era a Copacabana dos meus sonhos e nem do meu tempo. Era palco de uma guerra entre quadrinhas com tiros, granadas, enfeitando uma das paisagens bonita dos velhos tempos, ali nas

⁹² É preciso dedicar um espaço para algumas questões que mesmo não sendo a nossa proposta dentro dessa pesquisa, é importante que pelo menos se questione e lancemos mão de um debate sobre. Na atualidade vemos locutoras de futebol, como Renata Silveira, comentaristas mulheres, repórteres de campo mulheres e etc., em todas as esferas do rádio e da televisão quando o assunto é esporte e dentro do nosso contexto, o futebol. Os últimos anos acabaram por ampliar ainda mais esse espaço que outrora, como na própria foto registrada, era somente um espaço do masculino, dos homens que detinham com veemência um espaço que somente décadas depois passou a ser acessível para as mulheres, e não foi com essa facilidade e naturalidade que acabamos por subentender que tenha sido. Nomes como Claudete Troiano, Zuleide Ranieri, Germana Garili, Jurema Yara, Leilah Silveira, Léa Campos e outras, surgiram no início da década de 1970 e abriram esse, que como vimos apenas nomes masculinos no evento registrado pela fotografia, eram lugares de maciça ocupação dos homens.

⁹³ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal com data de 24 de março de 2009.

calçadas da famosa praia onde os registros fotográficos de hoje, me fazem voltar ao passado. Apago a TV já que o BBB [Big Brother Brasil] só tem para mostrar algumas pernas bonitas e vou virando a madrugada esperando um reencontro com o dia a dia da velha Rainha da Borborema e aí, mais decepções. E, os tempos mudaram. O centro de cá ficou como o centro das grandes cidades, o lugar ideal para ações que incomodam e machucam a comunidade. O centro virou campo de batalha, o que serve de alerta para que estejamos em casa logo cedo da noite. Os tiros ecoaram na Floriano Peixoto e até granada israelense entrou em cena. É... até Campina perdeu o seu sossego. A Serra da Rainha do futebol, está substituindo o esporte das multidões, o futebol, pela bala. Que esses espíritos do mal fiquem lá por seus terreiros. Esperemos por melhores dias e por justiça que foi assim definida por Chateaubriand. “A justiça é o pão do povo, de que ele está sempre necessitando”.⁹⁴

É possível perceber que o cronista esportivo saía de sua condição de observador e analisador apenas sobre o rádio e o futebol – veremos isso de forma mais aprofundada no decorrer da pesquisa – para um observador das cidades, fato que nos alerta para uma problemática importante, os cronistas esportivos analisam apenas as movimentações esportivas ou lançam mão desse lugar privilegiado de observador dos esportes, muito disso dedicado ao futebol, para perceber dentro dessas análises, problemáticas ainda maiores e olhares ainda mais detalhados sobre os acontecimentos que circundam uma “simples” partida de futebol? Nos capítulos que seguem, veremos que essa relação entre cronista esportivo e cidades é, muito fecunda, propiciando análises detalhadas de contextos citadinos riquíssimos, pois como pudemos observar, Joselito Lucena estava analisando a cidade a todo momento, partindo de uma contextualização a partir do Rio de Janeiro, sob seus próprios olhares e lembranças, para chegar à Campina Grande, que era naquele momento a sua preocupação.

Na parte final da mesma crônica, Joselito Lucena retorna ao que parece ser o seu fio condutor, as análises futebolísticas, quando encerra dizendo que “de lado esses acontecimentos tristes e deprimentes, voltemos a nossa oficina para falar de esportes”, e aí complementa “vejo em manchete Simões – técnico de futebol – promete virada do Botafogo. Também diante do Esporte que está sendo um asco de pancadas, qualquer um faria uma promessa dessas”. Encerrou dizendo que “o técnico que dar um outro destino a campanha negativa do tricolor. É amanhã. Vamos aguardar”.⁹⁵

Se utilizando das facetas que o Joselito Lucena utilizava, voltemos as discussões sobre esporte, e aí dois pontos merecem destaque. O esporte amador ganhou com a crônica esportiva a força que necessitava para a sua manutenção enquanto ferramenta de popularização do esporte, fosse o futebol, o futsal, o vôlei, o basquete e etc., foram através dos esforços da crônica esportiva local, muitas vezes em conjunto com outros seguimentos radiofônicos que o esporte

⁹⁴ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal com data de 24 de março de 2009.

⁹⁵ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal com data de 24 de março de 2009.

amador empreendeu crescimento exponencial. O cronista Ramalho Filho, que apresentava um programa na Rádio Borborema intitulado *Bom dia para você*, de criação de Deodato Borges, apresentava impreterivelmente às 11h55 uma crônica direcionada a diversos seguimentos da sociedade. Para uma pessoa de destaque, uma cidade, um político, um sentimento e etc., Ramalho Filho lia ao microfone a sua visão registrada através da crônica no *Bom dia para você*.

Em uma de suas crônicas, melhor dizendo, em seu último *bom dia* – já que em 5 de outubro de 1966 Ramalho Filho nos deixava precocemente aos 44 anos – Ramalho Filho escreveu a seguinte crônica,

Bom dia para você, EDSON PAULINO!

Se esta crônica pretende ser um retrato do cotidiano de Campina Grande, embora um retrato mal feito por causa das deficiências do artista; se esta crônica tenta refletir ou mostrar à comunidade os elementos que a ela são úteis, não poderia, mais dia, menos dia, deixar de apontar você como um dos mais úteis em determinado setor.

Quando aqui chegamos, em 1951, para trabalhar na velha e sempre querida Rádio Cariri; quando observamos que o amor ao esporte estava perdendo sua finalidade; quando vimos homens como Francisco Lima e Francisco Pereira lutarem denodadamente em favor do Paulistano e José tombador no inesquecível Ipiranga; quando demos a nossa ajuda incondicional e irrestrita aos rapazes que fundavam o Internacional; quando abrimos minutos do nosso programa para noticiar a movimentação das peladas, principalmente estas, é porque tínhamos consciência de que apoiando o esporte amador, verdadeiro celeiro de craques, estávamos ajudando o futebol de Campina Grande. Por força das circunstâncias o Rádio nos levou para outros setores e vieram os Josusmá Viana, os Joselito Lucena, os Humberto de Campos, os Ariosto Sales. E vejo também uma plêiade de modestos mas admiráveis colaboradores cujos honorários são representados apenas pela divulgação de seus nomes nos roteiros dos programas.

Foi aí que apareceu seu nome. Simples e bom. Objetivo. Sabia o que queria. Era um idealista. Deu ao esporte amador de Campina Grande uma vitalidade e uma vivacidade nunca dantes conhecida. A sua personalidade marcante traduziu-se em realizações. Forçou as estações de Rádio de Campina Grande para que dessem minutos diários para os noticiários. Não apenas para o resultado das peladas, mas, notícias mesmo com a movimentação de craques e tudo isto que faz um departamento especializado numa liga de futebol.

Com isto tudo o departamento teria que se movimentar, teria que se afirmar. E é, com saudade, mas também com muita satisfação, que eu vejo, no cumprimento das datas do Campeonato, na confecção das tabelas, um pouco daquele sonho que sonhei em 1951. A marcha do amadorismo de Campina Grande é tão firme, tão serena, tão grandiosa, que quando a sua história for escrita completamente e os nomes tiverem de aparecer, o seu merecerá um capítulo especial.

A personalidade do homem se manifesta em várias facetas. Em cada uma delas porém, há de estar a sua marca indelével. Fazendo bem o seu trabalho dentro do amadorismo campinense, conquistou por isso mesmo o nosso respeito, a nossa admiração e o direito de ser apontado como homem de bem entre seus contemporâneos. Por isto... BOM DIA PARA VOCÊ, EDSON PAULINO!⁹⁶

A crônica em questão, além de nos trazer de volta Edson Paulino, nome muito relevante para o esporte amador de Campina Grande, como é possível perceber pelo próprio escrito, nos

⁹⁶ Ver FILHO, Ramalho, 1922-1966, *Bom dia para você* / Ramalho Filho. – 1. Ed. – Campina Grande, PB: Plural, 2022. 246p.

traz as reflexões necessárias para entendermos a importância desse seguimento, na ótica do próprio Ramalho Filho, que destaca todas as facetas relacionando o rádio e o futebol amador, discussão que será retomada no segundo capítulo com mais profundidade, mas mais ainda a noção que se tinha naquele contexto de como, na década de 1960, com o rádio ainda se firmando enquanto veículo de comunicação sólido, o rádio e o esporte amador teriam um casamento fecundo.

Nos coloca a refletir ainda que os seguimentos radiofônicos em sintonia com a crônica local, fossem cronistas políticos, esportivos, das cidades e etc., era perceptível a força da crônica local campinense. Essa separação é preciso que seja feita, existiam alguns seguimentos de cronistas, o próprio Ramalho Filho destaca que seguiu, mesmo gostando do futebol e respeitando muito a crônica esportiva, seguiu por outros caminhos, é perceptível em seu acervo de crônicas que foi recentemente transformado em livro. Então, a crônica esportiva nada mais era e é, do que o relato cotidiano dos profissionais que acompanham as movimentações esportivas da cidade, seja ele locutor, repórter de campo, comentarista, todos esses exercem esse papel de elaborar suas crônicas para ressaltar as ditas movimentações, obviamente que é perceptível a maior quantidade no que se refere ao futebol.

1.7 A Campina Grande dos “tempos áureos do rádio”, na ótica do jovem cronista

Pesavento (2005) destaca que “as sensibilidades se apresentam, portanto, como operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tomar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido” ou ainda, que “o sentimento faz perdurar a sensação e reproduz uma experiência sensível de interação com a realidade”. É nessa força da imaginação, que a autora pensa que o processo de reconhecimento do mundo é dado a partir das sensibilidades.

Vejamos então, uma crônica que – apesar de extensa, se tornou importante para entendermos o período na ótica do narrador – caminha entre o sensível e a realidade vivida pelo cronista Joselito Lucena,

O Rádio campinense viveu seus anos de glórias por umas três décadas, e, durante essa fase áurea, foram incontáveis os nomes que se tornaram famosos na radiofonia da terra. Alguns importados, aqueles que podemos afirmar que foram realmente os percussores daquela maravilhosa plateia de excelentes artistas e outros que aqui deram seus primeiros passos e que se tornaram dignos da admiração do público e do reconhecimento dos companheiros. O rádio da terra nasceu e cresceu numa época em que Campina Grande deixava para trás a sua condição de cidade provinciana, das retretas, passeios ou footings domingueiros em frente ao seu segundo maior prédio o Edifício Esial, na tradicional Praça da Bandeira, onde a sociedade serrana se reunia para os encontros, bate-papos e ouvir os programas sempre atraentes da VOZ DE

CAMPINA GRANDE, onde a figura identificada com a comunidade serrana, de um cearense que aqui aportara JOSÉ JATAÍ, comandava as noites de entretenimento na serra famosa. A VOZ DE CAMPINA GRANDE situava-se no segundo andar do Edifício Esial, sobre a SORVETERIA FLORIDA outro ponto de reunião da mocidade campinense, pertinho da barbearia do CHÁ PRETO a sua esquerda onde também estava instalada a SINUCA 1060 e a direita próxima a Churrascaria do PAIZINHO e a Sinuca Gato Preto, do Lula e outras casas, cafés e restaurantes bem próximos, e frontal ao prédio dos antigos Correios e Telégrafos, cujas calçadas serviam para acomodar os expectadores em dias de shows, estava o Edifício Esial. A VOZ DE CAMPINA GRANDE, era o porta-voz de reivindicações e o órgão de comunicação do centro da cidade, colocando a sociedade campinense a par dos últimos acontecimentos. Nos bairros, é claro, existiam também os serviços de autofalantes, por exemplo o de JOVELINO FARIAS (O GAÚCHO), no bairro de José Pinheiro e o de Milton Ramalho no bairro da Liberdade. Mas, ali, na tradicional Praça da Bandeira, por muitos anos, Campina teve “o seu auditório ao ar livre”, com apresentações de verdadeiros mitos da radiofonia brasileira como Silvio Caldas, Luiz Gonzaga, Dilú Melo, Quitandinha Serenaderes, Orlando Dias, Catulo de Paula, Isaura Garcia, os Índios Tabajara e tantos outros que encheram os corações dos jovens da época, de ternura e embeveceram os mais velhos com seus cantos maviosos. A formação para o rádio surgiu evidentemente ali na VOZ DE CAMPINA GRANDE. Não foram somente os grandes artistas do Rio e São Paulo que encheram as noites campinenses de sons, harmonias, amor e risos, como JARARACA E RATINHO, os maiores humoristas da época e dois que lhes seguiam os passos, VENANCIO E CORUMBA. Os da terra, já davam demonstrações de suas capacidades artísticas como Arnaldo Leão, exímio flautista, pianista, enfim, um instrumentista eclético. Um virtuoso do violão Antonio Emiliano, um patoense que ao dedilhar o PINHO tornava a música mais bela. Horacio Bacanaço, uma cópia fiel de Kid Moringueira, o grande sambista de breque Moreira da Silva; Gizelda Moreira, uma voz que encantava; Aline Silva; George França, Antonio Gusmão, Dagoberto, trios, conjuntos, enfim, uma safra que surgia e que ia se firmando dia a dia. Além dessa leva de grandes valores musicais, a VOZ DE CAMPINA GRANDE através de José Jataí, importou de Patos os irmãos Hilton Mota e Gilberto Mota, de João Pessoa João Gomes, Bento da Gama e um corpo de redatores onde os nomes da época eram Osman Braga, Latercio Godoy, Aloysio Zorina, Nilo Tavares e tantos outros que por muitos anos deram o seu contributo a cultura serrana. Assim, o rádio teve os seus primeiros passos através da VOZ DE CAMPINA GRANDE, onde José Jataí e João da Costa Pinto, técnico, tiveram a ideia de juntos a outras pessoas, introduzir o rádio na Rainha da Borborema e aí surgiu a PIONEIRA, a Rádio Cariri, com estúdios, técnica e antena, instalados no bairro de Bodocongó, a margem do açude. Era o dia 13 de maio de 1948. Depois veio a Rádio Borborema, no dia 8 de dezembro de 1949 e posteriormente a Rádio Caturité ainda na década de 1950. O rádio, portanto, nasceu com uma amostragem de que viria para ficar. Daí para frente, as concorrências fizeram com que surgissem os grandes programas e os grandes nomes do rádio serrano. As emissoras se rivalizavam de tal forma que as frequências eram constantes por parte do grande público em seus auditórios e mesmo estúdios, acompanhando as suas programações diárias. Começaria assim, a ERA DE OURO DO NOSSO RÁDIO, estavam abertas as cortinas para as DECADAS DOURADAS DO RÁDIO CAMPINENSE. (LUCENA, crônicas, manuscritas)⁹⁷

A crônica acima descrita detalha com riqueza o período passado, as *décadas douradas do rádio campinense*, segundo o próprio cronista, mas não somente isso, ela traz luz sobre a cidade, sobre a época em que Campina Grande desfrutou de grande crescimento não somente econômico ou geográfico, mas também cultural. Para ilustrar a crônica que seguiu, trouxemos

⁹⁷ Crônica escrita por Joselito Lucena em 1969 e encontrada no arquivo pessoal do mesmo. Fizemos questão de transcrever as crônicas tal qual foram escritas originalmente na máquina de datilografia, com algumas palavras em caixa alto ou possíveis erros de escrita.

um registro fotográfico também encontrado no arquivo pessoal do Joselito Lucena que mostra um pouco das festas e brincadeiras da sua juventude em Campina Grande, vejamos.



Imagem 3 Equipe da Rádio Caturité no carnaval de 1958. Fotografia retirada do arquivo pessoal do Joselito Lucena

Na fotografia acima, vemos Francisco – com uma lança na mão – Joselito Lucena, Alípio Bezerra – de óculos – Lelys Neto – com a mão no bolso, Ramalho Silva, parte do rosto de Genivaldo Di Paci e sentada, a irmã do Joselito Lucena, Tereza Lucena. Era a equipe da Rádio Caturité festejando o carnaval de 1958 no Aliança Clube 31, que ficava na rua Maciel Pinheiro, no centro de Campina Grande.⁹⁸

Mas a união da classe radialista, como já destacada, não se dava apenas em eventos festivos, as duas equipes da cidade, Rádio Borborema e Rádio Caturité, conviviam juntas até na hora das transmissões dos jogos, algo que reforça a ideia de que eram sim, um grupo, uma coletividade, uma militância radiofônica. Encontramos uma matéria no Jornal Diário da Borborema – até com imagens capturadas no dia – que corrobora com essas constatações, quando disse “revestiu-se de grande brilhantismo a festa do radialista no dia 21 – de setembro – constituindo-se motivo de confraternização e amizade das mais diversas classes que atuam em Campina Grande”.⁹⁹ Na fotografia que segue, é possível constatar através da fonte visual, tais afirmativas, vejamos,

⁹⁸ Informações encontradas no verso da fotografia.

⁹⁹ Jornal Diário da Borborema caderno nº 2, 22 de setembro de 1957.



Imagem 4 Estádio Olímpico em João Pessoa – 1962. Fotografia retirada do arquivo pessoal do Joselito Lucena

Pensar a juventude campinense é refletir sobre diversos seguimentos por onde os jovens perpassaram, ou podemos chamar de *Tribos Urbanas*, conceito gestado por Michel Maffesoli, ainda na década de 1980, e que segue servindo de arcabouço para dinamizar ou contextualizar comportamentos juvenis em diversos espaços e tempos. De certo que a ideia de Tribos Urbanas tal qual concebeu Maffesoli, pode não atender por completo a presente análise, mas traz algumas indagações a partir das contribuições do sociólogo francês.

As discussões sobre juventude são amplos, mas, mesmo que de maneira resumida dentro desse tópico nos fazem refletir sob a ótica do cronista esportivo, Joselito Pereira de Lucena, e sobre seus escritos, a saber, as crônicas deixadas em seu arquivo pessoal, arquivo esse que possibilita a leitura sob diversas óticas, a nossa em questão, será sob a ótica do radialista, sobre a sua juventude e a dos que militaram no rádio de Campina Grande nos “tempos áureos do rádio em Campina”, dizeres do próprio cronista.

É possível entender a partir do Maffesoli (1998), que o cronista sentia na coletividade dos que militavam ao seu lado no radiojornalismo campinense, essa sensação de pertencimento, que gerava fortes ligações afetivas entre os companheiros do rádio, sensações gestadas na juventude que perdurariam até a idade adulta e na velhice também, pois várias das crônicas encontradas foram escritas pelo cronista quando ele já possuía certa idade, mostrando que tais conceitos elencados pelo sociólogo francês, permaneceram intactos na memória e no comportamento dos partícipes desse período, como é possível perceber a partir do que foi

guardado no arquivo pessoal do Joselito Lucena e através dos depoimentos sobre esse período compreendido pelos seus partícipes.¹⁰⁰

Gostaria de retornar a análise das crônicas encontradas no arquivo pessoal do titular. Vejamos agora, uma crônica datada de 1966, que também busca esse vínculo entre o cronista e o torcedor ouvinte – mostra a união da própria crônica esportiva local – a crônica diz,

Após dias seguidos a trilhar por um caminho onde somente a luz deveria imperar, mas que, talvez mesmo, pela força do destino, muitas vezes as trevas encontraram guarida, alcançamos hoje, exatamente agora, o marco de encerramento de nossa longa e voluntária caminhada. Hoje, quando só a voz do silêncio dita, em se tratando de uma labuta diária, originada no “esporte das multidões”, nunca poderíamos nem deveríamos seguir-lhe os passos, calando também, sim, nós que com a dedicação que nos é possível, fazemos “a mais famosa”¹⁰¹. Palavras simples, porém, francas e acima de tudo precisas, haveriam de sair de dentro de nós, sob uma força total. Sair para você, torcedor amigo... você que, hoje em dia não nos acompanha simplesmente por um esporte, ou amor à uma pura e sã audição, porque você, certamente preferindo fazer o papel da água, correr para o rio, para o rio que no seu fundo somente existe a imparcialidade. E você, também conduz uma proeza a mais, a de ter transformado em hábito, a audição para conosco. E por isso mesmo, quantas vezes você torcedor amigo, chorou, riu, vibrou e até se martirizou...? E, pelo fato de a jornada-66¹⁰², a esta altura prestes a partir para sempre, termos dado tudo de nós dentro de nossa efetiva capacidade de trabalho e dentro de uma conduta unificada, onde o pensamento de um, simbolizou, como ainda simboliza, o dos demais. Os grandes feitos retratados, você dividiu conosco o entusiasmo, dividindo da mesma forma, a tristeza quando um desastre se fazia presente, lamentando profundamente, sentindo o impacto do marasmo, sua característica tutelar. E porque você, com toda amabilidade possível, compactuou em tudo, com a gente da “mais famosa”, é que a viva voz, anunciamos simultaneamente, um... “obrigado! – até breve. Obrigado, por tudo quanto ficou exposto e até breve, porque o tempo sim, é que parte para sempre e nós, apenas com a marcha do tempo, voltaremos. Baseado no seu estímulo para conosco, é que achamos distante demais o retorno ao seu convívio, entretanto, chega de súbito a conformação, ao debruçarmo-nos na janela do próprio tempo e vemos que muito mais longe e a distância que nos separa do deserto do Saara e nunca ninguém desiludiu. Bem, torcedor amigo, estão cessadas as nossas atividades em mais um período, em mais uma fração de continuidade sim, em 1966. Estão cessadas também, as nossas palavras. E o esgotamento chegou quando somente revivemos os grandes feitos durante a temporada e os grandes desastres, que, infelizmente tiveram vez. Não sabemos se por força da natureza ou por inexperiência material. Não adianta, a emoção, o entusiasmo, nem tampouco o choro e o lamento, depois da revelação de tudo aquilo que acabamos de notificar. Foi apenas uma reprise. De certo que outra vez, provocamos dentro do eu de cada um, momentos distintos, mas, foi chamado do dever, a que atendemos. Passe uma esponja no passado e alerte para dias futuros. E encerrando o ANO ESPORTIVO EM REVISTA, deixamos pois, o nosso, “OBRIGADO, ATÉ BREVE”...

¹⁰⁰ Ver, MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

¹⁰¹ Na década de 1960, a Rádio Borborema adota o slogan, “A Mais Famosa”, e ainda, dentro das jornadas esportivas, começaria a utilizar o bordão, “A super Borborema comanda o futebol”.

¹⁰² O ano de 1966 começou intenso, o Campeonato Paraibano de 1965 só se encerraria em 20 de fevereiro de 1966, com o Campinense Clube consagrando-se Hexa Campeão Paraibano de Futebol após vencer o Botafogo da capital paraibana. O Treze, por sua vez, alcançaria em 1966 a façanha de tornar-se Campeão Paraibano de Futebol de forma invicta, feito nunca antes alcançado no futebol da Paraíba.

Alguns pontos valem ser destacados sobre esses “grandes desastres”. Na crônica que seguiu, Joselito Lucena, até de forma mais poética, enfatiza que a temporada de 1966 fora de grande repercussão, fato é que, nos bastidores, e depois de algumas pesquisas em jornais que compreendem o período e até em conversas com torcedores do Treze que participaram assiduamente dessa temporada em questão, é: houve uma briga entre o então diretor do Treze, Edvaldo do Ó e a diretoria do *Diários Associados*, chegando a fundar um jornal semanário chamado, *A Tarde* somente para publicar as notícias do Galo da Borborema naquela ocasião, onde, na temporada de 1965, o próprio Edvaldo do Ó havia prometido a torcida galista que diante do hexa campeonato do Campinense Clube, o maior rival do Treze, ele faria um feito inédito no time do São José, e o tornaria Campeão Paraibano de 1966 e de forma invicta.

Assim o fez, o Treze foi campeão de forma invicta e o fato é que a razão real dessa briga entre o então presidente do Treze e a imprensa local, mais precisamente os *Diários Associados* nunca foi elucidada, nem na época nem atualmente, mesmo depois de intensa pesquisa, mas, eis alguns pontos que devem ser colocados obre o ocorrido. Há suspeitas de que havia naquela época, quem informasse aos adversários o que se passava nos bastidores do Treze em meio à campanha de 1966. Examinando os jogos do Treze naquele período e comparando com os demais anos, nota-se que o Treze diminuiu exageradamente o número de amistosos que antes fazia, o foco era o campeonato estadual. Jogos entre Treze e Campinense, algo que acontecia frequentemente, ainda que amistosos, não houveram, somente os dois do campeonato em questão. Foram dispensados atletas do Treze que nenhum time mandaria embora, até mesmo a torcida não entendeu o motivo. Edvaldo do Ó trouxe, escolhidos à dedo, atletas do Campinense para o Treze e disse: “com esta equipe vamos ser campeões invictos”.

Aqui, isto é, na crônica acima apresentada, podemos perceber como se constituíam as relações entre os torcedores e cronistas, pois são nessas relação de envolvimento que foram sendo construídas desde a década de 1950, que podemos identificar algo que não e somente acompanhar futebol pelo rádio, mas relações que se tornaram quase que familiares, tanto do cronista para com o torcedor, quanto dos torcedores para com a crônica esportiva, discussão que retomaremos no terceiro capítulo dessa pesquisa.

Os cronistas aparecem então como as vozes que trazem a realidade do dia a dia dos embates futebolísticos, nos alertando para uma análise importante, as vozes que ecoavam no rádio durante a semana, faziam com que os ouvintes preferissem ouvir rádio ao invés de outros meios de comunicação, a ouvinte Maria Helena (2022) disse que “meu pai me ensinou a gostar de rádio desde criança, ele era um ouvinte assíduo de rádio, então eu cresci junto com meu pai

ouvindo rádio e até hoje eu acho melhor ouvir rádio do que qualquer outro tipo de comunicação, às 04:40 da manhã eu levanto e já ligo o rádio”.¹⁰³

1.8 Sintonizando o cronista esportivo e seu arquivo pessoal

No final da década de 1950, mais precisamente em 1957, Campina Grande experimentou a chegada de um jornal diário, o *Jornal Diário da Borborema*, evento que mexeu com a cidade em vários aspectos, vejamos a notícia de seu surgimento.

Como todo acontecimento social, a criação de um jornal diário, ecoa da maneira mais profunda e decisiva no seio do povo. Um órgão informativo e noticioso, constituiu-se para uma cidade do desenvolvimento de Campina Grande, um fato por demais importante, impossível de concretizar-se, sem repercutir como fator de formação cultural e orientação dos problemas sociais.¹⁰⁴

De fato, o *Diário da Borborema*, marcou a cidade, como dito, em muitos aspectos, inclusive no esportivo, pois, nasceu já com a promessa de ter um caderno de esportes em sua constituição, fato que fez com que o universo futebolístico local se desenvolvesse ainda mais, pois as informações chegavam de forma mais acelerada e em conjunto com o rádio, antes o único meio de comunicação que se dedicava ao futebol e seus desdobramentos na cidade, clubes, jogos, escalações, viagens, partidas e etc.

No dia seguinte ao lançamento do primeiro volume do caderno de notícias, o *Diário da Borborema* já lançava sua primeira fala com direcionamento esportivo/futebolístico, vejamos.

Considerações - Josusmá Viana. Assumimos hoje a direção da secção esportiva do Diário da Borborema. Aqui estamos com uma equipe pronta para encarar as dificuldades de responder pelo novo veículo de difusão esportiva em nossa cidade. Procuraremos, na medida do possível, ajudar o desporto paraibano, particularmente o campinense, não esquecendo, todavia, a nossa primordial missão que é a de manter bem informados os nossos milhares de leitores de todo o Nordeste. Sabemos perfeitamente, com a nossa experiência, que para cumprir essa tarefa não é possível sempre agradar a todos, não querendo dizer, entretanto, que tomemos partido de determinadas situações para desagradar injustamente a uns e endeusar a outros que deveriam ser criticados. Não. Tudo será noticiado com sensatez e comentando conforme o nosso ponto de vista observador independente. Daqui sempre estaremos solicitando a colaboração dos clubes e entidades, porém, (é conveniente lembrar) jamais deixaremos que essa colaboração seja confundida ou explorada. Não sabemos se é somente em Campina Grande que há os aproveitadores que tentam confundir as situações, procurando fazer com que a crônica crie ambiente favorável a eles perante o público, quando, na realidade, mereciam ser publicamente desmascarados. Há também, os que, precisam do nosso trabalho, se dizem amigos da crônica, entretanto no nosso menor engano tentam fazer tempestade em copo d'água, com pagamento. A esses que assim procedem é bastante reafirmar que a nossa finalidade fundamental é manter bem informados os leitores, fazendo valer nossa condição de observadores

¹⁰³ Entrevista concedida ao autor por Maria Helena Costa Vieira em 16 de maio de 2022.

¹⁰⁴ Jornal Diário da Borborema N° 1, 2 de outubro de 1957

independentes. Na secção esportiva do Diário da Borborema, procuraremos focalizar os assuntos atualizados de maior evidência através do reportagens, notícias, fotografias e até humorismo. Não faltará um repórter em cada acontecimento esportivo da cidade. Teremos também, contando com a colaboração dos desportistas interioranos, farto noticiário das atividades desportivas nas demais cidades do hinterland da Paraíba, além de ampla cobertura dos acontecimentos da capital, dos demais Estados e do Exterior. Assim, somente assim, como estamos prometendo, poderemos cumprir convenientemente a nossa missão, servindo ao esporte, ao público e também imprimindo certo respeito.¹⁰⁵

Vale lembrar que a mesma equipe que eram os redatores do jornal, eram também militantes das Rádios locais, a saber, Rádio Borborema e Rádio Caturité, as duas mais fortes em termos de locuções esportivas. O cronista Josusmá Viana, utilizou por muitos anos, o espaço por ele denominado de “Considerações”, para trazer informes e suas leituras sobre o ambiente futebolístico campinense. Se tratava de um quadro sempre no canto da página, que trazia tais considerações, porém, o restante da página destinada ao esporte, tratava de trazer mais informações pertinentes as movimentações da semana.

Alguns cronistas se dividiam entre as Rádios locais, a saber, Rádio Cariri, Rádio Borborema e Rádio Caturité. Muitos trabalhavam exclusivamente em uma única emissora, mas alguns militavam em outras e conciliavam as jornadas de trabalho se dividindo, muitas vezes até nas três mais importantes, já mencionadas. Fato curioso foi o do cronista, poeta e escritor Nilo Tavares, alagoano, mas que adotou Campina Grande como morada. Nome relevante da comunicação, imprensa e cultura campinense, Nilo contou que,

Bem, houve uma época em que eu era cronista esportivo da Rádio Cariri, cronista esportivo da Rádio Borborema e cronista esportivo da Rádio Caturité. Quando era no comentário do meio dia, eu escolhambava um tal de Nilo Tavares, depois descia e ia para o cafezinho São Braz, e a turma olhava para mim e dizia: “Nilo, o cara ai escolhambou com você”. Então eu dizia para eles que tinha importância não, que ia responder. No outro dia, em outra emissora, eu respondia escrevendo sob o pseudônimo de “Pequeno Polegar”, então eu fazia esse jogo, até que a negada descobriu e me deram um arrocho defronte ao Café São Braz (risos)¹⁰⁶.

Aqui, isto é, no comentário acima descrito, podemos perceber dois fatos interessantes sobre esse início do radiojornalismo esportivo campinense. O primeiro deles é o de que a falta de profissionais fazia com que muitos ocupassem várias funções, o caso de Nilo Tavares não é isolado, vários militantes do rádio esportivo local, comentam dessa dupla ou tripla função, tendo que ser técnicos de áudio, ou muitas vezes repórter e comentarista ou até mesmo locutor e controlador de áudio ao mesmo tempo. É aqui então, diante desse rico fragmento exposto, que percebemos o porquê que muitos dos militantes do radiojornalismo esportivo de Campina

¹⁰⁵ Jornal Diário da Borborema, N° 1, página 7 - quinta-feira, 3 de outubro de 1957

¹⁰⁶ Conferir em, DINOÁ, Ronaldo. Memórias de Campina Grande, vol. 2. p. 308.

Grande dominam várias instâncias do rádio, se tornando verdadeiros “camaleões” da comunicação radiofônica.

Fato é que a década de 1950 desencadeou um crescimento descomunal do rádio campinense, e o radiojornalismo esportivo aproveitou-se desse momento e fez acontecer também a sua consolidação dentro da esfera radiofônica local. Foi através de um contexto de surgimento de profissionais que se tornaram militantes em nome de uma causa – o crescimento do radiojornalismo local – que tal seguimento radiofônico cresceu e se consolidou. O cearense Fernando Silveira¹⁰⁷, que fez parte da Rádio Borborema por muitos anos, afirmou que entre o rádio desse início - final da década de 1940 e a radiodifusão da década de 1990, período em que concedeu esse depoimento – e o rádio atual “há uma diferença muito grande, o rádio do meu tempo tinha amor; nota-se que se ganhava muito pouco. Salários pequeninos, existiam dificuldades enormes”, e enfatiza que “hoje o rádio conta com unidades técnicas potentíssimas, conta com outras qualidades, enquanto que no nosso tempo éramos nós que fazíamos o rádio com esforço e sacrifício”¹⁰⁸.

Fernando Silveira é, ainda, enfático em afirmar que, “mesmo com grande sacrifício nos tempos atuais, o rádio é, por excelência, o veículo de divulgação mais popular”, e completa dizendo que, “a classe operária, o homem do campo, etc., todos eles têm seus rádios. Então, o rádio é uma necessidade para essas classes menos favorecidas”¹⁰⁹.

Fernando Silveira ainda comentou sobre os programas de auditório da antiga Rádio Borborema, e o porquê que as famosas programações de auditório acabaram sendo extintas na época, quando disse que “os auditórios das rádios se extinguíram por uma imposição da época. O advento da televisão foi uma das maiores causas para suas extinções. A televisão prendeu muito aquelas pessoas que gostavam de frequentar as rádios”. Com isso, Fernando Silveira entendeu, na época desse depoimento a Ronaldo Dinoá – como dito, no início da década de 1990 – que “o rádio, hoje, passou a ser o órgão de divulgação mais de jornalismo, narradores de futebol, etc.”¹¹⁰. Sobre o surgimento da televisão e as mudanças que ela causou no âmbito da comunicação, retomaremos tais discussões no segundo capítulo.

¹⁰⁷ Fernando Silveira nasceu no dia 1º de fevereiro de 1920, na cidade de Fortaleza, Ceará, segundo o próprio Fernando Silveira, ele teria vindo para Campina Grande com a incumbência de dirigir a Rádio Borborema, já que o mesmo possuía experiência na área radiofônica, tendo trabalhado na Ceará Rádio Clube. Foi diretor, mas também foi radioator e intérprete de várias novelas da Rádio Borborema, fossem transmitidas pela Rádio ou nos auditórios da antiga Borborema. Fernando Silveira foi o responsável pela introdução dessas novelas na Rádio Borborema. Novelas como; Maria La-ô, de autoria de Fernando Silveira, foi sucesso de audiência na época, tendo repercussão nos Estados do Pará e do Rio Grande do Norte.

¹⁰⁸ Conferir em, DINOÁ, Ronaldo. Memórias de Campina Grande, vol. 2. p. 331.

¹⁰⁹ Conferir em, DINOÁ, Ronaldo. Memórias de Campina Grande, vol. 2. p. 331.

¹¹⁰ Conferir em, DINOÁ, Ronaldo. Memórias de Campina Grande, vol. 2. p. 329.

Sobre o advento da televisão, ainda na década de 1960, observamos que pouco abalou a força do rádio, até mesmo pela distinção de suas diferentes realidades. Enquanto o rádio era mais portátil, mais flexível por onde “andava”, era mais aceito em ambientes como um estádio de futebol, até porque estamos falando de um aparelho utilizado à pilha, enquanto que as televisões da época eram grandes e impossíveis de serem carregadas e utilizadas no meio de um estádio, além de contraditório, pois não seria necessária a sua utilização, já que o indivíduo estaria vendo a partida, porém, nesse mesmo sentido, o rádio assume o *status* de “companheiro” do torcedor que acompanhava a crônica esportiva, que por sua vez, não possuía programas na TV, mas apenas nas rádios, conseqüentemente nos rádios.

Outro ponto importante, de uma inquietação que tive ainda na introdução, sobre o porquê de um torcedor levar o rádio para acompanhar a partida diretamente do estádio de futebol, pode parecer óbvio, mas não é. Se observarmos a partir da atualidade, é possível perceber que muitos lances que acabaram em gols, que estavam sendo transmitidos pela televisão, estavam sendo faladas outras coisas na hora do lance, como propagandas ou outro tipo de comentário, que, por sua vez acabou atrapalhando a locução do locutor de televisão, mas que, pela confiança de que a imagem da partida está sendo projetada, muitos não se preocuparam em gritar o gol, pelo menos não em tempo real como é a preocupação dos radialistas, pois não usufruem da imagem projetada, dependendo apenas das vozes para transmitir e criar um imaginário para o torcedor que muitas vezes não está no estádio de futebol pessoalmente.¹¹¹

O locutor esportivo do rádio, e há essa diferença, embora vários transitem pelas duas esferas, a TV e o rádio, possui um *timing* diferente, ou seja, o tempo de locução do locutor que transmite pela televisão é mais cadenciado, possui menos riquezas de detalhes. Se repararmos em ambas as transmissões, com um aparelho de televisão ligado e um aparelho de rádio ao lado, transmitindo a mesma partida, será possível perceber tais questionamentos, o locutor radialista, ou seja, aquele que faz uso apenas da voz para transmitir a partida, precisa de um arsenal de palavras e de termos que muitas vezes não são vistos, ou ouvidos pelo locutor de televisão, que conta, como dito, com o auxílio das imagens transmitidas nas telas através das câmeras.¹¹²

¹¹¹ Joselito Lucena mantinha em uma espécie de nota de rodapé da escalação dos times que realizavam a peleja uma lista de verbos que o acompanhava e aparecem em diversas anotações encontradas em seu arquivo pessoal, fato é que seu filho Rostand Lucena adquiriu a prática, deixando no canto da folha com a escalação verbos como; *conduzindo* a esfera, *dominou*, cortou, *empurrou* o balão de couro, *soltando* a bola, *recolheu*, *recebeu*, *lançou* mal a bola, e etc., criando um dinamismo de palavras características das narrações através do rádio, sempre preenchidas de fala e passando a impressão de uma partida sempre eletrizante e empolgante de se ouvir.

¹¹² Estive em um programa de televisão e um torcedor me abordou e disse que certa vez, ao visitar um determinado estádio de futebol, ficou e dúvidas de se seria a primeira vez que estaria visitando o espaço, pois olhou ao redor do estádio e reconheceu todo o lugar. Ele disse que sabia onde ficavam as cabines, os lados das torcidas, os

Sobre o aparelho de rádio, algo interessante foi descoberto. O primeiro aparelho de rádio da cidade de Campina Grande foi um aparelho que pertenceu ao senhor Tomaz Pereira Soares¹¹³, um português que em 1925 passou a ser o responsável pelo abastecimento de luz na cidade de Campina Grande. O senhor Tomaz, que acabara de concluir seus estudos na Europa, ao passar pelos Estados Unidos, desembarca em Campina Grande, trazendo consigo o primeiro aparelho de rádio da cidade. Em depoimento a Ronaldo Dinoá, sua filha Etelvina Hilda Soares Dias, disse que “o primeiro rádio que chegou em Campina Grande foi o do meu pai. Ainda recordo, com grande saudade, dos amigos de meu pai que vinham para a nossa casa ouvir o rádio, como o Dr. João Tavares, Dr. Severino Cruz, Dr. Pinto, João Pinto e muitos outros”. Etelvina ainda reconhece que naquele momento “o rádio era uma novidade muito grande, apesar do aparelho ser novidade, tinha uma coisa interessante: para se mudar de onda, era preciso tirar a válvula e colocar outra”¹¹⁴.

Aproveitando-me da discussão desse início do rádio em Campina Grande, o contexto do primeiro aparelho de rádio da cidade, as primeiras personalidades que dirigiram e atuaram nas novelas da antiga Rádio Borborema, lanço uma crônica de autoria de Joselito Lucena, onde no início da década de 1980, o cronista esportivo escrevera sobre as nuances da Rádio Borborema e do radiojornalismo esportivo da cidade, vejamos,

O Departamento de Esportes de uma emissora de rádio, é um setor de intensa atividade dentro da empresa, desde que a sua programação, de fácil consumo por parte do público, é responsável, em sua maioria, pelo mais elevado índice de audiência da mesma. Como o futebol é um esporte apaixonante contando com a participação da multidão não só em dia de jogos, mas, no seu cotidiano, uma maior atenção é dedicada ao mesmo, dentro da programação de uma rádio. A sua reponsabilidade é das maiores já que tem que dedicar um tratamento igual a todas as agremiações, informar ao ouvinte com imparcialidade, ilustrando, se possível, essas informações, pois o torcedor gosta de detalhe. Além do público, dos clubes, dos esportistas de um modo geral, o Departamento de Esportes, por contar geralmente com o maior índice da audiência da emissora, recebe também o prestígio do anunciante, aumentando, portanto, a responsabilidade dos que nele trabalham, dos que dele participam.¹¹⁵

vestiários, até uma grande árvore que fazia sombra em um dos gols do estádio. Quando entendeu que realmente não havia estado naquele local outra vez, sendo a sua primeira visita ao espaço, lembrou que ouviu várias partidas narradas pelo Joselito Lucena e que, a riqueza de detalhes que ele transmitia ao longo da partida, fez com que ele pensasse que já havia visitado o estádio em questão.

¹¹³ Tomaz Pereira Soares nasceu em 28 de outubro de 1888, no Fayal, Arquipélago dos Açores, em Portugal. A convite de seu amigo Armando Brito, que era um dos proprietários da empresa responsável pelo abastecimento de luz na cidade de Campina Grande, Tomaz chegou à Campina Grande em 25 de setembro de 1925 para trabalhar na dita empresa de luz elétrica, era ele, o responsável, chegou a ser diretor da empresa de fornecimento de energia. (Informações encontradas em DINOÁ, Ronaldo. Memórias de Campina Grande, vol. 1. p. 21-22.

¹¹⁴ Conferir em, DINOÁ, Ronaldo. Memórias de Campina Grande, vol. 1. p. 25.

¹¹⁵ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita no ano de 1983 – página 1.

Na crônica apresentada acima, alguns pontos nos chamaram a atenção. O primeiro ponto que enxergamos é o de que o Departamento de Esportes “é um setor de intensa atividade”, nos fazendo lembrar que a crônica esportiva não se denomina assim por acaso, o dia a dia do cronista esportivo, em todas as áreas de atuações, e bastante movimentado, não se resumindo apenas ao dia em que ocorre alguma transmissão de jogo. O cronista esportivo trabalha diuturnamente para apresentar as informações sobre os clubes, como as escalações dos jogos, as novidades nos treinos, os acontecimentos da semana que podem ocasionar algum problema na partida e etc., nos fazendo perceber que mesmo enquanto não existe um campeonato em andamento, o cronista se preocupa em preparar uma sequência de programar e de informações onde problematiza o que passou ou o que está por vir, dentro do campo esportivo, com ênfase maior no futebol.

Um segundo ponto observado é o de que o Departamento de Esportes dentro de uma emissora seria o responsável “pelo mais elevado índice de audiência” da emissora, e de fato, constatamos através de alguns anúncios em periódicos, que demonstram essa capacidade de atrair ouvintes justamente nos momentos de transmissões futebolísticas, a exemplo de uma informação encontrada no Jornal Diário de Pernambuco, datada de 8 de dezembro de 1950, dia em que a Rádio Borborema completava seu primeiro ano de existência.

Quando a Rádio Borborema ainda engatinhava em relação a transmissões esportivas, fato que havia acabado de acontecer ainda naquele ano, o Diário de Pernambuco noticiou que, “graças a qualidade dos programas e a pureza do seu som, a Rádio Borborema conseguiu índices de audiência, talvez maiores do que os de qualquer outra emissora do Brasil”, apesar de a notícia não enfatizar o Departamento Esportivo, entendemos que naquele contexto de 1950 – ano das primeiras transmissões esportivas da Rádio Borborema – esse aumento aconteceu de forma vantajada no ano discutido, a notícia ainda segue dizendo que, “recente pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública (IBOPE) demonstrou que os índices de audiência da ZYO-7 se elevam a mais de oitenta por cento, dividindo-se os restantes vinte por cento entre outras estações locais de Recife, de Fortaleza, do Rio e de São Paulo”¹¹⁶.

Outros dois pontos importantes de serem apresentados ainda no último trecho da crônica apresentada, são; a imparcialidade deve ser o mote do departamento, assim como em todas as áreas do jornalismo informativo, é clara essa máxima descrita pelo cronista Joselito Lucena em sua crônica, e o outro ponto é o de que, pelos índices elevados de audiência, se torna atrativo anunciar dentro da programações esportivas, fazendo com que empresários, microempresários

¹¹⁶ Jornal Diário de Pernambuco – sexta feira, 8 de dezembro de 1950

e afins, façam seus contratos com o Departamento Esportivo para terem seus comércios “exibidos” dentro das programações movimentadas do futebol.

Com uma visão geral, Joselito Lucena apresenta o Departamento de Esportes como um fragmento de um rádio mais amplo, nos fazendo entender que na maioria das emissoras de rádio deve ocorrer essa máxima, mas na mesma crônica, no decorrer da página, como em uma segunda parte a ser descrita, o cronista apresenta o Departamento de Esportes da Rádio Borborema, especificando suas atividades e seu contexto em particular, vejamos,

O DEPARTAMENTO ESPORTIVO DA RÁDIO BORBOREMA é composto de locutores, redatores, plantonista, repórteres, comentaristas, rádio-escuta e técnicos, existindo é claro, uma pessoa responsável pelo setor para poder coordenar todo o trabalho. Essa equipe em sua maioria, tem uma atividade muito intensa, já que o futebol, o esporte mais divulgado não para, a não ser uma vez por ano, quando das férias dos profissionais. Diariamente, dois repórteres são conduzidos até os estádios locais onde vão colher subsídios para os programas especializados. Os seus contatos iniciais são com os responsáveis pelo setor de esportes dos clubes, averiguando se existem novidades que possam ser transmitidas ao público, consultando o Departamento Médico para saber se existem jogadores contundidos e que possam se constituir em desfalques para os próximos jogos, ao Departamento Técnico, através de seu responsável, para que o mesmo opine sobre a conduta do seu clube no jogo passado ou o que tem em mente para a partida futura. Esses primeiros contatos, deixam o repórter mais a par da situação e aí então, assistem as atividades de campo, quando são treinamentos com bola, passando as entrevistas com os atletas, desde que, esses repórteres sempre vão aos estádios munidos de gravadores.¹¹⁷

Na segunda parte apresentada, é possível adentrar ao Departamento de Esportes da antiga Rádio Borborema, a narrativa do Joselito Lucena, que assume o papel de contador dessa história, nos traz especificamente nesse trecho da crônica, as funções dos repórteres esportivos, nos trazendo enorme contribuição para percebermos como de fato se comporta ou deve se comportar um repórter de campo, aquele que é o responsável pela conexão entre o clube de futebol e o torcedor ouvinte. Penso que a narrativa de Joselito Lucena irá ofertar, sempre, mais um ponto de vista – fragmentado por natureza ontológica – dessa dinâmica do rádio campinense no momento nascedouro do caderno de esportes.

Na segunda página da mesma crônica dedicada a descrever o Departamento Esportivo, Joselito Lucena finaliza com o retorno dos repórteres esportivos à emissora, observemos os detalhes,

Depois de cumprida essa missão, os repórteres retornam a sala de esportes onde redigem suas matérias, providenciando junto ao departamento de gravações a montagens dessas entrevistas que são levadas ao ar após o panorama de cada clube. Quando não existe qualquer atividade nos campos, alguns trechos dessas entrevistas são aproveitados somente com a voz do entrevistado, pois cabe ao repórter, que também deverá ser redator, o script das entrevistas, geralmente em um original e duas cópias, com a deixa, para a técnica soltar a gravação. Esses repórteres em dias de jogos

¹¹⁷ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita no ano de 1983 – página 1.

desenvolvem uma atividade maior já que visitam os estádios logo cedo para as entrevistas que antecedem aos mesmos.¹¹⁸

Ao encerrar a apresentação dos trabalhos dos repórteres esportivos, Joselito Lucena dedica o restante da página ao locutor esportivo, função que ocupou na emissora por décadas, a saber, somente na Rádio Borborema atuou por pelo menos 27 anos – de 1962 à 1989 – quando saiu da Rádio Borborema e retornou a Rádio Caturité, a emissora que primeiro o abriu as portas. Nas descrições sobre as funções que exercem ou devem exercer um locutor esportivo, Joselito Lucena diz que,

O locutor esportivo, que geralmente é o responsável pelo setor tem que estar a par de todo o trabalho desenvolvido pelos repórteres nos estádios, para que possa analisar o que deve ir ao ar ou não. Além disso, os seus comentários ou análises, são fundamentais dentro dos pronunciamentos dos dirigentes e atletas. Diariamente, esse locutor, quando dirigente do Departamento, mantém diálogos, entendimentos, conversações, com os presidentes de clubes, sendo esses contatos em sua maioria por telefone, pois em sua sala, acoplado ao telefone, existe um amplificador para ampliar o som, pois os seus contatos são gravados, depois de contatar, é claro, a pessoa que se encontra do outro lado do telefone. Nos dias de jogos a sua atividade ainda é maior pela cobertura do espetáculo até o encerramento, preocupando-se com a parte publicitária, técnica e de retaguarda. A parte publicitária é de suma importância, já que significa o ganha pão da equipe.¹¹⁹

Na parte dedicada ao locutor esportivo, Joselito Lucena explica as atividades inerentes ao cargo, apontando cada detalhe que deve ser seguido por este profissional, que, segundo ele, geralmente é o comandante do Departamento Esportivo da emissora, de fato, desde a década de 1960, onde atuou – Rádio Borborema e Rádio Caturité – Joselito Lucena foi chefe de departamento. Ainda na mesma página de número 2, o cronista segue narrando e nos conta qual a função do plantonista, dos técnicos de áudios - responsáveis importantíssimos para que a jornada esportiva aconteça sem maiores problemas – e do comentarista, vejamos,

A técnica, com a seleção de sinais, vinhetas, gravação de todo jogo, reprise dos gols e cronometragem; a retaguarda, onde o Plantão Esportivo desenvolve um trabalho de sustentação da tarde esportiva, desde a sua abertura até o encerramento, colhendo resultados, informando com precisão, não se admitindo deslizos, embora esse plantão conte apenas com dois rádios para a coleta de notícias, quando nas grandes emissoras do Sul, o mesmo trabalho é desenvolvido com uma equipe formada por três escutas com mais de 5 rádios e ainda telex das principais agências noticiosas do Brasil. A técnica em campo, desde a instalação de todo o material necessário; microfones, para a cabine, locutor e comentarista. Rádios e fones para os repórteres que trabalham com microfones sem fio e instalação de mesas nos vestiários onde são realizadas as reportagens na abertura e encerramento dos espetáculos. Ao comentarista, cabe a

¹¹⁸ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita no ano de 1983 – página 2.

¹¹⁹ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita no ano de 1983 – página 2.

análise do jogo, com o mesmo anotando os lances mais importantes, subsídios que são fundamentais para os seus comentários.¹²⁰

Aqui cabem alguns pontos vistos nos trechos da crônica que seguiu. Ao repórter cabem as investigações a respeito dos clubes de futebol, afim de encontrarem alguma novidade a respeito dos times; ao locutor esportivo, é dispensada a responsabilidade de cuidar do “ganha pão da equipe”, já que é com ele que muitas publicidades são fechadas para serem veiculadas ao ar nas programações em que foram contratadas as propagandas. Encontramos em algumas agendas do Joselito Lucena, alguns desses encontros para que ocorresse a parceria entre a empresa e a equipe que veiculará sua propaganda, vejamos algumas dessas informações,

Telefonema de Barbosa, São Paulo, p/contrato Alpargatas. 0119542-5192. (Agenda de 1992 – 9 de junho de 1992). Hospital João XXIII – início nas jornadas. Visita a Pneu Super. (Agenda de 1992 – 16 de junho de 1992). Visita a Gilson Souto Maior na Telpa, João Pessoa, licitação publicitária em setembro. Visita a Deodato Borges SECOM, plano, mídia publicitaria para o governo. (Agenda de 1992 – 30 de julho de 1992). Contrato com Pneumax. Contrato com Grande Giro e Auto Peças – Rostand – Zelito 9hrs. Entrega do contrato de Almeida por Chico Alemão – acertou com o gabinete com Socorro Ramalho para pagamento das divulgações do ano passado. Conversa com Suely e o Sec. de Comunicação Ivan. Recebi cheque da Escola Paulista. (Agenda de 1992 – 4 e 5 de fevereiro de 2004). Reunião da Antena Esportiva, Joãozinho prestou contas, receita e despesas, pagou comissões, recebi R\$ 90,00. Rostand também, talvez se acerte agora com responsabilidades divididas. Dívida de 2003 chegando ao fim (Agenda de 1992 – 19 de março de 2004).¹²¹

Com alguns exemplos, foi possível perceber e até contextualizar a crônica e as agendas/diários do Joselito Lucena e as movimentações a respeito de como funcionava a logística do “ganha pão” dos radialistas. Como dito são diversas agendas e em todas elas aparecem tais movimentações. Era de responsabilidade do chefe do Departamento Esportivo, esses encontros, tanto para fechamento de contratos quanto para solicitações de passagens de avião e etc., junto ao governante, fosse prefeito, em casos de transmissões de clubes da cidade de Campina Grande, fosse governador, em casos de algum clube que fosse representar o Estado em algum evento futebolístico a nível nacional.

Ao Plantão Esportivo cabe a tarefa de manter o torcedor conectado ao restante do país, digo, ao mesmo tempo em que ouve a narração do seu clube do coração, pode se informar sobre uma outra equipe que esteja jogando no mesmo horário e em todo o Brasil, já que um bom plantonista interrompe as transmissões para fornecer as notícias que se passam em campeonatos diversos, tornando-se uma tarefa difícil, como bem frisou Joselito Lucena no trecho que apresentamos. Já os técnicos de áudios são fundamentais, sem eles a transmissão não ocorreria.

¹²⁰ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita no ano de 1983 – página 2 - 3.

¹²¹ Exemplos de duas agendas/diários de Joselito Lucena – uma de 1992 e outra de 2004.

Fazem com que toda a parte técnica e de equipamentos estejam em ordem para a jornada esportiva. Ao comentarista cabe a arte do observar, cada lance, cada jogada, cada visão que ele tenha da partida, afim de problematiza-las e esmiúça-la diante do torcedor ouvinte, que muitas vezes deposita no comentarista, a confiança de um bom observador, que possui sempre uma boa análise sobre o ocorrido.

Sobre “AUDIÊNCIA, LIDERANÇA E CONCEITO”, e com esse título para essa parte da crônica, Joselito Lucena apontou que,

A RÁDIO BORBOREMA tem no seu DEPARTAMENTO ESPORTIVO, um setor de destaque em sua programação diária, onde alcança o maior índice de audiência através de seus programas: “TIRO DE CANTO”, apresentado as 7:30 da manhã por EDVALDO GOUVEIA, que é plantonista, redator e locutor; “MINUTO ESPORTIVO” dirigido e apresentado por Adílio Bezerra, redator, locutor e repórter, com audições das 8:30 da manhã as 21:30; “JOGO DURO” um comentário de Humberto de Campos, as 11:50 de segunda a sábado; “O ESPORTE EM MARCHA”, noticiário de 40 minutos, começando as 11:55, terminando as 12:35, com a presença de todos os seus componentes, Joselito Lucena, Evandro Nogueira, Rostand Silva Lucena, Adílio Bezerra, Francisco Lopes (Chico Alemão) e Edvaldo Gouveia; as 18:15 RÁDIO ESPORTES BORBOREMA, também com a apresentação ou presença de todos os componentes em trabalhos relacionados e de reportagens. Em todos esses programas ou noticiários, a equipe se faz presente, tratando a todos os clubes de uma só forma, criticando, quando são passíveis de crítica ou elogiando-os quando também o merecem. Destaca-se nessa atividade, a parte técnica, com profissionais realmente capacitados como o técnico de som, o encarregado das montagens de gravações e o técnico de campo. Sem quantidade, mas, com QUALIDADE, em todas as pesquisas de audiência nesses 34 anos, jamais o DEPARTAMENTO DE ESPORTES deixou de figurar em primeiro lugar, nos programas e nas transmissões esportivas, o que atesta a capacidade dos seus profissionais. Com esse índice de audiência, a liderança é realmente uma recompensa ao profissional, que passa a sentir mais profundamente o conceito que granjeou junto ao público, tornando-se também preferido pelos clientes que procuram inserir as suas publicidades dentro de sua programação. O FUNCIONAMENTO DE UMA DIVISÃO DE ESPORTES COMO A DA RÁDIO BORBOREMA, dirigido por Joselito Lucena, é de muito trabalho, com dificuldades em sua maioria, mas, gratificante, quando se sente a receptividade junto ao público, notadamente nas jornadas esportivas de âmbito interestaduais.¹²²

Mas, se na década de 1980, Joselito Lucena julgou existirem diversas dificuldades para que houvessem transmissões esportivas, imaginemos as primeiras transmissões esportivas realizadas pela Rádio Borborema, que foi, na ocasião, a Rádio pioneira na cidade de Campina Grande. O ano foi 1950, pouco mais de um mês depois de inaugurada – em 8 de dezembro de 1949 – a Rádio Borborema empreendeu sua primeira transmissão, que curiosamente não ocorreu em Campina Grande, mas na capital João Pessoa. Ao Diário de Pernambuco coube a missão de noticiar o feito, já que o Diário da Borborema somente surgiria sete anos depois. O jornal disse,

¹²² Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita no ano de 1983 – página 3.

POTIGUARES x PARAIBANOS – Em sua primeira transmissão esportiva, a Rádio Borborema irradiará hoje, a partir das 15:30, diretamente de João Pessoa, o jogo entre os selecionados do Rio Grande do Norte e Paraíba. De Fortaleza, especialmente para descrever a partida, já chegou a Campina Grande o locutor esportivo da PRENOVE Jaime Rodrigues, que relatará a peleja nos mínimos detalhes para os ouvintes da caçula “associada”.¹²³

Depois dessa, que foi a primeira transmissão esportiva realizada pela Rádio Borborema, evidentemente que com todo suporte das emissoras associadas do Ceará e de Pernambuco - Ceará Rádio Clube e Rádio Clube de Pernambuco - começou a expandir as transmissões, e logo no domingo seguinte, transmitiu uma nova partida, dessa vez, dizendo que,

FUTEBOL – Hoje, a Rádio Borborema transmitirá diretamente do Recife uma completa reportagem sobre o jogo entre os selecionados da Paraíba e de Pernambuco. O som será fornecido pela ZYK-3, emissora de ondas curtas da Rádio Jornal do Comércio, que opera na onda de 31 metros. Atuará como locutor Jaime Rodrigues, da Ceará Rádio Clube. Aliás, essa será a segunda reportagem esportiva da Rádio Borborema. A primeira foi irradiada, domingo passado diretamente de João Pessoa, através do telefone, com magníficos resultados.¹²⁴

Já na segunda transmissão futebolística, essa destacada acima, a Rádio Borborema passou a ser escutada em todo o Nordeste, como informou, também, o Jornal Diário de Pernambuco, vejamos,

TRANSMITIU A RÁDIO BORBOREMA O JOGO PERNAMBUCO x PARAÍBA. Trabalho perfeito da emissora associada de Campina Grande. A Rádio Borborema, emissora associada de Campina Grande, realizou a sua primeira transmissão interestadual, informando para o interior do nordeste, anteontem, o desenrolar da peleja disputada no estádio dos Aflitos, nesta capital, entre as seleções da Paraíba e de Pernambuco. O serviço foi feito em colaboração com a ZYK-3, emissora de “ondas curtas” da Rádio Jornal do Comércio. Aqui estiveram os colegas cearenses Jaime Rodrigues, Hilton Mota e Nereu Bastos, designados pela direção dos “Diários e Rádios Associados”, realizando notável trabalho. A Rádio Borborema foi ouvida em todo o Nordeste, conforme telegramas que nos têm chegado. A descrição do jogo foi feita pelo locutor Jaime Rodrigues, da Ceará Rádio Clube e o comentário pelo jornalista Hélio Pinto, do DIÁRIO DE PERNAMBUCO.¹²⁵

E as movimentações daquele mês de janeiro de 1950 causaram o pontapé inicial das transmissões esportivas/futebolísticas da Rádio Borborema, trazendo, como dito, pouco mais de um mês depois de sua inauguração, a força que a Rádio Borborema necessitava para não mais parar com suas transmissões, somente crescer e aumentar o nível tanto de seu material humano quanto de equipamentos para melhoria das jornadas esportivas. Sobre os primeiros esforços despendidos pela Rádio Borborema, o Jornal Diário de Pernambuco destacou que,

A BORBOREMA ESTARÁ NO AR. Num gigantesco esforço radiofônico, teremos novamente no estádio dos Aflitos, marcando mais um grande triunfo a Rádio

¹²³ Jornal Diário de Pernambuco – domingo, 15 de janeiro de 1950

¹²⁴ Jornal Diário de Pernambuco – domingo, 22 de janeiro de 1950

¹²⁵ Jornal Diário de Pernambuco – domingo, 24 de janeiro de 1950

Borborema, emissora associada de Campina Grande. Com o som da ZYK-3, uma das emissoras de “ondas curtas” da Rádio Jornal do Comércio, a Rádio Borborema enviará uma completa reportagem sobre o jogo de hoje, diretamente para os ouvintes de toda a Paraíba. Ao microfone estará o locutor cearense Jaime Rodrigues e os comentários serão feitos pelo nosso companheiro Hélio Pinto.¹²⁶

Neste dia, deixando os pequenos espaços de divulgação na página do Jornal Diário de Pernambuco, o evento esportivo ganhou destaque maior, sendo colocado na página principal e como notícia relevante para a sociedade, a página destacou que,

“Pernambuco e Paraíba jogarão hoje. Num elegante gesto de amizade aos pernambucanos concordaram os paraibanos em disputar o jogo no Recife. Esta tarde, no estádio dos Aflitos, o sensacional duelo pelo campeonato brasileiro de futebol – Como formarão os dois quadros – Sherlock (Argemiro Felix) será o juiz e foi escolhido pelos visitantes – A Rádio Borborema irradiará com a Z.Y.K.-3. As equipes que disputaram foram; Pernambuco: Manuelzinho – Cido – Palito – Vavá – Dequinho – Alheiros – Elói – Arquimedes – Amorim – Zildo – Guaberinha. Da Paraíba: Jael – Kleber – Urai – João Luiz – Totinha – Zé Pequeno – Marinho – Josias – Araújo – Ruivo – Giovanni.¹²⁷

E o cronista Joselito Lucena, apesar de ainda não fazer parte do quadro de profissionais da Rádio Borborema, não deixou de fazer as suas leituras sobre o ocorrido. Escrevendo uma crônica sobre este dia, que para ele, um garoto de 15 anos e que estava ainda ingressando nos trabalhos radiofônicos, ficou marcado em sua memória. Joselito Lucena disse que,

Como o corpo diretivo associado era quase composto por cearenses, o Diretor Artístico Fernando Silveira, que conhecia bem o material humano do sem-fim cearense, escolheu para a primeira transmissão o locutor Jaime Rodrigues, vinculado ao elenco da CEARÁ RÁDIO CLUBE DE FORTALEZA. A expectativa foi grande. Naquele dia para a realização da PRIMEIRA JORNADA ESPORTIVA, estiveram atentos OSMAN BRAGA, FERNANDO SILVEIRA, Celso Rodrigues (natural de Caruaru), Amaury Capiba e os técnicos Ronaldo Elói e Adatao Lucena (Babá). Claro que outras cobras da época estiveram presentes, ocupando espaços no caminhão que servia de cabine. O pontapé inicial havia sido dado. Depois daquela tarde em que o público presente no Estádio Presidente Vargas não olhava para o jogo, e sim para os que realizavam aquela façanha, outros nomes surgiram no jornalismo esportivo campinense.¹²⁸

Assim como a primeira transmissão foi lembrada por Joselito Lucena na crônica que seguiu, o cronista dedicou algumas linhas para descrever também o “primeiro locutor da terra”, se referindo a Amaury da Mota Barbosa, ou Amaury Capiba, como era conhecido. Joselito Lucena disse ainda na mesma crônica que, “veio a contratação do primeiro locutor da terra, Amaury da Mota Barbosa, ou simplesmente Amaury Capiba, que pertencia ao ‘cast’ associado,

¹²⁶ Jornal Diário de Pernambuco – domingo, 29 de janeiro de 1950.

¹²⁷ Jornal Diário de Pernambuco – domingo, 29 de janeiro de 1950.

¹²⁸ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 30 de novembro de 2000 – página 1.

atuando como radioator e cantor, tendo sido por muito tempo goleiro titular do Treze Futebol Clube”.

Fato interessante é que Joselito Lucena continua lendo os nomes que surgiram nesse início do radiojornalismo esportivo campinense, destacando que, apesar da dureza da profissão, vários nomes surgem naquele contexto e que, na sua ótica, mereceram destaque. Vejamos o decorrer da crônica apresentada pelo jornalista Joselito Lucena,

O interesse pela difícil profissão despertou o interesse de Ramalho Filho, que escrevia comentários de estúdio, Nilo Tavares, cuja inteligência também esteve voltada para o esporte, José Palmeira Guimarães, a voz que empolgava o rádio ouvinte na década de 1950, mas que já tinha em seu calcanhar o jovem ARIOSTO FERREIRA SALES que contaria ao longo dos anos com a parceria de JOSUSMÁ VIANA que era diretor do Diretor Esportivo. Outros nomes estiveram sob o comando da dupla. José Tavares, Benjamim Bley, Luismar Resende, Cirilo Rodrigues, Francisco de Assis (Olé), Antônio Menezes, César Brasil, Geraldo Rodrigues e outros que estiveram envolvidos em transmissões importantíssimas como Treze e Fluminense na década de 50 (1950), no PV (Estádio Presidente Vargas), Santos de São Paulo e Botafogo no Maracanã, excursão a Manaus e outros eventos esportivos.¹²⁹

Sobre sua entrada na Rádio Borborema, no início da década de 1960, Joselito Lucena dedicou também um espaço a narrativa sobre aquele período, quando disse,

Entre 61 (1961) e 62 (1962) a Borborema fez mudanças. No remanejamento Joselito Lucena passava a comandar o Departamento de Esportes sendo o locutor titular do escrete associado, nascendo aí o “slogan: A MAIS FAMOSA”. Então, vieram, ALBERTO DE QUEIROZ, Ary Ribeiro, Edmilson Antônio, Ary Neves, Francisco Moreira, Edson Paulino, Humberto de Campos, dublê de locutor e comentarista, José Araújo, Magdiel Lopes, Arlindo Nóbrega, Paulo Rogério, Severino Quirino, Clélio e Levy Soares, Gilson Souto Maior, a assistência técnica sempre eficiente de Ronaldo Elói, Marcos e Mucio Albuquerque e tantos outros, como Adalberto Alves. Surgiu então, com todo seu vigor e mocidade Edivaldo Gouveia, o plantonista e a narração jovem de Rostand Silva Lucena. A BORBOREMA marcou época, fazendo jus ao slogan de A MAIS FAMOSA, sob o comando de Joselito Lucena.¹³⁰

Nesta crônica apresentada, foi possível encontrar diversos nomes do passado, nomes que fizeram a radiodifusão esportiva campinense com muita dedicação, alguns pouco mencionados ou reconhecidos pelos feitos realizados em nome do entretenimento futebolístico local. Ainda na primeira página, Joselito Lucena justifica o porquê da escrita da crônica por nós apresentada. O cronista disse que,

Atendendo a uma solicitação do ex-companheiro de rádio, integrante de um “cast” fabuloso de artistas na ERA DE OURO DO RÁDIO, Eraldo César, congratulo-me com s Rádio Borborema na passagem de mais um aniversário. O tema, é claro, o futebol, embora tivesse exercido múltiplas atividades na emissora associada. Reconhecendo o valoroso desempenho dos personagens desta história, e, sobretudo a

¹²⁹ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 30 de novembro de 2000 – página 2.

¹³⁰ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 30 de novembro de 2000 – página 2.

contribuição dada ao rádio de nossa terra, a minha homenagem a esses verdadeiros heróis do esporte no rádio.¹³¹

Então, Joselito Lucena dedicou 11 páginas onde falou sobre a Copa América em Salvador, no ano de 1989, sobre a atuação da imprensa nessa Copa América, sobre algumas dificuldades enfrentadas pelos cronistas da época, sobre o Campeonato Brasileiro de Seleções do ano de 1959, sobre “Mestre Nilo, o decano”, onde dedicou algum espaço para falar sobre Nilo Tavares. Sobre sua composição ou parte da composição de seu arquivo pessoal, onde comenta ter encontrado alguns papéis importantes (crônica já apresentada neste capítulo). Sobre a primeira transmissão da Rádio Borborema e o *slogan A Mais Famosa*, surgido na década de 1960, criando no rádio da época a chamada que dizia, “A Super Borborema comanda o Futebol”.

Ainda destacando as dificuldades encontradas, tanto por Joselito Lucena quanto pela maioria dos que militavam no rádio jornalismo da Paraíba nas décadas de 1950, 1960 entrando pela década de 1970, encontramos alguns registros que apontam tais dificuldades, como por exemplo, como Joselito destacou em escritos, não existia conforto para os locutores e a equipe técnica nos dias das jornadas esportivas, “era em pé mesmo, ou sentado na areia”.



Imagem 5 Início da década de 1960, Estádio Olímpico José Américo de Almeida, Boi Só – da esquerda para a direita, Ivo Rodrigues, Edson Paulino e Joselito Lucena.

A fotografia acima, encontrada em seu arquivo, ilustra bem tais afirmações. Na foto podemos identificar ao microfone Joselito Lucena na narração pela Rádio Borborema, ao centro

¹³¹ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 30 de novembro de 2000 – página 2.

o repórter Edson Paulino e à esquerda o técnico Ivo Rodrigues, no Estádio Olímpico José Américo de Almeida na capital João Pessoa, Estádio conhecido como *Boi Só*.¹³² Chico Alemão, companheiro de Joselito Lucena em muitas viagens destaca esses momentos em meio aos torcedores e relata que era comum esse tipo de narração na orla do gramado ou no meio da torcida,

Nós chegamos a transmitir o futebol no meio dos torcedores. Eu lembro que uma vez nós estávamos no estádio lá no Pacaembu, no campo do Palmeiras, e transmitindo Brasil e Uruguai, na época em que Romário não havia sido convocado para a seleção, foi convocado de última hora, e que colocaram a gente no meio dos torcedores, e que quando Zelito começava a narrar os caras paravam e ficavam olhando, olhava para um canto olhava para o outro, e ele com aquela seriedade de sempre. E quando Zelito narrou o gol do Brasil, eu lembro que saiu um cidadão de lá, mas rapaz isso é um nordestino macho, isso é que é um cara para narrar futebol [risos].¹³³

Foram nesses cenários de dificuldades e aprendizados, alegrias e tristezas que a crônica esportiva campinense se desenvolveu. É preciso retornar à crônica que marcou os 50 anos de surgimento da Rádio Borborema, utilizada pouco acima, para destacar que a mesma se encerra como gostaríamos de encerrar também este capítulo, acrescentando que “esta, a nossa modesta homenagem àqueles que enfrentando todos os sacrifícios da época, por falta de meios de comunicação, fizeram a grandeza do rádio esportivo campinense”¹³⁴, nos dizeres do cronista esportivo, Joselito Pereira de Lucena.

¹³² Fotografias encontradas no arquivo pessoal de Joselito Lucena, outras fotos da mesma natureza corroboram para o cruzamento das fontes, encontramos fotografias com Joselito Lucena narrando sentado na orla do gramado, em outra ocasião no meio da torcida na arquibancada.

¹³³ Francisco de Assis Lopes da Costa, entrevista concedida ao autor em 12 de julho de 2018.

¹³⁴ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 30 de novembro de 2000 – página 2.

CAPÍTULO 2 - ENTRE O RÁDIO ESPORTIVO E OS ESPAÇOS CONSTITUÍDOS EM SINTONIA COM O LUGAR: A CIDADE E OS SEUS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES E SOCIALIDADES A PARTIR DO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE

“O que criou a humanidade foi a narração”. PIERRE JANET – *L'évolution de la mémoire et la notion du temps*, 1928, p. 261.¹³⁵

Campina dos meus oito aos XV anos
Campina surgiu aos meus olhos como uma cidade progressista, embora não me passasse pela mente, o que era progresso ou desenvolvimento. Mas, era uma cidade imponente, com o seu comércio de algodão, com suas fábricas de descaroçamento, com uma movimentação ímpar, com seu serviço de alto falantes “A Voz de Campina Grande”, com seus edifícios majestosos como o Esial e Grande Hotel, com suas ruas largas, com sua Feira Central, com seus cartões postais, “Açude Velho” e “Açude Novo”, o velho prédio dos Correios e Telégrafos, o Cine Capitólio...¹³⁶

Joselito Pereira de Lucena, 2010

“Campina para mim você é um jornal de ontem... li... reli... e quero mais.” Joselito Pereira de Lucena¹³⁷

Joselito Pereira de Lucena, 24 de fevereiro de 2010

Joselito Lucena não era campinense de nascimento. Baiano de Jacobina, apesar de até os 8 anos de idade ter vivido no interior baiano, falava de Campina Grande como sendo a sua *Rainha da Borborema*, fato é que Zelito Lucena recebeu diversos convites para deixar a cidade de Campina Grande para viver e trabalhar em outros centros urbanos, tanto cidades do Nordeste quanto de outras regiões do país¹³⁸. O que Campina Grande, cidade que ele orgulhosamente ostentava o título de cidadão campinense recebido na década de 1970¹³⁹, possuía/possui que conquistou não somente o cronista em questão como outros cronistas esportivos e radialistas

¹³⁵ Durante o período entre 1927-1928 Pierre Janet (1859-1947) ministrou uma série de cursos no Collège de France sobre a evolução da memória e a noção de tempo. Para Janet, os comportamentos temporais podem, quanto à sua evolução progressiva, agrupar-se em três níveis principais: o 1º a duração, o 2º a memória elementar, e o 3º a organização do tempo. Segundo ele, o fenômeno primitivo relativo ao tempo é a duração. É em relação a isso que se estabelecerá o primeiro comportamento temporal. A primeira forma de tempo era, portanto, uma vaga noção ou sensação de duração. Depois vieram outros comportamentos que complicaram essa mesma duração; são os comportamentos da expectativa, do ato diferido e da linguagem. É o ato adiado, a condução da história, que gerou a memória elementar. É um comportamento verbal e social que visa superar a ausência. A organização do tempo, a partir da complicação trazida à noção de tempo pela ideia de realidade, levará Janet à ideia de tempo que trabalha e destrói, depois à ideia de tempo conservador como o elaborar o pensamento científico, o pensamento histórico e, finalmente, o espírito de progresso e evolução. O tempo, que antes era destrutivo, depois conservador, agora se torna criativo.

¹³⁶ Trecho de uma crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal – 2010

¹³⁷ Trecho de uma crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal – 24 de fevereiro de 2010

¹³⁸ Segundo o seu filho Rostand Silva Lucena, ele recebeu convite da Rádio Tabajara de João Pessoa, da Rádio Verdes Mares de Fortaleza, Rádio Cabugi de Natal, Rádio Bandeirantes de São Paulo e outras, em um período de tempo muito curto.

¹³⁹ Por proposição do vereador Luiz Marinho, no dia 26 de janeiro de 1977, Joselito recebe - ou é “agraciado”, como mesmo se refere em seus escritos sobre este dia - o título de cidadão campinense.

em geral? A exemplo de Josusmá Viana, Haroldo Lessa, Chico Alemão e outros. Pergunta difícil de ser respondida, mas que tentarei empreender alguns pontos a serem observados.

Que o crescimento geográfico e populacional de Campina Grande se potencializou a partir da década de 1940 isso é fato¹⁴⁰, aqui, digo, neste capítulo, busquei entender a relação de ambos os crescimentos em relação com o surgimento e a força do radiojornalismo esportivo de Campina Grande. Grosso modo, espaços de sociabilidades e socialidade, que aqui devo descrevê-los de forma separada, pois possuem significados distintos, foram criados, ou surgiram a partir das relações sociais que automaticamente passaram a existir por conta dos espaços radiofônicos surgidos no período, bem como os encontros das multidões quando nos dias de jogos nos estádios de futebol da cidade.¹⁴¹

Por espaços de sociabilidade entende-se espaços criados e configurados com a intenção de que haja encontros sociais, ou seja, onde pessoas possam conviver e socializar naquele espaço. É como que um planejamento prévio de onde se quer que as pessoas estejam para festejar, se encontrar, conversar, vivenciar algum tipo de evento ou até encontros corriqueiros, constantes e periódicos. Já a socialidade acontece da “tragédia do presente”, da casualidade. Para Maffesoli (1985) a socialidade foge da formalidade e da institucionalidade que causa a sociabilidade, o sociólogo acredita que é desse “acidente” do acaso, dos encontros sociais que surge a socialidade.

¹⁴⁰ “Campina Grande, como cidade de destaque na região nordeste, possuiu um poder de concentração de pessoas oriundas das cidades pequenas de sua área de influência, que a procuravam em busca do comércio e dos serviços. Verifica-se que desde a década de 1940 a cidade já possuía uma aglomeração considerável de mais de 20.000 habitantes e 8.838 casas na cidade”. A citação apresentada corrobora com a nossa questão. Retirada do livro, *A Invenção de um Lugar: Vivências e Memórias da Favela da Cachoeira*, da doutora Hilmária Xavier Silva, na página 55 existe a referência à SILVA FILHO, Lino Gomes da. *Síntese Histórica de Campina Grande 1670 – 1963*. Obra que também faz menção ao aumento considerável de habitantes e de casas a partir da década de 1940, haja vista as oportunidades oferecidas pelo centro que só crescia, Campina Grande. É perceptível o número de profissionais do rádio que não são naturais de Campina Grande, o próprio Joselito Lucena é exemplo desta afirmativa.

¹⁴¹ Estádio Municipal Plínio Lemos e Estádio Presidente Vargas merecem destaque nessa colocação de espaços tanto de sociabilidades quanto de socialidades, duas crônicas escritas por Joselito Lucena relembram trechos interessantes enfatizando os dois lugares/espaços, vejamos, “O Plínio Lemos faz parte da história esportiva de Campina Grande. Ali foi onde nasceu, cresceu e fez nome em todo o Brasil, o Centro Esportivo Campinense Clube, a Raposa da Serra, O Aristocrático, O Clube da Praça Coronel Antônio Pessoa. Ali foram escritas páginas belíssimas do nosso futebol, com muitos autores e um número incontável de personagens”. A crônica é longa, o espaço que temos se torna curto, mas o trecho inicial já demonstra o quanto foi um lugar importante para a dinâmica social campinense nas décadas de 1950 e 1960. Já o Estádio Presidente Vargas, na ótica do cronista, também serve como local de importante ponto de encontros, vejamos um trecho de uma crônica escrita pelo radialista, “O Campinense havia sido desclassificado. O Treze disputava o terceiro lugar. A torcida do galo foi ao PV [Estádio Presidente Vargas] para incentivar o seu time. Ninguém esperava os raposeiros por lá, mas eles estavam, para infernizar a vida do rival. Como o Municipal [Estádio Municipal Plínio Lemos] foi palco das etapas classificatórias, o PV [Estádio Presidente Vargas] foi reservado para as finais. O desfecho do Torneio do Centenário de Campina Grande, ocorreu, portanto, no Estádio Presidente Vargas, no dia 16 de março de 1964, ante a presença de uma boa plateia”. Entre rivalidade e encontros pessoais, a sociedade campinense experimentava aquele contexto com muita intensidade, visto os relatos que acabamos de perceber em ambas as crônicas.

É observando “a vida como ela é”, que Maffesoli entende que socialidade “é um conjunto de práticas quotidianas que escapam ao controle social rígido, instituído numa perspectiva hedonista, tribal, sem perspectivas futuristas, enraizando-se no presente”. “As relações que compõem a socialidade constituem o verdadeiro substrato de toda a vida em sociedade, não só da sociedade contemporânea, mas de toda vida em sociedade”, ou ainda, “a socialidade é essa multiplicidade de experiências coletivas baseadas não na homogeneização ou na institucionalização e racionalização da vida, mas no ambiente imaginário, passional, erótico e violento do dia a dia, do cotidiano dos “homens sem qualidade”.¹⁴²

É de esse “estar-junto-com” que percebemos tais lugares tanto de sociabilidade, como o estádio de futebol já citado, quanto de socialidade. É dessa força de “aglutinar os indivíduos” em um “fazer-em-comum”, aliado a um “sentir-em-comum” configura, segundo Maffesoli o “societal em ato”. Segundo Gioseffi (1997), “a vontade de tocar o outro, de pertencer aos grupos, às tribos, aponta para uma estilística de existência denominada estética porque se liga pragmaticamente a uma época, ao estilo de um tempo, às diferentes formas do viver social”, como em um estádio de futebol, um torcedor é tomado pela euforia e abraça e comemora um gol com um estranho que nunca havia visto antes, pois essa estética do cotidiano valoriza, segundo a autora, “a maneira de sentir e de experimentar em comum”.¹⁴³ O narrador vai dando sinais desse envolvimento com os sujeitos e os espaços urbanos; ele se insere nele, a sua trajetória se faz na constituição desses lugares.

2.1 Quando as memórias do historiador se confundem com a história que se quer narrar

Ao mergulhar nessa escrita, ter contato com as fontes, com todo o material usado como base para essa pesquisa, inevitavelmente me vieram várias lembranças da infância, momentos que guardo com bastante carinho, pois além de trazerem momentos entre um avô e um neto, no caso eu e o Joselito Lucena, me auxilia também a traçar conexões com o que busco problematizar neste capítulo.

Quando criança, era comum acompanhar o Joselito Lucena ao estádio de futebol, Estádio Presidente Vargas, o poleiro do Galo da Borborema, o Estádio Ernani Sátyro, *O Amigão*, batizado pelo Joselito Lucena como sendo "O Colosso da Borborema", que aliás, sempre que aciono memórias da infância, me lembro de diversos domingos que era levado por

¹⁴² Ver Lemos, A. *Ciber-Socialidade: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Tese de Doutorado, Paris V – Sorbonne, Paris, França, 1995.

¹⁴³ Ver *Michel Maffesoli, estilística... imagens... comunicação e sociedade*.

ele, Joselito Lucena, para *O Amigão*. Muitas vezes ficava na última cabine do estádio, que sempre estava vazia, simulando um narrador, um locutor esportivo. Olhava para a partida e dizia algumas palavras, tentando imitar aquele que, para mim, era apenas o meu avô materno, mas para muitos campinenses se tratava de uma das maiores e mais importantes vozes do radiojornalismo esportivo de Campina Grande.

Digo sempre que quando criança, adolescente, não tinha a dimensão, a proporção de o quanto o Joselito Lucena, ou simplesmente “voinho”, era querido e acima de tudo, respeitado como profissional da área. Ficava ali, naquela cabine e brincava de narrar uma partida de futebol, hoje, como historiador, me sinto novamente um narrador, desta feita, narrando a grandiosidade do radiojornalismo esportivo de Campina Grande e daqueles que o fizeram. Falar sobre o rádio de Campina Grande tem sido prazeroso, nunca foi uma escrita enfadonha, aliás, conto os minutos para poder sentar em frente ao computador e escrever, parece um grande evento, poder parar ao menos uma horinha que seja, para continuar essa gratificante escrita.¹⁴⁴

Dessas memórias, lembro-me também dos pós jogos, quando saímos do estádio e o endereço era algum bar ou restaurante da cidade de Campina Grande, locais onde a crônica esportiva se encontrava para a comemoração do pós jogo, de uma transmissão bem sucedida.¹⁴⁵ Julgo importante, antes de aprofundar tais discussões, apontar algumas inquietações que me surgiram ainda no Curso de Graduação em História, realizado na Universidade Estadual da Paraíba, entre os anos de 2015 e 2019.

Desde o início do curso tinha medo de que essa aproximação familiar pudesse de alguma forma soar como uma apologia, ou até mesmo prejudicar uma pesquisa que queria tanto fazer, pois, apesar de seu nome e seus feitos no radiojornalismo esportivo de Campina Grande serem amplamente encontrados em trabalhos da área da Comunicação Social e Jornalismo, historiograficamente falando, não existia uma pesquisa, de um historiador, que busca com

¹⁴⁴ Como uma espécie de “oligarquia do rádio”, Joselito Lucena tentou me apresentar e até ensinar o métier radiofônico. Seu filho Rostand Lucena, começou cedo a trabalhar com o rádio, acompanhando o pai nas jornadas esportivas. Lembro-me que quando tinha por volta dos 12 anos, Joselito Lucena me chama ao seu escritório na Rádio Caturité e me entrega um jornal, pede para que eu leia um trecho que falava alguma notícia esportiva, se a memória não me engana, era alguma atuação do Vasco da Gama, mas não lembro os detalhes. Pego o jornal e com muita dificuldade leio algum trecho, ao terminar, ele me passa um gravador e uma fita K7, diz que, já em casa, eu comece a ler tudo o que me interessar, desde uma propaganda na TV, um noticiário no jornal, tudo que eu quisesse falar, e gravasse naquela fita. Assim o fiz, mas, a falta de maturidade na época, aliada a fase da adolescência não me permitiu continuar, não retornei à suas investidas de ensinamentos e acabei não seguindo no rádio como ele apontou diversas vezes que gostaria, aliás, ele dizia que queria muito que algum neto ou neta dele seguisse seus passos no rádio, como seu filho seguiu e que essa corrente não acabasse mais, passando de geração para geração.

¹⁴⁵ Lembro-me que era como um fechamento da jornada esportiva, uma comemoração pelo domingo que acabara de ocorrer tudo bem com a transmissão e com o trabalho como um todo. Em escritos e até fotografias, foi possível encontrar relatos sobre tais saídas.

historicidade, narrar uma trajetória de vida, bem como as suas “redes de relações sociais diversificadas”, que se confundem com a própria profissão.

Me políciei como pude, comecei a usar o nome dele ao invés de simplesmente “meu avô”. Chamando-o sempre de "meu objeto de estudo", o que era sempre muito bem visto pelo meu orientador, por outros professores, em eventos onde apresentei artigos com pesquisas iniciais sobre a temática, como pela banca examinadora no dia da defesa. De certo que a nota máxima na monografia, não me deixou perder a vontade de contar um pouco mais dessa relação entre mim e ele, entre o Jilton Joselito de Lucena Ferreira, o neto, e o Joselito Pereira de Lucena, o avô. Esse tópico, me concede a oportunidade de narrar de uma forma muito minha, muito sensível, com memórias e momentos que estão guardados em fotografias que utilizarei, mostrando um pouco do que foi/é ser neto de Joselito Lucena.

Como dizia, lembro-me de muito pequeno, andando com ele nas ruas do centro da cidade de Campina Grande, ele segurava minha mão e a todo instante alguém falava com ele, o parava na rua, coisas como, “Fala, Zelito, como será o jogo de amanhã?”, ou “Grande Zelito Lucena”, e ele com um vozeirão inconfundível, respondia sempre com alegria e trocando algumas palavras, era pouco provável, caminhar com ele na rua e alguém não o cumprimentar ou pelo menos acenar para ele.¹⁴⁶

Eu não entendia, porque meu avô era tão querido e cumprimentado nas ruas da cidade, até que surgiram as idas ao campo de futebol. Lembro-me que aos domingos eu pedia, “voinho, me leva ao campo hoje?”, e ele respondia, “vamos”. Saíamos em um Chevette branco em direção ao Estádio *O Amigão* e era uma felicidade subir aquela centena de degraus da escadaria que dava acesso as cabines de imprensa. Chevette branco que se confunde entre o carro que o levava ao seu local de trabalho, o estádio de futebol e o carro que ele usava também para nos levar para a escola, a foto que segue, ilustra bem um desses momentos, nela, eu e minha irmã, Maria Luane de Lucena Ferreira, o esperando para irmos à escola, esse Chevette era uma alegria.

¹⁴⁶ As conexões que Joselito Lucena construiu com a cidade de Campina Grande são percebidas por mim até hoje. Cada vez que caminho por entre as ruas do centro da cidade, é possível lembrar e acessar memórias de minha infância, adolescência e da fase adulta. Ao se conectar com as ruas de uma cidade, o indivíduo passa a ser a cidade, não somente estar nela ou fazer parte da mesma.



Imagem 6 Foto do arquivo familiar do autor - meados de 1993

Além do Chevette, a fotografia em questão me lembra muitas outras coisas. A varanda da casa dos meus avós, Joselito Pereira de Lucena e Eliete Silva de Lucena, que até hoje permanece idêntica à da foto, com a odiada rampa que minha avó aos 90 anos persiste reclamando no ato da subida e outras coisas que me vem à lembrança. Apesar de ter muito prestígio na sociedade campinense, não só meu avô, mas o homem do rádio não era rico, passava por muitos perrengues e dificuldades financeiras, essa casa, apesar de ser moradia de minha avó até hoje, sempre foi alugada.

O tênis que calço, lembro-me que foi uma doação, e ele veio faltando o solado, meu pai, muito engenhoso, munido de uma faca, fez rastros embaixo dele, para que não deixasse derrapar ao caminhar. Nessa época estudávamos na Escola Municipal Professora Luzia Dantas, que fica até hoje no bairro do Alto Branco. E principalmente a união que sempre tive com minha irmã. Aqui, digo, neste tópico, aproveito-me das contribuições a respeito do uso das fotografias para apontar que as mesmas acionam a memória (memória afetiva dos retratos de família) e as representações sobre o Joselito Lucena e da família em questão que estão sendo apresentadas.

Sem deixar de lado, e reconhecendo a importância da ego-história, busquei falar de minhas memórias em um contexto mais amplo, e apoiado no presente, pois como destaca Rezende (2016, p. 145), “falar de si é um exercício de rememoração crítica a partir do presente” pois os “filtros se colocam ante escolhas já feitas e resultadas”, e esse exercício é por vezes difícil e árduo. Não podendo perder de vista as conexões entre as lembranças do passado e o contexto com a cidade, pois foi nesse universo campinense do ser neto de Joselito Lucena, um

locutor esportivo conhecido da cidade e hoje o historiador pesquisador de sua trajetória, bem como do segmento radiofônico ao qual ele pertencia.

Vamos retornar a tais lembranças e realizar as devidas conexões. Quem não se lembra de quando completou 15 anos? Pois é, as lembranças agora mais frescas, tentam explodir em cima do papel e como destaca Pesavento (2005, p. 133), “recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou”, ou ainda, “o passado encerra uma experiência singular de percepção e representação do mundo, mas os registros que ficaram, e que é preciso saber ler, permitem-nos ir além da lacuna, do vazio, do silêncio”.



Imagem 7 Foto do arquivo familiar do autor – 2001

A fotografia acima foi feita no dia 16 de dezembro de 2001, ano do meu aniversário de 15 anos, não estou olhando pra frente e olho em direção do meu avô pois era uma piada a todo momento, repare que minha vó Justa, que está logo à frente dele também esboça algum sorriso, enquanto que ele segura uma gargalhada mais alta.¹⁴⁷ Com essa fotografia foi possível acessar as lembranças daquele dia, e lembrar que era comum que ele reagisse com tudo ao seu redor com muita graça, vejamos outra fotografia do mesmo dia em que corrobora com essa afirmativa.

¹⁴⁷ Na fotografia da esquerda para a direita, meu avô Joselito Lucena, minha avó paterna, Justa Oliveira, eu e logo em seguida minha avó materna, Eliete Lucena.



Imagem 8 Foto do arquivo familiar do autor – 2001

A risada era certa, na fotografia ele tentando se conter e eu sem conseguir, puxava sua mão para colocá-la entre meu braço afim de fazer a foto, e minha mãe, a fotógrafa da ocasião, também se acabando de sorrir. Joselito Lucena foi extremamente presente em nossas vidas, se não todos os dias, mas quase que todos, nós nos víamos, ou no mínimo uma ligação era feita, e sempre da parte dele, para saber como estávamos, se precisávamos de alguma coisa. Era, e se fazia, muito presente.

Quando completei meus 18 para 19 anos, como todo rapaz nessa idade, fui me alistar nas fileiras do Exército Brasileiro¹⁴⁸, e tanto no dia da minha incorporação, momento em que entramos de fato no quartel do exército após o período de testes e questões burocráticas, quanto três meses depois de todo o treinamento, na entrega da boina, após o campo, que é o treinamento de formação que todo soldado realiza durante esse primeiro período, Joselito Lucena estava presente, e posso acessar tais memórias através das fotografias que seguem,

¹⁴⁸ Servi ao exército no 31° BIMtz, Batalhão Peribebuí, localizado na cidade de Campina Grande – PB.



Imagem 9 Foto do arquivo familiar do autor – 2006

Aqui, isto é, na fotografia acima, no dia da minha incorporação no 31º BIMtz, Batalhão Peribebeuí, que fica na cidade de Campina Grande. Lembro-me bem do ingresso na 2ª Companhia de Fuzileiros, Treme Terra, como é possível visualizar na fotografia, mas lembro-me ainda mais de sempre que procurá-lo em meio a qualquer que fosse o evento de qualquer familiar, o Joselito Lucena sempre estava lá.



Imagem 10 Foto do arquivo familiar do autor – 2006

Com a fotografia acima, lembro-me agora, do dia da entrega da boina, ato que fecha o ciclo de treinamentos do militar e o coloca agora como soldado, e não mais um conscrito. Consigo ainda me lembrar do Hélio, soldado que aparece na fotografia de costas e mais ao fundo o seu pai, com os óculos na cabeça. Mas por quê trazer para este capítulo tais lembranças? Por quê tratar de momentos que podem parecer tão distantes do ato de narrar futebol ou de ser um cronista esportivo da cidade de Campina Grande? Além de trazer um acerto de contas com minhas memórias de infância, adolescência e até da fase adulta, é possível, com este tópico, entendermos que apesar de estarmos usando o arquivo pessoal de um cronista, para analisar o radiojornalismo esportivo de Campina Grande, local de sua atuação profissional, por trás do locutor esportivo Joselito Lucena, existe o pai, o avô, o bisavô, o amigo, o irmão, o patrão e etc.

Se é sobre a construção ou a constituição de um crescimento físico e material da cidade de Campina Grande, aqui conseguimos entender que apesar de um profissional muito dedicado a profissão que exercia, e amava, também temos um ser humano sensível e dedicado à família. Foram com essas fotografias que pude rever como era, e principalmente como o Joselito Lucena fez parte da minha vida, pois como aponta Kossoy (2001, p. 100), “quando o homem vê a si mesmo através dos belos retratos nos álbuns, ele se emociona, pois percebe que o tempo passou e a noção de passado se lhe torna de fato concreta”.

E como pude trazer tantas informações ao longo da escrita desse tópico? Sem dúvidas isso só foi possível com o auxílio das fotografias que usei, pois Kossoy (2001, p. 101) é enfático em afirmar que, “são estes fragmentos interrompidos da vida, que por vezes revemos, uma insuperável, por vezes constrangedora, fonte de recordação e emoção” e são “os documentos fotográficos também um insubstituível meio de informação”. Mauad (1996, p. 15), aponta ainda que a fotografia “incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado a partir do dado de materialidade que persiste na imagem”.

2.2 Alinhando o crescimento da cidade serrana ao surgimento das primeiras movimentações radiofônicas e suas nuances sociopolíticas

Ao buscarmos as conexões entre a socialidade atrelada ao radiojornalismo esportivo de Campina Grande e os espaços de sociabilidade posteriormente construídos, inevitavelmente precisamos retornar ao início e percebermos as nuances por trás do contexto político, econômico e até cultural que vivia a cidade de Campina Grande. Como vimos, as primeiras movimentações no que se refere ao surgimento de ondas sonoras radiadas na cidade de Campina Grande foram no final da década de 1930, mais precisamente em 1937, através do senhor

Jovelino Farias, o Gaúcho. A dinâmica social é alterada, pois como afirmou em entrevista, “a sociedade campinense da época adquiriu o hábito de sair de casa à noite para passeio em frente a emissora”, lá era possível ouvir transmissões de músicas, momentos de arte, instantes literários e até programa com música árabe.¹⁴⁹

Já no início da década de 1940, no ano de 1942, Jovelino Farias, o Gaúcho, instalou uma pequena emissora de Rádio nas imediações do prédio da Recebedoria de Rendas, para atender ao público que participaria de uma feira de amostras, mas logo seria desativada, quando no término da feira. Fato é que, dessas primeiras movimentações sonoras, José Jataí, cearense que em Campina Grande fundaria *A Voz de Campina Grande*, - localizada no Edifício Esial - também seria o responsável pela primeira Rádio da cidade, a Rádio Cariri, fundada em 1949.¹⁵⁰

Lira (1986) destacou que “*A Voz de Campina Grande*” melhor estruturada do que a concorrente, monopolizou o espaço da comunicação e a Praça da Bandeira passou a ser o ponto de encontro das pessoas”, é possível perceber, já nesse período, um interesse pelas movimentações radiofônicas que surgiam de maneira ainda inicial, mas, era a partir daquele espaço que os campinenses “se inteiravam das notícias e novidades musicais transmitidas pelas “cornetas” da “emissora”. A potência da “Voz” também alcançava as Ruas João Pessoa e Maciel Pinheiro e o Mercado Central com instalações de possantes “bocas”.¹⁵¹

É nesse contexto, também vivenciado pelo crescimento econômico, interligado com as facetas propostas pelo capitalismo, que a cidade de Campina Grande, não diferente de tantas outras, tem esse crescimento inicial voltado para o rádio, assim como aponta Sandra Pesavento, quando diz que,

A cidade é, como se sabe, uma realização muito antiga. Da Ur dos ziguraths à Tebas das Sete Portas, da Roma dos Césares à Avignon dos Papas, da marca a sua presença na história, através daqueles elementos que assinalam o advento do que se considera civilização. Mas é sobretudo com o advento do capitalismo que se impõe a "questão urbana", colocando diante do Estado a exigência de um *modus vivendi* normalizador do "viver em cidades". Processos econômicos e sociais muito claros delineiam-se, transformando as condições da existência: concentrações populacionais, migrações rurais superpovoamento e transformação do espaço assinalam o crescimento e configuração das cidades.¹⁵²

Nessa problemática, o próprio Lira (1986) se indagou sobre o poderio do comércio e indústria campinense, quando se perguntou,

Porque razão àquela época - quando a cidade se orgulhava de ser o grande centro arrecadador de impostos do Estado – quando a capital já possuía a Rádio Tabajara que

¹⁴⁹ Ver LIRA, José Araújo. Anos dourados da Rádio Borborema: década de cinquenta – 1986.

¹⁵⁰ Ver LIRA, José Araújo. *Anos dourados da Rádio Borborema: década de cinquenta* – 1986 página 26.

¹⁵¹ *Ibidem* – pág.27

¹⁵² Ver PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano* - 1995 página 281

nascera em 1937, atrelada à candidatura de José Américo a presidência da República, por que motivo Campina Grande utilizava ainda os provincianos métodos de comunicação através de serviços de Alto-falantes? Será que os interesses da “burguesia” campinense estavam demarcados pelo alcance do raio de ação daquelas “cornetas”?¹⁵³

Alguns acontecimentos trazidos por Josué Sylvestre (1982), são interessantes para essa análise, quando diz que,

Fatos administrativos que teriam grande repercussões posteriormente na vida da cidade e em particular na mobilização política da comunidade, tiveram origem no último trimestre de 1946. No dia 23 de outubro era concedida autorização federal através de decreto, para a instalação da Rádio Cariri e em 17 de dezembro, outra ordem federal autorizava a implantação da Rádio Borborema.¹⁵⁴

Com essa citação, podemos perceber que foi somente 3 anos depois, já em 1949, que de fato surgiram as Rádios Cariri e Borborema, e posteriormente, em 1950, a Rádio Caturité. Para Lira (1986), a chegada do último prefeito da série de interventores aos moldes do Estado Novo, o Dr. Sabiniano Maia foi que despertou na política local, as ideias de crescimento ou investimentos na área radiofônica, talvez por verificarem que a ferramenta seria ou poderia ser tornar, forte aliado nas causas políticas locais, afinal, não era novidade alguma que o rádio, veículo de propagação em massa dos mais potentes, já era utilizado em outros centros urbanos como palanque político por vastas lideranças políticas.

Josué Sylvestre trouxe um trecho de uma fala do Dr. Sabiniano Maia, que disse que, “não dispúnhamos de imprensa diária, apenas o semanário: O Rebate, de Luiz Gil e Pedro Aragão. Não conhecíamos estações de Rádio e as imagens da televisão nos eram ilustres desconhecidas. Não funcionava nenhum curso colegial, muito menos escolas superiores, e, sobre Universidade, só em sonhos poderíamos imaginá-la”.¹⁵⁵ Fala feita pelo Dr. Sabiniano Maia em 1947, nos fazendo pensar que 2 anos depois, diante de um clima cultural mais efervescente, em 13 de maio de 1949, iria ao ar a primeira transmissão de uma rádio, a Rádio Cariri, sob o prefixo P.R.F.5, como dito, aos comandos do Sr. José Jataí.

Sobre a primeira Rádio de Campina Grande, existente até os dias de hoje, a Rádio Cariri iniciou suas movimentações radiofônicas ainda muito rudimentar, com problemas financeiros, aja vista que somente algum tempo depois as Rádios da cidade começam a ganhar fora diante do comércio que entende a importância de irradiar suas propagandas a partir do meio de comunicação de massa mais eficaz que já vivos, o rádio, e aí começa uma verdadeira procura nesse sentido, até então, não. A Rádio Cariri, funcionou primeiramente no bairro de Bodocongó,

¹⁵³ Ibidem – pág.27

¹⁵⁴ Ver SYLVESTRE, Josué – Lutas de Vida e de Morte - 1982 pág. 46

¹⁵⁵ Ibidem – páginas 57-58

onde permaneceu por algum tempo, logo em seguida, mudou-se para a Rua João Pessoa, ficando assim instalada no Edifício Pernambuco.¹⁵⁶

Sobre o surgimento da Rádio Borborema e suas primeiras experiências, apontadas de forma ainda inicial no primeiro capítulo, Lira (1986) destacou que,

Por esse tempo os ouvintes de rádio passaram a sintonizar uma emissora em fase de experiência que viria na década de 50 a produzir um rádio, guardadas as proporções, estava à altura do que melhor se produzia no país, excetuando-se o eixo Rio-São Paulo, que por razões óbvias era o centro político, econômico e cultural do Brasil: nascia a Rádio Borborema Z.Y.O.7.¹⁵⁷

Foi dentro de um momento onde “o rádio atingia o clímax como popular instrumento de comunicação” que nasceu, “aos oito de dezembro de 1949, na presença de convidados especiais, às 10 horas da manhã, Assis Chateaubriand inaugurava a Rádio Borborema”.¹⁵⁸ Lira (1986) destaca informações importantes ao nosso traçado cronológico, que foi o de observar que, mesmo de início nas suas primeiras e rudimentares movimentações, as Rádios de Campina Grande, trataram de crescer rapidamente, é possível perceber através das mudanças de bairros e de localidades, tornando seus endereços sempre mais próximos do centro da cidade. Vejamos tais escritos,

A partir daquele instante (da inauguração) a emissora, cujos estúdios funcionavam no Edifício São Luís, na Rua Cardoso Vieira, passava a fazer parte do cotidiano campinense, a influenciar o meio político cultural, a divulgar a imagem de Campina Grande além dos limites territoriais. [...] Para as pessoas que não viveram aquela época e duvidam do poder de envolvimento do rádio, necessário, se faz um estado de abstração e imaginar um espaço de entretenimento e informativo sem a presença do “tubo de imagem” (a televisão). O aparelho receptor – o rádio – ficava na sala em lugar de honra e as pessoas lhe rendiam as homenagens, com os ouvidos atentos a tudo quanto saía da caixa sonora.¹⁵⁹

Aqui, na citação que seguiu, se fazem necessárias algumas intervenções. É preciso entender o contexto, como bem frisou o historiador José Araújo Lira, é preciso alguns instantes de abstração e de imaginação, para entendermos o que se passou no final da década de 1940 e início da década de 1950, com esse surgimento e consolidação das emissoras de rádio que cobriam, com a irradiação sonora, todo o compartimento da Borborema, quiçá, pouco mais de um mês depois, como vimos, todo o Nordeste.

Essas informações que Lira nos trouxe em seu trabalho, foram de enorme importância, pois podemos, com seu relato de pesquisa, perceber tais mudanças experimentadas por Campina

¹⁵⁶ Lira aponta ainda que “por dificuldades financeiras do proprietário, a Rádio cariri foi vendida ao senador Eptácio Pessoa Cavalcante, o Eptacinho.

¹⁵⁷ Ibidem – págs.28-29

¹⁵⁸ Ibidem – pág.30

¹⁵⁹ Ibidem – pág.30

Grande e não somente pela cidade, como um todo, mas uma mudança causada dentro do seio familiar, onde o rádio “ficava na sala em lugar de honra”. Imagina-se que, sem o advento da televisão, que ainda engatinhava no Brasil, mais ainda no interior do país, o rádio foi, sem dúvidas, o elemento de entretenimento e de mudanças significativas na rotina campinense, que merece ser destacado.

A Rádio Borborema pertencia a cadeia dos Diários e Emissoras Associados – jornais, revistas, rádio e televisão, “cujo personagem principal era o jornalista Assis Chateaubriand Bandeira de Melo”. Nascido na cidade de Umbuzeiro, em 1891, Assis Chateaubriand seria então, uma das figuras mais importantes que a imprensa brasileira conheceria no século XX. Em 1924 comprou o *Jornal do Rio de Janeiro*,

Declarou que ali nascia o maior império de comunicação da América Latina. Suas palavras se cumpriram, pois, ao falecer em São Paulo em 1968 seu “império” era composto de 34 jornais, 36 estações de rádio, 18 emissoras de televisão (Rede Tupi), uma editora, uma revista – O Cruzeiro – e ainda interesses em laboratório farmacêuticos (GELOL) e fazendas. No campo político foi senador pelo Maranhão (1955) e nomeado embaixador do Brasil na Inglaterra (1958/1960), no governo Kubitschek. Como homem de letras foi membro da Academia Brasileira de Letras e ligado à criação de museus de artes.¹⁶⁰

Os Diários e Emissoras Associados, fez morada em Campina Grande, em termos de Rádios, foi a força que impulsionou o crescimento da Rádio Borborema, e entendemos que, involuntariamente, das demais Rádios da cidade que funcionavam nesse contexto. Mas, sobre os interesses do grupo citado – Os Diários Associados – Lira (1986) destaca que, “o talento e o mérito daqueles que fizeram a Rádio Borborema, principalmente os artistas, não desaparecem se críticas ou questionamentos são feitos à filosofia do trabalho que orientava o grupo associado”, Lira entende que “essa filosofia de poder, aliás é o apanágio intrínseco de um sistema político econômico com interesses de grupos e não da comunidade”.¹⁶¹

De fato, a força política do grupo em questão é pensada também pela nossa leitura mais atualizada, se o historiador José Lira já enxergava isso em 1986, quando no ato de sua escrita, imagine em 2023, com todo o cenário político que vivemos nos últimos anos? É com lembrar que Assis Chateaubriand, deixava claras as suas alianças políticas em nome de seu crescimento ou de seu grupo, disse que “se eu contasse a vida dos Diários Associados, eu tinha primeiro que mandar satanás baixar à Terra e ver o número de alianças que tinha feito com ele...”.¹⁶²

¹⁶⁰ Ibidem – pág.31

¹⁶¹ Ibidem – pág.32

¹⁶² Ver MESQUITA, Humberto. Tupi: a greve da fome. Ed. Cortez. São Paulo, 1982. Pág. 18/21

Lago (1976) trouxe diversos pontos interessantes sobre a influência exercida por Chateaubriand sobre o presidente Juscelino Kubitschek, tamanha pressão é observada em um trecho onde Assis Chateaubriand diz que, “se Vossa Excelência der o canal de televisão à Nacional, joga toda minha Rede de Rádio, imprensa e televisão contra seu governo”, fato que impedia a Rádio Nacional de explorar a possibilidade de um canal de televisão, justamente para que o “império” por ele citado anteriormente, seguisse no topo.¹⁶³

Todo esse contexto evidentemente que favoreceu a Rádio Borborema, como vimos no primeiro capítulo, o Diário de Pernambuco, antes mesmo do surgimento do Diário da Borborema, noticiava cotidianamente toda as movimentações da cidade de Campina Grande, principalmente as de cunho político e cultural, como foram mostradas as primeiras transmissões futebolísticas, a logística de ajuda entre as Rádios, tanto a de Pernambuco quando a o Ceará, enviando até profissionais para os eventos na cidade, afim de que pudesse se consolidar no cenário paraibano. A Rádio Borborema se destaca naquele contexto pois “nenhum grupo isolado nativo teria condições de “banicar” um empreendimento daquela envergadura, teria que seguir no geral as recomendações emanadas do centro administrativo, corporificadas na pessoa ambiciosa de Assis Chateaubriand”, inclusive, esse “epíteto seria recebido por ele como um elogio e nunca como censura”.¹⁶⁴

Mas não era somente a Rádio Borborema que possuía interesses culturais, mas também políticos, a Rádio Caturité, surge em 1950 instalada pela BAYTON, uma empresa de aparelhos eletrônicos da época. Para o grupo, o interesse de criar essa emissora “foi o de promover a campanha do Ministro Pereira Lira ao senado”, que logo após a campanha, a emissora seria vendida ao deputado Draud Ernâni. Fato é que a Rádio Borborema tratou de ser mais avançada tecnologicamente e profissionalmente falando, e era o “sonho de quem fazia rádio naquela época”, trabalhar na Rádio Borborema, bastou se destacar em outros prefixos que a os Associados tratavam logo de contratar.¹⁶⁵

É interessante pensar que mesmo estando alinhada com interesses políticos vindos do seu principal líder, Assis Chateaubriand e logo abaixo os diretores e responsáveis pela Rádio Borborema em Campina Grande e em 1957 pelo Diário da Borborema, jornal do grupo, que passa a fazer parte do cotidiano campinense no ano citado, é interessante perceber que no caso de Joselito Lucena, tomando como referência o evento de 1 de abril de 1964, o início da ditadura

¹⁶³ Ver LAGO, Mário. Na Rolança do Tempo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976. Pág. 226.

¹⁶⁴ Ibidem – pág.33

¹⁶⁵ Ibidem – pág.34

militar no Brasil, tais personagens não compactuavam, politicamente falando, com as ideias de seus mandantes, vamos entender melhor a questão levantada.

Em 2 de junho de 1964, o Diário da Borborema tratou de noticiar o seguinte,

Coluna Rádio e TV. POVO VIBROU. Promovida pelos Diários e Emissoras Associadas de Campina Grande, foi realizada sábado último, nesta cidade, a “Marcha Família com Deus pela Liberdade”. Partindo das margens do Açude Velho, a grande multidão, numa demonstração de alegria e esperando nos destinos do Brasil, salvo das mãos dos comunistas e aproveitadores, vibrou de emoção, participando de todas as solenidades. Foi uma grande realização, comandada pelos “Associados” locais. DIÁRIO DA BORBOREMA, Campina Grande, 2 de junho de 1964 – 7.

Nesse mesmo ano, Joselito Lucena concorreria e venceria o concurso “Melhores do ano de 1964” pelo próprio grupo dos Diários dos Associados, tendo começado a fazer parte do referido grupo em 1962, como dito ainda no primeiro capítulo. Fato é que Joselito Lucena, enquanto um personagem com as suas convicções e pensamentos particulares, mesmo que estando inserido em um grupo de pessoas, em um ambiente como esse que contextualizamos, discordava desse movimento, pelo menos não se tem registro do Joselito Lucena participando do ato informado na citação acima e, para não ficarmos somente em uma suposição, encontrei em uma entrevista concedida ao Programa *Ponto a Ponto* onde Joselito Lucena disse,

Me lembro de um jogo em que eu vinha de Maceió, um jogo decisivo de uma equipe de Campina, foi justamente no dia 31 para o dia 1º de abril de 1964, quando estourou o Golpe Militar. Amigo, pararam a gente na estrada, era uma velha Kombi da Rádio Borborema, e para passar a gente teve dificuldades [silêncio], foi um momento difícil.¹⁶⁶

Aqui, isto é, na citação que acabamos de ver, fica clara a forma como o cronista se referiu ao período, tanto o chamando de “Golpe Militar”, quanto destacando que havia sido um momento difícil que ele passou em sua trajetória de viagens Brasil à fora, pois essa resposta surgiu quando o apresentador do programa, que na ocasião era o Paulo Roberto, que também foi companheiro de Joselito Lucena na cronista esportiva, por muitos anos, e a pergunta foi, “quais os momentos mais difíceis que você encontrou durante todos esses anos como locutor esportivo?” eis a resposta do Joselito Lucena, que por um instante ficou em silêncio, acredito que absolvendo a lembrança daquele dia.¹⁶⁷

É desse silêncio que o historiador deve se aproveitar, pois ao perceber ainda naquela entrevista encontrada no arquivo pessoal do titular, que havia um silêncio da parte do

¹⁶⁶ Entrevista concedida em 17 de dezembro de 2007, ao Programa Ponto a Ponto da TV Itararé.

¹⁶⁷ Sobre a Ditadura Militar no Brasil, FICO, Carlos em *História do Tempo Presente, Eventos Traumáticos e Documentos Sensíveis: o caso brasileiro*, pondera que esse é um evento marcado ais pela frustração de esperanças do que pelo trauma. Frustração pela Lei da Anistia, pela malograda campana das Diretas Já, enfim, pela democracia suprimida. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 28, n. 47, p.43-59, jan/jun 2012.

entrevistado – o Joselito Lucena – ao relatar sua experiência com o *Golpe Militar* de 1964, experimentado pela equipe esportiva da Rádio Borborema, já entendemos que, “os arquivos são lugares de memória e são a principal ferramenta de trabalho do historiador”, pois segundo Cotela (2002, p. 393-394), “ao adentrar o arquivo deve-se estar atento não apenas ao que se encontra, mas também ao que não se encontra, ao que não está lá. O arquivo, como qualquer outro lugar de memória, é uma construção seletiva dos fatos e acontecimentos a serem lembrados”.¹⁶⁸ De fato em seu arquivo pessoal não encontramos nenhum destaque sobre algum tipo de problema que ele pudesse ter sofrido no período que compreende a Ditadura Militar no Brasil, a não ser, o trecho apresentado mais acima.

Aqui, isto é, diante dessa discussão entre as “vozes” que ditavam os diálogos e matérias a serem publicadas no Jornal Diário da Borborema e o cronista Joselito Lucena, que já em 1964 detinha um certo prestígio nas fileiras dos profissionais que militavam na crônica esportiva local, há uma divergência sentida ao observarmos a notícia sobre as movimentações a favor da instalação de um regime militar e a fala do cronista em uma entrevista, onde é perceptível, dentro de nossas análises, que o mesmo não “vibrou” junto com o povo, como aponta o trecho capturado do Diário da Borborema do referido período.

Para Sandra Pesavento, as leituras da ou sobre a cidade são diferenciadas, e há, entre as diversas camadas populares e ou de “espectadores da urbe”, uma diferença, pois,

No tocante a estes "espectadores da urbe", há que distinguir entre o que se poderia chamar de "cidadão comum" ou "gente sem importância", que constitui a massa da população cidadina, e os que poderiam ser designados como "leitores especiais da cidade", representados pelos fotógrafos, poetas, romancistas, cronistas e pintores da cidade. Naturalmente, há uma variação de sensibilidade e educação do olhar entre os dois tipos de consumidores da urbe. PESAVENTO, 1995, p. 283¹⁶⁹

O cronista encontra aqui o seu lugar de destaque, principalmente pelo olhar sensível para com o tema urbano. É dentro desse contexto que podemos perceber a não concordância entre o corpo de um jornal, com seus interesses e vontades políticas e as pessoas que fazem parte desse jornal. Joselito Lucena assume naquele momento, pelo menos diante da entrevista e em algumas posições políticas que verificamos em alguns documentos presentes em seu arquivo pessoal, que não compactuou, por exemplo, com o período do “golpe militar de 1964” como ele mesmo se referiu, mostrando sua visão de entendimento do que seria um golpe, uma

¹⁶⁸ Ver A narrativa de eventos traumáticos na história do tempo presente: os desafios para o historiador. EJ Perosa Jr. Diálogos, v.22 n.1, (2018), 190 – 204.

¹⁶⁹ Estudos históricos 16, cultura e história urbana - julho - dezembro 1995 ISSN 0103-2168

ditadura, ou simplesmente um regime ou um período de governo militar, como apontam alguns apoiadores.

Fato é que tanto a Rádio Cariri, a pioneira, a Rádio Borborema, que surge em seguida, quanto a caçula, a Rádio Caturité, desenvolvem um trabalho dentro da cidade de Campina Grande ao longo das décadas que seguiram a década de 1950, quando já estão instaladas e funcionando com toda força, que demonstram uma importante ideia de que, apesar das demandas difíceis que compõem a manutenção de uma estação de rádio em uma cidade – e suas adjacências – foi através delas que muitas mudanças sociopolíticas e culturais foram possíveis.

Foi com a Rádio Borborema que Campina Grande experimentou a força dos programas de auditório, “seu palco-auditório foi veículo de arte, onde valores de casa ou de fora até internacionais, contribuíram para a formação cultural de uma geração, cujo veículo disponível e democrático naquele momento, era o rádio”, como destacou Lira (1986), os programas de auditório foi a primeira demonstração de força e consolidação das emissoras de rádio. Outra “prova” desse êxito das emissoras, pelo menos da Rádio Borborema nesse primeiro momento foi a autonomia financeira alcançada pela Rádio, Lira destacou que “com uma receita que lhe dava alívio para auxiliar outros órgãos associados que por ventura fossem deficitários, a Rádio Borborema, como se dizia, era uma emissora “mãe”.¹⁷⁰

Campina Grande foi agraciada com um complexo de emissoras de rádio que fizeram a diferença no crescimento de diversos âmbitos. Dentro do radiojornalismo esportivo, tanto na Rádio Caturité quanto na Rádio Borborema, equipes de alto nível de profissionais militaram, desde a primeira transmissão feita pela Rádio Borborema em janeiro de 1950 com muita destreza, obviamente que enfrentaram críticas e dificuldades diversas, mas fizeram da militância do trabalho quase que voluntário, sua missão.

Os cronistas esportivos iniciaram momentos de reuniões entre os radialistas, criando no final da década de 1950, a *Associação dos Cronistas Desportivos de Campina Grande*, que serviria como ponto de apoio entre os cronistas envolvidos nas movimentações radiofônicas esportivas – futebolísticas – local. Depois surgiria a ACEC, *Associação dos Cronistas Esportivos Campinenses*, da qual Joselito Lucena fez parte e chegou a ser presidente no ano de 1980, na foto a seguir, podemos acompanhar uma de suas reuniões, contando com vários profissionais que compunham a dita associação, vejamos,

¹⁷⁰ Ibidem – pág.35



Imagem 11 Reunião da Associação dos Cronistas Desportivos de Campina Grande (ACDCG) – PB. Foto do arquivo familiar de Leidson Farias

Na fotografia apresentada podemos ver ao centro o então presidente Leidson Farias, sentado, de terno e gravata. Da esquerda para a direita: Amaury Capiba (Rádio Caturité); Joselito Lucena (Rádio Caturité); Nilo Tavares (redator de *O Rebate*, semanário de Luiz Gil); a seguir Genival; Aécio Diniz (Rádio Borborema); “Studebaker” (filho de João Brabo, que acompanhava todo o movimento de rádio e jornal em Campina Grande, sem ter nenhuma função definida); Alberto de Queiroz (Rádio Caturité); Cláudio Camilo (Rádio Cariri); Josusmá Viana (*Diário da Borborema*); Ramalho Filho (*A Evolução*. Está de branco, de pé e olhando para a sua direita); João Antunes (*Correio da Paraíba*); e Evilásio Tenório (*Sucursal da União*).¹⁷¹

Sobre a ACEC, *Associação dos Cronistas Esportivos Campinenses*, vejamos algumas matérias do *Jornal Diário da Borborema* da época,

ACEC definiu data da eleição: será sábado na liga campinense. Sob a presidência do jornalista Gilson Souto Maior esteve reunida na última terça-feira, na sede da Liga Campinense de Futebol, A Associação dos Cronistas Esportivos Campinenses (ACEC) quando na oportunidade, ficou marcado a data da eleição da entidade esportiva [...] na relação consta o número de 39 associados [...] duas chapas foram registradas a “Unidade” e “Abertura”. A primeira ficou assim constituída: presidente Francisco Olé; vice Geovaldo Carvalho; secretário Joacir Oliveira; Tesoureiro Maciel Gonzaga de Luna e relações públicas Germano Ramalho. Conselho fiscal Paulo Roberto, Edmilson Antônio da Silva e Geraldo Batista, ficando como suplentes Massilon Gonzaga, Edvaldo Gouveia e Tobias Dipacci. A chapa Abertura está composta da seguinte maneira, presidente Joselito Pereira de Lucena; vice José Luiz Júnior; secretário Francisco Lopes; tesoureiro Luiz Barbosa de Aguiar e relações públicas Humberto de Campos. Conselho fiscal William Monteiro, Roberto Hugo e

¹⁷¹ Ver TAVARES, Clotilde. *Um Herói do Cotidiano: Vida e advocacia de Leidson Farias*. Ed. Engenho de Arte, Capim Macio, RN, 2010. p. 66-67.

Severino Feliz. Suplentes José Edmilson Barbosa, Armando Lira e Evandro Nogueira. O presidente Gilson Souto Maior a comissão das eleições.¹⁷²

Sobre a cobertura das eleições da ACEC e o resultado do certame o jornal *Diário da Borborema* registrou o seguinte:

Joselito Pereira de Lucena estará concorrendo hoje as eleições da ACEC, bastante conhecido nos meios esportivos da Paraíba e do Nordeste, há muitos anos milita na crônica esportiva da cidade, como narrador esportivo da Rádio Borborema. Zelito Lucena, como é mais conhecido, vai disputar a presidência da Associação dos Cronistas Esportivos Campinenses. Sua chapa a “Abertura”, busca o intercâmbio com outras associações, ACI, ADI, ABRAPE, FPF e associações profissionais e amadoras, alugar uma sala para os associados, convenio com a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Regional do Nordeste, para convênios entre os departamentos de saúde e atendimentos para associados e familiares. Promoções esportivas, atletismo, futebol de salão, ciclismo. Realização do I Encontro de departamentos Esportivos do Norte e Nordeste. Eram as metas de campanha. [...] Joselito Lucena eleito presidente da ACEC. A diferença de votos foi de 2, 18 a 16 com 1 voto nulo. Houve confraternização após de maneira amigável.¹⁷³

Percebemos através dos periódicos, também uma crescente na trajetória do Joselito Lucena, antes de janeiro de 1963 – quando ainda não havia entrado para a chefia da Rádio Borborema – o nome de Joselito Lucena aparece de forma mais tímida, como reserva de Ariosto Sales, já na década de 1980 – e anos seguintes – os jornais já o tratam como “bastante conhecido da crônica esportiva da Paraíba e do Nordeste”, como na citação acima, fato que deve ser mencionado e que caberá problematizações nas páginas que seguem.

2.3 O surgimento dos lugares de sociabilidade a partir do apelo da crônica esportiva local

Diante das discussões anteriores, entendemos que o próprio surgimento dessas primeiras atividades de difusão sonora, com as fundações das emissoras de rádio, são, por si, um surgimento dos lugares, tanto de sociabilidade como de socialidade. Nas Rádios da cidade, a exemplo da Rádio Borborema, que figurou por décadas como a maior potência no que se refere a transmissões de partidas de futebol, a saber, durante as décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, já que na década de 1990 é possível perceber uma mudança nas dinâmicas das emissoras e aí a Rádio Caturité, com a chegada da equipe completa que atuava na Rádio Borborema, sendo mudada para a Rádio Caturité, a audiência acaba indo junto com a equipe, fato é que a Rádio Caturité assume essa liderança e após 1988/1989, é onde se concentra a audiência das transmissões dos jogos de futebol da cidade de Campina Grande.¹⁷⁴

¹⁷² Jornal Diário da Borborema, 04 de dezembro de 1980

¹⁷³ Jornal Diário da Borborema, 06 e 07 de dezembro de 1980.

¹⁷⁴ Neste depoimento, embora tenha sido utilizado para contextualizar outra questão, nos auxilia também a compreender outro ponto levantado. Com esse trecho do cronista esportivo Adalberto Alves Brasileiro, atuante

O que busco apontar aqui é que, mesmo esses lugares que aparentemente seriam somente voltados para a prática do trabalho, da labuta diária, se tornavam, no contexto dinâmico dos encontros dos profissionais que atuavam no radiojornalismo esportivo local, um lugar de socialidade, haja vista que não foi criado com um fim de sociabilidade, como discutimos anteriormente, mas se torna de socialidade por haver, ali, festejos, encontros comemorativos diversos, onde muitas vezes a equipe toda que saía do trabalho, ocupava algum bar ou restaurante próximo e ia socializar com os colegas de profissão, colegas que, diante dos fatos encontrados e das sensibilidades vistas por esse pesquisador, em muitos casos se tornaram família.¹⁷⁵

Para além dos lugares onde as Rádios da cidade tiveram guarida, acredito que no que se refere a um marco entre o surgimento de um lugar de sociabilidade e o envolvimento com a crônica esportiva, a feitura e inauguração do Estádio Governador Ernani Sátyro, *O Amigão*, é, no meu entender onde a crônica esportiva conseguiu ir mais longe nesse sentido. O surgimento do dito estádio, deu a Campina Grande os ares de uma cidade que comportava, a partir daquele momento, um estádio de futebol, o que inevitavelmente alterou de vez a dinâmica social da

como repórter de pista com mais de 40 anos de experiência e que vivenciou o período discutido, é possível perceber a questão por nós levantada, vejamos, “Nós tínhamos a melhor equipe, uma das melhores do Nordeste, Joselito Lucena, Humberto de Campos, Edvaldo Gouveia, Rostand já estava com a gente, fazia o *Minuto esportivo*, Chico Alemão. [...] Logo cedo da manhã, Edvaldo Gouveia foi o primeiro a chegar, para apresentar *Tiro de canto*, e quando ele chegou lá em cima, disseram “tu vai pra onde?”, ele disse, vou apresentar *Tiro de canto*, não, apresente mais não que você está fora, Edvaldo Gouveia ficou surpreso, aí ele fica na entrada da Rádio, lá embaixo, que era no Rique Palace Hotel, ficou ali encostado num carro. Depois de Edvaldo Gouveia chegou eu, Edvaldo me pergunta, “tu vai cobrir o Campinense hoje, pra Borborema”? Aí eu disse, vou, mas ainda está cedo, aí ele disse, “vai mais não que tais fora da Rádio também” aí eu disse, só nós dois? Ele disse, “não, todos”. Quando eu olho lá vem Rostand, que andava bem ligeirinho, aí fui eu quem disse pra Rostand, Rostand, tu vai gravar o *Minuto esportivo*? Ele disse, “agora mesmo”, eu disse, vai mais não, tais fora também, fique aqui com a gente, aí contei a ele. Aí depois vinha Zelito, Zelito parou na banca de revistas, me lembro como hoje, ainda existe essa banca de revistas lá. Aí ele disse, “bora, bora, todo mundo subir, se movimentar”, venha cá, Zelito, fique aqui com a gente, tiraram você, tiraram todo mundo. E assim foi tomando conhecimento um por um da covardia da atitude tomada. E achavam eles que a saída dessa equipe de ouro, da Rádio Borborema, uma equipe de ouro, porque o cara que tem Zelito, citou Joselito Lucena já é uma equipe de ouro. Aí ficamos sem Rádio. Na mesma hora já começamos a nos movimentar quanto a Rádio Caturité [...]. Fomos pra Caturité, Zelito comprou o departamento, chamou a equipe todinha nós fomos para lá, desse dia para cá, tornou-se a ex Borborema, e ex departamento esportivo da Borborema. Tentaram de todo jeito, levaram um banho grande de audiência, e aí, eu não digo que foi por causa do departamento esportivo, hoje nós temos saudade da Rádio Borborema que não existe mais, por tantas e tantas mexidas, em tirar craques da informação, bons locutores, não só na área do esporte, e a Borborema terminou fechando as portas, e a Caturité suportou e está aí até hoje, e a Borborema que era o maior nome do futebol do Nordeste, hoje tem as portas fechadas”. Adalberto Alves Brasileiro, entrevista concedida ao autor em 18 de abril de 2019.

¹⁷⁵ Aqui é possível perceber que o fator sanguíneo não era levado em consideração, segundo o próprio Adalberto Alves Brasileiro, o tratamento entre o filho e os que eram apenas companheiros de trabalho não se fazia distinção, vejamos, “nós temos o Rostand Silva Lucena, que é filho de Joselito Lucena, meu grande amigo, e é tanto que ele botou o filho dele para trabalhar, ainda um garotinho, mas o mesmo cobertor que ele deu para Rostand, ele sempre deu para a gente, ele não fez diferença, esse aqui é meu filho vai ser o melhor, não, mesmo oferecimento a Rostand ele ofereceu a mim, ofereceu a Chico Alemão, ofereceu a todos que estavam dentro da equipe esportiva da Rádio em que ele militou”. Adalberto Alves Brasileiro, entrevista concedida ao autor em 18 de abril de 2019.

cidade, pois o lugar que ali surgia, seria capaz, pouco tempo depois, de comportar mais de 40 mil pessoas em um único espaço para acompanhar uma partida de futebol.¹⁷⁶

O governador da época, Ernani Ayres Sátyro e Sousa, que foi prefeito de João Pessoa e governador do Estado da Paraíba entre 1971 e 1975, prometeu a sociedade pessoense a construção de uma praça de esportes, a saber, um estádio de futebol ainda no início de seu mandato como governador, o que gerou na sociedade campinense certo desconforto, haja vista que, naquele contexto, Campina Grande expressava maior força em se tratando de times de futebol, repercussão com esses times a nível nacional e maiores movimentações futebolísticas que a capital.

A crônica esportiva local, tratou de lançar uma campanha através do rádio – estendendo-se pelo jornal – afim de sensibilizar o então governador para que olhasse para o futebol local e também trouxesse para Campina Grande uma praça de esportes que comportassem as decisões e competições principalmente interestaduais e nacionais, já que, cabia ao Estádio Presidente Vargas, dar conta de tais eventos, sendo impedido, por vezes, de receber disputas desse nível por não atender, fisicamente, as exigências que os espaços dos estádios precisavam dispor.¹⁷⁷

Sobre as primeiras movimentações a respeito do surgimento do Estádio Governador Ernani Sátyro, *O Amigão*, uma crônica interessante, escrita pelo cronista Joselito Lucena foi encontrada, analisemos,

Por que?

¹⁷⁶ O Estádio Ernani Sátyro, *O Amigão*, recebeu pelo menos 2 públicos que ultrapassaram a casa dos 40 mil torcedores naquele espaço. Em 7 de fevereiro de 1982, o estádio recebeu 42.149 torcedores para assistir a peleja entre o Treze Futebol Clube, da cidade de Campina Grande e o Flamengo do Rio de Janeiro. Já em 15 de novembro de 1998, o estádio recebeu, com a campanha intitulada de *Vale Legal* (na compra de determinadas mercadorias os torcedores trocavam notas fiscais em ingressos para acompanhar os jogos tanto no Estádio *O Amigão* quanto no Estádio O Almeidão), a marca de 44.268 torcedores, a peleja da vez foi entre o Campinense Clube e o Botafogo da Paraíba. A grande questão que deve ser apontada é a de que, em se tratando de público pagante, a disputa entre Treze e Flamengo foi a maior, já o jogo entre Campinense e Botafogo-PB foi, nessa questão apresentada sobre o *Vale Legal*, algo extraoficial. Temos então, oficialmente o maior público pagante, no Estado da Paraíba, o número de 42.149 torcedores, como apontado no livro do professor Mário Carneiro, *Treze Futebol Clube: 80 anos de história* – pág. 263.

¹⁷⁷ Francisco Assis do Nascimento, o Olé, em depoimento disse que, “quando da construção do estádio *O Amigão*, não só da construção, mas antecipadamente Joselito clamava através do rádio que Campina Grande precisa de um estádio, quem ouvia rádio naquela época vai se lembrar dessa expressão, ele dizia “Campina Grande precisa de um estádio”, e quando o Governador Ernani Sátyro, foi convocado numa reunião com João Havelange, que era presidente da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) para sacudir o futebol da Paraíba, disse, “o senhor precisa construir um estádio em Campina Grande porque os clubes de Campina Grande são campeões quase todos os anos”. Aí Ernani Sátyro deu uma jogada de Salomão, “salomânica”, disse; “eu não vou construir um só não, vou construir dois, um em João Pessoa outro em Campina Grande, porque o pleito anterior de João Pessoa era que um estádio naquela dimensão fosse construído em João Pessoa, mas quando João Havelange deu este toque para ele, que Campina Grande precisava de um estádio também, ele disse, “vou construir os dois”, e Joselito Lucena cognominou também o estádio de Campina Grande de, *O Colosso da Borborema*, isso ele dizia em toda narração desde a inauguração do estádio até a sua última transmissão em Campina Grande, ele dizia o Estádio Amigão é o *Colosso da Borborema*”. Francisco Assis do Nascimento, Olé, entrevista concedida ao autor em 16 de julho de 2018.

Nada tenho contra João Pessoa, mas pergunto, por que?

João Pessoa gloriosa - de nome glorioso - que possui a mais bonita praia do mundo, um povo espetacular, ficou silenciosa; Por que?

Respondo-lhe: porque sabe que, em termos de estádio, Campina Grande está a merecer em primeiro lugar este benefício.

João Pessoa tem a praia - dádiva de Deus; os benefícios de todos os Governos - dádivas do Homem; e Campina Grande, no atual momento, só pretende uma coisa, a fim de se complementar em sua estrutura: - um estádio.

Por que e como negar tão pouco a quem tanto tem oferecido?

É certo que João Pessoa é sede da Federação, mas isto é apenas uma nomenclatura jurídica, pois, como frisou Ari Rodrigues, em maioria, os filiados dessa Federação estão no interior, subindo e descendo, todos os dias, a Serra da Borborema.

E as maiores rendas também. E os campeonatos? Quase todos em Campina Grande. De 1960 para cá somente três pernoitaram em João Pessoa.

Que você, meu caro amigo Assis Camelo, defenda a prioridade de um estádio para João Pessoa - como Deputado - explica-se. Que você - como Dirigente de um órgão Esportivo - conhecendo as condições reais do Estado, o faça em detrimento de Campina Grande, incompreende-se. Que você assumia essa atitude depois do que antes afirmou, disse, justificou e prometeu é incoerência.

Assim agindo você, meu caro Assis Camelo, negou toda a inocência, a bendita inocência, a santa inocência do menino do campo da ladeira, menino de alma pura, sentimento claro, coração aberto, fala honesta, menino que você matou no Deputado, que tinha a obrigação moral de viver o menino, única forma de simbolizar o povo.

Você, Assis Camelo, assim agindo, deixou de ser você. Você é um assassino. Você matou o menino do campo da ladeira. Mas como toda atitude é passível de reexame, eu lhe faço um apelo: ressuscite - ressuscite em você o menino do campo da ladeira - pois, assim fazendo você eternizará a vida do Deputado, e, mais que isso, continuará a vida do Homem! 17.10.1973¹⁷⁸

A crônica acima, com muita riqueza para a problemática que abordamos nesse momento do tópico, é fundamental para entendermos o contexto da dita campanha que a crônica esportiva, na pessoa do cronista Joselito Lucena, realizou, culminando também na feitura do estádio na cidade de Campina Grande. Na crônica, o jornalista se valeu do apelo para sensibilizar, através do deputado Assis Camelo - que chegou a ser presidente do Botafogo da Paraíba - o governador do Estado. Na fala do Joselito Lucena, ele trata de afirmar que “Nada tenho contra João Pessoa, mas pergunto, por que?”, justamente para questionar, o porquê de mesmo Campina Grande sendo uma verdadeira potência futebolística do período, não mereceria, naquela situação, um estádio de futebol.

Assis Camelo era presidente do Conselho Regional de Desportos (CRD), e assim como Joselito Lucena, cronistas como Francisco Assis do Nascimento, o Olé, tratou de criticar a postura do então presidente do CRD, vejamos outra importante fala a respeito das movimentações antes da confirmação de que seria construído em Campina Grande um estádio de futebol,

O meu homônimo, ilustre deputado Assis Camêlo (eu só não tenho o Camêlo), concedeu entrevista ao jornal "O Norte" da capital do Estado, sobre a construção do Estádio para a nossa Paraíba. Não sei se o homem falou mais como político ou como presidente do Conselho Regional de Desportos (CDN), órgão de proa nos desportos

¹⁷⁸ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal.

paraibanos. De uma coisa eu fiquei ciente: Ele puxou a "brasa pra sardinha" Peremptoriamente, disse que o Estádio deve ser em João Pessoa. Foi imperativo! Taxativo.

Que que é isso, deputado? Por que só pode ser lá e não cá?

O senhor mesmo com muita propriedade na Televisão Borborema, respondendo a interrogações de repórteres da terrinha (se referindo a Campina Grande) afirmou o contrário. Porque então, agora, esse paradoxo? Está lembrado daquela visita numa mesa redonda, da qual também tomou parte o sr Rubem Moreira, presidente da Federação Pernambucana de Futebol?

Pense um pouquinho, e sinta que suas declarações diante das câmeras, foram completamente diversas das de agora. O senhor, inclusive, afirmou que se constituiria "num soldado raso" na campanha pró-estádio de Campina Grande, iria batalhar na Assembleia Legislativa, iria fazer apelo ao excelentíssimo governador Ernani Sátyro, assumindo dali por diante, um compromisso com os campinenses. Disse até, do seu ex-treino sentido telúrico, pois o senhor havia nascido em Lagoa de Roça e, bem vizinha de Campina. Está lembrado, deputado?

Como presidente do Conselho Regional de Desportos, o sr deve em primeiro lugar, saber das viabilidades do maior levantamento do esporte-rei, se em João Pessoa ou Campina Grande. Deve também, procurar se inteirar (e já está inteirado), que a hegemonia do futebol tabajarmo está mesmo em Campina Grande, desde a implantação do futebol profissional, com o Campinense e Treze ganhando a maioria dos títulos. O sr sabe ainda, que as maiores arrecadações em jogos estaduais nos quatro últimos anos, são auferidas pelo futebol serrano, e o afluxo de público desportista daqui é bem mais considerável que o de João Pessoa.

Geograficamente, sr deputado, Campina Grande oferece melhores condições, envolvendo nada menos que cinquenta e quatro municípios ao seu redor, e todos eles carreando recursos para cá. E essa "estória" de renda per-capita da capital ser maior do que a de Campina Grande, também não cola, não pesa na balança. Verifique também os dados da arrecadação na Recebedoria de Rendas local, e já neste ano de 1973 a cidadezinha do interior foi superior a capital.

Aliás, se o ilustre deputado, teve oportunidade de ler ontem, o seguro comentário do advogado Antônio Lucena, na primeira página do Diário da Borborema, encontrou já, uma refutação lógica clarividente, patente e insofismável, contra a entrevista concedida ao "O Norte". Foi uma verdadeira réplica dada pelo bom advogado campinense, como que adivinhando, ou sendo iluminado pelos "Deuses", que sairia ontem declarações do presidente do CRD. Deputado, sinceramente, o sr não atingiu o alvo. Talvez sem querer, tenha menosprezado muitos dos seus eleitores na "terrinha". O governador e deputados de Mato Grosso, quando lutaram pelo soerguimento do futebol do centro do País, colocando-o no Campeonato Nacional, construindo uma praça de esportes, tiveram a preocupação de colher subsídios necessários e consistentes. Não levaram o "Estadium" para a capital, simplesmente em razão de Cuiabá ser a sede do Estado, ser a capital. O Comercial, é time de interior e figura no certame brasileiro, jogando também no interior, pois lá as condições econômicas são muito acima da capital. É o mesmo caso da Paraíba.

Pense outra vez. Raciocine, como deputado e como presidente do Conselho Regional de Desportos. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 17 de outubro de 1973)

Na página esportiva do Diário da Borborema, Francisco Assis do Nascimento, o Olé, tratou também de expressar a sua preocupação para com a execução da construção de um estádio de futebol na Paraíba, usou comparações e defendeu que, naquele momento, Campina Grande era força maior que a capital, e que, por isso, mereceria um estádio mais do que João Pessoa. Outro nome importante nessa discussão foi o de Ary Ribeiro, que escreveu também para o Diário da Borborema e não economizou nas críticas ao então deputado e presidente do Conselho Regional de Desportos vejamos,

A batalha por um estádio vai entrar em sua fase decisiva. Agora, com a entrevista do Presidente do Conselho Regional de Desportos, deputado Assis Camelo, os ânimos se acirraram e a pergunta paira no ar: João Pessoa ou Campina Grande? Onde será construído o estádio?

O deputado Assis Camelo, na sua condição de representante do povo paraibano, embora falando como presidente do órgão que, regionalmente, dirige o desporto tabajara tomou partido e, o que é pior, o partido errado, ao argumentar no programa "Terceiro tempo" favoravelmente a João Pessoa. E quais são esses argumentos? - A decisão (que duvidamos seja verdadeira) do Conselho Nacional damos de Desportos de contribuir com 50 por cento para a construção do Estádio, desde que seja feito em João Pessoa; - João Pessoa é, ainda, como diz o deputado Camelo, o cérebro das decisões esportivas - pelos órgãos que lá estão localizados. Mas, pueril é esse argumento, desde que o grande número de filiados encontra-se, exatamente no interior do Estado: Campina, Patos, Guarabira, etc. Vem depois a afirmação de que a população de João Pessoa (a grande João Pessoa) é bem maior que a de Campina Grande. Está na cara que Camelo desconhece a influência de Campina Grande e sua estratégica posição como centro de um compartimento girando, em seu redor mais de vinte grandes municípios, sem falar na atração que representamos para sertões e cariris. Se quiser ir para e soma, vamos lá. Aduza a população que aqui vive, povo de mais de vinte municípios, contingente humano que, semanalmente nos visita, a negócios ou prazer. Desfeito mais esse argumento, vamos as seguinte: a renda per capita. Que dados ou estudos pesquisou o deputado (que teve alguns votos aqui) para declarar maior a renda pessoal do pessoense?

E vai por ai, o deputado que integrou a comissão que estudou a viabilidade da construção do estádio paraibano. E vai dizer ao Governador que a praça de esportes deve ser mesmo em João Pessoa. Diz agora, mas, quando aqui esteve, em companhia de Rubem Moreira, na TV Borborema (que poderá televisar os jogos do nacional) declarou que o estádio deveria ser construído aqui. E alinhou uma série de argumentos que agora, levemente desfaz.

Campina foi deixada de fora pelos assessores do Governador, na comissão para o estádio. Porque? será que o ilustre "campinense honorário" também está do lado de lá? Será que o governador, por ter concluído a adutora e assinado o contrato para a Central de Abastecimento, já se sente com o direito de dar as costas a Campina Grande? A renda que produzimos para os cofres do Estado, muito maior que a de João Pessoa, não conta mais?

Que seja composta uma comissão DE VERDADE, para estudar tim-tim por tim-tim o caso do estádio. Mas que tenha gente de Campina no meio. Uma comissão, como aquela, onde quem manda é Assis Camelo, fervoroso torcedor do Botafogo, um secretário de Patos, e outros que nem conhecem Campina, não vale. Nós não aceitamos suas decisões e lutaremos junto ao Governador AMIGO DE CAMPINA, como diz o secretário Lourenço, não com radicalismo, mas, PELA VERDADE DOS NÚMEROS. Renda, público, decisão de luta, clubes posição geográfica e muita coisa mais que deverá pesar na decisão de uma comissão imparcial.

Por outro lado, a cidade inteira conclama, agora, todas as suas forças vivas, atuantes a começar pelo prefeito Evaldo Cruz, para que se integrem na lula, em defesa dos direitos de Campina Grande.

Que a politicagem não prejudique um povo inteiro. Que a cata aos votos não influencie decisões de interesse coletivo. Que o estádio seja construído onde sirva melhor aos paraibanos de um modo geral.

Finalmente, que não sirva de trampolim político para ninguém. (ARY RODRIGUES)
DIÁRIO DA BORBOREMA, 17/10/1973

Ary Rodrigues, que como vimos, também encarou de frente as discussões e o desenrolar de como se daria o surgimento de uma praça de esportes na Paraíba, trazendo sempre comprovações de que em Campina Grande o empreendimento se tornaria mais justo, dadas as próprias circunstâncias do poderio futebolístico da Rainha da Borborema, aproveitou-se das páginas comuns do jornal, não sendo reduzida a discussão somente à página destinada ao

caderno de esportes. Ary Rodrigues endossou a fala do Joselito Lucena feita através do rádio, com a crônica escrita mais acima, e que, por força do silêncio do pálido papel não poderemos ouvir a força daquela voz com todo o sentimento que, de certo, carregou ao se pronunciar através do microfone, mas que desencadeou, assim como veremos, uma verdadeira força tarefa em nome de um “estádio pra Campina”.¹⁷⁹

Ganhando a primeira página do Jornal Diário da Borborema, talvez tenha sido a mais alta crítica ao então Presidente do Conselho Regional de Desportos o deputado estadual Assis Camelo. Partiu do advogado Antônio Lucena e, como dito, foi destaque na capa do Jornal Diário da Borborema, vejamos,

Em artigo anterior, onde falei sobre a participação da Paraíba no Campeonato Nacional, fiz ver a urgente necessidade da construção ou ampliação de um dos estádios existentes, a fim de assegurar a presença paraibana no grande certame de futebol.

Não me venham os de João Pessoa com a corriqueira e insistente saída, com a acusação fora de moda de que nós de Campina Grande somos bairristas quando pretendemos ser os maiores, isto é, os melhores em matéria do consagrado esporte, o maior arrematador de multidões em todo o mundo.

Creio ser desnecessária qualquer demonstração estatística, seja de renda, de número de grandes clubes, seja de campeonatos estaduais conquistados, bastando para este último item o hexa campeonato paraibano conseguido por uma das equipes campinenses, os campeonatos de 1971, 1972 e o deste ano ora em disputa por duas agremiações daqui.

Em termos comparativos a nossa cidade deixa longe a capital, que nunca foi boa de bola nem de dinheiro e nem desfruta de situação geográfica capaz de arrebatar multidões do Estado para prestigiar partidas do Nacional.

Levando-se em conta a influência compartimental de Campina Grande, polo geográfico do Estado que envolve cerca de cinquenta e quatro municípios em uma população global de quase um milhão de habitantes, qualquer outro raciocínio em contrário seria anti-lógico por ser o problema também eminentemente financeiro.

Não se pode negar as excelências de João Pessoa, sobretudo porque é a Capital da Paraíba, posição conquistada por razões de ordem históricas, é verdade, mas insuficientes para esse tipo de investimento por lhe faltarem as condições básicas e essenciais para tanto.

O turismo claudicante ensejado pelo Hotel Tambaú poderá ser em futuro próximo uma significativa fonte de renda, mas ainda não é. E em nome desse microscópio turismo não se pode, em sã consciência deslocar uma zona de influências que não pode ser transplantada por inegável ausência de meios ideais.

A estória que somente em capitais pode ser promovido o encontro de equipes do Campeonato Nacional não conta mais, haja vista as disputas no Estado de Mato Grosso, todas realizadas na cidade de Campo Grande e não em Cuiabá que é a Capital. É preciso que os méritos sejam reconhecidos através da observação de condições reais e não deferidos pela existência de simples condição eletiva. Qualquer cidade pode ser elevada ao "status" de Capital por um ato jurídico, como Brasília o foi; difícil mesmo é atingir metas de progresso e alto nível de desenvolvimento cultural, evolução

¹⁷⁹ É possível ter acesso uma matéria veiculada no Jornal Diário da Borborema, na página 5, destinada exclusivamente ao esporte, onde o redator foi o então Chefe do Departamento de Esportes, o cronista Joselito Lucena. A matéria data de 16 de outubro de 1973 e diz, “o profissionalismo serrano está realmente em evolução, e daí então a necessidade de construção de Estádio Municipal para Campina Grande, dotado de todos os requisitos, passa a ser questão de ordem imperativa. O prefeito Evaldo Cruz, deverá tomar uma iniciativa, e junto a outros setores administrativos do País, procurar solucionar tal problema, tornando realidade, um sonho que vem sendo de há muito acalentado pela torcida”.

industrial e destaque comercial com o esforço permanente motivado pela vontade de crescer.

Duvido muito que o valoroso campinense, a quem está afeta a decisão, deixe se enlevar por cantigas e se convencer por estiradas verbais sem conteúdo. Duvido, repito, e duvido muito.

Digo isso porque conheço a objetividade de seu espírito e o justo sentido das suas decisões, nunca tomou o bonde errado. (ANTÔNIO LUCENA) DIÁRIO DA BORBOREMA 16/10/1973

Assim como Antônio Lucena fez na página de destaque, fugindo do espaço destinado somente para as questões esportivas, outros espaços do jornal noticiou a questão decisiva a respeito do que estamos discutindo, a feitura do estádio de futebol em Campina Grande, a matéria intitulada de “Deputado esquece promessa feita aos campinenses”, dizia,

O deputado estadual Assis Camelo, que inclusive é o presidente do Conselho Regional de Desportos, na Paraíba, concedeu entrevista em João Pessoa, ontem publicada pelo jornal O NORTE, afirmando que "o Estádio que o Governador Ernani Sátyro quer construir deve ser na Capital". Entre outros argumentos em defesa de sua afirmativa diz aquele deputado que "realmente, agora, Campina Grande vem liderando nas arrecadações, mas devido exclusivamente ao afastamento do Botafogo das lides oficiais da Federação". A crônica esportiva local surpreendeu-se com tais declarações de Assis Camelo em João Pessoa e passou a lembrar que há bem pouco tempo em Campina Grande o mesmo deputado, numa mesa redonda com a imprensa, que contou com a presença do desportista Rubem Moreira, presidente da Federação Pernambucana de Futebol, afirmou frente às câmeras da TV Borborema que "seria um soldado raso na campanha pró-estádio de Campina Grande e que iria batalhar na Assembleia Legislativa, fazendo um apelo nesse sentido ao Governador Ernani Sátyro". DIÁRIO DA BORBOREMA, 17/10/1973

Fato é que a problemática envolvendo os estádios de futebol na Paraíba era enorme, na cidade de Patos e Guarabira, os estádios José Cavalcante e Silvio Porto, respectivamente, enfrentavam problemas estruturais, informados pelo seu correspondente dizia que,

ESTÁDIO DE PATOS NÃO SERVE PARA GRANDES JOGOS

Patos (Do Correspondente) A praça de esportes de nossa cidade, não se encontra mesmo à altura dos grandes espetáculos, e a Comissão de Vistoria que aqui esteve semana passada, até que teve razão em alguns pontos observados. O alambrado do estádio municipal José Cavalcanti, em dois pontos (um dos quais atrás da meta), está realmente danificado, e por isso a segurança ao jogador, esta não é tão necessária como em outros centros futebolísticos, ou mesmo em iguais condições aos estádios Presidente Vargas, Municipal Plínio Lemos e Leonardo Vinagre da Silveira.

Entretanto, desde o início do presente campeonato, a Federação Paraibana de Futebol deu como apta para realização de cotejos oficiais a nossa praça de esportes, e muitos aqui, veem agora, a interdição desejada pelos homens da entidade como uma flagrante incongruência ou desrespeito, àquilo que foi aprovado anteriormente.

RECONHECEM

Dirigentes de Esporte e Nacional, como também o sr. Argemiro presidente da Liga Patoense de Futebol, reconhecem tais defeitos no Estádio José Cavalcanti, mas acrescentam que em Guarabira, no Estádio Silvio Porto, ocorre o mesmo problema, sem que ninguém até o presente momento tenha tomado as providências cabíveis para a solução do impasse.

Ontem, a administração do Estádio José Cavalcanti, prometia recuperar o alambrado, como ainda efetuar reparo no travessão que fica do lado norte do campo, e assim, no jogo de domingo vindouro, as garantias para público e atletas seriam satisfatórias.

A BATALHA CONTINUA

Até ontem, continua a batalha judicial, na sede da Federação Paraibana de Futebol, com os advogados do Nacional Atlético Clube, querendo mostrar aos dirigentes da Entidade, a boa qualidade do Estádio para realização do segundo cotejo pela série melhor de quatro pontos, reunindo as equipes do Treze Futebol Clube de Campina Grande e Nacional, de nossa cidade. DIÁRIO DA BORBOREMA, 04/10/1973

E os apelos da crônica esportiva surtiram seus efeitos. Em uma campanha que buscou envolver – principalmente através do rádio – os torcedores, amantes e admiradores do futebol, a cidade de Campina Grande, conseguiu trazer para o seio de suas pretensões de crescimento também no esporte, e conseqüentemente em outras áreas afins, o tão pedido estádio de futebol. Fato é que não se conformando com apenas um estádio para a Paraíba, e lutando como pudemos ver nas linhas que seguiram, Campina Grande conseguiu o feito de ter, em uma única força de construção, a feitura de não apenas um, mas dois estádios de futebol para o Estado da Paraíba, forçando assim, o então governador Ernani Sátiro a construir um estádio em João Pessoa e outro em Campina Grande, agradando então, gregos e troianos.

É desse sentimento identitário urbano que Sandra Pesavento (1995) destaca que “em suma, a construção de uma identidade estabelece uma comunidade de sentido, dotada de uma forma coesiva e transfiguradora do real”. Foram nesses discursos veiculados tanto através do rádio quanto nos jornais da época que as identidades futebolísticas e radiofônicas, por assim dizer, se formaram e se fortaleceram, pois essas construções imaginárias são formadas e “em outras palavras, a identidade é uma construção imaginária que se apoia sobre os dados concretos do real e os reinterpreta por imagens e discursos onde se realiza uma atribuição de sentido”.¹⁸⁰

2.4 E a crônica campinense venceu mais uma partida: trilou o apito para o início da construção do Estádio “O Amigão”, *O Colosso Da Borborema*

Em uma campanha iniciada com a finalidade de chamar a atenção das autoridades políticas do Estado, para o futebol de Campina Grande, a crônica esportiva marcou um bonito gol, conseguindo vencer então, a dificuldade que vivia por não possuir uma praça de esportes adequada para competições de nível nacional. Como destacou Francisco Assis do Nascimento, o Olé, que fora do cronista Joselito Lucena, o impulso inicial para tal campanha que tomaria proporções maiores, ali, na solidão do estúdio, mas sendo ouvido por milhares de espectadores, munido com um microfone e principalmente com a vontade de ver Campina Grande avançando cada vez mais no que se referia ao futebol, foi que pudemos ter a confirmação da construção do estádio.

¹⁸⁰ Anos 90, Porto Alegre, n.4 dezembro 1995

Passadas as questões de ordem política, podemos acompanhar agora, a confirmação de que o Estádio O Amigão, seria construído, vejamos dois importantes comentários veiculados através do Jornal Diário da Borborema. O primeiro foi feito pelo cronista Francisco Assis do Nascimento, o Olé, que usou o espaço chamado de *Toque de bola* para dizer que,

O advogado José Tavares, categorizado funcionário estadual, é um dos amigos que se preocupam diariamente em dar uma olhadela no Toque de Bola. Lê, observa e apresenta sugestões. Ontem, ele não me fazia qualquer sugestão, mas uma interpelação. - Chico de Assis, como é, parou a campanha do Estádio?

Muita gente tem feito a mesma pergunta não só ao colunista, mas aos demais amigos que escrevem e falam sobre o esporte-rei aqui na terrinha.

Parou não, Tavares!... Ocorre apenas que, não será somente a imprensa a roldana mestra para concretização do sonho dos desportistas campinenses. A luta deve ser de todos; deve ser em conjunto; reunindo governador, prefeito, vereadores, cronistas e o próprio povo. É um trabalho de enorme amplitude, e eu até já escrevi aqui em outra oportunidade, ser um trabalho de tremenda importância comunitária. A imprensa se movimenta; faz aquela sacudidela entre autoridades e torcedores, todavia, não irá construir a obra máxima dos desportos paraibanos.

As providencias estão sendo adotadas por outros setores. Ontem houve reunião na Prefeitura Municipal, comparecendo o superintendente da SUDEPAR¹⁸¹. Engenheiro Carlos Pereira, presidentes de Campinense e Treze Futebol Clube, Maurício Almeida e José Figueiredo, cronistas esportivos, num dialogo bastante proveitoso com o sr. Evaldo Cruz. É sinal de que todos estão trabalhando e empenhados para construção do Estádio que até nome já tem "O Amigão"

A Câmara de Vereadores, por unanimidade, aprovou em reunião, a propositura do Colosso serrano ser assim denominado tendo em vista o apoio apresentado da parte do Governador Ernani Sátyro, já tido como um amigo de Campina Grande. A coisa, está, portanto, indo pra frente e com o entusiasmo caracterizado pelo espírito de campinismo existente em todos nós. Os primeiros passos são dados com total otimismo, abrindo perspectivas as mais viáveis. Se os governantes iniciarem trabalho, botarem as máquinas em funcionamento, nenhum campinense que gosta do engrandecimento da terra irá recuar. DIÁRIO DA BORBOREMA, 10/11/1973

Era o início da confirmação de que, de fato, O Amigão seria construído. É também, a primeira vez que o nome que seria dado ao Estádio é dito e os motivos para a escolha do nome também. Dias depois, outro comentário, agora do colunista Caio Márcio, comentário esse que

¹⁸¹ A SUDEPAR foi a Superintendência dos Estádios da Paraíba, responsável pela organização no que se referia a construção dos estádios no Estado. No Jornal Diário da Borborema encontramos uma matéria falando um pouco sobre a superintendência e o contexto da construção dos estádios. "No momento em que o Governo do Estado entrega ao público da Paraíba duas modernas praças de esporte, é importante destacar o papel a ser desempenhado pelos estádios na promoção e desenvolvimento do desporto, como fator de integração do homem. O esforço técnico e financeiro, desenvolvido pelo Governo do Estado, há de ser reconhecido por todos os paraibanos, sobretudo por aqueles que se constroem em ver a nossa Paraíba ausente das grandes competições desportivas por falta de acomodações condignas. Nestas datas históricas para o desporto da Paraíba, a Superintendência dos Estádios da Paraíba (SUDEPAR), a quem coube executar os trabalhos de construção dos estádios, por justiça. homenageia a todos quantos direta ou indiretamente, colaboraram para a consecução do grande objetivo e, especificamente ao Governo Ernani Sátyro pela iniciativa e pela cobertura permanentemente emprestada ao desenvolvimento das obras: ao Secretário Milton Vieira pela sua dedicação constante e empenho nunca descurado, jamais permitindo que o cronograma das obras sofresse solução de continuidade, à falta de verbas e finalmente aos operários, os verdadeiros artifices, de cujas mãos saíram os colossos. Nós, diretores os funcionários da SUDEPAR fomos tão somente os executores do serviço, cabendo-nos a honra de participar de caravana, de partilhar das mesmas alegrias. E em nome da alegria que é de todos os paraibanos, entregamos os estádios ao seu verdadeiro dono, o povo". DIÁRIO DA BORBOREMA, 08/03/1975.

não foi colocado na página destinada as movimentações a respeito de esportes, Caio Márcio usa o espaço para falar sobre “a força de Campina”, vejamos,

Quando ela se obstina por uma coisa não há força humana que a detenha. Tem sido assim em todos os movimentos reivindicatórios que tem empreendido ao longo de sua história. Ultimamente, voltou-se para a reivindicação de um estádio de futebol e está conseguindo vencer galhardamente a batalha. A princípio houve quem duvidasse da vitória do pleito. Não se queria acreditar que o Governador Ernani Sátiro deixasse de atender aos apelos da capital, para satisfazer as ambições de Campina Grande. Já tínhamos recebido muitos benefícios do seu governo e não devíamos estar a importuná-lo com novas exigências. Mas Campina Grande é uma cidade teimosa, renitente e que não se entrega com facilidade nem mesmo diante dos maiores obstáculos.

Queríamos o estádio e por ele haveríamos de lutar com todas as nossas energias. A batalha deflagrada pela imprensa através da crônica esportiva ganhou ressonância em todas as camadas da sociedade. O prefeito Evaldo Cruz deu o passo inicial para a construção da obra, desapropriando o terreno para sua execução. Aí então foi que os ânimos recrudesceram e o Governador fazendo uso de uma decisão salomônica resolveu o impasse autorizando a construção de um estádio em Campina e outro na Capital.

Estava resolvida a questão. Ninguém teria mais razões para reclamar contra propósitos unilaterais que dividiam os meios esportivos do Estado. A fatia do bolo seria repartida com as duas cidades.

E as providências já começam a ser tomadas para construção das obras. Prefeito Evaldo Cruz já recebeu, inclusive, o projeto para construção do nosso Estádio. O Governador assinou a lei que cria a SUDEPAR.

Tudo está marchando a contento das aspirações dos desportistas de Campina Grande e de João Pessoa. Em 1974 a Paraíba já poderá participar do campeonato nacional de futebol. Muito embora as duas praças de esportes não estejam ainda concluídas, mas, mesmo assim, já não ficaremos em posição incômoda frente a outros Estados do Nordeste.

Foi a força de Campina que impulsionou todo esse movimento dando uma dimensão nova à campanha pela integração do nosso Estado no campeonato nacional. O governo já declarou que precisa da colaboração da comunidade para poder construir os dois estádios. Não temos dúvidas de que esta não faltará, no caso particular de Campina Grande. A crônica esportiva da cidade, mobilizada como se encontra na luta pela construção da nossa praça de esportes, haverá de sensibilizar o povo para o problema, conseguindo que este participe da campanha dando a sua parcela de colaboração para a edificação do colosso do Ligeiro.

Uma cidade com as potencialidades e a energia de Campina Grande não tem medo de fazer nenhuma reivindicação aos governos que a dirigem, porque na unidade de pensamento do seu povo e na coragem de realizar dos seus administradores, reside a força maior da sua liderança.

Amanhã quando os estádios estiverem construídos e os grandes times nacionais estiverem visitando a Paraíba para disputar com os nossos, haveremos de dizer que tudo isso acontece porque Campina liderou essa campanha. DIÁRIO DA BORBOREMA, 27/11/1973.

Esse comentário é importante, pois nos mostra a força da crônica esportiva, de sua campanha e de que “a batalha deflagrada pela imprensa através da crônica esportiva ganhou ressonância em todas as camadas da sociedade”, sendo o rádio seu principal veículo de comunicação e de amplitude da informação. Gerou na cidade de Campina Grande a vontade que precisava para que as movimentações políticas em questão atendessem aos anseios da “terrinha”.

As notícias sobre o início das obras do Estádio *O Amigão* foram amplamente divulgadas no Jornal Diário da Borborema, obviamente que no rádio também foi pauta a movimentação de tamanha construção. A SEEBLA (SERVIÇOS DE ENGENHARIA EMÍLIO de BAUMGART LTDA) foi a escolhida para a execução da obra, vejamos agora uma notícia do Jornal Diário da Borborema onde a SEEBLA é apresentada,

Tendo sido vencedora da concorrência promovida pela SUDEPAR para a elaboração dos projetos dos Estádios de João Pessoa e Campina Grande, a SEEBLA SERVIÇOS DE ENGENHARIA EMÍLIO de BAUMGART LTDA., na oportunidade festiva da inauguração da primeira etapa dos Estádios, cumprimenta S. Exa. O Senhor Governador Ernani Sátyro, aos Engenheiros Carlos Pereira, Diretor Superintendente da SUDEPAR, Correia Lima e Hércules Pimentel, Diretores Executivos, diretamente responsáveis pela execução das obras. Com estes projetos a empresa completa quatorze projetos de estádios e conjuntos esportivos, nos quais participou total ou parcialmente. As características dos estádios construídos permitem à empresa afirmar serem dos mais funcionais do Brasil, onde tudo foi previsto para propiciar ao público frequentador e os participantes dos espetáculos esportivos todo o conforto e segurança possíveis. Com estas duas obras a SEEBLA completa cerca de 2.500 projetos executados e ou em execução, alimentando-se, além dos projetos de implantação de conjuntos esportivos, a petroquímica e fábricas de cimento, setores em que a empresa possui o maior acervo em experiência técnica. DIÁRIO DA BORBOREMA, MARÇO DE 1974.¹⁸²

Algumas datas importantes sobre a construção do Estádio *O Amigão* foram;

1972 NOVEMBRO - Em plena campanha eleitoral, na Rua Felipe Camarão, Bairro de São José, o candidato a vereador José Luiz Júnior consegue do candidato a prefeito Evaldo Cruz o Compromisso de batalhar pelo Estádio de Campina Grande.

1973 FEVEREIRO, Dia 13 - O Prefeito Evaldo Cruz, através da Portaria n° 259/73, institui um Grupo de Trabalho composto dos desportistas Maurício Almeida, José Cavalcanti Figueiredo e Fernando Maia Lorenzo, para estudar a viabilidade de construção do novo Estádio Municipal de Campina Grande.

OUTUBRO, Dia 22 - O Prefeito Evaldo Cruz, pelo Decreto n° 67/73, desapropria, no Bairro do Tambor, uma área de vinte e cinco hectares, para construção do Estádio Municipal.

Nessa mesma data, oficia ao Governador Ernani Sátyro, comunicando sua decisão e pedindo seu apoio ao esforço da comunidade campinense. O conhecido comentarista esportivo Ruy Porto saúda, em sua sequência esportiva da época, pela Rede Nacional de Notícias, a iniciativa do dirigente campinense.

Dia 23 - O Governador Ernani Sátyro, antes mesmo que se instalasse a Comissão por ele criada para examinar o problema, anuncia sua histórica e corajosa decisão de construir dois estádios, um na capital, outro em Campina Grande.

¹⁸² É possível encontrar na mesma página do Jornal Diário da Borborema, uma apresentação da SEEBLA, “Nas Regiões Norte e Nordeste do País, especialmente nos Estados do Piauí, Maranhão, Amazonas e Alagoas, são inúmeras as obras que a SEEBLA está projetando. Entre elas, destacam-se: o Terminal Açucareiro de Maceió, o Estádio "Albertão" em Teresina, e as pontes rodo-ferroviárias para a Estrada de Ferro Carajás-Itaqui, cujo contrato foi recentemente assinado com a Cia. Vale do Rio Engenheiro Doce. A empresa foi fundada em 1926 pelo Emílio Baumgart, cujos projetos estruturais contribuíram decisivamente para a posição de vanguarda alcançada pelo Brasil na década de 1930-1940. Dois de seus projetos, na época, tiveram significação mundial: o do Edifício "A Noite" na Praça Mauá no Rio de Janeiro, que com seus 24 andares se tornou, naquele tempo, o mais alto do mundo em estrutura de concreto armado, e o da ponte sobre o Rio do Peixe, hoje denominada Emílio Baumgart, cuja concepção arrojada, com seus 68 metros de vão livre, foi executada pelo processo de balanços progressivos, sem auxílio de andaimes ou escoramentos, técnica inédita na engenharia do concreto armado”. DIÁRIO DA BORBOREMA, MARÇO DE 1974.

Dia 25 - No Rio, o Prefeito Evaldo Cruz mantém contatos com o Brigadeiro Jeronimo Bastos. Presidente do Conselho Nacional de Desportos, por solicitação do Governador Ernani Sátiro.

Dia 28 - Os desportistas campinenses recebem, entusiasticamente, o Governador Ernani Sátiro no Aeroporto "João Suassuna", manifestando-lhe sua alegria e gratidão.

Dia 30 - O Governador Ernani Sátiro assina, no Palácio da Redenção, a Mensagem e Projeto de Lei criando a SUDEPAR - Superintendência dos Estádios da Paraíba. Presentes ao ato os Prefeitos de João Pessoa e Campina Grande, professores Dorgival Terceiro Neto e Evaldo Cruz.

NOVEMBRO, Dia 10 - Superintendente da SUDEPAR, engenheiro Carlos Pereira, visita o Prefeito Evaldo Cruz e a área por ele desapropriada para a construção do novo Estádio. Na mesma data, o Chefe do Executivo campinense telegrafa ao Governador Ernani Sátiro comunicando a aprovação, pela Câmara de Vereadores, da Lei que dá a nova praça de esportes o nome de Sua Excelência.

1974 MARÇO, Dia 15 - São iniciados os serviços de terraplanagem da área desapropriada pela Prefeitura Municipal destinada à localização do novo Estádio.

MAIO, Dia 20 - No Palácio da Redenção, o Governador Ernani Sátiro assina, com os diretores das Empresas CONE e PECAL, o contrato de construção das obras do Estádio " O Amigão", as quais entram, de imediato e de forma efetiva, na execução do importante empreendimento.

1975 MARÇO, Dia 8 - O Governador Ernani Sátiro entrega, sob júbilo popular, o "Amigão" aos desportistas paraibanos. Está concretizada a grande aspiração dos campinenses. DIÁRIO DA BORBOREMA, CADERNO ESPECIAL, 08/03/1975.¹⁸³

É preciso um acerto de contas com as discussões sobre a arquitetura ou o estilo arquitetônico utilizado na construção do Estádio Ernani Sátiro, *O Amigão*, a saber, arquitetura brutalista ou brutalismo. Embora nos seja uma discussão nova, e que para mim ainda requereria bastante domínio de leitura no campo, é preciso destacar as pesquisas feitas pela professora Alcilia Afonso, que se dedica ao resgate de informações importantes tanto para a Arquitetura local quanto para a História, criando assim uma parceria fecunda entre as duas áreas do conhecimento. Deixo aqui uma dica de leitura sobre o estilo arquitetônico utilizado no Estádio O Amigão, bem como sobre as movimentações que envolveram tanto o estilo quanto o surgimento dessas construções na década de 1970 pelo Brasil.¹⁸⁴ É preciso ilustrar ainda, através de um mosaico reunindo 6 fotografias do Estádio *O Amigão*, em dia de *Clássico dos Maiorais*, com imagens capturadas de dentro do Estádio, antes de iniciar e enquanto ocorria a partida, vejamos¹⁸⁵,

¹⁸³ Buscamos preservar a escrita tal qual foi feita na época.

¹⁸⁴ Ver, AFONSO, Alcilia. *Arquitetura e estrutura: a obra de Raul Cirne em Estádios de futebol do Piauí e Paraíba nos anos 70*.

¹⁸⁵ Tentei capturar imagens do Estádio *O Amigão* com vista de cima, para conhecermos um pouco das dimensões e dos arredores do estádio em questão, infelizmente, por se tratar de um estádio muito próximo do aeroporto da cidade, o que torna uma área de voo muito acentuada, não obtive a autorização necessária para tal.

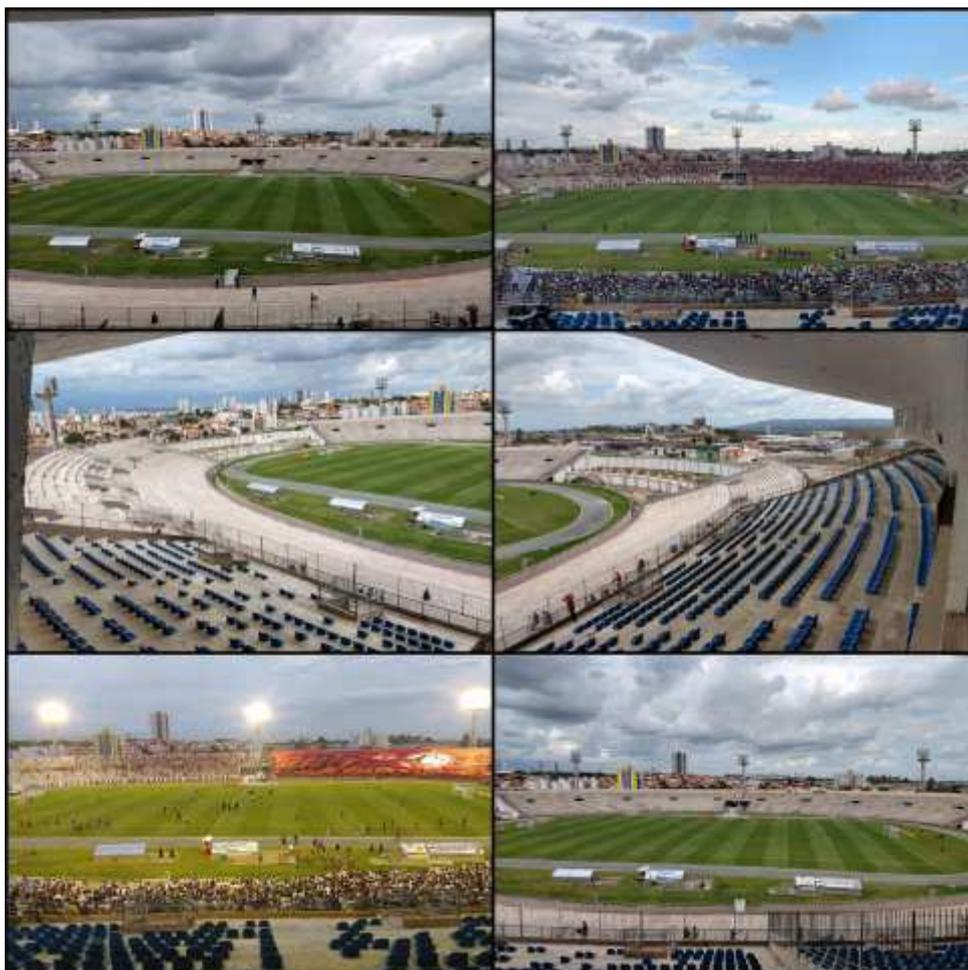


Imagem 12 Estádio Governador Ernani Sátyro, O Amigão – fotografias feitas pelo autor em 10 de fevereiro de 2019.

Mas quais os times de futebol fariam a gloriosa disputa de inauguração no novo estádio? Essa problemática nos é interessante para pensarmos o porquê de ter sido o Botafogo do Rio de Janeiro e não o Treze de Campina Grande o desafiante do Campinense Clube, a inaugurar a nova praça de esportes junto com o Campinense, time também de Campina Grande. Pauta também nos programas de rádio e no Jornal Diário da Borborema, foi página de destaque tamanha discussão, vejamos,

Embora soberbamente noticiado e, há muito tempo, a torcida quer sempre saber o porquê da escolha do Campinense Clube como participante do jogo inaugural no Estádio Governador Ernani Sátyro (O Amigão). A explicação é até muito simples: A SUDEPAR não se descuidou em momento algum no sentido de atender aos anseios da grande torcida, mas dentre as muitas opções colocadas, inclusive a de formar um selecionado com atletas dos maiorais da serra (Treze e Campinense) nada pôde ser aproveitado, ora pela rivalidade existente entre os litigantes, fora e dentro das quatro linhas. A idéia lançada pela imprensa esportiva local era no tocante a realização do clássico CAMPINENSE X TREZE, todavia, o Governador Ernani Sátyro reunindo representantes dos dois quadros disse da impossibilidade do evento, levando em conta um contrato já assumido antecipadamente com o Botafogo Carioca. O encontro dos dirigentes das agremiações em Palácio, no último mês de fevereiro foi a definição de tudo.

O Campinense Clube com o pomposo título de Tetra Campeão Paraibano de Futebol, detentor de último título Estadual e por conseguinte, digno representante da Paraíba,

do próximo Brasileirão, terminou desta forma sendo a opção mais lógica para enfrentar o clube guanabarrino. A torcida rubro-negra se rejubila então, pois o aristocrático é mesmo a EVIDÊNCIA DA FESTA, mas unindo todas as cores, isto é, atuando em nome do próprio futebol tabajarino no compromisso de hoje... DIÁRIO DA BORBOREMA, CADERNO ESPECIAL 4, 08/03/1975.

Com as explicações realizadas e divulgadas tanto através do rádio quanto do periódico que estamos usando, o Campinense Clube também usou o espaço do Jornal Diário da Borborema para se pronunciar, vejamos,

HOJE O ÚLTIMO PASSO PARA ENTRARMOS NA HISTÓRIA

Para nós, nossa torcida, e desportista de toda a Paraíba, hoje entramos definitivamente na história do Futebol Brasileiro.

Enfim, uma alegria delirante para Campina Grande. Um momento que em toda sua história, ficará gravado, como algo de imortal, retratando a presença desse povo. Numa obra em que outras épocas foi seu maior sonho, porém, hoje, é realidade.

Por mais "louros" que prestemos ao principal veículo dessa realização, GOVERNADOR ERNANI SÁTYRO, são demasiadamente poucos, diante de uma obra que será toda a história campinense, dentro das "grandes realizações".

Pena, que o tempo seja algo tão insensível. Sempre nos arrebatando os nossos principais valores, nossas principais recordações. Mas, aqui deixamos registrado todo o nosso sentimento. Prova uma retribuição amorosa, a quem tanto pensou em Campina Grande.

O tempo passará, mas essa obra que hoje inauguras, mostrará a vossa coragem de realização. Não tão somente da vossa coragem, como vosso sentimento humano e progressista.

TORCIDA E DIRETORIA. DIÁRIO DA BORBOREMA, 08/03/1975.¹⁸⁶

A torcida e a diretoria do Campinense fez questão de enfatizar que o ato era, em si, um marco para o futebol brasileiro, paraibano, e campinense, pois o contexto de construção de dois estádios de futebol em um Estado era, até então, inédito, fruto, temos que retornar e falar disso, da mobilização de todas as camadas sociais da cidade, usando, principalmente o rádio como veículo de junção entre torcedores, moradores, comerciantes, ambulantes, trabalhadores em geral, linhas de transportes coletivos e etc., pois, daquele momento em diante, a dinâmica da cidade seria alterada. Aquele lugar de sociabilidade inaugurava em Campina Grande, um marco nas relações sociais, tanto físicas quanto emocionais, sensíveis e do campo do trabalho.¹⁸⁷

2.5 Bem antes do Estádio Ernani Sátiro, *O Amigão*: Campina Grande nos tempos do Largo da Flórida e de outras socialidades

¹⁸⁶ Jornal Diário da Borborema – 08/03/1975.

¹⁸⁷ Foi criada ainda a Taça Ernani Sátiro, premiação que deveria ser entregue ao vencedor da partida. Acompanhem uma matéria do Diário da Borborema sobre a taça em questão. “Taça Ernani Sátiro será entregue ao vencedor do jogo. Ao vencedor do cotejo Campinense Clube x Botafogo carioca, será conferida uma rica taça denominada Governador Ernani Sátiro, como lembrança especial do jogo inaugural no Estádio "O Amigão" e também homenagem ao homem que abraça a responsabilidade de fazer o inusitado no futebol brasileiro: edificar duas praças de esportes no mesmo Estado, trazendo assim perspectivas alviçareiras no que tange a participação dos nossos clubes no intercâmbio futebolístico com outros centros do país”. DIÁRIO DA BORBOREMA, CADERNO ESPECIAL 11, 08/03/1975.

O Estádio Ernani Sátiro, *O Amigão*, foi um marco na dinâmica de sociabilidade futebolística na cidade de Campina Grande, mas é preciso destacar o seu entorno, as suas adjacências, os lugares de socialidade antes dos lugares de sociabilidade. Por muito tempo o lugar de encontro da cidade de Campina Grande, não somente da população, mas com certeza foi espaço de uso dos torcedores e torcedoras de Treze e Campinense, não foi o estádio de futebol, haja vista que só é construído tal praça de esportes em 1975, e antes disso não se encontravam para ouvir, acompanhar e até festejar as pelepas dos times da cidade? Obviamente que sim, pois como destacou o pesquisador e torcedor do Treze, professor Mário Carneiro,

Campina Grande toda vida gostou de futebol, desde quando foi implantada aqui em 1914. O pessoal sempre gostou do futebol e por que gostou de futebol? Aí é aquela história, você vai encontrar sempre dois clubes, vamos dizer assim, medindo forças, desde muito tempo. [...] Campina Grande sempre gostou do futebol, o rádio ele vai na verdade simplesmente, eu diria que incentivar essa rivalidade, vamos dizer assim. E mais outra coisa, o futebol aqui em Campina Grande serviu exatamente de divulgação para lojas, empresas e comerciais, preciso lembrar que naquele período de 1949, quando surge a Rádio Borborema, mas por exemplo, de 50 em diante, você vai encontrar o comércio de Campina Grande sendo um comércio pujante, ali a jornada esportiva, toda aquela divulgação esportiva que existia, era algo, vamos assim dizer, que incentivava o comércio, quem é que não queria ter a sua loja divulgada para milhares de pessoas que estavam escutando naquele momento? Às vezes eu encontro, por exemplo, no meio da transmissão, o camarada, loja tal, empresa tal, eu fico pensando não em interrupção do jogo, mas eu fico pensando exatamente quantos milhares de ouvintes estão naquele momento escutando aquela propaganda, então o rádio na verdade, eu não diria que ele só vai provocar, na verdade é o seguinte, Campina sempre gostou de futebol, e resultado, o rádio procurou, vamos dizer assim, uma semente que caiu num campo fértil, entenda o que eu estou querendo dizer, o pessoal já gostava, aí apareceu um veículo capaz de transmitir aquele momento então ganhou forças.¹⁸⁸

Dessa fusão entre o rádio esportivo campinense e o futebol local, surgiu uma das maiores paixões do Estado, me refiro ao clássico Treze e Campinense, denominado e conhecido por muitos torcedores como o *Clássico dos Maiorais*. E dessa rivalidade, que alguns pensam ter sido sempre forte¹⁸⁹, surgiram também os locais onde os populares, torcedores e torcedoras se encontravam para as movimentações referentes ao meio futebolístico. O Largo da Flórida,

¹⁸⁸ Entrevista concedida em 10 de março de 2022 – Mário Vinicius Carneiro Medeiros

¹⁸⁹ É preciso destacar que existia uma rivalidade sadia, não havia, em grande medida, as confusões até sangrentas que vemos na atualidade. O torcedor ia ao campo, como vários fazem questão de ressaltar, para torcer, não com a intenção de criar confusão e até mortes, como vemos. Retomaremos essa discussão, mas esse trecho do depoimento do professor Mário Carneiro revela o ambiente encontrado nos estádios de futebol da época. “Olha, eu vou te falar uma coisa, o futebol em Campina Grande na minha adolescência era bastante tranquilo, quando nós falamos bastante tranquilo, você entenda uma coisa, as torcidas entravam pelo mesmo portão, tanto no Presidente Vargas [Estádio de futebol da cidade] como também lá no Amigão [Estádio de futebol da cidade]. Aquele portão que fica hoje todo mundo da torcida do Treze, que entra por lá, no passado o que que vai acontecer, entrava a torcida do Treze passando pelo meio da do Campinense, com a camisa, “eita, é sofredor, hoje vai ser de 3 e tal”, camarada respondia nada. Não acontecia absolutamente nada, tinha uma corda separando, o pessoal passava para o outro lado da corda, pronto, sem problema nenhum.

era um local popular, no centro da cidade de Campina Grande, que passou a ser o ponto de encontro dos torcedores, “o local que existia na época era o Largo da Flórida, que hoje é o Calçadão [da rua Cardoso Vieira]. Pronto, o largo da Flórida, ali era a concentração, vamos dizer assim, de todos os torcedores, tanto de Treze quanto de Campinense”.

O Largo da Flórida não era um local específico, embora um espaço físico existisse ali na rua Cardoso Vieira, que era justamente a Sorveteria Flórida, não se tratava de um espaço único, por isso a denominação de Largo da Flórida, pois ao se tornar a sorveteria um local pequeno para a aglomeração de pessoas, fora do estabelecimento se fazia socialidade. Era possível, de acordo com os que participaram de diversos momentos no período em que existiu a Sorveteria ou Cervejaria Flórida, encontrar-se para um bate papo nas suas adjacências, no seu entorno. Gostaria de trazer tanto um depoimento do professor Mário Carneiro quanto, logo depois, trechos de uma crônica do Joselito Lucena, que embora já tenha sido utilizada ainda no primeiro capítulo, agora, iremos tratar um pouco mais a respeito desse contexto, vejamos,

Um ponto central se misturava todo mundo, aí sim, seria no caso o que? Pra falar sobre futebol, Calçadão, porque naquela época era o Largo da Flórida, era Cardoso Vieira, mas o pessoal chamava de Largo da Flórida. A Flórida, talvez você não saiba, era uma cervejaria, na verdade uma sorveteira, mas a última coisa que vendia era sorvete [risos] ficava exatamente onde era a farmácia, na parte de cima ficava a Rádio Borborema isso nos anos 50 né? Aí pronto, era o Largo da Flórida, era ali.¹⁹⁰

Realizando um cruzamento desse depoimento com a crônica do Joselito Lucena, é possível perceber alguns pontos interessantes, vejamos primeiro, novamente a crônica,

A VOZ DE CAMPINA GRANDE situava-se no segundo andar do Edifício Esial, sobre a SORVETERIA FLÓRIDA outro ponto de reunião da mocidade campinense, pertinho da barbearia do CHÁ PRETO a sua esquerda onde também estava instalada a SINUCA 1060 e a direita próxima a Churrascaria do PAIZINHO e a Sinuca Gato Preto, do Lula e outras casas, cafés e restaurantes bem próximos, e frontal ao prédio dos antigos Correios e Telégrafos, cujas calçadas serviam para acomodar os expectadores em dias de shows, estava o Edifício Esial.¹⁹¹

Outros lugares são trazidos nesse trecho extraído da crônica em questão, é possível entender a movimentada Campina Grande que existia nas proximidades da Voz de Campina Grande, que depois dará espaço para a Rádio Borborema. Fato é que a dinâmica social do período era bastante particular, para se ter uma ideia, “o pessoal levava rádio pra o cinema, quando Treze estava jogando, por exemplo em Patos, quando o Campinense estava jogando em João Pessoa, estava aqui ó, o radinho, desse jeito escutando”, mas como acontecia dentro da

¹⁹⁰ Entrevista concedida em 10 de março de 2022 – Mário Vinícius Carneiro Medeiros

¹⁹¹ Crônica escrita por Joselito Lucena em 1969 e encontrada no arquivo pessoal do mesmo.

sessão? Reclamavam? “O pessoal simplesmente botava o fone, na época tinha um apelido de Judas”.¹⁹²

Quando investigamos outros espaços de socialidade, onde não existia um lugar construído como um estádio de futebol, visando uma aglomeração de pessoas com fins de acompanhar partidas de futebol, comemorar resultados obtidos pelos times da cidade, ou até com a finalidade de acompanhar a concentração dos clubes do futebol campinense, é possível perceber uma dinâmica muito peculiar em Campina Grande. Vários depoentes deixaram claro que Campina Grande viveu e ainda vive uma paixão muito forte pelo futebol, aspecto que a capital do Estado, João Pessoa, nunca conseguiu experimentar, justamente pela falta de uma rivalidade a altura de uma cidade com força futebolística.

Beto Felinto, torcedor do Campinense Clube, relembra também estes espaços apontados ao longo deste tópico,

Se a partida fosse durante o dia, com certeza, no Calçadão da Cardoso Vieira, que, mesmo antes de existir, era, aquele local, o *point* dos amantes do futebol. Não é a toa que o nome do Calçadão é Jimmy Oliveira, que era o presidente da Tora - Torcida Organizada da Raposa. Se o evento ocorresse durante a noite, aí os locais de reuniões, de torcedores, eram diversos, principalmente as cervejarias. Flórida e Riviera, na Márquez de Herval e Getúlio Vargas, respectivamente.¹⁹³

José Antônio é técnico em segurança do trabalho, e como um bom torcedor do Treze Futebol Clube, relembra que os locais de movimentações futebolísticas eram basicamente “o Calçadão [da rua da Cardoso Vieira], os bares, as esquinas das ruas”, e uma das particularidades apontadas anteriormente é que “era raro ver torcedor ouvindo time de fora, mas existia sim, porém raro”. Sobre a importância do cronista esportivo, José Antônio destacou em entrevista que “independente das cores que ele defenda, ele deve ser imparcial, o ouvinte de rádio acredita fielmente no locutor”.¹⁹⁴

Nessa ligação entre passado e presente, outro torcedor nos empresta as suas memórias para voltarmos ao passado e acessarmos momentos que, para ele, ou eles e elas, ficaram gravados em seu íntimo, em seu coração apaixonado de torcedor. Leydson Plattinny, torcedor do Campinense Clube nos faz uma conexão entre passado e presente quando o assunto foi um marco importante entre a crônica esportiva campinense e os lugares de socialidade criados pelos próprios torcedores, Leydson relembra que,

Atualmente, não poderia deixar de citar os paredões de som no Parque do Povo bradando os gritos de gol intermináveis de Romildo Nascimento, ou o “marcou!, é do

¹⁹² Entrevista concedida em 10 de março de 2022 – Mário Vinícius Carneiro Medeiros

¹⁹³ Entrevista concedida em 11 de março de 2022 - Roberto Nascimento Araújo

¹⁹⁴ Entrevista concedida em 28 de março de 2022 – José Antônio Araújo Costa.

rubro-negro” de Rostand Lucena com o grito da torcida Raposeira ao fundo nos títulos estaduais e da Copa do Nordeste. Olhando mais para trás, ainda consigo ouvir “Ele é fera é o xodó da galera!” de Joselito Lucena ao narrar os gols de Roberto Michele pelo Campinense Clube.

Assim como o Parque do Povo tornou-se várias vezes palco de grandes festas, o espaço, mesmo que de uma forma não previamente organizada, tantas e tantas vezes recebeu multidões de torcedores para comemorar títulos importantes dos clubes campinenses, particularmente participei de uma passeata em 2008, quando o Campinense conseguiu o acesso a Série B do futebol nacional e tal passeata teve como ponto final o próprio Parque do Povo, onde o trio elétrico com os jogadores em cima, junto com uma banda musical que tocava o hino do Campinense e outras músicas alusivas à conquista que acabara de acontecer, formou, naquele momento, um local onde estranhos se abraçavam, bastava vestir uma camisa do clube em questão, que era tratado como sendo da família, algo que só o esporte, nesse caso as torcidas de futebol é capaz de fomentar.

Leydson relembra ainda que ao jogarem fora do Estado, os “restaurantes, bares, casas de parentes, “calçadões da vida”. Enfim, qualquer lugar em que se pudessem encontrar pessoas para repercutir as partidas, sempre ouvindo o restante da “jornada esportiva”, eram lugares que se tornavam locais onde os torcedores e torcedoras acompanhavam apreensivos as pelepas futebolísticas.¹⁹⁵

A torcedora do Campinense Clube, Nely Ângela, que é telefonista, viveu sua infância e adolescência em Campina Grande, mas vive há alguns anos em Minas Gerais, inclusive morou na mesma rua que o cronista Joselito Lucena, quase vizinho a sua casa, ela relatou que,

Eu era criança na época. Lembro muito bem de Joselito Lucena, um grande radialista, era emocionante a maneira como ele fazia seus comentários, não têm outro igual. Na época não tinha TV na casa, eu ficava em pé na porta dele vendo TV. Lembro que ele tinha dois filhos uma menina e um menino. Acho que passando duas casas depois da dele era a minha. Na decida do Anísio Teixeira [escola no município de Campina Grande].¹⁹⁶

Nely Ângela relembra de um fato interessante sobre a Campina Grande da década de 1970, corroborando com as lembranças do professor Mário Carneiro, vejamos,

Eu lembro do seu avô no domingo, quando tinha futebol no domingo ele narrando os jogos e aí como meu pai era trezeano doente, sempre meu pai estava com o rádio escutando Treze e Campinense e a voz do seu avô é inconfundível é uma voz muito bonita e eu acho que não tem outra pessoa igual assim que narrava o jogo igual a ele, e a última vez que eu assisti Treze e Campinense eu tinha ido na casa de uma amiga que morava lá em Bodocongó [bairro da cidade de Campina Grande], eu fui com ela a irmã dela o pai dela assistir ao jogo Treze e Campinense, quando terminou o jogo

¹⁹⁵ Entrevista concedida em 02 de abril de 2022 – Leydson Platinny Sousa Cunha.

¹⁹⁶ Entrevista concedida em 16 de março de 2022 – Nely Ângela de Holanda Cavalcanti.

eu não sei o que é que foi que aconteceu, elas terminaram me deixando sozinha no campo e eu vim, eu acho que fica no Catolé, não tenho bem certeza, eu vim de lá até no centro da cidade, ali na Praça da Bandeira, eu vim a pé porque não passava ônibus e vinha muita gente a pé, a maioria das pessoas que vinha à pé eram todos homens e eu de mulher no meio daqueles homens todos, não teve nenhuma violência, ninguém soltou piadazinha comigo, não houve nenhuma briga, e eu como mulher sozinha poderia uma daquelas pessoas tentar fazer alguma coisa comigo, e ninguém mexeu comigo. Aí eu vim até a Praça da Bandeira e lá peguei o ônibus para casa. Eu morava na Palmeira [bairro da cidade de Campina Grande] nessa época, então nessa época você não via violência no campo, você não via violência. As pessoas iam assistir mesmo, eles iam assistir e não tinha essa violência que se tem hoje, eu acho que hoje eu não teria coragem de ir em um campo de futebol, aqui em Minas Gerais é a maior briga, Cruzeiro e Atlético é uma rivalidade muito grande, tem muita morte tem muita briga no dia de jogo aqui eu não quero nem que meus filhos saiam na rua. Eu tenho uma amiga que sempre vai, já me convidou pra ir no campo assistir Cruzeiro e Atlético e eu não vou de jeito nenhum, hoje as pessoas não estão mais respeitando os seres humanos, e não só é no futebol não, é em geral, pra onde você vai a violência está grande.¹⁹⁷

Assim como apontado pela telefonista e torcedora Nely Ângela, o professor e torcedor Mário Carneiro e tantos outros, violência no futebol é pauta atual, mas nem sempre foi assim, houve um tempo em que as torcidas iam para torcer, não andavam armadas nem marcavam encontros para se digladiarem, como em uma arena de morte da Roma Antiga. Além dos depoimentos de alguns torcedores sobre o assunto, crônicas do próprio Joselito Lucena versam sobre a temática, que, não deixa de ser uma inquietação quanto ao ato do socializar ou sociabilizar, haja vista que o medo tomou conta e, como vimos no depoimento da torcedora, ela abriu mão de assistir as partidas de futebol, algo que ela foi enfática em nos dizer que sempre gostou, por medo da violência nos estádios e adjacências.

O próximo tópico traz à tona uma discussão sobre essas questões, para tentarmos entender como a dinâmica do “estar juntos”, no universo dos torcedores de futebol, se abalou no decorrer do tempo.

2.6 Quando os espaços sofrem interferências na sintonia: lugares e espaços que sofrem com a violência e com o próprio crescimento da cidade

Lembro-me de nas segundas-feiras após os jogos, principalmente entre Treze e Campinense, o Calçadão da Cardoso Vieira tornava-se palco dos mais bem elaborados “velórios”. A algazarra era grande, torcedores do Treze ou do Campinense, isso quem determinava era o resultado ocorrido no domingo anterior, se o Treze fosse o vencedor, um caixão de papelão, com as cores do rubro-negro e uma foto de uma raposa na tampa do “caixão” era suficiente para uma manhã agitada naquele espaço. Se o vencedor fosse o Campinense, o

¹⁹⁷ Entrevista concedida em 16 de março de 2022 – Nely Ângela de Holanda Cavalcanti.

caixão era preto e branco e uma foto de um galo, ou de uma galinha, para a resenha ser ainda mais provocativa, era o velório da vez.

Ambos os torcedores nunca deixaram de ir ao Calçadão após uma derrota, os vitoriosos sempre foram volumosos, mas os derrotados estavam sempre lá, para participar daqueles momentos que, julgo eu, pouco se encontra em outras cidades sem tradições futebolísticas tão fortes. Fato é que a galera da Raposa tratava de “enterrar” o Galo em pleno Calçadão, bem como a do Galo dava o troco exatamente igual com a Raposa, ambos mascotes dos times mais tradicionais da cidade.

Algo de que me lembro é que nunca acompanhei brigas nem desavenças que não passassem de um momento sadio, que faz parte do universo competitivo e rivalizado. Não permaneceu assim por muito tempo, com o advento das torcidas organizadas, não as tradicionais, mas torcidas onde membros mal intencionados usam da situação para cometer crimes, a coisa mudou de figuração. Agora, digo, com essas mudanças, os espaços e palcos de grandes pelepas futebolísticas entravam em suspense, em condição, porque não, amedrontadora.

Lembro-me que em 2007 fui até a casa de um amigo, que era trezeano, e nessa ocasião estava eu com uma camisa do Campinense Clube, ao descer a rua de sua casa, que soube depois, ser “território trezeano”, três jovens com camisa de uma torcida organizada do Treze começaram a me seguir. Percebi aquela movimentação suspeita e apressei o passo, chegando na casa do meu amigo trezeano, ao me ver com a camisa do Campinense e eu contar-lhes a situação, ele me puxa rapidamente para o lado dentro do portão, falando-me que era perigoso, pois a ordem da torcida organizada era de tomar e rasgar qualquer camisa que fosse encontrada do Campinense, assim como uma torcida organizada do Campinense estava fazendo.

Foi o primeiro episódio real que vivenciei, mas já não era tanta novidade, essas torcidas com membros mal intencionados já havia tomado conta dos times de Campina Grande assim como em outros centros urbanos com times rivais. O início dos anos 2000 fez inaugurar esse tipo de conduta dentro das torcidas, pelo menos em Campina Grande, o professor Mário Carneiro relembra que,

A convivência das duas torcidas, bom, lá em casa nos éramos sócios do Campinense Club, Campinense como Club Social, e no Carnaval, tanto o camarada ia com camisa do Treze e com camisa do Campinense, isso aí tem fotos, e era algo harmonioso, pacífico, sem, vamos dizer assim, agressão alguma, sem absolutamente nada, principalmente pelo seguinte, sabe o que é? Porque jogador de futebol, meu amigo, não frequentava esses ambientes, os ambientes sociais.¹⁹⁸

¹⁹⁸ Entrevista concedida em 10 de março de 2022 – Mário Vinícius Carneiro Medeiros

Segundo o professor Mário Carneiro, “há uma diferença entre ambiente que torcedor frequentava e ambiente que jogador frequentava, jogador, meu amigo, era fora”, o jogador não participava das manifestações sociais, a não ser, em época de carnavais de rua, já que não era preciso entrar em nenhum lugar para tal. E os dois clubes com denominações futebolísticas não passavam por confusões entre torcedores, vejamos,

Sem essa necessidade ligada a futebol tinha a Boate Preto e Branco, que era do Treze, e que quem tocava lá era um conjunto chamado Os Elétrons, naquela época Campina Grande tinha conjunto que... Vikings, Elétrons, Ultrassom e por aí à fora, os nomes dos conjuntos eram imensos. E por outro lado você vai encontrar a Boate Cartola, que era lá onde hoje no caso está O Renatão [Estádio de Futebol], tinha lá o local que era a Boate Cartola, mas quem frequentavam eram os torcedores, tanto de um clube quanto de outro, porquê isso aí? Por conta que não havia esse ranço que existe, eu te digo uma coisa também, sabe, eu entendo que o ranço entre torcidas começou depois que as organizadas começaram, e eu não estou falando daquelas torcidas organizadas lá na década de 70 não, eu estou falando de um tempo desse pra cá.¹⁹⁹

O professor Mário Carneiro é enfático em afirmar que as torcidas organizadas atuam como as causadoras desses problemas que estamos apontando, que, no nosso trato sobre socialidades e sociabilidades presentes nesse capítulo, se faz importante perceber as mudanças apontadas nessas discussões, como a torcedora Nely Ângela, que sentia segurança de retornar e um jogo em meio aos torcedores e nada acontecer, mas hoje não quer nem que seus filhos saiam na rua quando um clássico de futebol acontece no domingo.

Nessa ameaça que sofre o espaço, o lugar, que outrora foi lugar de convívio harmonioso, aos poucos se torna inacessível. Como em outras épocas, a cidade sempre esteve em conexão com o indivíduo, com os espaços e lugares em que pessoas se reuniam ou se reúnem para qualquer tipo de prática coletiva. Em crônica escrita por Joselito Lucena, pudemos analisar o contexto de Campina Grande, João Pessoa e perceber que como enfatizou o professor Mário Carneiro, as torcidas organizadas fazem com que cresça a movimentação que acaba por prejudicar a harmonia e o espírito coletivo em nome do bem maior, o espetáculo de futebol.

Torço para que urgentemente seja tomada uma posição contra torcidas baderneiras e espero que tudo comece por ali a 120 quilômetros de distância onde mais uma vez ficou patenteada a forma de comportamento daquela torcidazinha calma (para não dizer bagunceira), lá do Botafogo que ontem invadiu o gramado do Almeidão [Estádio de futebol localizado em João Pessoa] fez baderna pegou a bola e andou entrando no arco adversário para a seu modo fazer o gol de empate. Gente daquela espécie tem que ser banida dos estádios. Aquilo que foi feito por ocasião do jogo do Campinense contra o Internacional e a invasão do Almeidão é crime e crime definido por Vigny “todos os crimes e vícios derivam da fraqueza, por isso não merecem senão piedade”.

¹⁹⁹ Entrevista concedida em 10 de março de 2022 – Mário Vinícius Carneiro Medeiros

Já Caio Mário diz que “quanto mais negamos um crime, mais a consciência nos obriga a pensar nele”. Obrigado, bom dia e vamos combater esses vândalos.²⁰⁰

A indignação do cronista é perceptível, e os fatos são muito bem colocados, não se trata de haver vandalismo e episódios desagradáveis com torcidas apenas em João Pessoa, mas pela visão do radialista, tais episódios são encontrados com mais frequência na capital, sugerindo que o combate a esse tipo de comportamento inicie “ali há 120 quilômetros de distância”. Fatos recentes demonstram que a torcida do Botafogo da capital possui alguns membros que são acostumados a se envolverem com episódios desagradáveis, porque não dizer, atos criminosos.

Em um dos jogos pelo Campeonato Paraibano de Futebol, mais precisamente na final do dito campeonato do ano de 2022, um torcedor que é membro sócio torcedor do Clube, protagonizou na arquibancada do mesmo estádio da referida crônica, O Almeidão, na capital paraibana, cenas capturadas por um cinegrafista amador onde supostamente realiza gestos obscenos e com conotação racista. O Botafogo da Paraíba tratou de denunciar o indivíduo integrante de sua torcida organizada, fato é que atos contra o espetáculo de futebol são corriqueiros e afetam a festa como um todo.²⁰¹

Dentro dessa dinâmica²⁰², não é somente com a violência dentro dos estádios de futebol que a cidade sofre com a perda de adeptos do futebol, mas um outro aspecto nos chamou a atenção no que se refere a perda de movimentações futebolísticas na cidade de Campina Grande. Falo sobre o desaparecimento do futebol amador, que apesar de viver atualmente um oxigenar das práticas esportivas ligadas ao amadorismo, com copas, campeonatos, torneios e eventos dessa natureza, já vivenciou uma força bem maior do que a atual.

O professor Mário Carneiro enfatiza que “desapareceram os campos de pelada, a cidade foi crescendo e isso aí tornou-se impossível exatamente por conta disso”, fazendo com que o

²⁰⁰ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal. A crônica em questão não possui data ou qualquer referência ao período em que foi escrita. Pela pasta em que foi encontrada, acreditamos que foi escrita entre 2007 e 2009.

²⁰¹ Reportagem completa disponível em: <https://ge.globo.com/pb/futebol/times/botafogo-pb/noticia/2022/05/16/botafogo-pb-denuncia-torcedor-do-proprio-clube-por-suposta-injuria-racial-na-final-do-paraibano-2022.ghtml>

²⁰² Outro episódio violento que pode ser citado aconteceu no Centro de Treinamento do Campinense Clube, no bairro da Bela Vista, em Campina Grande. Enquanto o clube terminava uma partida no Estádio O Amigão, vândalos invadiram o CT, depois de render o vigilante, tomando sua arma e destruíram 4 carros da diretoria, que se manifestou dizendo, “a diretoria do Campinense Clube vem a público lamentar e repudiar profundamente os atos de depredação de um grupo de vândalos travestidos de torcedores no estacionamento do Estádio Renatão, na noite desse domingo (03) após a partida contra o Botafogo/SP. Cerca de 10 vândalos, alguns deles armados, invadiram a sede do clube, no Estádio Renatão, pouco depois da partida no Amigão., eles renderam o vigilante e quebraram quatro carros que estavam no estacionamento do CT. O Campinense não reconhece essas pessoas como torcedores e sim como bandidos. A torcida tem o direito de protestar sobre os resultados, desde que de forma civilizada. O clube registrou boletim de ocorrência e se coloca à disposição das autoridades públicas para identificação e punição aos envolvidos”. Publicado na rede social oficial do clube no Instagram e, 03 de julho de 2022.

crescimento da cidade, experimentasse um fenômeno de desaparecimento de clubes e eventos futebolísticos amadores locais. Fato intrigante que coloca em suspense o capítulo em questão. Perguntas importantes nos cercam, como por exemplo, o Onze da Vila, clube amador de bastante destaque na cidade, que sofreu com o fim dos terrenos que davam espaço para os campos de pelada, haveria de ainda existir? Pergunta difícil de ser respondida, historiador não trabalha com suposições, mas nos torna interessante pensar pelo ângulo de um crescimento demográfico, populacional, de prédios e até de espaços, mas em contra partida, dentro da nossa temática, uma baixa, um decréscimo, uma diminuição quanto a prática esportiva do futebol amador.

Sobre essa questão levantada, trouxe, afim de ilustrar de forma mais incisiva, imagens capturadas através do *Google Earth*, ferramenta que nos possibilita enxergar os mapas a partir de diversos ângulos, vejamos algumas imagens,



Imagem 11 Campo do Paulistano Esporte Clube - bairro da Liberdade, Campina Grande. Imagem capturada do mês de setembro de 2014.

Na imagem acima, obtida através do *Google Earth*, conseguimos ver o Campo do Paulistano Esporte Clube²⁰³, que foi fundado em 25 de dezembro de 1929 e que juntamente com tantos outros times de futebol de pelada, como foi o caso de; Cruzeiro, Estudantes, Têxtil, Santa Adélia, Benfica da Liberdade, Belenense, Renascença, Dom Vital, Cenourinha, 11 da Vila, Guarani do Auto Branco, Comércio da Liberdade, Central, Cruzeiro da Estação, Sapateiros, Náutico, CAC, Bangu, Fluminense, Dolaporte, Cacareco, Juventus, Portuguesa, Everton, Grêmio, Embirense e o Cotonifício Campinense do São José, Internacional, Real

²⁰³ O Clube Paulistano passou a funcionar no bairro das Três Irmãs, em Campina Grande, onde conta com vasta área de lazer com piscinas, campos de futebol e áreas de jogos diversos.

Campina e Atlético da Prata, Noroeste, Flamengo, Humaitá, Leão, Leonel, Embireense, Santos da Estação. Botafogo, Auto Esporte, Linense, Londrina, Oriente todos da Liberdade. Esporte Clube Peixeiros, Flay Black, São Cristóvão, Palmeiras, Arco-Íris, Atlético e Tamborzão todos do Tambor, Paraná, São Luiz, Planalto, Líbano. Milionário, Vera Cruz, Santa Cruz da Vila Castelo Branco, fizeram a grandeza do futebol de pelada em Campina Grande.²⁰⁴

Fato é que, dentro desse desenvolvimento em nome do “modernismo”, tais times quase que perderam a vida, pois sem os seus campos de pelada, onde aconteciam os clássicos populares, os clubes se viram sem utilidade, tornando-se, a exemplo do Real Campina do bairro da Prata, apenas sedes onde os seus antigos frequentadores podem guardar as conquistas e manter viva a história do time, mesmo não fazendo parte dos grandes clubes oficiais ou profissionais, afinal, também era/é futebol, também se utilizavam do rádio, também escreveram as páginas do futebol campinense e principalmente, trouxeram muitas vezes revelações que se tornaram grandes atletas em clubes maiores como o Treze e o Campinense, como é o caso de jogadores como Pedrinho Cangula, pai de Marcelinho Paraíba, que jogou tanto no Treze quanto no Campinense e como Nego Bé, que chegou a fazer companhia a Pelé no Santos Futebol Clube.



Imagem 12 Campo do Paulistano Esporte Clube - bairro da Liberdade, Campina Grande. Imagem capturada no mês de setembro de 2021.

²⁰⁴ Joselito Lucena dedicou uma crônica ao campo do Paulistano, onde disse, “o Paulistano Esporte Clube, tinha a sua sede na Rua Major Belmiro, ali no bairro de São José. A Patativa, como era conhecida a agremiação do citado bairro, fazia parte da história esportiva e social da cidade há muitos anos. Porém não tinha o seu estádio próprio, o que era o sonho de toda diretoria. Esse show tornou-se realidade no dia 9 de abril de 1952. Ali, na avenida Assis Chateaubriand, antiga avenida Liberdade, quando o Paulistano, inaugurava a sua praça de esportes enfrentando o Autor Esporte Clube, de João Pessoa, empatando o jogo em 3 a 3. Foi um dia de muito orgulho para os torcedores do alvinegro Patativa, cuja bandeira já tremulava nos céus da Rainha da Borborema”. Crônica sem datação.

Na segunda imagem, dessa vez mais atualizada, encontramos um supermercado que foi construído em 2014 e inaugurado em 2015, no local onde era o Campo do Paulistano Esporte Clube, campo que abrigou durante décadas as grandes partidas entre os clubes de futebol de pelada em Campina Grande e região. Na área em destaque na cor amarela, podemos ver que o campo foi engolido pelas construções de casa, que na verdade já existiam, mas nos mostram que em frente ao antigo campo, hoje o supermercado, existem áreas descampadas, mas que não foi alvo da construção, já que se trata de uma área de uma indústria privada, que não foi atingida pela perda da área.

O professor Mário Carneiro relembra que,

Em Campina Grande times suburbanos famosos que desapareceram como por exemplo o 11 da Vila, que era perto de onde eu morava, porque tinha o campo do Onze da Vila e logo abaixo tinha mais outro, hoje em dia é tudo ocupado, tem um colégio o Assis Chateaubriand que é lá, e o 11 da Vila hoje é todo cheio com prédios e casas, dessa forma então desapareceu, mas a importância é que existiam. Quando tinha também campeonatos suburbanos, tinha o desfile, normalmente no Presidente Vargas ou no Plínio Lemos [Estádios de Futebol da cidade], desse jeito. Desapareceu. É uma Campina que já não mais existe.²⁰⁵

Essa cidade que “não mais existe” deu lugar a outra, pois como destaca Pesavento,

Esse tempo transcorrido implica, inevitavelmente, bem o sabemos, desgaste objetivo das formas que se inscrevem no espaço urbano, tornando-as, por vezes, irreconhecíveis ou irrecuperáveis. A passagem do tempo modifica o espaço, onde as práticas sociais do consumo e da apropriação do território não só alteram as formas do urbano como também a função e o uso do mesmo espaço, descaracterizando o passado da cidade.²⁰⁶

Sandra Pesavento é assertiva quando aponta que os espaços urbanos são alterados, modificados, pois como o professor Mário que sente falta dos campos de futebol amador, os espaços dos times suburbanos, ou não profissionais, deram lugar a outros espaços, obviamente que muitos deles não esportivos, onde receberam prédios de moradia ou comerciais. Fato é que alguns campos de futebol de bairros sobreviveram, como o Campo do Leão, localizado no bairro do Monte Santo, onde fica também a sua sede, vejamos a imagem que ilustra a resistência do Campo do Leão em meio ao crescimento habitacional da cidade.

²⁰⁵ Entrevista concedida em 10 de março de 2022 – Mário Vinícius Carneiro Medeiros

²⁰⁶ Ver PESAVENTO, *FRAGMENTOS DE CULTURA*, Goiânia, v. 14, n. 9, p. 1595-1604, set. 2004.



Imagem 13 Campo do Leão no bairro do Monte Santo, campos adjacentes no mesmo bairro.

Aqui cabe um acerto de contas, o Campo do Leão é resistência, sobreviveu, mas a imagem foi ampliada afim de trazer também três outros campos de futebol de pelada que atualmente não existem mais. À esquerda da imagem, destaquei também na cor amarela o Campo do Leão, em meio a centenas de habitações, e do lado direito da imagem, três outros campos que não resistiram ao crescimento exponencial das construções, das empresas do ramo imobiliário que compraram a área também destacada e construíram um conjunto habitacional. Conseguimos ver os campos pois a imagem é de setembro de 2021, dentro de 1 ano os campos desapareceram e os espaços foram perdidos no que se refere aos amantes da boa pelada em campo de várzea.

Outra área que possui pelo menos 8 campos de futebol de pelada, localizada entre os bairros das Malvinas, Cinza e Jardim Verdejante²⁰⁷ – este último bastante frequentado por mim na adolescência, pois morei mais de 20 anos vizinho aos referidos campos – foi afetada por tais empreendimentos. Por se tratar de uma construção recente, ainda não se sabe ao certo o que funcionará na localidade, fato é que pelo menos 4 campos foram afetados e deixaram de existir pois as construções seguem a todo vapor, vejamos,

²⁰⁷ Destaque importante é que mesmo estando localizados em uma área mais afastada do centro de Campina Grande, os campos em questão atraem pessoas de diversos bairros da cidade, não somente dos que o circundam, fato é que pudemos ver carros e motos em grande quantidade em dias de partidas de futebol de pelada.



Imagem 14 Campos do Verdejante, como ficaram conhecidos.

Na área em que fiz questão de destacar, mas que pela última atualização da ferramenta utilizada – *Google Earth* – ainda não é possível visualizar as construções, mas a área de construção compreende justamente o retângulo que tracei, atingindo 4 dos 8 campos da área, campos esses que todos os domingos, sem falta alguma, recebe centenas de amantes do futebol de campo, com partidas que se estendem das primeiras horas do domingo até à tardinha, com muita pelada e festas, pois montam tendas e levam as suas bebidas, contam até com o auxílio do som automotivo que anima o local.

No mosaico a seguir, capturei alguns ângulos onde é possível detectar as movimentações das construções que estão a todo vapor. Alguns moradores da região e pessoas que acompanham as movimentações afirmam ser uma espécie de *shopping center*, mas não consegui informações que constatassem o que vem sendo dito, fato é que as áreas dos campos foram comprometidas e as partidas de futebol de pelada seguem impossibilitadas de acontecer no local onde era de costume, forçando os “peladeiros” a irem para outros campos ali mesmo na área onde ainda é possível promover as partidas de futebol de pelada. Então a dinâmica social é alterada, pois aquela sensação de pertencimento atrelada aos campos e as possíveis amizades que ali surgiram, pode ter sido afetadas²⁰⁸, vejamos então as fotografias que fiz da região,

²⁰⁸ Lembro-me que quando criança ia diariamente aos campos, fosse para jogar bola, soltar pipa ou simplesmente correr, estava lá fielmente, e de lá surgiram diversas amizades que cultivo até hoje, coisa que novos moradores podem não experimentar, ou ainda, experimentar de forma diferente, já que o local pode fornecer uma nova forma de sociabilidade.



Imagem 17 Área dos campos em construção – fotos feitas pelo autor em 26 de setembro de 2022.

Há ainda, a necessidade de um ajuste sobre essa questão do fim de alguns campos de futebol de pelada em detrimento do crescimento demográfico e habitacional, incluindo os grandes empreendimentos do ramo imobiliário, como *shoppings*, edifícios e supermercados. O fato é que no ano de 2022, mais precisamente em maio, a Prefeitura Municipal de Campina Grande, deu início a um projeto iniciado em fevereiro do ano anterior. Trata-se de um projeto “com o objetivo de ampliar a movimentação em torno do desporto, o projeto ‘*Campo Limpo, Campo Legal*’, da Prefeitura Municipal de Campina Grande, vem promovendo melhorias em diversos terrenos de terra na cidade onde há a prática esportiva na cidade”.²⁰⁹

Espaços de sociabilidades, por vezes criados pelos próprios partícipes dessa dinâmica social ampla e diversa, encontros e desencontros envolvendo o contexto futebolístico que foram inventados e reinventados ao longo das décadas desde as primeiras transmissões radiofônicas registradas na cidade de Campina Grande. Fato é que, nessa dinâmica social, Campina Grande fez por fornecer um rico e longo crescimento das atividades futebolísticas em sintonia com a

²⁰⁹ Conferir a reportagem em, <https://ge.globo.com/pb/especial-publicitario/prefeitura-municipal-de-campina-grande/prefeitura-municipal-de-campina-grande/noticia/2022/05/26/projeto-campo-limpo-campo-legal-promove-melhorias-em-espacos-para-a-pratica-do-futebol-amador-em-campina-grande.ghtml>

rádio difusão. Os espaços que surgiram e permaneceram e os que deixaram de existir durante esse contexto, de certo que fazem parte de uma dinâmica social mais ampla e que, grosso modo, compõem o tecido social da cidade em questão.

CAPÍTULO 3 – “EU LEMBRO DO SEU AVÔ NO DOMINGO, QUANDO TINHA FUTEBOL NO DOMINGO ELE NARRANDO OS JOGOS”²¹⁰: A IMPORTÂNCIA E O LUGAR NA MEMÓRIA CAMPINENSE DOS JORNALISTAS PIONEIROS – A EXEMPLO DE JOSELITO LUCENA – PARA O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE

*“Meu pai era trezeano doente, sempre meu pai estava com o rádio escutando Treze e Campinense, e a voz do seu avô é inconfundível. É uma voz muito bonita. Eu acho que não tem outra pessoa igual, assim, que narrava o jogo igual a ele”.*²¹¹

Nely Ângela de Holanda Cavalcanti, 16 de março de 2022

*“Quando a história é escrita, tem um bom final e a alma de um homem atinge a perfeição, com um brado entusiástico eles o conduzem ao céu”. – O livro dos mortos do Antigo Egito*²¹²

Quem viveu em Campina Grande a partir da década de 1960 possivelmente deve ter experimentado as movimentadas programações radiofônicas da cidade naquele período. Trago a década de 1960 para o início deste capítulo pois como foi visto ainda na introdução, no início dessa década, o cronista Joselito Lucena se firmava enquanto uma das vozes mais marcantes do radiojornalismo esportivo de Campina Grande, e quem viveu na Rainha da Borborema nas décadas que seguiram, deve ter ouvido falar em algum momento, do locutor esportivo Joselito Lucena.

Até os dias de hoje, quando alguém descobre meu parentesco com o cronista, ouço da pessoa um “Joselito Lucena” cantarolado igualmente a vinheta que era reproduzida para anunciar que o locutor começaria os seus trabalhos. Fato é que, mesmo não estando mais na cidade, por qualquer questão que seja, quem viveu, guarda como uma lembrança quase que imortal, a vinheta e os dizeres deste que, para muitos amantes do futebol e do rádio local, foi um dos mais expressivos nomes da crônica esportiva nordestina.

O tio da minha esposa, o senhor Jonas Geraldo é montadense, nasceu e se criou no município de Montadas, que fica aproximadamente há 27 quilômetros de Campina Grande. Jonas deixou sua cidade natal com pouco mais de 20 anos, partiu em direção a cidade de São Paulo e por lá se estabeleceu. Hoje, com mais de 40 anos longe da Paraíba, onde veio poucas vezes a passeio, não se esquece dos tempos de sua mocidade, quando acompanhava jogos de futebol através do rádio. Em uma conversa que tive com ele em sua última visita à Paraíba,

²¹⁰ Entrevista concedida em 16 de março de 2022 – Nely Ângela de Holanda Cavalcanti.

²¹¹ Entrevista concedida em 16 de março de 2022 – Nely Ângela de Holanda Cavalcanti.

²¹² O primeiro livro da humanidade - O Livro dos mortos do Antigo Egito. Editora Hemus, tradução de Edith de Carvalho Negraes - 1982.

Jonas soube que eu era neto do locutor esportivo Joselito Lucena, assim que sua irmã, a mãe de minha esposa, disse que eu era neto do cronista, Jonas nada falou, tratou de cantarolar a vinheta que muitos conhecem, gritou “Joselito Lucena”, e logo após disse, “a Super Borborema comanda o futebol”, dando boas risadas e sendo o assunto daquela prosa.

O que quero apresentar com essa lembrança é que, as ligações que os paraibanos têm com o rádio e o futebol, são extremamente sensíveis, sentimentais. São lembranças que carregam consigo mesmo não estando mais na terra natalícia. O caso do senhor Jonas não é algo isolado, cresci com essa narrativa, quando as pessoas sabiam que se tratava do neto de Joselito Lucena, a vinheta logo era cantarolada, seguida de algum bordão utilizado pelo cronista ao pé do microfone.

3.1 Quando morre o radialista e se imortaliza a “escola” (Joselito Lucena servindo como baliza para os profissionais do rádio segundo eles mesmos)

Antes de trazermos os torcedores e as torcedoras para falarem sobre a sua relação com os cronistas esportivos da cidade de Campina Grande, em especial sobre o Joselito Lucena, é de extrema importância que revisitemos uma discussão iniciada ainda na pesquisa da graduação, que contou com os generosos depoimentos dos companheiros de trabalho do Zelito Lucena, os cronistas que conviveram e diretamente fizeram parte de tudo que vem sendo apresentado durante essa pesquisa.

Ainda na pesquisa para a conclusão do curso de graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba, a UEPB, me deparei com memórias do ano de 2011, mais precisamente do dia do velório do cronista esportivo Joselito Lucena, em 5 de fevereiro do ano citado. Coroas de flores de diversos amigos, políticos, militantes do radiojornalismo campinense e familiares se formaram em dezenas ao redor do caixão. Diante de tantas homenagens, falas e discursos, um discurso em particular nos causou inquietação.

Gilson Souto Maior, de voz grave e potente, iniciou sua fala dizendo algo mais ou menos assim, “não morreu apenas o homem, não morreu apenas o locutor Joselito Lucena. Morre uma escola, pois Joselito Lucena foi, sem dúvida, uma escola do rádio para todos nós”.²¹³ Qual o significado da expressão, “morre uma escola”? O que ela expressava na visão do jornalista campinense que a proferiu? A resolução dessas perguntas motivou parte importante do presente capítulo.

²¹³ Diante da comoção perante essa fala, esse discurso nunca me saiu da memória.

Joselito Lucena foi considerado pela crônica esportiva regional como sendo um dos últimos expoentes da época do início do rádio na cidade de Campina Grande e o único a exercer a função de locutor esportivo por tanto tempo, a saber por pelo menos 50 anos, somente narrando partidas de futebol. Desse modo, a sua trajetória profissional está enraizada nas gerações que se seguiram após o início das transmissões radiofônicas na cidade, a partir da década de 1950. Não é raro ouvirmos o seu nome associado aos clubes de Campina Grande bem como ao radiojornalismo local e regional.

Dentro da crônica esportiva para os que militam ou militaram no radiojornalismo esportivo campinense, Joselito Lucena é apontado como sendo o locutor mais categórico, a referência profissional que se tinha sobre seu nome e que sobreviveu a sua morte é observada ao longo da pesquisa como sendo *uma estaca central*, nos dizeres de Francisco Assis do Nascimento, o Olé. É comum para as gerações de profissionais que surgiram depois do falecimento de Joselito Lucena, que tenham como referência outros locutores mais novos e de gerações mais recentes, mas é inevitável não conhecer ou ter ouvido falar do trabalho que Zelito Lucena exerceu durante pelo menos 60 anos dentro do rádio jornalismo campinense pois essas referências para as novas gerações, conviveram, trabalharam e aprenderam com Joselito.²¹⁴

Um desses personagens, já citado nessa pesquisa, foi o Josusmá Viana, que trabalhou com Zelito Lucena tanto na Rádio Caturité quanto na Rádio Borborema – onde foi diretor do Departamento Esportivo, chefe de Joselito Lucena – e Josusmá como sendo também um dos remanescentes desta primeira geração da crônica esportiva de Campina Grande, destacou em entrevista um pouco de sua convivência com Joselito Lucena na radiodifusão Campinense, quando disse:

Meu primeiro contato com Zelito Lucena foi na rádio Caturité, na rua Maciel Pinheiro, ele não era locutor esportivo, ele era locutor comercial, e a gente trabalhou lá muito tempo, depois a gente veio para a Borborema. Foi uma das pessoas, das figuras humanas mais interessantes que eu conheci [emoção].²¹⁵

Esse teria sido seu primeiro contato com Joselito Lucena, e quando perguntado sobre a sua relevância para a crônica esportiva de Campina Grande, Josusmá foi enfático em dizer que ela foi “muito grande, como de outros, ele participou diretamente de todos os acontecimentos

²¹⁴ Dentro da pesquisa não foi possível entrar em contato com todos os que militaram ou militam no radiojornalismo esportivo de Campina Grande e do Estado da Paraíba, muito menos poder entrevista-los, alguns não residem mais na cidade, inviabilizando o ato do contato para a entrevista, outros infelizmente já faleceram, alguns simplesmente pelo fato das demandas do dia-a-dia não puderam contribuir para esta pesquisa de maneira direta, mas indiretamente tiveram sua participação. Acreditamos que dentro das entrevistas coletadas, pudemos realizar o cotejamento das fontes e a contribuição desta metodologia nos foi bastante relevante.

²¹⁵ Josusmá Coelho Viana, entrevista concedida ao autor em 07 de janeiro de 2019.

da época, não só aqui em Campina Grande como quando os times jogavam fora, ele ia acompanhando, ele participou ativamente” e sobre ter feito escola no métier, Josusmá disse que Joselito “realmente foi, na época foi, ele foi um dos líderes da locução esportiva, e muita gente se inspirou nele para aprender”. Fato é que a representação criada sobre Joselito Lucena como sendo um *líder da locução esportiva* é muito forte dentro e fora da crônica esportiva, e se estende até os dias de hoje, segundo o próprio Josusmá quando disse que o personagem falecido em 2010 “ensinou uma geração, muita gente hoje ainda na escola de comunicação, segue os passos de Joselito”.

Outro nome já citado e que fez parte também desse início das jornadas esportivas em solo campinense foi o Francisco Assis do Nascimento, ou simplesmente Olé. Quando perguntado sobre a relevância de Joselito Lucena para o rádio campinense, afirmou que “para o rádio não só de Campina Grande, para todo o Estado da Paraíba, e com repercussão para o Nordeste brasileiro”, “fala-se muito hoje, fulano é ícone de tal coisa, então Zelito naquela época já era o que hoje se chama ícone, quer dizer, ele era uma estaca central no meio desta geração, porque muitos passaram pelas mãos dele, no rádio esportivo de Campina Grande”. Quando perguntado se Joselito Lucena havia de certa forma formado escola, ou feito escola no rádio campinense, Olé foi enfático em afirmar que,

Ele formou várias gerações no rádio campinense, Alberto de Queiroz passou pelas mãos de Joselito Lucena, Humberto de Campos passou pelas mãos de Joselito Lucena, Levi Soares, Adalberto Alves, Clélio Soares, Amauri Capiba, todos esses foram influenciados por Joselito Lucena, e eu sou grato a ele também porque recebi essa influência.²¹⁶

Além de acompanhar seus companheiros no rádio, Joselito Lucena possuía uma característica que notamos ao longo da pesquisa, ele revelava profissionais dentro do rádio, e o fazia de maneira muito peculiar. Sobre essa característica Olé nos contou como foi sua “promoção” de repórter de pista para comentarista esportivo:

Depois de plantonista esportivo eu fui para repórter de pista, e certa vez Joselito me pregou um grande susto, mas foi um susto que serviu de um salto para o futuro para minha pessoa, é que havia um comentarista, Haroldo Lessa, na Rádio Borborema, ele era sergipano e em determinada data ele teve que se despedir do rádio, e fez de uma maneira abrupta por que ele tinha recebido o convite para gerenciar uma empresa em Aracajú e havia um jogo Campinense e Treze pelo campeonato Paraibano no Estádio Municipal em um domingo à tarde, e Joselito me colocou lá, como na minha posição de repórter de pista e qual não foi a minha surpresa quando ele disse que o companheiro Haroldo Lessa havia se despedido e o comentarista de hoje é Chico de Assis Olé, você tem uma ideia de como eu me senti psicologicamente foi lá para baixo meu ânimo, porque eu nunca havia comentado uma partida de futebol, mas quando ele disse isso, houve uma pausa, um silêncio de uns 30 segundos da minha parte aí eu

²¹⁶ Francisco Assis do Nascimento, Olé, entrevista concedida ao autor em 16 de julho de 2018.

tive que dizer que estava sentindo saudade já de Haroldo Lessa, mas que Zelito estava me botando um peso enorme nos meus ombros, e talvez eu não tivesse condições de desenvolver a mesma atividade do colega anterior, ele disse, “mas só tem você mesmo, e vai ser você o comentarista”. Então isso foi como uma alavanca, porque eu sai de repórter de pista para ser comentarista esportivo, e ele escolheu uma maneira de me apresentar como novo comentarista da rádio Borborema de Campina Grande, aquilo era um peso tremendo porque a radiofonia naquela época tinha verdadeiros astros, pessoas notáveis no mundo do jornalismo paraibano, e eu pobre coitado, que era apenas um pista, seguir dado por ele a comentarista esportivo, e ele na segunda feira depois do jogo escolheu o slogan para mim, para que eu me apresentasse como comentarista, ele disse, “você vai ser o comentarista eclético” esse foi o slogan que ele escolheu pra mim, e todo esse povo de Campina Grande que acompanhou a radiofonia ainda hoje eu encontro com bastante alegria com alguns colegas, com alguns ouvintes da época e dizem, esse aí é Chico de Assis o comentarista eclético, quer dizer, Zelito me colocou esse slogan.²¹⁷

Além dessa forma peculiar de apontar a nova função que o colega exerceria, Joselito Lucena como pode ter sido notado, gostava de cognominar os colegas, os clássicos, os estádios, a exemplo do clássico Treze e Campinense, o *Clássico dos Matorais* e *O Colosso da Borborema* se referindo ao Estádio *O Amigão*. Mas não foi somente Olé que passou por algo peculiar, o repórter de pista Adalberto Alves nos contou como foi a sua estreia no rádio, vejamos,

Joselito Lucena sempre foi um homem de repercussão no futebol da Paraíba, do Nordeste e do Brasil, eu viajei muito com Joselito Lucena por todos os Estados do Brasil e a gente já tinha uma amizade enorme e eu falo realmente porquê Joselito Lucena será sempre uma lenda viva [...] Joselito Lucena disse para mim, “olha Adalberto, eu vou ensinar a você como se comportar e ser um grande profissional, em todas as jornadas esportivas você vai ficar apanhando as escalações e entregando para o pessoal”, que era o moleque de recado, naquele tempo, o estagiário “grave todo jogo, as resenhas esportivas, você pegue toda a programação da resenha, leve para casa, se tranque no banheiro e bote a narração do jogo na hora que eu estiver dizendo o lance” [...] Em dado momento em um sábado à noite, eu estava de paletó, gravata, calça social, tudo para ir para um casamento, isso era mais ou menos 18:00 horas, 18 e 30, por ai, me lembro muito bem, minha esposa já pronta para ir para o casamento, todos já prontos, ai o telefone toca, ai eu atendi, “Adalberto?” Eu disse, pode falar, “é Joselito Lucena!”, eu disse, diz Zelito, “está fazendo o que agora?”, eu disse, estou de paletó, gravata, vou para um casamento, ele disse, “tire o paletó e a gravata e venha para o Estádio Amigão”, ai eu disse, mas como é, Zelito? Eu vou para um casamento, eu e a família toda, “Adalberto, venha embora agora mesmo, você vai ser o repórter de campo”, nesse dia faltou Clélio e Levi Soares, não foram ao jogo, chovendo torrencialmente em Campina Grande, eu sai para o Estádio Amigão, cheguei lá de sapato social, calça azul escura e a camisa social, dobrei a camisa ele disse, “entre em campo, vá trabalhar”, eu entrei com aquela chuva forte, forte, só tinha uma base de uns 15 a 20 torcedores, Campinense e Nacional de Patos, gol de Porto aos 34 minutos do segundo tempo. Então quando ele me anunciou no rádio, eu entrei e criei já a minha maneira de trabalhar, eu chamei Porto, levei ele para a torcida, para 20 ou 30 torcedores que estavam mais ou menos, levei ele para a torcida e dali em diante eu fui titular da equipe de esportes de Joselito Lucena, ele me parabenizou depois do jogo, porque eu fui de uma maneira vibrante, eu sempre fui vibrante no microfone, quem me acompanha ver isso, aí ele disse, “a partir de hoje você é da equipe de esportes, é nosso repórter de campo também”.²¹⁸

²¹⁷ Francisco Assis do Nascimento, Olé, entrevista concedida ao autor em 16 de julho de 2018.

²¹⁸ Adalberto Alves Brasileiro, entrevista concedida ao autor em 18/04/2019.

Quando perguntado se Joselito Lucena fez escola na forma de ensinar aos que entravam no rádio, dar a oportunidade, como vimos no depoimento acima, Adalberto Alves frisou que,

Essa frase usada por Gilson Souto Maior foi de muita felicidade, porque ele sabe o quanto Zelito foi importante para ele, basta lembrar só uma coisa a você, nós temos o Rostand Silva Lucena, que é filho de Joselito Lucena, meu grande amigo, e é tanto que ele botou o filho dele para trabalhar, ainda um garotinho, mas o mesmo cobertor que ele deu para Rostand, ele sempre deu para a gente, ele não fez diferença, esse aqui é meu filho vai ser o melhor, não, mesmo oferecimento a Rostand ele ofereceu a mim, ofereceu a Chico Alemão, ofereceu a todos que estavam dentro da equipe esportiva da Rádio em que ele militou, então é esse o professor que eu falo sobre Joselito.²¹⁹

Utilizando mais uma vez desse trecho do depoimento do cronista Adalberto Alves acima descrito, percebemos as associações que os companheiros de trabalho fazem com o Joselito Lucena, “esse professor” que é trazido pelos colegas, nos mostrando que não somente há uma junção entre o ato de “fazer escola” no métier jornalístico, mas de um professor honesto com suas obrigações e sem distinções ou favorecimentos com o seu filho, pelo contrário, uma exigência de um padrão de qualidade já observado por nós ao longo do presente capítulo.

Gilson Souto Maior também foi contemporâneo de Joselito Lucena, e em entrevista nos contou como o conheceu e depois como foi tê-lo como companheiro de trabalho,

Eu falaria da primeira forma como um encontro pessoal, Zelito jovem, ele é um pouco mais velho do que eu, a quem eu devo muitos ensinamentos na radiofonia paraibana. Eu conheci Zelito eu menino, rapazola ele rapaz mais velho do que eu, e eu devia ter uns doze anos, onze anos, no bairro do Catolé, na rua Vigário Calixto, não lembro exatamente o ano, mas deve ter sido assim 60, mais ou menos 59 para 60, eu menino e ele já jovem mas já atuando na Rádio Caturité, ele era locutor da Rádio Caturité, e tem um fato interessante, Zelito não foi primeiro locutor esportivo, ele foi locutor noticiário, repórter e locutor comercial, locutor comercial que eu me encontraria com ele no futuro. Como eu disse, eu menino ele rapazola e eu conheci Zelito numa enquête política realizada pela Rádio Caturité, ele usando o microfone em um carro de frequência modulada, que todas as emissoras tinham um carro de frequência modulada, para fazer as transmissões fora do estúdio, e não existia telefone celular, então a frequência modulada era mais fácil, resultado, Zelito fazendo entrevistas e entrevistou meu pai, nunca esqueci dessa imagem [emoção], Zelito rapazola, eu menino, Zelito com uma calça cinza muito bonita, uma camisa bem quadriculada, uma imagem que me chega na memória [emoção], jamais, jamais eu saberia, eu não sei como te explicar, eu jamais pensei que um dia ia encontrar com ele profissionalmente, resultado, comecei no rádio em 1965, assinei meu contrato em um dia, 1º de junho de 1965, eu estava com 17 anos, e resultado, Zelito já estava na Rádio Borborema.²²⁰

E Gilson Souto Maior segue expondo o que para ele, nos dizeres dele foi essa *Escola Joselito Lucena*,

Zelito Lucena, ele foi não somente o nome do jornalismo esportivo, Zelito Lucena foi o nome do rádio da Paraíba e de Campina Grande especificamente, ele foi o homem do rádio jornalismo esportivo, da gravação comercial, e também do rádio jornalismo

²¹⁹ Adalberto Alves Brasileiro, entrevista concedida ao autor em 18/04/2019.

²²⁰ Gilson Souto Maior, entrevista concedida ao autor em 05/01/2019.

como um todo, ele foi um grande noticiarista, então Zelito foi uma verdadeira escola, eu diria a você ele foi uma universidade de rádio pra todos nós, porque quem passou pela universidade aprendeu com ele antes, porque o curso de comunicação quando chegou aqui foi em setenta, final de setenta e três, ele não, ele já ensinava a muita gente e ensinou muita gente já a partir de 1960 quando ele estava começando, quer dizer, nos associados, mas ele começou um pouco antes na Caturité, então ele, Zelito é o próprio rádio, é a referência maior do rádio, evidentemente depois dos fundadores, de um nome como o Hilton Motta, Leonel Medeiros, esse pessoal é do começo, de um rádio muito antes do da gente, mas depois, quando o rádio se firmou mesmo, Zelito Lucena foi a grande escola, para todos nós, foi o nosso grande professor, interessante que eu fui professor dele depois, lá no curso de comunicação, mas ele desistiu, disse, eu não vou fazer não, eu estou cansado, e realmente ele não tinha o que aprender mais, não tinha o que aprender, sabia de tudo.²²¹

Como pudemos perceber nos relatos de Gilson Souto Maior, Josusmá Viana, Chico de Assis Olé e Adalberto Alves, Zelito Lucena inspirou e segundo a fala dos mesmos, fez escola não somente no radiojornalismo esportivo campinense e paraibano, mas no radiojornalismo como um todo, justamente pelo fato de ter sido – na ótica dos depoentes – referência nas locuções de noticiários, na apresentação de programas de rádio, na sua vasta experiência com a parte técnica de uma estação de rádio e com toda sua habilidade para com as nuances dos controles e instalações para fazer a radiação sonora acontecer.

Mas é possível perceber ainda outra característica dessa *Escola Joselito Lucena*, que foi também a inspiração para os jovens radialistas que surgiam no decorrer da trajetória do Joselito Lucena, como foi o caso dos radialistas Romildo Nascimento, Luciano Santos, Vieira Júnior, Mosaniel e o próprio filho do *mestre*, o Rostand Silva de Lucena, que ingressaram no radiojornalismo esportivo de Campina Grande quando Zelito Lucena já era um nome respeitado na crônica esportiva paraibana. Como destacou Rostand Lucena,

Eu mesmo criança já o acompanhava, a primeira vez que o acompanhei em uma viagem eu tinha apenas 7 anos de idade, nós fomos ao Estádio Romeirão, em Juazeiro do Norte, foi a inauguração daquela praça de esportes e foi a primeira viagem, digamos assim um pouco mais longa que fiz com ele, uma viagem interestadual.²²²

Trago duas fotografias que são capazes de ilustrar a viagem descrita por Rostand Lucena, que foi descrita tanto por ele quanto pelo Joselito Lucena, fosse em suas crônicas ou em suas agendas, essa viagem aparece com certo destaque em seu arquivo pessoal, possivelmente pelo fato de ter sido a primeira viagem de seu filho homem com ele em sintonia com a emoção de participar daquele marco futebolístico e radiofônico, vejamos,

²²¹ Gilson Souto Maior, entrevista concedida ao autor em 05/01/2019.

²²² Rostand Silva de Lucena, entrevista concedida ao autor em 18/04/2019.



Imagens 18 Inauguração do Estádio O Romeirão, Juazeiro do Norte – 1º de maio de 1970. Fotografias encontradas no arquivo pessoal do cronista Joselito Lucena

Na primeira fotografia é possível ver Joselito Lucena e seu filho Rostand Lucena, na segunda foto vemos da esquerda para a direita, Genival, motorista da Rádio Borborema, um colega cearense, Rostand Lucena e Joselito Lucena, que segurava um pequeno rádio. No campo vemos as movimentações dos desfiles, pois como dito no depoimento do Rostand Lucena, se tratava da inauguração do Estádio O Romeirão, em Juazeiro do Norte, no Estado do Ceará. A dita inauguração aconteceu em 1º de maio de 1970, como é possível perceber na descrição acima da foto de número 2, bem como nos relatos do depoente e do cronista que destacou o evento em uma de suas crônicas.

Rostand continua destacando essa referência que o Joselito Lucena exercia sobre os cronistas que surgiam depois de sua consolidação no rádio local, principalmente após a década de 1980, onde o cronista já possuía vasta experiência e colecionava prêmios de reconhecimento profissional na área.

Zelito como atravessou várias e várias gerações, as pessoas que foram entrando para o rádio, principalmente da geração dos anos 80 para cá, como ele já era a referência de 60 e 70, quem entrou no rádio já era ouvinte normalmente já era ouvinte, já tinha ele como referência, quem era torcedor antes de ser cronista já tinha ele como, “ah, é meu locutor preferido”, e quando você vai trabalhar com alguém que é a sua referência, a partir dali você já ganha algo a mais e com ele realmente foi, se você pegar hoje quem está no rádio em Campina Grande fazendo jornalismo esportivo, salvo esses da nova geração mesmo, esses da geração 2000 ou 2010 para cá, esses realmente talvez não tenham como referência direta, mas sempre tem, mesmo os que entraram agora, ainda tem Zelito como referência, não tiveram oportunidade de trabalhar com ele, a gente já bate papo sempre com várias pessoas, “ah, eu não cheguei a trabalhar, mas eu ouvi, eu ouvi”. Então ele foi, realmente uma escola, trabalhar com ele era um aprendizado diário.²²³

²²³ Rostand Silva de Lucena, entrevista concedida ao autor em 18/04/2019.

Vieira Júnior, que trabalhou pelo menos duas décadas ao lado de Joselito Lucena, também relembra quando era apenas ouvinte e quando passou a ser colega de trabalho do *mestre*,

Desde criança que eu ouvia a programação esportiva de Campina Grande e eu me tornei um fã de Zelito, quem é que não era fã de Joselito Lucena? Então a gente ouvia e sentia que ali estava realmente uma grande personalidade da radiofonia de Campina Grande, do jornalismo esportivo, ele se tornou para Campina Grande uma figura muito importante, porque Zelito era uma referência, se tornou uma referência aqui em Campina Grande, não só na área esportiva, mas em tudo que você determinasse para Zelito fazer ele sabia fazer e fazia muito bem, eu até em alguns bate papos com ele, eu dizia assim, Zelito você é completo, porque você escreve, você narra futebol, você narra qualquer história, você faz artigo, você faz tudo, ou seja, você escreve e você fala, [...] eu particularmente aprendi muito com ele, eu posso dizer para você que eu tive uma escola muito boa no início do meu trabalho e Zelito foi uma dessas pessoas, eu me sentia e me sinto muito lisonjeado de ter trabalhado com ele, porque eu obtive muito conhecimento na minha vida profissional, Zelito era um cara que não tinha dificuldade de chegar em qualquer solenidade, por exemplo, para falar, para se expressar, e por isso ele se tornou uma personalidade na radiofonia de Campina Grande, era realmente um grande profissional. Alguns colegas, e eu acho que foi até o Adalberto que criou isso para ele [na verdade foi o radialista Luciano Santos], *o melhor narrador esportivo do norte e nordeste e do Brasil*, e era verdade mesmo [...] o Estado, o Nordeste perdeu muito com a mudança de Zelito, saindo desse mundo para o outro, se perdeu muito com isso, mas ele cumpriu a sua missão aqui, ensinou, ele dignificou a nossa categoria, foi realmente um grande profissional, por isso se tornou uma referência para todos nós dessa geração aqui, que pena que partiu cedo e que outros jovens que estão surgindo não tiveram e não terão essa oportunidade de aprender ou de ter aprendido que a gente conseguiu absorver dos ensinamentos e da qualidade do trabalho que era desenvolvido por Joselito Lucena.²²⁴

É possível perceber um diálogo entre as fontes, no que se refere às novas gerações que vão surgindo no radiojornalismo esportivo campinense, e que dialogam entre si quando perguntados sobre a relevância do Joselito Lucena como sendo essa “estaca central no meio dessas gerações”, como frisou anteriormente o Francisco Assis do Nascimento, o Olé. Como o hoje plantão esportivo, Luciano Santos, que em entrevista contou como era sua relação com Zelito no âmbito profissional, mas também fora dos bastidores,

Zelito foi uma das pessoas mais importantes do rádio não só esportivo como o rádio paraibano, porque Zelito militou em todas as áreas dentro do rádio e tem um carinho muito grande de todos os torcedores, tanto do Treze como do Campinense e da crônica em geral. Meu primeiro contato com Zelito foi logo após eu terminar o curso de jornalismo, eu fui estagiar na Rádio Borborema, na ocasião Zelito era o chefe do departamento esportivo e na época eu fui trabalhar como pista, o chamado pista, que é o repórter de pista, fica ali na orla do gramado, e na ocasião comigo no mesmo período estava Romildo Nascimento e também o Gutemberg Simões, como só trabalha dois repórteres, que é um para cobrir um lado e outro para cobrir o outro, no caso os dois times, o time A e o time B, Zelito fazia um revezamento, um jogo eu trabalhava com Romildo, no outro Gutemberg trabalhava comigo e a gente fazia esse revezamento, e tinha um negócio interessante que Zelito, ele primava sempre pela organização, a gente ia para o Amigão [Estádio] um jogo de 16:00 horas mas a equipe saía de uma hora da tarde, tinha um carro na época, a Rádio Borborema naquele tempo

²²⁴ Vieira Júnior, entrevista concedida ao autor em 18/07/2019.

era muito organizada, e tinha um carro e levava a gente, quem chegasse 13 e 05 já não ia para o Amigão, então eu iniciando na carreira de jornalista esportivo, eu chegava era 12:30 [risos] [...] Você falar em futebol em Campina Grande e não falar em Joselito Pereira de Lucena, não falou nada, um homem que criou várias coisas, até denominar *O Clássico dos Miorais* foi através de Zelito, quando Zelito chegava em qualquer canto era conhecido, na época que Zelito faleceu, eu digo sem pestanejar, eu recebi para mais de 3 telefonemas no dia, o pessoal ligando para mim, procurando saber se era verdade, agora não era gente de Campina não, era gente de fora, procurando saber, “rapaz é verdade que o baiano faleceu?”, e foi uma comoção muito grande em Campina Grande e eu chego até a me emocionar [emoção].²²⁵

Apesar de ter iniciado como repórter de pista, após o estágio na Rádio Borborema, Luciano Santos teve que se afastar, pois não conseguia conciliar seu trabalho durante o dia na CAGEPA e a noite na Rádio. Ele nos disse que “nem rendia na CAGEPA, porque era o dia todo com sono, e nem rendia lá na Rádio porque era um plantão de 18h as 00h horas”. Após alguns anos afastado do rádio, Luciano Santos retorna a convite de Joselito Lucena, vejamos como se deu,

Um belo dia eu estava no Calçadão [rua Cardoso Vieira, em Campina Grande], vou passando quando vejo vem Zelito gritando meu nome, Luciano, que eu olhei era Zelito, eu disse, diz Zelito! Ele disse, “vem cá eu quero falar contigo, você quer voltar a trabalhar comigo?” Eu digo, quem é que não queria trabalhar com Zelito? Aí eu digo, quero, e o que é que eu vou fazer? “Você vai ser plantão esportivo”, eu digo, plantão esportivo, Zelito? Dá certo não, ele disse, “dá, você entende de futebol, nem se preocupe que dá”, aí eu disse, mas como é que tu vai me colocar de plantão esportivo o plantão esportivo lá da rádio não é Joãozito Silva, ele disse “não, Joãozito pediu um tempo e eu não posso esperar não, já quero estreiar domingo” isso era uma terça feira, aí eu disse, Zelito, veja bem, você sabe que o maior narrador esportivo da Paraíba e do Nordeste para mim é você, e o melhor plantão do Nordeste se chama Edvaldo Gouveia, eu posso conversar com Edvaldo Gouveia para ver se ele me dá uma opinião positiva ou negativa? “pode”, pronto dali eu fui direto para a casa de Edvaldo Gouveia, [...] Aí no outro dia eu tinha marcado com Zelito no Calçadão eu voltei e disse, Zelito eu estreio domingo, ele disse “tu estreia, posso dizer no ar?” Eu digo, pode dizer no ar. Edvaldo me deu várias dicas, agradeço até hoje, uma que eu não esqueço nunca foi, “nunca vá na primeira informação”, tanto é que eu o enalteço, tudo que eu sei foi Edvaldo que me ensinou. Voltei no rádio novamente através de Joselito Pereira de Lucena que eu agradeço até hoje, já faz 20 anos trabalhando, com Rostand, o filho dele no plantão esportivo. Eu acho que o pessoal está gostando, porque já faz 20 anos [risos].²²⁶

Luciano Santos começou a usar a chamada de devolução para o locutor da seguinte maneira, ao dizer os resultados como plantão esportivo, ele devolveia o som dizendo,

Vamos retornar o som ao Estádio Amigão cabine número 1, onde está ele, o melhor narrador do Norte e Nordeste, aí soltava a vinheta, Joselito Lucena, e com Rostand agora é o seguinte, cria minha também, criei, vamos voltar o som ao Estádio Amigão cabine número 1, onde está ele, o filho do mestre, quer dizer, eu botei esse nome de Zelito, o mestre, não é porquê foi eu não, é porque ele foi meu mestre, eu aprendi com ele. [...]. Em um jogo Fluminense e Treze em 2005, se eu não me engano, o Treze naquela Copa do Brasil foi bem longe na competição, e você sabe que a Globo [rede de televisão] tem um padrão de qualidade e prima pelo horário, só que para começar

²²⁵ Luciano dos Santos Pereira, entrevista concedida ao autor em 26/12/2018.

²²⁶ Luciano dos Santos Pereira, entrevista concedida ao autor em 26/12/2018.

o jogo tinha que terminar a novela, aí entrou o Fluminense, entrou o Treze, 10 minutos, 15 minutos, já ia com 20 minutos e nada do jogo começar, aí eu chamei, “plantão esportivo”, aí Zelito, “vai plantão”, eu disse, Zelito, o jogo só vai começar quando a novela terminar, e a novela ainda não terminou não, Zelito, aí ele disse, “eita, o plantão hoje está com a molesta, está dando até a novela”, quer dizer, Zelito além de ser uma pessoa muito espirituosa era gente boa demais, era bom demais [risos].²²⁷

Romildo Nascimento, que também já fora citado neste trabalho, fez questão de comentar no ar, como Joselito Lucena tinha um cuidado com seus escritos, no episódio já narrado em outro capítulo, quando da viagem até o Mato Grosso, onde estavam o próprio Romildo Nascimento e o Zelito Lucena, Romildo observou algo que nos chamou a atenção,

Zelito andava com uma agenda, e nós passamos por um episódio, nós fomos ao Mato Grosso, na cidade de Campo Grande, não me lembro bem exatamente o ano, e eu tive talvez o maior susto na minha vida, eu não gosto de voar, se for para voar amanhã eu vou, mas eu não gosto, mas o susto foi realmente muito grande, não foi turbulência, depois a gente foi jantar com um irmão de um piloto comercial e ele disse, “eu não sei na verdade o que aconteceu”, mas ele deu um relato que a gente acredita piamente que foi o fato em tela. Amigo, o avião ele desceu, ele perdeu altura, e foram muitos metros no vácuo, e foi muito, mas foi muito, ele não balançou, ele desceu, sabe? E a aeromoça caiu, e ela pediu socorro, então o nosso pânico foi esse, a aeromoça é preparada, então quando ela pediu socorro o resto acabou [risos], se a aeromoça está nessa situação... Zelito vinha tomando Caracu/Xingu, nessa viagem só íamos nós dois, eu e Zelito por emissoras diferentes, Zelito já estava na Caturité e eu na Borborema. Zelito estava tomando Caracu/Xingu, que era uma cerveja escura, essa cerveja ela voou, ela foi para o teto, mas o detalhe que eu queria chegar é exatamente que em meio aquele susto Zelito não abriu mão da agenda, e ele escrevendo e eu dizendo, Zelito o que é isso? Como é que tu tens coragem de fazer isso? Aí ele disse, “não, porque se caso o avião cair e tal, ainda que queime tudo se restar a agenda alguém um dia vai pegar e vai ver como realmente tudo aconteceu”.²²⁸

Como percebemos na fala do Romildo Nascimento, era perceptível o cuidado que Zelito Lucena tinha com seus escritos, quando não podia escrever de maneira mais formal ou datilografada, rabiscava sua agenda e depois fazia uso da lembrança para assim detalhar os acontecimentos do seu dia a dia. Agendas essas que nos serviram a todo momento para cruzarmos as fontes e verificarmos que existia essa preocupação em manter os fatos registrados de forma que ele não esquecesse e depois pudesse narrar de forma mais tranquila e assim

²²⁷ Luciano dos Santos Pereira, entrevista concedida ao autor em 26/12/2018.

²²⁸ Áudio retirado do Programa Atualizando, apresentado pelo radialista Cléber Oliveira e exibido no dia 7 de novembro de 2019. Diversas crônicas tiveram origem ainda nas agendas/diários que Joselito Lucena carregava consigo em seu dia a dia, como destacou seu contemporâneo, Romildo Nascimento. Vale lembrar que ao citarmos como crônica, as citações dentro deste trabalho, que soe também como a consulta dessas agendas/diários que Joselito utilizava corriqueiramente para rascunhar algo que depois quisesse escrever com mais profundidade e calma em frente à sua máquina de datilografia, pois era sua companheira fiel. Outro registro é que nas agendas encontramos sempre escritos a próprio punho, já nas crônicas e comentários escritos para falar ao ar na rádio, ou mesmo os escritos sensíveis que Joselito Lucena guardou e escreveu sobre si, em sua maioria estão datilografados por ele mesmo, todos os escritos com dias, meses e anos no início ou no final. Foi comum encontrar dicas do próprio titular indicando que aquela escrita datilografada poderia ser facilmente conferida em determinada agenda, nos inquietando até mesmo no cruzamento de tais fontes.

guardar as suas lembranças. Mas em entrevista, Romildo nos falou um pouco mais sobre seu convívio com Zelito Lucena e sobre seu contato pessoal e profissional com o *mestre*, vejamos,

Uma das maiores alegrias que eu tive na minha vida, uma das maiores realizações que eu tive na minha vida profissional, foi o fato de Deus ter me dado esse privilégio, de estar de repente ao lado de um dos meus grandes ídolos da imprensa esportiva da Paraíba, porque qual foi a criança, o adolescente, o jovem de Campina Grande que não cresceu ouvindo Zelito? Quer seja torcendo para o Treze, quer seja torcendo para o Campinense, eu tive esse privilégio de ouvir as narrações de Zelito, era como se a gente estivesse no Estádio, descrevendo as cores do Treze, do Campinense, camisas alvinegras ou camisas rubro-negras, listradas assim, calção, meióes, “ataca pelo lado direito às cabines de imprensa, fulano dominou pelo lado direito, no campo ofensivo do Treze, ou do Campinense”, quer dizer, você vai se situando. E você sair dessa posição de fã para de repente estar ao lado, e ouvir de Zelito assim, “vai na bola, Romildo!”, por exemplo, eu fiz pista para Zelito [repórter de pista], já no finalzinho da trajetória dele na Borborema [Rádio], e também na Caturité [Rádio], durante algum tempo, então foi um privilégio muito grande, tinha hora que você dizia, “sou eu mesmo ao lado aqui de Zelito, a gente trabalhando na mesma equipe, viajando?”, então isso não tem preço, é uma coisa que eu carrego comigo até hoje, é o mestre sim, minha referência, eu acredito que de tantos outros colegas narradores que vieram depois de Zelito, evidentemente que cada um segue a sua linha, nós únicos, Zelito é insubstituível sem dúvida alguma, não há nem como comparar, sabe? Mas aí você tem aquela referência, as narrações dos que vieram depois de Zelito, você percebe, você ver traços de Zelito em quase todos, e eu não faço nenhuma cerimônia em dizer isso, muito pelo contrário, para mim é muita honra em ter muita coisa na minha narração que veio de Zelito, então, saudade e o legado que ficou, para mim, para outros colegas, para a imprensa esportiva de Campina Grande e da Paraíba, o futebol de Campina Grande, da Paraíba agradece, tem que agradecer muito a Joselito Pereira de Lucena, esse baiano de Jacobina. E ter sido amigo de Zelito também, me chamar de grandão, o grandão, o grandão, isso me marcou muito, muito legal mesmo. Quando a gente saía daqui de Campina Grande para transmitir em outros centros, sobretudo uma viagem mais longa, Rio de Janeiro, São Paulo, aí era que você via a essência de Zelito, porque aqui era muito aquela coisa de trabalho, o estresse, Zelito era muito rigoroso e exigia muito, no que fazia muito bem, mas fora aí vinha a descontração, o momento da cerveja, do Chopp, claro, após o trabalho, e naqueles instantes a gente via o lado de Zelito, o lado amigo, o lado extra trabalho, e era ali onde aumentava o meu apreço por Zelito, a gente tomou uns bons chopes Brasil a fora. [...] Saudade de Zelito, agradeço por tudo, ensinou muito a mim e a tanta gente.²²⁹

Outro jovem radialista, locutor esportivo de Campina Grande, o Mosaniel dos Santos Cavalcanti, quando soube desta pesquisa nos procurou e nos falou de sua vontade em relatar um pouco de seu convívio com Joselito Lucena, apesar de não ter trabalhado diretamente com Joselito, ele nos contou que desde muito jovem ouvia as narrações de Zelito Lucena e o acompanhava nas programações radiofônicas de Campina Grande, chegando a um dia ter vontade de conhecê-lo pessoalmente, e foi o que o fez, vejamos o relato que o Mosaniel nos concedeu sobre,

Zelito representou para a gente um símbolo da radiofonia paraibana. Tudo que eu falar vai ser pouco para o tanto que ele representou para a gente. [...] Eu costumo dizer, e eu acho que os outros colegas também tenham essa referência dele porque Luiz Gonzaga está para o baiano, Pelé está para o futebol assim como Joselito estava para a

²²⁹ Romildo Nascimento, em entrevista concedida ao autor em 7 de novembro de 2019.

narração esportiva, ele nasceu para fazer narração esportiva e o meu primeiro contato com Joselito foi uma questão de curiosidade, desde pequeno meu pai me levava para os jogos, para o Presidente Vargas [Estádio de futebol], para O Amigão [Estádio de futebol], para o Plínio Lemos [Estádio de futebol], e eu sempre me deparava com os narradores, Joselito, tinham outros, Martinho Lutero, isso há uns 20, 25 anos atrás, eu era pequeno, e acompanhava, e o principal era Joselito, era, digamos assim, o imbatível, sem exagero nenhum, e eu olhava para as cabines de imprensa aí tentava identificar no rádio quem é que estava falando, naquela época, eu não sou tão velho assim mas, eu lembro de sempre procurar saber quem eram os narradores, quem era que estava falando no rádio, eu sempre fui um apaixonado por rádio [...] Eu comecei brincando e hoje trabalho como profissional, trabalho em uma Rádio aqui de Campina Grande, na Rádio Panorâmica FM, já tive passagem por outras Rádios também. O que me chamava a atenção era aquela voz forte, e a gente gostava muito de ouvir Zelito com aquele jeito peculiar de transmissão, que até hoje eu não encontrei ninguém que se aproximasse dele, apesar que tem outros grandes bons, [...] E nessa eu fui criando aquela empatia pelo rádio, aquela aproximação, e eu disse, eu vou conhecer Zelito, aí meu pai disse, “está ficando doido, ele vai te receber?” Eu disse, vai, vai me receber, com certeza, e dessa minha vontade eu acho que outros tiveram também. [...] E eu cheguei na Rádio Caturité, [...] fui bem recebido, eu disse, eu queria falar com Joselito, Zelito como a gente carinhosamente chamava, era Joselito Pereira de Lucena, e a gente costumava chamar de Zelito, [...] Eu entrei ele estava em uma máquina de datilografia, em uma das salas redigindo alguma coisa, aí eu parei, não queria atrapalhar, aí quando ele deu uma pausa eu me apresentei, aí disse, boa tarde Zelito, tudo bem? Ele disse “pois não”, me recebeu muito bem, fino trato, aí a gente começou a conversar, eu dizendo da minha admiração pelo rádio e pela forma como ele trabalhava, e ele contou muitas histórias que não me vem agora na cabeça, mas ele contou a história da vida dele quase toda, da família, de como surgiu no rádio e foi interessante porque aquilo ali acendeu uma vontade ainda mais de poder participar do rádio esportivo, e aquele primeiro contato com ele foi um incentivo também, repito, foi um incentivo de poder entrar na radiofonia paraibana, e era bom, era gostoso de ouvir Zelito, ele tinha um timbre de voz quase que perfeito, uma dicção muito boa, tem Rostand, que é o filho dele, como os meninos apelidaram, o *filho do mestre*, mestre Joselito Lucena.²³⁰

É possível perceber nos depoimentos que seguiram as memórias postas em jogo. Como em uma grande partida de futebol, Joselito Lucena foi construindo representações e memórias, ora coletivas, como veremos entre os torcedores, por ocasião de alguma conquista do seu time do coração, ora individuais, daí contribuições tão interessantes para pensarmos tais agenciamentos de memórias, como a do sociólogo Maurice Halbwachs e a do também sociólogo Michael Pollak, que, aliás, este último traz uma relação entre memória e identidade.

Para Michael Pollak, “Além desses acontecimentos, a memória é constituída por *pessoas, personagens*”, Pollak acredita que há nessas relações, como as que observamos até então nesse capítulo, uma espécie de conexão para além do ocorrido, do fato narrado. Não necessariamente o personagem precisa ter vivido o fato, ele pode ter “vivido por tabela”, como acrescenta Pollak, mas a partir das memórias dos cronistas que conviveram com Joselito Lucena, construiu-se uma memória que faz com que as novas gerações carreguem as vivências

²³⁰ Mosaniel dos Santos Cavalcanti, entrevista concedida ao autor em 20/07/2018.

e experiências relatadas por esses profissionais que experimentaram a convivência com Zelito Lucena.

Pollak aponta que esses “são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”. Os novos cronistas esportivos não viveram com Joselito Lucena, mas, “se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo”. E Pollak sugere que há aqui, uma herança desta memória, pois segundo ele, “é perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada”.²³¹

Michael Pollak discorre ainda que,

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.²³²

Sobre essa “herança”, em entrevista o seu filho Rostand Silva de Lucena fez questão de comentar sobre a homenagem de ser chamado de *o filho do mestre*, o que corrobora com a citação acima registrada. Rostand nos disse que,

Na realidade para mim é um orgulho, eu recepcionei de forma muito agradável, porque não é uma questão para mim, mas é sempre está lembrando o nome dele, ter ele sempre como a referência, porque você carregar o sobrenome que ele tinha, tem vários pontos positivos e são inúmeros, e graças a Deus é a maioria, abriu muitos caminhos, você sempre é bem recebido, eu sempre digo o seguinte Zelito deixou o que todo e qualquer filho gostaria de ter como herança, se não deixou herança material como muitos deixam, mas deixou uma herança que essa herança ela não é mensurada em valores econômicos, que é o respeito, o carinho, a admiração que o pessoal tinha e tem por ele, quem o conheceu, nada melhor do que para um filho sempre ouvir elogios sobre o seu pai, então ao me tratar de *filho do mestre* tem uma responsabilidade muito grande, porque há uma cobrança natural do pessoal, e é uma cobrança que eu sempre digo o seguinte, tem gente que diz, a mas Zelito era melhor, e era melhor mesmo, eu nunca quis ser melhor ou igual, eu acho que são dois trabalhos completamente diferentes, são épocas diferentes, também já teve gente para dizer assim, “olha rapaz, tu é melhor”, eu digo, não, não sou, quem era melhor era ele, por isso, isso e isso, e eu tenho condições técnicas de dizer porque ele era melhor, até porque ele tinha o diferencial, ele realmente tinha diferencial, quem tem diferencial, a técnica todo mundo pode pegar mas o algo a mais são raros os que pegam, os que

²³¹ Ver, *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212 – pág. 2.*

²³² *Ibidem* pág. 5

tem dom para isso, e ele era uma peça raríssima, um diamante que foi lapidado através do tempo, através da sua própria arte, pegou momentos difíceis de você fazer rádio, a tecnologia não era tamanha como a gente tem hoje e ali era no gogó mesmo, ali ou você tinha gogó ou então estava fora, e ele tinha um gogó privilegiado por isso que até hoje o nome dele é marcado no rádio esportivo de Campina Grande e eu tenho plena convicção, trabalho para isso, e tenho plena convicção que o nome dele ainda vai ser marcado por várias e várias gerações. Falou no futebol de Campina, falou no rádio esportivo de Campina Grande, você tem que falar em Joselito Lucena.²³³

Como percebemos, dentro da nossa pesquisa com os que conviveram com Joselito Lucena no início das primeiras gerações de radialistas esportivos como foi o caso do Josumá Viana, Francisco Assis do Nascimento, o Olé, passando pelas gerações dos radialistas que surgiram na década de 1970, como foi o caso do Adalberto Alves, desembocando nas gerações de 1980, como o Rostand Silva de Lucena, Romildo Nascimento, Chico Alemão, Luciano Santos, Vieira Júnior e tantos outros, pois repito, esses foram os que conseguimos entrevistar. A reunião dessas gerações, a saber, a que surgiu na década de 1950 e as seguintes de 1970/80... sobre o reconhecimento e a evocação desse lugar de destaque, percebemos que há um conjunto de representações que associam Joselito Lucena a várias gerações de profissionais que surgiram no rádio campinense nesse período, o que reforça a impressão de que a sua atuação profissional ecoou entre esses profissionais.

3.2 De “estaca central” à “homem monumento”: Joselito Lucena e os aspectos de perpetuação da crônica esportiva campinense no cenário nacional

Andando pelo centro da cidade encontrei o primeiro personagem de hoje que foi logo dizendo: “dê um alô para Tibério”. Ouvi e anotei. [...] o outro, ainda no deslocamento do centro para a Rádio Caturité, o dublê de pintor de automóveis e centro avante, o meu amigo “Adautinho”. Jogou nos grandes clubes da Paraíba. Teve andanças positivas, vestiu com orgulho as camisas do Paulistano, Treze, Campinense, Botafogo e outros.

Joselito Lucena, comentário – 29/04/2009 quarta-feira – 11:50²³⁴

O que vimos até o momento pôde nos situar dentro de uma dimensão mais profunda que o radiojornalismo esportivo de Campina Grande possui. A partir de um cronista, Joselito Lucena, estamos localizando o lugar e o espaço ocupado na memória local, que esse seguimento radiofônico conserva. Seria Joselito Lucena, um *monumentum* dentro da crônica esportiva local? Levanto essa questão pois desde 2018, quando comecei a pesquisar a vida e o trabalho do Zelito Lucena, percebi que ele figura de uma forma muito estabelecida dentro do rádio

²³³ Rostand Silva de Lucena, entrevista concedida ao autor em 18/04/2019.

²³⁴ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal com data de 29/04/2009.

campinense. Joselito Lucena é, para várias gerações de torcedores e torcedoras ouvintes ou amantes do rádio, uma “evocação ao passado” do rádio paraibano, como aponta Jacques Le Goff (1990).

Pesquisando em redes sociais, encontrei diversas citações, comentários ou referências ao cronista Joselito Lucena, no *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*, foi possível estabelecer um parâmetro para embasar meu questionamento, o de que Joselito Lucena assumiu um lugar de *Homem Monumento*, notoriamente apoiado nas contribuições do historiador Jacques Le Goff. Le Goff aponta que “O *monumentum* é um sinal do passado”, posto que “atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”.²³⁵

Trago então, três publicações do *Facebook*, uma do *Instagram*, que inclusive assumiu através de uma página denominada *Clássico dos Maiores*²³⁶, a condição de agente perpetuador da memória local, pois usou a cognominação do clássico entre Treze e Campinense que foi cunhada pelo Joselito Lucena, e, ainda, alguns comentários encontrados no YouTube, quando vídeos com áudios das narrações do Joselito Lucena foram postados naquela plataforma.

A primeira análise que faremos é sobre uma postagem feita na rede social do *Facebook*, mais precisamente em um grupo dentro daquela plataforma, intitulado, *Campina Grande: Quem se lembra?* Onde são postadas fotos de antigos moradores da cidade, lojas antigas, hábitos do passado e etc. o referido grupo conta com pouco mais de 32.500 membros. Nele encontrei uma foto do Joselito Lucena, publicada em 31 de maio de 2021, pelo usuário Marco A. Carvalho, que colocou na legenda, “quando o assunto é saudade, não tem como não lembrar do ícone da imprensa esportiva campinense, Joselito Lucena, que tantas alegrias nos deu através da sua voz como o melhor narrador de futebol da Paraíba. Quem se lembra?”, tal postagem obteve até a data de 28 de agosto de 2022 o total de 819 reações, entre *emojis* de curtidas, corações e carinhas de tristeza, torcedores e torcedoras começaram a interagir com seus comentários, que somaram 223, no total.²³⁷

A torcedora Terezinha Barros Ivanildo (IVANILDO, 2021) iniciou comentando, “eita tempo bom, ouvi muito Treze x Campinense com Joselito Lucena narrando. O melhor locutor esportivo do rádio paraibano”. Já o torcedor José Noaldo Pinto (PINTO, 2021) comentou que

²³⁵ Ver, LE GOFF, Jacques, 1924 História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios). Pág. 535.

²³⁶ É possível acessar a página através do link, @classicosmaiores

²³⁷ Link de acesso <https://www.facebook.com/groups/1869225850029861/permalink/3005242516428183/>

para ele o Joselito Lucena foi, “o maior narrador esportivo que a Paraíba já teve, ele narrando e Humberto de Campos comentando era um espetáculo”.

Maurílio Vieira (VIEIRA, 2021) comentou, “esse nos recorda boas lembranças. Ícone da radiodifusão da Paraíba”. Já Jonas dos Santos Nascimento (NASCIMENTO, 2021) “eu era jovem em 1975 o jogo Campinense x América e Rio de Janeiro, ele estava irradiando, maior alegria... nossa! um a zero pra o Campinense”. Aqui é possível perceber que a fotografia usada na postagem foi suficiente para trazer à tona lembranças do passado, apoiados no princípio que estamos trazendo de que o Joselito Lucena é esse *Homem Monumento*, pois como destaca Le Goff (1990), “a palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia (*men*), que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*)”.

E os comentários seguem, obviamente que pela quantidade, não poderemos apresentar todos, mas selecionamos mais alguns que representam os demais que se seguiram. George Diniz Basílio (BASÍLIO 2021) disse que Joselito foi o “maior narrador esportivo de todos os tempos que tive a honra de conhecer”. Já para a Adenice Tavares Ribeiro (RIBEIRO 2021) Zelito “tinha uma narração das melhores”. E o Isaias Gonçalves (GONÇALVES 2021) disse que “quem não se lembra dele foi alguém que nunca escutou a voz dele pelo rádio. Um FERA da narração esportiva”. Edna Peixoto (PEIXOTO 2021) diz que “ouvia falar muito dele, mas era criança ainda!”, e aí mais uma vez o *Homem Monumento* é evocado.

Um comentário que se destacou foi o da Jerlandia Lira Valério Ramos (RAMOS 2021) quando ao lembrar do Joselito Lucena, lembrou também de seu esposo Valério, que foi atacante na equipe do Campinense Clube, um camisa 7 “diferenciado” como alguns torcedores ainda hoje destacam. Jerlandia disse que “lembro de mais, nossa, era muito bonito ouvi-lo e narrando gol do Campinense de preferência do meu esposo Valério era maravilhoso! Joselito também foi um grande raposeiro”. Aqui é possível recordar tanto das narrações do cronista em questão, quanto de um jogador bastante conhecido da torcida raposeira, o Valério. O comentário nos fez refletir sobre como ao lembrar de um passado vivido, através de uma personagem, tantos outros também podem regressar à lembrança, pois essa relação locutor, torcedor, mas também jogador, é bastante fértil no que se refere aos acessos à memória.

A outra postagem que separamos foi uma da página intitulada Raposa Feroz, no *Facebook* e @raposaferozoficial²³⁸ no *Instagram*. Com as publicações tendo sido efetivadas em 15 de março de 2022, onde foi postado um vídeo com um trecho de uma narração do Joselito Lucena.²³⁹ A legenda da postagem foi a seguinte,

²³⁸ No Instagram a página conta com 4.685 seguidores

²³⁹ Link para acesso <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=467143878475360>

Hoje não é dia de #Tbt, mas na véspera de mais um clássico em nossa querida Campina, vamos lembrar uma das narrações marcantes de um grande ícone da narração esportiva e que era muito apaixonado pelo futebol. O saudoso Joselito Lucena, baiano de nascimento e campinense de coração, pois além de cidadão de Campina Grande também foi torcedor do Campinense Clube e não escondia. “Zelito”, o baiano de Jacobina, que durante muitos anos trabalhou no Diário da Borborema, Rádio Borborema e Rádio Caturité, narrou por mais de 40 anos as façanhas de Campinense e Treze no futebol paraibano e nacional.²⁴⁰

Como dito, a publicação foi realizada tanto no *Facebook* quanto no *Instagram*, no *Facebook* a publicação teve a interação de 377 reações com *emojis* e 68 comentários a mais de 7 mil visualizações no vídeo. Já no *Instagram* houve 274 curtidas, 1.278 visualizações e 18 comentários, dentre eles o torcedor raposeiro lembra também de outros jogadores que passaram pelo Campinense Clube. Severiano Pedro (PEDRO 2022) disse que “saudades dos gols de Porto, Edvaldo Araújo, dão... narrados por Zelito Lucena, tardes e noites memoráveis no Amigão! Que esteja em paz e na luz do Príncipe da Paz!”.

E mais uma vez, uma torcedora lembra através das narrações do Joselito Lucena, traz de volta também as memórias de seu avô. Rafaela Costa Araújo (ARAÚJO 2022) comentou na publicação que “ouvir esse ilustre homem, Joselito Lucena, narrando o jogo da minha Raposa feroz é lembrar do meu vózinho, no terraço de casa lá no Catolé, com seu rádio de pilha torcendo e vibrando pela nossa raposa, eita senhor, que dor, que saudade”.

De volta ao *Facebook*, na mesma página *Campina Grande quem se lembra?* Encontramos uma nova postagem, dessa vez de 1º de maio de 2022, onde a integrante do grupo, Holanda Cavalcanti Ângela, utilizou a mesma fotografia do Joselito Lucena outrora utilizada, e colocou como legenda, “foi meu vizinho na época de 1968. Na rua Sinhazinha de Oliveira no bairro da Palmeira”. A publicação obteve 322 reações com *emojis* e 91 comentários, dos quais gostaríamos de destacar alguns. O membro do grupo, Francinildo Batista (BATISTA 2022) lembrou, “lembro muito bem quando ele morou na rua Sinhazinha de Oliveira, eu tinha apenas 7 anos. Na época ele tinha um *Jeep* que ficava estacionado na frente da sua casa, isso ficou registrado na minha memória”.

É preciso destacar ainda, que parte dessas pessoas que integram esses grupos ou páginas nas redes sociais, não residem em Campina Grande já há algum tempo, assim como com o tio da minha esposa, o senhor Jonas Silva, que quando ouviu o nome do Joselito Lucena, no mesmo instante evocou suas memórias sobre a época em que acompanhava as programações da Rádio Borborema e utilizou um slogan criado ainda na década de 1970, “a Super Borborema comanda

²⁴⁰ Ver em <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=467143878475360>

o futebol” para acessar suas lembranças e assim, se manter conectado com sua região de nascimento.

José Gonçalves (GONÇALVES 2022) comentou : “Deus te dê descanso eterno, mestre Joselito Lucena, foi o melhor locutor esportivo do Brasil” já o Ronaldo Costa (COSTA 2022) relembra de Joselito e outros nomes da época, “conheci muito na época da Rádio Borborema, era acima da Sorveteria a Flórida, ele de vez em quando ia tomar um cafezinho no São Brás, era ponto dos grandes astros Joselito, Fernando Maia, Francisco de Assis (olé), Edimilson Antônio, Humberto de Campos, José Bezerra e outros, sou desta época destas feras do rádio”. Antônio Albuquerque (ALBUQUERQUE 2022) completou, “Ronaldo Costa, eu também! Lembro bem dessas personalidades!...”.

Cacilda Castro (CASTRO 2022) diz que foram “bons tempos, grandes recordações da época nobre do rádio, que nos encantou por décadas antes da televisão na nossa terrinha”. Wellinton Dantas (DANTAS 2022) disse que Joselito foi um “grande narrador esportivo da radiofonia de Campina Grande, da Paraíba, do Nordeste, quiçá do Brasil. Voz forte, vibrante, inconfundível, cresci ouvindo... A tríade Joselito Lucena, Humberto de Campos, e Edvaldo Gouveia reputo como hors-concours”. Sueli Farias Castro (CASTRO 2022) comentou que “eu me lembro muito dele, uma pessoa muito boa”.

E os comentários seguem. Josimar Lopes da Costa (COSTA 2022) disse, o Bom Baiano, um figurão. Gentleman por excelência. Chegamos a tomar umas no Moura com Edvaldo Gouveia, Geraldo Batista e Humberto de Campos”. Marco Vieira (VIEIRA 2022) foi além, disse que a postagem sobre o Joselito Lucena, “me fez lembrar, com bastante saudade, de minha infância, adolescência, no eixo Campina Grande/Caicó. Grande locutor esportivo”. Sandro Moretti Sousa (SOUSA 2022) disse que o “Joselito Pereira de Lucena, um dos ícones do rádio paraibano e para muitos o maior narrador esportivo em todos os tempos”.

Sobre nossa análise, Le Goff (1990) deixa claro que “O *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva)”.²⁴¹ É diante disso que percebemos que o Joselito Lucena, ou as representações sobre ele, ocupam o *status* de *Homem Monumento*, justamente porque a partir da sua voz; uma fotografia; uma citação de seu nome; uma vinheta radiofônica assumem o lugar de *monumentum* tal qual Jacques Le Goff postulou na década de 1990.

Em setembro de 2019 publiquei na rede social *Facebook* a fotografia que segue, ela é bastante importante para o radiojornalismo esportivo de Campina Grande, e estava guardada no

²⁴¹ Ibidem pág. 536.

arquivo pessoal do Joselito Lucena, digo de sua importância pois é um registro único dos bastidores da inauguração do Estádio Governador Ernani Sátiro, *O Amigão*, vejamos,



Imagem 19 - Inauguração do Estádio Governador Ernani Sátiro, *O Amigão* (1975)

Jornais como o Diário da Borborema trataram de registrar os desfiles das escolas e agremiações que fizeram parte da dita inauguração. Os clubes e torcidas foram capturados pelas lentes presentes no local, além dos times de futebol, mas as equipes que fizeram parte da cobertura radiofônica não obtiveram tanta atenção, não sendo mostradas nos jornais como as outras que mencionei. Fato é que, a fotografia acima apresentada, onde estão Francisco Assis do Nascimento, o Olé, Joselito Lucena e Alberto de Queiroz, respectivamente da esquerda para à direita, em uma cabine de madeira improvisada, é o único registro da crônica esportiva que fez a cobertura daquele espetáculo de futebol. Mesmo não tendo sido veiculada como as outras imagens do evento, nos periódicos da região, a transmissão foi realizada para todo o Estado da Paraíba, com repercussão para todo o Nordeste.

Trago a fotografia em questão, para debater, ainda, a monumentalização do cronista, neste caso, não somente do Joselito Lucena, já apontado como um *Homem Monumento*, mas também, de outros personagens que são vistos como capazes de trazer de volta lembranças do passado, de um passado muitas vezes evidenciado pelas memórias associadas às vozes do radiojornalismo esportivo local. O torcedor Ronaldo Andrade (2019) comentou na fotografia que esses eram “estrelas de primeira grandeza”, e o torcedor Luiz Farias (2019) reafirmou, “sem igual”. Fernando Pingue (2019) disse que eles foram “os grandes do rádio”. George Basílio (2019) reafirmou que “narrador futebolístico igual a Zelito está para nascer” e o Daniel Tabosa

(2019) comentou sobre a saudade, dizendo que tem “saudades das narrações de Joselito Lucena! Inesquecíveis”.²⁴²

Braulio Tavares (2019), escritor reconhecido nacionalmente, filho do cronista Nilo Tavares, contemporâneo do Joselito Lucena, inclusive o Nilo Tavares trabalhou com o Joselito Lucena nas décadas de 1960 e 1970, comentou na fotografia que “Olé, Zelito e Alberto! Três craques”, fazendo uma associação a um dito do futebol, quando alguém se refere a um jogador que é diferenciado, ou que é muito bom o que faz. William Monteiro (2019) também comentou da saudade, disse que está com “saudades do baiano, a voz que fez história no futebol paraibano”, o Jailson Lopes (2019) foi além, comentou que Joselito Lucena “dava pau em muitos narradores aqui de São Paulo, com certeza”.

E aí retornamos àquela primeira discussão onde trouxe o tio da minha esposa, o senhor Jonas Geraldo, o montadense que deixou sua cidade e mesmo com mais de 40 anos longe da Paraíba, não esqueceu a vinheta “Joselito Lucena”, muito menos que “a Super Borborema comanda o futebol”. Assim como o senhor Jonas, diversos paraibanos que construíram a vida em outras regiões do país, lembram com carinho da sua cidade natal, e associa as vozes do radiojornalismo esportivo de Campina Grande aos momentos mais empolgantes envolvendo o rádio e o futebol, fosse ganhando ou perdendo um jogo ou uma competição, aqui, digo, nesse contexto pouco importa, o que se destaca disso tudo é o sentimento de pertencimento que esses filhos da Paraíba sentem e se identificam com a sua região através, também, das vozes do rádio paraibano, daí uma discussão mais aprofundada em um outro momento de pesquisa.

O programa *Reminiscências: uma viagem no túnel do tempo*, de autoria, produção e apresentação de Joselito Lucena – que serviu também para narrar fatos e acontecimentos do futebol e do rádio de Campina Grande ao longo das últimas seis décadas – nos mostra uma interação interessante dentre dessa discussão. O programa nasceu na virada do século, de acordo com algumas fontes de pesquisa, produzidas pelo cronista esportivo Joselito Lucena, foi possível perceber que no ano de 2002 o *Reminiscências* já fazia parte da programação da Rádio Caturité havendo se estendido até o ano de 2010, possivelmente com algumas pequenas paradas de alguns meses. Encontrei em uma agenda do mesmo ano – 2010 – em 5 de abril, um escrito de próprio punho do Joselito que disse, “vou escrever *Reminiscências*, decidi hoje”²⁴³, em seu arquivo encontramos ainda a primeira chamada feita para anunciar a nova programação que surgia naquele contexto, ela diz:

²⁴² Link para acesso <https://m.facebook.com/groups/1869225850029861/permalink/247304398964801/>

²⁴³ Link de acesso ao áudio do Programa *Reminiscências: uma viagem no túnel do tempo*: https://www.youtube.com/watch?v=ayCQM_id8GE&t=32s

Reminiscências tem o prazer e a satisfação de recordar com você aquele tempo que não volta mais e que evidentemente deixou saudades. Para quem viveu tudo isso que será mostrado a seguir pronunciará certamente esta frase: “velhos tempos, belos dias”. Um trabalho interessante, inteligente, bem feito e que certamente será bem recebido não só por aqueles de uma faixa etária mais avançada, mas, por todos que gostam de curtir o que é bom. Homenagem de reminiscências a este poeta que nos trouxe esta obra prima, é ele Jessier Quirino com o seu, *Estou de volta para o passado*. Vamos curtir? Técnica: - Vou embora ou estou de volta ao passado...²⁴⁴

O poeta Jessier Quirino, citado por Zelito Lucena em seus escritos, como este utilizado acima, fez talvez a homenagem de maior repercussão sobre o jornalista esportivo Joselito Lucena no âmbito nacional, quando em uma entrevista ao *Programa do Jô*, apresentado por Jô Soares, Jessier conta um caso sobre um locutor esportivo de Campina Grande chamado Joselito Lucena, o caso intitulado de *Casamento Narrado*, foi lançado em 2006 no trabalho chamado *Bandeira Nordestina*, de autoria de Jessier Quirino.²⁴⁵ Em 2009 Jessier Quirino comentou em uma rede social que,

Fiz faculdade em Campina Grande há trinta e um anos e costumava acompanhar as partidas do Treze Futebol Clube – meu querido Galo da Borborema – pela Rádio Borborema, hoje, Rádio Clube, as narrações eram de Joselito Lucena que, naquela época, já era um veterano da crônica esportiva. Foi uma agradável surpresa saber que o cronista esportivo ainda está em atividade, agora, na rádio Caturité de Campina Grande.²⁴⁶

Aqui, no depoimento do poeta, há ainda, essa lembrança associada ao pertencimento. Jessier Quirino traz à lembrança um conjunto de memórias que as vezes esquecidas, retornam com o auxílio da afetividade envolvida, do som, da voz, como sugere o próprio R. Murray Schafer (1977), em *Paisagem Sonora*. Ou ainda, dessa *solidificação do social*, como aponta Michael Pollak (1992), pois para Pollak “cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização”.²⁴⁷

Com memórias constituídas ao longo de mais de 60 anos trabalhando no rádio, e mais de 40 somente com a crônica esportiva, Joselito Lucena mantém-se vivo nas lembranças de seus ouvintes, colegas de trabalho e familiares através de tais memórias. Essa manutenção sugerida por Pollak (1992) é de fato organizada e concisa, pois dentro das pesquisas realizadas ao longo tanto da construção da monografia ainda na graduação, quanto na pesquisa para a

²⁴⁴ Comentário encontrado no arquivo pessoal de Joselito Lucena, com data de 12 de janeiro de 2002.

²⁴⁵ O vídeo da entrevista com Jessier Quirino pode ser encontrado na página da Globo play, exibição em 2 de julho 2008.

²⁴⁶ Comentário feito por Jessier Quirino em 9 de agosto 2009 ao blog: <http://www.drzem.com.br/2009/08/jessier-quirino-cumpadre-lele-garrinha.html>

²⁴⁷ *Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212* pág. 7

dissertação de mestrado, Joselito Lucena aparece com unanimidade dentro dos depoentes procurados para as entrevistas, e ainda, quando o assunto é rádio esportivo ou Treze e Campinense, seu nome – como vimos tanto nas entrevistas quanto nas publicações que serviram de arcabouço para essa discussão – é sempre recuperado pelas pessoas e trazido de volta pelas lembranças que o ligam a esse seguimento radiofônico, o radiojornalismo esportivo campinense.

3.3 O lugar na memória dos torcedores e torcedoras ouvintes: Joselito Lucena e outros cronistas que contribuíram para a força do rádio campinense segundo os próprios torcedores

O senhor Antônio Silva, porteiro que apesar de ser natural da cidade de Ingá mora e trabalha no Rio de Janeiro, disse em entrevista que Joselito Lucena para ele “foi um dos melhores narradores esportivos que eu já ouvi, na hora do grito do gol, nos comentários, fica na minha memória”, reativando através da memória afetiva tais lembranças. O senhor Antônio Silva já está fora da Paraíba há 33 anos, mas relembra com emoção o tempo em que acompanhava o futebol através do rádio. Ele destaca que “na minha opinião, o rádio e o futebol têm tudo a ver, pois, comecei a acompanhar o Campinense pelo rádio, na época não tinha televisão em casa e não tinha dinheiro para ir ao estádio”, nos fazendo refletir sobre a importância do rádio como veículo de comunicação mais acessível e popular.

Quando questionado sobre a importância de uma boa locução, uma boa transmissão de uma partida de futebol através do rádio, e o que representa um locutor esportivo o senhor Antônio Silva disse que “representa muito! foi pelo locutor que eu tive meu primeiro acesso ao futebol, sem ele fica difícil de acompanhar o jogo, não dá para entender, tanto na televisão e principalmente na Rádio”. E o porquê de levar um rádio ao estádio de futebol, já que estaria vendo pessoalmente, o senhor Antônio Silva disse que “para ouvir a narração do locutor, porque indo ao estádio estamos somente vendo, e com a narração sabemos mais sobre o que acontece em campo que talvez não conseguimos enxergar”.

Com 100 anos do rádio no Brasil, conseqüentemente de radiojornalismo esportivo, questionamos aos torcedores, como ao senhor Antônio Silva, como esse seguimento conseguiu sobreviver e até os dias atuais seguem trabalhando mesmo face a tanto avanço tecnológico, ele nos disse que,

Faz muito tempo que não ouço rádio de Campina Grande, pois estou morando no Rio de Janeiro há 33 anos, mas não me sai da memória. Eu acho que eles estão sobrevivendo pelo amor ao futebol, e em respeito aos torcedores que ainda ouvem as

narrações no rádio, que são em sua maioria, moradores da área rural, e que também gostam de uma boa narração do clássico Campinense e Treze.²⁴⁸

Um destaque importante a essa fala do depoente o senhor Antônio Silva é que ele destaca a relevância principalmente partindo do seu lugar, a zona rural. O rádio é extremamente forte nos grandes centros, que acompanham as programações de seus carros, condomínios, postos de combustíveis e etc., mesmo em meio as movimentações de uma cidade maior, mas é na zona rural que essa força se instala e é possível perceber justamente por conta dos inúmeros ouvintes espalhados nos sítios e arredores de cidades menores, como vimos nas entrevistas e depoimentos através das redes sociais e da internet, que o público da zona rural, que muitas vezes não é visto como partícipe das movimentações da cidade, é, penso eu, fundamental e imprescindível para essa manutenção do rádio no país.

Mesmo enquanto torcedor, o senhor Antônio Silva percebeu no Joselito Lucena uma importância para o seguimento radiofônico em questão, quando disse que “a nova geração de locutores deve muito a ele, fez o futebol nordestino ser mais conhecido em outras regiões”. E é aqui que observamos a noção que o torcedor desenvolve a partir de seu olhar para Campina Grande e seus arredores, pois o senhor Antônio Silva acredita que através das locuções do Joselito Lucena, os times de Campina Grande, não somente o Treze e o Campinense, mas até mesmo outros seguimentos esportivos que não o futebolístico, ganharam visibilidade a partir de tais esforços da crônica esportiva local.

De fato, quem vê o time de basquete da Unifacisa²⁴⁹ em alta nos últimos anos, talvez não saiba que o esporte como um todo sempre foi pauta do radiojornalismo esportivo de Campina Grande, obviamente que o futebol sempre obteve lugar de destaque, muito disso pela popularidade desse esporte em relação a outras modalidades, mas tanto o esporte amador quanto outras modalidades, as mais variadas possíveis, como o Basquetebol; Natação; Xadrez; Vale-Tudo e Futsal, sempre tiveram seus espaços na crônica esportiva campinense, como é possível perceber em uma crônica escrita pelo Joselito Lucena e em matérias do jornal Diário da Borborema, vejamos primeiro a crônica,

Ontem à noite inseri na minha programação algo diferente das que são frequentes. A mente estava como está e claro as atividades do futebol e somente uma coisa cansa. Precisava de algo diferente e parti em busca dessa distração mental. E me dei bem. Fui até a AABB para ver um esporte emocionante que é o basquete. Assisti a um bom jogo entre Academia TBJ de Salvador, partida principal pois quando chegamos, eu e a família já havia terminado Sport do Recife X AABB e muita vibração das torcidas. A do Campinense predominava. A do Academia, ou seja, dos baianos pequena, mas

²⁴⁸ Entrevista concedida em 17 de abril de 2022 – Antônio Lourenço da Silva

²⁴⁹ Centro universitário localizado na rua Manoel Cardoso Palhano, 124-152, bairro Itararé, Campina Grande – PB.

acreditando na sua formação. Um bom jogo. Vi atletas de criatividade, habilidosos e de pontuações ou arremessos precisos. No final, o triunfo do Campinense por 70 a 67. Sai satisfeito e acredito que volto a um jogão que o de hoje, dos líderes Campinense e Sport Clube do Recife nesta Copa do Brasil de basquete masculino quando o rubro negro da serra representa a Paraíba. Quer dizer: hoje um duelo de Raposa e Leão. Só uma coisa foi desagradável. A juventude absorveu: aquele coro maldito que faz parte dos espetáculos futebolísticos. Aquele detestável uuu que rima com sururú.²⁵⁰

Na crônica em questão, alguns pontos devem ser observados. Aqui, digo, na crônica em questão, o cronista esportivo não se desprende de sua profissão, mesmo em uma situação de passeio familiar, como ele mesmo destaca no escrito. Afim de “inserir uma programação diferente”, já que “somente o futebol cansa”, o cronista vai, ao que tudo indica, à passeio, para uma partida de basquete em uma quadra da cidade, a saber, da AABB (Associação Atlética Bando do Brasil), e mesmo assim, anota em sua agenda, para depois datilografar em sua máquina de escrever, as suas impressões sobre a partida. Outro ponto é sobre o comportamento da torcida quando faz uso de palavras de baixo calão durante a partida de basquete, o que, segundo o próprio cronista, se assemelha ao comportamento das torcidas de futebol.

No Diário da Borborema encontramos algumas matérias no caderno de esportes, uma sobre a Natação, como havia comentado anteriormente, vejamos o destaque sobre a modalidade esportiva,

Técnico de natação campeão pela Paraíba está em C. Grande

O técnico de natação José Carlos Travassos Serrano (Serrano), muito conhecido aqui na Paraíba pelos bons feitos colhidos através de competições interestaduais e também de âmbito nacional, se encontra em Campina Grande, desde ontem pela manhã Serrano, logo que chegou a nossa cidade, fez uma visita a Diário da Borborema bateu um papo com o repórter e falou de suas andanças por esse Brasil afora. Atualmente ele está sem um clube para treinar, após marcar presença no Rio Branco Esporte Clube no Amapá, onde como aconteceu em outras agremiações conquistou medalhas treinando equipes infantil, juvenil e adultos.

Em nosso Estado, "Serrano" treinou o Ástrea de João Pessoa, conseguindo o título de vice-campeão do Norte Nordeste: No Recife, ele militou no Clube Náutico Capibaribe: em São Paulo, no Corinthians e ultimamente Rio Branco Esporte Clube e Icome.

MUITOS TÍTULOS

Quando atleta de natação, "Serrano" conseguiu ser campeão pernambucano pelo Náutico e no Fluminense praticou o esporte náutico durante dois anos sendo também campeão. Dirigiu aqui na Paraíba o Selecionado Universitário de Natação, tendo levado a atleta Lara Rosas ao título de campeã brasileira dos Jogos Universitários Brasileiros, realizados em Salvador, no ano de 1968, nas modalidades de 100 e 200 metros clássicos, trazendo para o nosso Estado a medalha de ouro. Coletivamente, no mesmo ano, ele levantou o título de vice-campeonato brasileiro feminino e campeonato brasileiro masculino dos jogos Industriais. "Serrano" veio a Campina Grande, por saber que o Campinense Clube e Clube Médico Campestre dinamizando o esporte de natação. "Eu soube do progresso da natação aqui em Campina Grande, e como a Paraíba é minha terra, vou saber das possibilidades de junto aos dirigentes do Médico Campestre e Campinense Clube, mostrar meus modestos conhecimentos".²⁵¹

²⁵⁰ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal – 27/03/2009.

²⁵¹ Jornal Diário da Borborema 11 de novembro de 1973.

Mostrando com tal matéria, que o esporte tinha espaço nas redações do jornalismo esportivo local, já que os mesmos cronistas que trabalhavam no rádio também ocupavam o caderno de esportes do Jornal Diário da Borborema. Até o extinto Vale-Tudo, ou Luta Livre como chamavam na época, recebia seu destaque no Diários Associados, conseqüentemente no rádio local. Ivan Gomes, ícone do esporte na Paraíba, conhecido nacionalmente, quiçá mundialmente, em uma de suas lutas foi noticiado no jornal, bem como nos programas de rádio, inclusive os cronistas Joselito Lucena e Humberto de Campos chegaram a narrar lutas do Ivan Gomes na cidade, vejamos as reportagens sobre o acontecido,

Ivan Gomes x Alaguibel será combate do século

O "pega" entre os lutadores Ivan Gomes, campeão brasileiro de Vale Tudo e Alaguibel, campeão argentino da mesma categoria, já passa a movimentar o público esportivo de Campina Grande, que na certa comparecerá em bom número quarta-feira vindoura ao local da refrega. Será um combate dos mais empolgantes, pois o campeão platino vem com o cartaz de haver enfrentado bons lutadores em todos os países sul-americanos, estando até o presente momento invicto, enquanto Ivan Gomes detém o cartaz já conhecido por todos e não vai ser uma parada fácil para o seu antagonista. A contenda entre os dois famosos lutadores, está prevista para dez assaltos de 5 minutos cada um, por dois de descanso sendo a disposição do representante de Campina Grande, acabar com a fama do seu adversário, dando assim outro grande presente ao público serrano, qual seja uma vitória com todos os méritos.

PRÁ ARRASAR

Alaguibel, campeão argentino, diz que conhece Ivan Gomas pela sua notória fama, e até hoje, como o homem que não foi batido em nossa cidade. Segundo ele, as possibilidades de triunfo são iguais, não valendo o falatório dos campinenses em torno de um favoritismo para o campeão brasileiro. "Entrarei no ringue com o propósito de quebrar a fama do Ivan Gomes, e não só na pancadaria, mas com técnica que graças a Deus eu possuo muita, pela experiência com outros embates diante de adversários de muito valor no Chile, Argentina, Paraguai e finalmente no Suriname".

EXERCÍCIOS CONSTANTES

Desde o dia em que chegou a Campina Grande, o lutador Alaguibel vem cuidando, com vistas a fazer uma excelente exibição. Com ele veio o lutador paulista Alceu, que inclusive participará de uma das preliminares. Alceu é o seu Sparring durante os exercícios.

IVAN TRANQUILO

Em sua Academia, a rua Maciel Pinheiro, Ivan Gomes é um homem tranquilo e espera somente premiar os seus admiradores com uma bonita exibição. "Eu estou bem como sempre estive, sendo que para essa luta de quarta-feira procurei me preparar mais, pois trata-se de um encontro internacional, quando a minha vitória terá mais alcance em todo o nordeste do Brasil. Sei das boas qualidades do argentino", continuou Ivan, "porém dentro do Ringue o público vai julgar quem está melhor, e se a sorte me ajudar, sairei como vencedor, oferecendo o triunfo a minha querida Campina Grande". Ivan Gomes, vem adotando um ritmo de treinamentos muito diferente daquele efetuado antes de outras competições. Para demonstrar todo o seu vigor físico, ele tem enfrentado três "Sparrings", e sempre consegue mostrar a sua agilidade fugindo da maioria dos golpes. "Olha, isto é um novo método de treinamento. Aqui, contra os três rapazes da minha Academia, eu vou aprendendo me livrar de truques ou outros golpes que possam ser desferidos pelo adversário", finalizou.²⁵²

²⁵² Jornal Diário da Borborema 4 de novembro de 1973.

E mais uma matéria saiu sobre a peleja, vejamos,

Alaguibel e Ivan vão lutar amanhã

O campeão brasileiro de luta livre, Ivan Gomes, afirmou ontem à reportagem que vai bater em Alaguibel, campeão argentino, como se bate em mala velha, "para que ele saiba que luta não se ganha com a boca". Já o lutador platino, campeão da mesma modalidade, garante que vencerá Ivan, no primeiro assalto, e assim acabará com a sua fama. Diz que para vencer o campeão brasileiro nem é preciso treinar. "Basta passear e tomar chopinho", salienta. A luta entre os dois campeões, que já começa a atrair as atenções do grande público, será travada amanhã à noite no Clube do Trabalhador, a partir das 20 horas.²⁵³

Dentro dessas relações de respeito ou audiência a uma equipe de locução é que enxergamos a admiração dos torcedores, essa preocupação com a informação e em atender os mais variados públicos, mostrando que fosse a modalidade que fosse, a equipe estaria pronta para informar e acompanhar o espetáculo esportivo, como no futsal, que encontramos também algumas matérias e iremos apontar uma para ilustrar a nossa fala, vejamos,

“OS INTOCÁVEIS” - Este é o famoso quadro de futebol de salão da AABB categoria infanto-juvenil, invicto desde o seu primeiro jogo.

JORNADA ESPETACULAR DOS INFANTOS-JUVENIS DA AABB

Surgindo em meados do corrente ano, o quadro infanto juvenil de futebol de salão da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), foi a autêntica revelação do esporte da bola pesada, realizando longa série de jogos amistosos sem conhecer derrota. O "five" abedeano é formado exclusivamente, dos filhos de funcionários do BB, com idade variando entre 12 e 15 anos, utilizando as cores azul e branco caracterizadas em todo o território nacional pela AABB. Nos seus primeiros jogos o time recebeu a orientação técnica do atleta Raimundo Mourão de Souza, emérito goleador dos quadros maiores da AABB, passando depois para o comando de Alberto de Queiroz, profundo conhecedor dos segredos do esporte da "bola pesada", tendo passagem por grandes clubes da cidade. Em sua segunda fase de exibição, o quadro alvi azulino atuou 11 vezes, ganhando 8 e empatando 3, marcando 67 tentos contra apenas 16 gols dos seus adversários, com saldo de 51 tentos, obtendo os seguintes resultados, 4x3 contra o Palmeiras, 15x2 contra o Náutico, 12x1, 10x0 e 4x0 contra o Fortaleza, 2x2 e 6x0 contra o Bangú 4x4 contra o Esporte, 3x1 contra o Santos e 2x2 e 5x1 contra o Vasco. O pequeno Giotto, de 13 anos de idade é o elemento chave do time, autêntico craque na verdadeira expressão da palavra, apesar de sua pequena idade, surgindo também como artilheiro anotando 19 tentos em 11 jogos, seguido de Marconi com 16 anos, Guilherme com 13, Seixas 6 e Carlos Alberto, 5, Ivanildo, 4 Mário Sérgio 2, Hamilton e Ricardo com apenas 1. A brilhante carreira dos mirins abedeanos, em 1966, foi encerrada no jogo contra o Vasco, quando o time esteve implacável e fez mais uma "vítima", marcando 5 tentos a 1, na semana que passou. Treze garotos, compleção robusta e ótimo futebol, formam o elenco infanto juvenil da AABB, Ricardo (goleiro), Mário Sérgio; Guilherme; Giotto, Seixas, Marcone, Carlos Alberto, Ivanildo; Ricardo, Hamilton, Marcos, Francisquinho, Wellington e Fábio. Iniciando a temporada de 1967 os "mirins" abedeanos deverão se exhibir em João Pessoa e contra o time Jardim São Paulo, do Recife, nesta cidade.²⁵⁴

Além de ser uma outra modalidade esportiva, como vimos, era um time de Futsal de crianças e adolescentes, da Associação Atlética Banco do Brasil – AABB. Fato que nos alerta

²⁵³ Jornal Diário da Borborema 2 de novembro de 1973.

²⁵⁴ Jornal Diário da Borborema 23 de dezembro de 1966.

para percebermos que mesmo não se tratando de uma prática esportiva profissional, nem mesmo da categoria adulta, o caderno de esportes – com a mesma equipe que conduzia a programações radiofônicas locais – noticiava e não somente noticiava, mas dava lugar de destaque em suas programações, na matéria em questão, existe uma foto do time bem como a matéria que ocupou boa parte da página do jornal.

O professor e jornalista Beto Felinto destaca essa relação de proximidade com os profissionais do rádio, quando diz que “o rádio é o principal elo entre o torcedor e o futebol. São nas famosas resenhas esportivas que ele fica a par de tudo o que acontece com o seu clube”, e Beto Felinto complementa que “mesmo com o advento da internet, o rádio é sempre lembrado por uma grande leva de torcedores, que preferem o meio antigo aos modernos sites de hoje em dia!”, nos fazendo refletir sobre uma relação quase que parental entre os cronistas e os torcedores.

Sobre a importância dos locutores esportivos para o rádio e o futebol, Beto Felinto disse que “o Locutor/Cronista Esportivo é, na verdade, um vendedor de emoções. É ele o responsável pela satisfação do torcedor, através de sua eloquência e empolgação”. Dessa relação quase que parental que observei, o Beto Felinto foi quem me fez refletir sobre isso, não somente ele, mas a partir das falas quase que unânimes sobre esse “parente” distante fisicamente e muito presente através da voz que é o locutor esportivo, vejamos,

Eu tive o privilégio de ser amigo pessoal de Joselito Lucena, que, na minha opinião, foi o maior narrador esportivo, do rádio brasileiro. E vez por outra, o Zelito me via, nas cadeiras, do Amigão, com o rádio no pé do ouvido e mandava um abraço pra mim. Aquilo não tinha preço, era muito gratificante. Tem também umas passagens com o saudoso Zé Bezerra, que, apesar de não fazer parte da Crônica Esportiva, sempre fala do seu time de coração, o Treze Futebol Clube. Seu Zeca era meu vizinho e ele sempre, zoava comigo, colocando a música do Chinesinho, quando o Galo dele, ganhava da minha Raposa. Ele me chamava de China, devido aos meus olhos meios que achinesados.²⁵⁵

Não somente entre cronista e torcedor, mas até entre amigos rivais no que se refere ao clube do coração, essa relação se torna, por vezes, familiar. Beto Felinto segue falando da importância dos cronistas para a sua vida, quando disse que,

Zelito foi o melhor dos melhores de todo o Brasil! Além de sua eloquência, a sua voz era belíssima! Tenho conhecimento que, por onde outros narradores esportivos, de Campina Grande, chegavam, locutores de outras plagas, sempre perguntavam pelo Grande JOSELITO LUCENA, todos o reverenciavam! [...] Nomes como Joselito Lucena, Alberto de Queiróz e tantos outros que passaram pela crônica esportiva campinense, são espelhos para a nova geração de narradores esportivos de nossa cidade. Vez por outra escuto os narradores, da atualidade, repetindo jargões criados por Zelito e Alberto de Queiróz, o que é, na minha opinião, extremamente salutar!

²⁵⁵ Entrevista concedida em 18 de abril de 2022 – Roberto Nascimento Araújo

essa é a prova mais cabal, que eles, realmente, entraram para a história do nosso futebol!²⁵⁶

Beto Felinto aponta ainda a sua maior emoção, guardada na memória, sobre uma narração esportiva, quando disse que “a mais empolgante de todas, foi quando Zelito narrou o gol de Jairzinho, na final da Taça Independência, em 1972! e bradou Zelito: “GOOOOOOOOL!!! Jairzinho!!! Brasil, Brasil, Brasil, campeão da Taça Independência!!!” assim como o Beto Felinto, o Edilson Lemos relembra com alegria a dita Taça Independência quando em entrevista nos disse que “Joselito sempre teve grandes narrações nas partidas, mas uma que ficou marcada, foi quando ele narrou direto do Maracanã a final da mini copa – como ficou apelidada a Taça Independência daquele ano – nas comemorações dos 150 anos da nossa independência que ele narrou o gol de Jairzinho”.

A todo momento falando com gente, ente de verdade, das mais variadas camadas populares, foi uma de nossas preocupações, atingir um público diverso, masculino e feminino, do professor universitário, do médico, da enfermeira ao cobrador de ônibus, ao gari, ao músico. Minha inspiração em particular, o próprio rádio, que como disse em páginas anteriores, chega sem distinção a todos os lugares onde a tecnologia outrora não teve condições de invadir, de certo que no surgimento do rádio, nem todos tinham condições de possui-lo, era também, naquele contexto um avanço tecnológico, fato, mas mesmo assim, as grandes cornetas dos sistemas de alto-falantes instalados nas praças públicas, dinamizou as informações e as relações entre os ouvintes e as programações oriundas do rádio.

Quando falo dessa dinamização e dessa forma de alcance do nosso centenário aparelho, digo baseado nessas informações, dos interiores do nordeste, das praças com sistemas sonoros desde as primeiras décadas que seguiram o surgimento do rádio no Brasil, das rádios comunitárias posteriormente, instaladas nos bairros com alcance mínimo, mas que propagava a informação básica ao ouvinte. Edilson Lemos me ajuda a externar essa diversificação dos atingidos pelo rádio, quando relembra que “eu trabalhei na empresa Cabral 26 anos de cobrador e fiscal. Agora não estou mais trabalhando estou aguardando a aposentadoria. No dia 8 próximo eu faço 65 anos. Graças a Deus”, e foi muitas vezes dentro do coletivo, que Edilson Lemos acompanhava as resenhas esportivas, os comentários e até partidas do seu clube do coração, quando impedido de ir ao estádio por força do trabalho.

Edilson Lemos comentou sobre Joselito Lucena e outros nomes que segundo ele “foi quem deu início as grandes narrações, levando emoção aos torcedores através do rádio, que

²⁵⁶ Entrevista concedida em 18 de abril de 2022 – Roberto Nascimento Araújo

Joselito Lucena, Humberto de Campos, Edmilson Antônio, Clovis de Melo e outros, sejam lembrados”, e aciona junto as nossas discussões, as lembranças dos tempos iniciais do rádio e, segundo ele, das grandes narrações. Michael Pollak (1989) assegura que “nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores”²⁵⁷, e aqui, tais sons advindos do rádio, fazem o papel de mantenedor dessas lembranças.

Edilson Lemos, músico por hobby, fez questão de falar um pouco mais sobre Joselito Lucena, aliás, ele quem nos procurou quando soube através de uma amiga, que essa pesquisa estava sendo realizada, vejamos o que ele comentou,

Eu tive o grande prazer de conhecer Joselito Lucena né nos anos 70, porque meu pai trabalhava em Pessoa Lanche, acho que você sabe onde é, ali do lado do Capitólio [antigo cinema da cidade], e ele gostava sempre de se reunir ali com os amigos pra tomar uma brejeirinha e principalmente com umbu, na época do umbu, caju, ele gostava de tomar uma brejeirinha e se reunia sempre com os amigos da rádio com Humberto de Campos, com Evaldo Gonçalves, tinha uma turma muito ligada ali eles eram muito amigos, Rildo Fernandes, Soter Farias, Hélio Cavalcante, grandes pessoas daquela época que viviam com ele e ele gostava muito de frequentar ali, e meu pai trabalhava lá e Joselito era aquele tipão de homão [risos] uma voz estrondosa de aço ele era a voz marcante da Rádio Borborema, mas depois ele transferiu-se para Caturité né, mas ele era muito já querido e conhecido pela Rádio Borborema, Joselito Lucena era um grande narrador eu observei todos os outros narradores que surgiu, porque tinham muitos, tinha Joaci Oliveira, Edmilson Antônio, Humberto de Campos, Gilson Souto Maior, muitos, muitos... que as vezes tapava um buraco, que as vezes tinha jogo fraco e Joselito não narrava e passava a bola pra eles, mas nenhum chegava a comparação de Joselito Lucena, quando eu ia assistir ao jogo e não era ele que narrava eu já falava eita o jogo era frio sem graça entendeu? Porque ele transmitia pra a gente aquela emoção no rádio, você parecia que tava assistindo ao vivo na televisão, ele passava a imagem pra você através da sua narração entendeu? hoje em dia o cara tá aí radiando o jogo é conversando, mais rapaz a feijoada lá em fulano foi boa num, sei o quê tal, naquele tempo não tinha isso o cara pegava de gogo mesmo os 90 minutos e era muito bom, eu gostava um pouco de Edmilson Antônio aquele jeito dele narrar, acho que você não alcançou não né não se você teve a oportunidade de ver Edmilson Antônio, Humberto de Campos, Clóvis de Melo, que era tudo da época da crônica, formavam a crônica, mas eu acho que você... não sei se chegou a ver eles, mas é isso mesmo meu amigo eu tenho boas recordações de Joselito Lucena, acompanho Rostand também, um cara super inteligente, inteligentíssimo, suas narrações são muito boas também, e eu sei que ele não vai achar ruim por eu falar isso, de nós tirarmos o chapéu para Joselito Lucena, porque pode procurar aí nos narradores nas Rádios todas, que eu acho que não tem um igual a Joselito não, é naquele tempo a gente não tinha a tecnologia que nós temos hoje, o cara saia para transmitir um jogo, como ele foi transmitir aquele jogo do Brasil na mini copa que ele irradiou aquele jogo que o Brasil foi campeão gol de Jairzinho, era uma dificuldade tremenda e o cara conseguia da conta do recado, hoje em dia o cara tem tudo nas mãos é bom demais, naquele tempo era peso pesado entendeu, mas eu tenho uma grande honra de ter Joselito Lucena no meu script de pessoas famosas, você pode procurar aí no meu Facebook Edilson, o Coroinha do Forró também que tem lá fiz uma matéria sobre ele, já faz tempo entendeu, falei sobre os grandes nomes da Paraíba, do rádio, artistas, cantores e eu fiz sobre Joselito Lucena e eu acredito que o que eu falei foi a pura verdade

²⁵⁷ POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15*

O Senhor Edilson Lemas nos traz pontos importantes em sua fala que cabem discussão, e o primeiro deles diz respeito a geografia da cidade a partir de suas memórias atreladas ao rádio e as vozes do radiojornalismo esportivo de Campina Grande, pois ao relembrar do ponto em que seu pai trabalhava, Edilson Lemos nos reconecta com o antigo cinema Capitólio, ponto central da cidade, não somente isso, mas traz na lanchonete em que o seu pai servia, outros lugares de socialidade, como apontamos nos capítulos anteriores, lugares que não são erguidos com tal finalidade, mas que, com a dinâmica social do *ser e estar juntos*, tornasse ponto de frequentes encontros.

Outro ponto interessante na fala do Edilson Lemas é o fato de ele ter a preocupação e o cuidado de que essas vozes do passado não sejam esquecidas, apontando ainda, Rostand Lucena, filho do Joselito Lucena, como uma figura que de certa forma substitui ou simplesmente dá seguimento aos trabalhos desenvolvidos pelo Joselito Lucena ao longo das últimas décadas. Observamos também que há uma monumentalização do cronista Joselito Lucena que se faz presente em todas as falas colhidas, nessas do Edilson Lemas em específico, ele evoca o *Homem Monumento*, do qual discutimos, quando o compara aos demais profissionais até de outras regiões do país.

O torcedor trezeano, José Antônio, relembra momentos marcantes desse rádio esportivo do passado, mas de sua mente não sai a campanha que a crônica esportiva ergueu para que Campina Grande possuísse mais um estádio de futebol, já que o Estádio Presidente Vargas, o PV já não comportava mais os grandes clássicos que surgiam com o decorrer do tempo, discussão feita no capítulo anterior, mas que reforça essa dimensão das relações entre o torcedor e o cronista, vejamos o depoimento de José Antônio,

Os momentos marcantes foram todos nos 90 minutos corridos de vitórias, empates ou derrotas, porém marcaram muito os esforços, lembro bem do Estádio PV [Presidente Vargas], a força da crônica campinense em discutir um estádio maior para Campina isso foi decisivo para a construção do Estádio O Amigão, todas as rádios emanadas pedindo ao governador da época a construção, foi decisivo a participação dos cronistas campinenses, o PV não comportava mais, momentos marcantes por exemplo todo clássico Treze e Campinense, lembro do jogo Treze e Internacional, Treze e Botafogo, Treze e Nacional de Patos, Treze e Botafogo. Os locutores narravam por exemplo Galo e Raposa, Galo e Estrela Solitária, Galo e Canário do Sertão, Galo e Carcará etc. isso sim era criatividade.²⁵⁸

José Antônio destacou ainda que “a radiofonia representa a voz viva dos fatos relativos aos momentos presentes nos 90 minutos, a emoção positiva e negativa”, é sobre esse

²⁵⁸ Entrevista concedida em 28 de março de 2022 – José Antônio Araújo Costa.

entendimento que o torcedor possui, que a crônica esportiva gana espaço e credibilidade, pois José Antônio destacou ainda que o motivo de vários torcedores levarem o seu radinho de pila para os estádios é “exatamente para ter certeza da verdade do locutor, isso é a prova da consciência humana, aí é onde o torcedor passa a acreditar na personalidade do locutor”. Não é somente narrar, mas passar o que enxerga e interpretar essa imagem vista pelo locutor em lugar privilegiado – uma cabine de imprensa de um estádio – para os torcedores. É nesse ponto que a crença no que o locutor fala é sempre reestabelecida. Para José Antônio Joselito Lucena “trazia uma alegria fenomenal com sua dicção e sua oratória fenomenal sem embaraço é bem explicativa”.

O torcedor do Campinense Clube, Leydson Plattinny aponta de forma incisiva a importância dos locutores/cronistas esportivos para o futebol, quando diz que,

O locutor/cronista esportivo sempre foi o grande contador de histórias, manipulando a imaginação dos espectadores, criando, através das palavras, imagens em nossas mentes das épicas batalhas esportivas que ocorriam nas arenas Brasil afora. Os meios televisivos levaram muito tempo para se tornarem os principais veículos de comunicação, principalmente nos recortes sociais de menor poder aquisitivo, sendo que, esses mesmos de classe social “mais baixa” foram os grandes responsáveis por tornar o futebol nessa enorme paixão popular que vemos hoje, visto que o acesso dessas classes a outros esportes mais elitistas e ao lazer sempre foi extremamente limitado. Assim, o locutor/cronista esportivo teve, e continua a ter, papel de enorme relevância para o esporte.²⁵⁹

Seguindo o mesmo raciocínio do José Antônio, Leydson Plattinny faz de forma mais explicativa a sua justificativa dessa importância, e quando perguntado sobre o lugar que Joselito Lucena ocupa na sua memória, Leydson Plattinny disse que,

Sem dúvida, a grande voz do rádio paraibano, quiçá do rádio nacional. Joselito Lucena não pode entrar nessa enquete, não seria justo para com os demais. A qualidade da sua voz, a beleza das suas narrações, seus bordões, a expressão da emoção em suas palavras, sua torcida explícita pelo futebol campinense, fizeram de Joselito Lucena oconcur, o mestre de todos os que vieram depois dele.

Leydson Plattinny coloca Joselito Lucena como sendo “fora de competição”, segundo ele, Joselito Lucena ocupa lugar de destaque, não cabendo uma concorrência justa entre outros locutores, obviamente que o próprio Joselito Lucena deixava claro que todos da crônica esportiva local tinham o seu lugar, o seu espaço e a sua importância. Veja que a todo momento o Homem Monumento é trazido para dentro das memórias dos torcedores, que muitas vezes não contiveram a emoção ao falar de alguém que tanto admiravam e que fez parte de momentos marcantes em suas vidas enquanto torcedores e amantes do esporte das multidões, o futebol.

²⁵⁹ Entrevista concedida em 02 de abril de 2022 – Leydson Plattinny Sousa Cunha.

O torcedor Leydson Plattinny destaca ainda que a crônica esportiva local exerce um papel de acerto de contas com a manutenção e a propagação dos times pequenos, do interior em detrimento dos grandes clubes, para Leydson,

Quem é amante do futebol de Campina Grande, sem dúvida alguma, têm na crônica esportiva campinense os verdadeiros embaixadores do nosso futebol e dos nossos clubes, pois até os dias atuais, apesar de toda modernidade e abrangência advinda principalmente através da internet, nosso futebol local é extremamente discriminado pelos grandes veículos de comunicação, notadamente as emissoras de televisão, que repercutem o futebol nacional em detrimento do local. Por isso, todos os momentos verdadeiramente marcantes, como títulos, grandes vitórias, doloridas derrotas, foram gravados na mente através das transmissões de jogos e programas através do rádio. Enumera-las seria uma longa jornada.²⁶⁰

Aqui, isto é, no depoimento do Leydson Plattinny, questões de espacialidade são vistas de forma incisiva, pois a partir desse olhar visto pelo torcedor, podemos perceber que o mercado capitalista em torno do futebol, não tem interesse em clubes ou jogos envolvendo clubes de baixa adesão, como clubes interioranos. Um Vasco e Flamengo no Maracanã, em uma final de Campeonato Carioca, será transmitido pelas grandes emissoras locais, pois a audiência e o retorno financeiro é certo, mas um clássico entre Treze e Campinense, pela final de um Campeonato Paraibano, no Estádio *O Amigão*, no máximo contará com algumas gravações que farão parte dos programas esportivos – que já não tem tanto espaço na grande mídia televisiva – para mostrarem alguns lances resumidos da partida.

Estrutura as emissoras possuem, isso é fato, é visto esse alcance quando algum time do eixo sul-sudeste vem jogar no interior do Nordeste, grandes estruturas são montadas e as transmissões acontecem sem maiores problemas, como os alegados quando o assunto é transmitir jogos de times pequenos. Leydson aponta que “como dizia o saudoso jornalista esportivo Humberto de Campos: “Campina Grande é o centro de irradiação do universo”. Talvez seja o único lugar do Brasil em que a hegemonia do futebol resida no interior e não na capital do Estado”, mesmo com toda essa força no futebol campinense, não se vê transmissões corriqueiras justamente pelos motivos apontados. Leydson Plattinny aponta ainda que,

Se forem computados os títulos paraibanos (principalmente excluindo os títulos municipais que são considerados como estaduais do time pessoense homônimo do original carioca) e as conquistas em nível regional e nacional, a capital paraibana se torna mera coadjuvante. Dado este fato, a radiofonia esportiva campinense encontra terreno fértil para promoção do seu conteúdo, usufruindo da histórica rivalidade local entre Campinense e Treze e à idolatria dos seus aficionados.

Leydson coloca a capital paraibana, que tem no Botafogo muitas vezes o seu único refúgio quando o assunto é torcer por time de interior, como sendo coadjuvante em relação à

²⁶⁰ Entrevista concedida em 02 de abril de 2022 – Leydson Plattinny Sousa Cunha.

Campina Grande, muito disso por conta da força dos times locais, o Treze e o Campinense são uma força do Estado em termos de relevância futebolística, sobrando para o Botafogo da capital o personagem secundário, já que não possui em seu cartel as conquistas individuais e muito menos as somadas entre Treze e Campinense.

Quando perguntado sobre a importância dos cronistas esportivos, usando o Joselito Lucena como exemplo, Leydson Plattinny disse que,

Além da perpetuação, valorização e da promoção do nosso futebol local, que é sabido por todos, e pelo que somos eternamente gratos, há algo que muitas vezes acaba passando despercebido: a elevação da autoestima do torcedor. É notório que não temos um futebol tão garboso e tecnicamente vistoso, comparado aos dos grandes centros do país, e por isso os grandes do rádio paraibano, como Joselito Lucena, se tornaram grandes pelo talento de traduzir em palavras que enchiam os corações de alegrias e as mentes de cenas memoráveis, partidas muitas vezes “feias”, tecnicamente fracas e de poucas emoções, fazendo com que o torcedor sentisse que o seu time era aguerrido, talentoso, que desempenhava um belo futebol e que enchia de orgulho sua agremiação. Talvez esse efeito acessório seja em parte responsável pelo apego do torcedor ao radiojornalismo esportivo campinense, tão presente ainda nos dias atuais.

E é nesse “efeito acessório” que o cronista ganha lugar de destaque na memória dos torcedores, pois traz um quesito importante para a discussão, a sedução envolvida na voz e conseqüentemente na narrativa da partida. Michael Pollak (1992) nos alerta que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”. Joselito Lucena passa pelo crivo dessa aceitabilidade, quando é admitido como uma referência e conseqüente como um cronista de credibilidade.²⁶¹

Leydson encerra seu depoimento contando que “seria a realização de um sonho poder ouvir novamente a famosa e mítica “Batalha de Itapipoca”, em que o Campinense Clube pela Série C do Campeonato Brasileiro de 2003 enfrentou o Itapipoca na cidade de mesmo nome no interior cearense”. O torcedor discorre detalhes da referida partida, “a partida terminou 2x1 para o time da casa, no entanto, o Campinense saiu classificado por haver vencido o 1º jogo pelo placar de 1x0, ficando à frente na disputa no critério de desempate “gol fora de casa””. Aponta ainda que a “Batalha de Itapipoca” ganha esse nome justamente porque “nessa partida aconteceu de tudo: brigas, polícia em campo, gás de pimenta, bolas escondidas... E tudo isso descrito por uma narração visceral de Joselito Lucena”.

Para o professor Mário Carneiro,

Teu avô [Joselito Lucena] para quem no caso o escutava, e o encontrava pela primeira vez era quase que como se estivesse encontrando uma figura mitológica e quando nós falamos uma figura mitológica é uma pessoa como se diz assim que era capaz de dizer

²⁶¹ *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.*

ele existe, tá entendendo como é? Ele existe, como assim eu digo ele existe? Primeiro por conta que o camarada conseguia ter emoção com aquilo que o camarada narrava, segunda coisa que eu também quero dizer é o seguinte não é por nada, mas Zelito sempre parecia ser uma pessoa simpática ao contrário de outros, como se diz, eram digamos assim, antipáticos.²⁶²

Relembra também de nomes como Alberto de Queiroz, nome importante e sempre citado quando o assunto é crônica esportiva de Campina Grande, “outra figura também no caso que eu posso falar é Alberto de Queiroz, eu tive a oportunidade e escutei muito o jogo do Treze, ele se inspirava muito em Doalcei Bueno de Camargo, narrador lá de São Paulo que tem vídeos de narração dele, ‘abrem-se as cortinas do espetáculo, bola rolando no Estádio Presidente Vargas’”. Apesar de seu falecimento ainda na década de 1980, mais precisamente em 30 de julho de 1983, Alberto de Queiroz é sempre lembrado pela crônica esportiva e pelos torcedores em especial pelos atletas do esporte amador, com ênfase maior para o Futsal, esporte que Alberto de Queiroz militou durante anos na cidade de Campina Grande.

Sobre Humberto de Campos, comentarista sempre citado pelos amantes do rádio e do futebol campinense, o professor Mário Carneiro disse que “Humberto de Campos era aquela seriedade um cara sério, fechado. Já adulto me aproximei dele e resultado, sempre me tratou muito bem, mas veja só uma coisa, era aquela história de você encontrar a receptividade”. Professor Mário conhecia o trabalho do Humberto de Campos, lembrou que “toda vida escutei o Humberto de Campos e gostava muito do jeito dele”, então muitas vezes os cronistas passavam a ser amigos dos torcedores, sobretudo dos que residiam em Campina Grande e estavam sempre pelos Calçadões da vida.

Mário Carneiro lembra como conheceu Joselito Lucena, vejamos,

Eu vi Zelito pela primeira vez no aniversário da Rádio Borborema, tinham aqueles programas de perguntas e respostas, se respondia e tinham prêmios lá, e um dia eu fui, participei lá e ganhei alguma coisa, aí fui receber, e quando eu cheguei lá quem estava era Zelito Lucena, então eu fiquei olhando assim como quem diz “rapaz, esse cara existe”, ele falou determinada coisa aí ele me viu, viu que eu estava com uma cara de quem tinha 13 para 14 anos, 13 anos eu acho, no máximo, uma cara meio admirada e fez “bom dia, garoto”, pronto, me lembro como se fosse hoje, foi o primeiro momento que eu vi Zelito, mas porque isso aí eu já tive por conta que eu me lembro que ele saiu ele tinha um andar meio gingado assim quando era jovem, e foi isso que me chamou atenção, e a outra vez, aí eu já estava mais senhor de mim, como se diz, em 79 Campina Grande foi participar do Cidade contra Cidade, que era um programa que existia na TV do Sílvio Santos e eu tive a oportunidade de participar, e a gente foi levado para a Rádio Borborema que fazia parte do conjunto do Diário dos Associados ao qual a TV Borborema fazia, e a gente foi entrevistado, e antes de começar o programa chegou o Zelito aí eu comecei a conversar com ele e resultado ele tem um prazer de falar sobre coisas, porque o camarada tinha sido protagonista, então comecei a fazer perguntas ele também começou respondendo e eu me lembro de uma pergunta, que eu fiz, perguntei desse jeito “qual foi o jogo mais difícil que você já narrou?”, eu o chamei de “senhor” e ele disse, “pode chamar de você mesmo”, qual foi o jogo mais

²⁶² Entrevista concedida em 10 de março de 2022 – Mário Vinícius Carneiro Medeiros

difícil que você já narrou?” aí ele disse o seguinte, o Treze foi jogar em Brasília em 1964, era a primeira vez que uma equipe da Paraíba estava jogando em Brasília, e quando ele chegou lá ainda tudo muito precário o estádio estava à 20 km do hotel quando ele chegou lá, por incrível que pareça, só tinha linha de transmissão para as emissoras de Brasília, não tinham disponibilizado absolutamente nenhuma para Campina Grande, aí quando ele soube disso disse “bom o que que eu vou fazer?” voltou para o hotel conseguiu dois rádios, e pegando o fio do próprio hotel, conexão com a Embratel, eu nem sei se era Embratel naquela época e como ele mesmo disse “bom por esse aqui eu escuto e por esse aqui eu irei copiar, corujar os comentários que a rádio vai fazer” então o camarada escutava o rádio e ia narrando o que estava escutando e por outro lado quando ele dizia comenta daí fulano, ele prontamente colocava aqui no rádio o camarada como se diz falava, retornava, e ele disse que isso estava à 20 km do local do jogo, mas narrou todinho, no outro dia ele conseguiu transmitir exatamente porque ele foi e falou, a gente vem da Paraíba para transmitir um jogo aqui, aí deu certo, e ele só contou isso do primeiro jogo quando no caso voltou para Campina Grande, “foi a partida mais difícil que eu narrei na minha vida porque eu tinha que exatamente, camarada fala, a bola passa raspando, então eu tinha que dar a informação de uma coisa que eu estava ouvindo e pedindo a Deus que não faltasse energia elétrica lá, porque se não todo mundo estava perdido” isso daí no caso ele me contou a respeito disso daí, e eu disse e coisas engraçadas, você tem alguma para dizer? foi em 2000 para 2001 no antigo Gresse, não mais existe, era a posse de João Batista, Olavo estava saindo, João Batista chegando e chamaram as pessoas para presenciar a posse, e eu fui também, e aí depois do coquetel a gente conversando e ele disse “rapaz, olhe, uma vez a gente foi transmitir o jogo do Campinense, em Patos, um calor maior do mundo o jogo de 5 horas da tarde a gente chegou de manhã para ver se já se acostumava, eu e fulano de tal vamos tomar uma cervejinha, meu amigo essa cervejinha rendeu e quando ele chegou disse, “rapaz já estava meio grogue” diz Gilson Souto Maior que já estava dizendo assim “calce caranguejo e beba cerveja do pé” já estava trocando as bolas.²⁶³

Nesse depoimento, que apesar de extenso se faz necessário, destacamos dois pontos importantes nessa dinâmica de interação do locutor esportivo com os ouvintes das programações. Primeiro é lembrado pelo depoente uma das dificuldades que era comum no meio da crônica esportiva, não somente da crônica esportiva, mas do radiojornalismo como um todo, pois ao lidar com equipamentos e material humano, a tendência é que ocorram percalços algumas vezes. Fato é que diante de uma dificuldade no ato da transmissão de 1964 em Brasília, Joselito Lucena soube lidar com a situação e reverteu o problema em solução, não deixando os ouvintes paraibanos e a torcida trezeana sem ouvir o espetáculo da bola.

Outro aspecto interessante é o da ordem humana, o cronista era um ser humano, apesar de, por vezes ser confundido como um super ser, ou um profissional imbatível, não somente o Joselito Lucena, mas todos erravam, cometiam falhas e fracassos diante de episódios que muitas vezes foram sacralizados como não existentes. O fato de já estar “trocando as bolas” e haver confundido a propaganda que deveria ser feita no ato da partida, comum, pois eram os patrocinadores quem bancavam as despesas das equipes de cronistas esportivos com seus anúncios e propagandas. Joselito Lucena deveria ter dito, “calce Dupé e beba Caranguejo, uma

²⁶³ Entrevista concedida em 10 de março de 2022 – Mário Vinícius Carneiro Medeiros

qualidade Besa”, mas disse, “Dupé, o aperitivo nacional, beba Dupé e calce Caranguejo, uma qualidade Besa”.²⁶⁴

Sobre isso, o próprio Joselito Lucena deixou escrito em “Frasas Célebres”, onde anotou diversos episódios de erros dele e dos colegas, além de contar abertamente o fato ocorrido, gerando boas risadas, fazendo com que percebamos essa noção de ser humano que erra. No sentido do *Homem Monumento*, apontado anteriormente, diversos colegas e torcedores não admitem que ele tenha errado, dizem que não, que esse fato não aconteceu e que ele não cometeria tal erro, pois era um locutor muito sério e sem episódios de erros, palavras muitas vezes ditas após as entrevistas acabarem, como Gilson Souto Maior, que garantiu que essa falha não ocorreu, mas ao investigar, o próprio Joselito Lucena deixou escrito, como dito, tal episódio.

3.4 E há então o surgimento dos lugares de memória, das representações criadas sobre o mestre. (Joselito Lucena sendo posto em simbólicos depositários de memórias)

No dia de seu falecimento, muitos meios de comunicação noticiaram a morte de Joselito Pereira de Lucena, blogs, jornais, revistas, rádios locais e de outras cidades e Estados, informaram seus ouvintes e leitores do falecimento do cronista esportivo. Políticos da cidade de Campina Grande começaram então a fazer alguns ofícios com votos de pesar que se estenderam pelos meses que seguiram. Na revista impressa *Agora Esportes*, logo na capa, noticiava uma homenagem a Joselito Lucena, e a matéria que ficou a cargo do cronista Edgley Fernando Cavalcanti, que escreveu,

A voz do futebol. No decorrer da vida nos deparamos com fatos e situações que de alguma forma marcam e mais à frente, ao rebuscarmos na memória voltamos a nos deleitar com lembranças, que geralmente chamamos de nostálgicas, saudades, enfim. Trarei aqui, uma fração da atividade de alguém que através do esporte bretão, marcou não apenas a radiofonia campinense, mas especialmente os corações daqueles que ouviam sua voz, uma voz que ficará como sendo a voz do futebol. Os aparelhos de TV eram escassos, e as transmissões esportivas, a maioria nos chegava via o velho rádio de guerra. E foi através dele que certo homem marcou para sempre as narrações esportivas que envolviam as agremiações do meu querido torrão. Destaco aqui a participação de alguém que de tanto amor exportado para o que fazia, ultrapassou as barreiras virtuais da radiofonia transmitindo além da voz, emoção para quem ouvia.

²⁶⁴ O próprio Joselito Lucena destacou em crônica que era comum acontecer e que, “a grande dificuldade encontrada por qualquer narrador esportivo e transmissões no meio da torcida, é a pressão que ele sofre nos momentos positivos de ataque da equipe da sua cidade, estado ou país. No Nhozinho Santos não foi diferente, grande sufoco, mas, foi nesse jogo que aconteceu aquela gafe do comercial da Caranguejo, em determinado momento do jogo troquei as bolas dizendo: “beba Dupé e calce Caranguejo o aperitivo nacional. Aconteceu em São Luiz do Maranhão no Nhozinho Santos, no dia 17 de setembro de 1972, o Sampaio Correia foi campeão do Nordeste e o vice-campeão foi o Campinense, Joselito Lucena”. Comentário escrito e encontrado no arquivo pessoal do titular em 2009.

De nome simples que quando chamado acabou ficando para sempre marcado pela forma resumida: Joselito Lucena, melhor dizendo: Zelito Lucena. Dizer que seria como está na beira do gramado talvez soe como exagero ou fantasioso, mas, a bem da verdade, era mais que isso. Zelito dava uma entonação diferente, usava de um artifício visto em poucos para descrever através do microfone os lances que surgiam dentro das quatro linhas. “É falta perigosa próxima a área rubro-negra. O balão de couro está posicionado a cinco jardas da risca da grande área. O árbitro faz a contagem dos passos... A barreira humana é formada por cinco jogadores. Expectativa na defesa rubro-negra. O goleiro Veludo olha mais uma vez, orienta os homens de defesa... afasta-se para o meio do gol... correu, baaaateu... Liiinha de fundo!”. A cadência produzida sequenciando o quadro de perigo era algo intraduzível. Literalmente sua descrição nos colocava dentro do lance. [...] Zelito era simplesmente FENOMENAL! “Prepara-se para repor o balão de couro em campo o goleiro da equipe trezeana, Beto. Olha para o centro de campo... com o braço direito arremessa a pelota pelo alto... a bola viaja, az uma curva começa a cair... atenção!... o meio campista da Raposa recolhe o balão no ar, amacia no peito... parte com ela pelo lado esquerdo do campo, olha em direção ao gol, é perigo... Beto está adiantado, Dão observa, dispara em direção a meta trezeana... o balão vai descaindo... Gol!!! Gooooooooooooo!!! Golaço, Dãããã! Caaaaaaaamisa número 10 no costado, quando eram decorridos trinta e cinco minutos da etapa complementar. Dão, um gol para ficar na história do rubro-negro”. No início dos anos setenta aconteceu um torneio no Estado da Bahia envolvendo as seleções de alguns países, uma espécie de mini-copa, e neste evento o grande Joselito Lucena recebeu o título de melhor narrador esportivo da competição. Conquistas com estas e tantas outras que aconteceram nos palcos esportivos de Campina Grande e cidades afora, mostram que “o bom baiano”, escreveu dentro do rádio uma história como poucos. A saudade ficará, perdurará por dias afins, mas, jamais esqueceremos o grande locutor que foi você, Zelito Lucena.²⁶⁵

É possível perceber nas matérias ou escritos que surgiram após o falecimento do narrador Joselito Lucena, o quanto a sua representação se tornou cada vez mais forte, de *um grande profissional*, de *um profissional sem igual*, de *o dono de uma voz inconfundível*, e de *o mestre*. De certo, as representações que se avolumaram após a sua morte colaboraram para a edificação da sua memória, criando sobre ele uma série de *lugares de memória*. Pois como destacou o historiador Pierre Nora (1993), não existe uma naturalização na edificação dos lugares de memória, eles são erigidos, articulados de maneira intencional, representam, significam as várias falas, e também seus possíveis silenciamentos,

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre [...]. É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou.²⁶⁶

²⁶⁵ Revista Agora Esportes Guia 2011. Optamos por descrever a reportagem da mesma forma que está escrita na revista.

²⁶⁶ NORA, 1993, p.21-22. Ver NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

Em 2012, um ano após o seu falecimento a Editora Insular lançou a *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro*, sob o comando das organizadoras Nair Prata e Maria Cláudia Santos, a proposta da enciclopédia é,

Uma investigação inédita do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, abrange todo o território nacional e traça a trajetória de 231 profissionais que construíram e ainda constroem a história da radiofonia esportiva do nosso país. Grupos de pesquisadores de todos os estados brasileiros – ao todo 121 pessoas – se dedicaram à tarefa de traçar um rico panorama de biografias de radialistas com representação real para a sua região de origem e, certamente, para o Brasil como um todo. Assim, percorrendo a nação de norte a sul, esta *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro* traz histórias de vida que traçam um cenário dos desafios enfrentados, das grandes coberturas, da criação de bordões, das vitórias e derrotas que já fazem parte da memória nacional, unindo os amantes do esporte por meio das transmissões radiofônicas.²⁶⁷

Dentro da ótica dos pesquisadores da obra *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro*, Joselito Lucena foi um dos 231 “radialistas com representação real para a sua região de origem e, certamente, para o Brasil como um todo”. Mas ainda em 2011, a então deputada Daniella Ribeiro redigiu uma ementa ao presidente da Casa, que dizia,

Senhor Presidente, requeiro, na forma regimental e após ouvido o Plenário, que seja Formulado Voto de Pesar, pelo falecimento do Senhor Joselito Lucena, Radialista Esportivo da Caturité FM de Campina Grande/PB. Justificativa. Com a irreparável perda do Sr. Joselito Lucena, requeremos por parte desta Casa, a aprovação de moção de profundo pesar aos familiares, amigos e integrantes da Rádio Caturité, que prestou relevantes serviços à Campina Grande e à Paraíba. Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba, 08 de fevereiro de 2011.²⁶⁸

O então vereador Metuselá Agra, também fez o pedido, dessa vez a nível municipal, o que de acordo com NORA, (1993, p.21-22) figuram justamente como lugares de memória que começam a ser erigidos, como diversas outras notas de pesar ou manifestações de evocação à memória de Joselito Lucena que encontramos durante a pesquisa. O ofício em questão dizia,

Prezados senhor, consternados, nos dirigimos a V.Sas., a fim de comunicar-lhes que esta Câmara, atendendo ao Requerimento nº 027/2011, de autoria do Vereador METUSELÁ AGRA, subscrito pelos Edis, Laelson Patrício, Olímpio Oliveira, João Dantas, Tovar Correia Lima, Antônio Pereira Barbosa e Antônio Alves Pimentel Filho, aprovado por unanimidade, fez constar na Ata de nossos trabalhos legislativos, um Voto de Profundo Pesar pelo falecimento do Radialista Esportivo, JOSELITO PEREIRA DE LUCENA, ocorrido no dia 04 de fevereiro do corrente ano.

²⁶⁷ PRATA, Nair. *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro*. V.1. Nair Prata, Maria Cláudia Santos (org.) – Florianópolis: Insular, 2012 – 360p.: il.

²⁶⁸ REQUERIMENTO Nº 74/2011 – Autor: Daniella Ribeiro – recebido no expediente do dia 15 de fevereiro de 2011. A deputada teve então seu requerimento aprovado, que dizia; “João Pessoa, 16 de fevereiro de 2011. Senhor Diretor: Participo a Vossa Senhoria que esta Casa aprovou o Requerimento nº 074/2011, de autoria da Deputada DANIELLA RIBEIRO, propondo que seja consignado na Ata dos nossos trabalhos, Voto de Profundo Pesar pelo falecimento do Sr. Joselito Lucena. Receba, pois as condolências deste Poder pelo infausto acontecido, extensivo aos demais funcionários. Respeitosamente, ARNALDO MONTEIRO 2º Secretário” - Ofício nº 074/2011 – DCO J.A. Estado da Paraíba Assembleia Legislativa - Casa de Epitácio Pessoa.

Lamentamos profundamente a irreparável perda, ao mesmo tempo em que apresentamos a toda a família enlutada, nossas sinceras condolências. NELSON GOMES FILHO, Presidente, TOVAR CORREIA LIMA, 1º Secretário.²⁶⁹

Jornais, a exemplo do *Diário da Borborema*, que publicou em sua página de esportes a matéria intitulada, *Obrigado narrador! Que disse*,

A radiodifusão brasileira, sim, a brasileira, para os mais incrédulos a este comentário, perdeu um dos seus grandes locutores esportivos, o paraibano, como ele às vezes se referia, Joselito Lucena. Uma voz que embalou gerações de torcedores e se tornou marca registrada dos grandes clássicos do futebol paraibano. Zelito, que passou pelos áureos tempos da Rádio Borborema, hoje Rádio Clube, nunca escondeu o seu lado rubro-negro. Mesmo assim, sabia da importância da imparcialidade durante suas locuções esportivas, cativando também o respeito dos trezeanos. Sua maneira de narrar se tornara inconfundível e fez escola para muitos que surgiram posteriormente na locução da Paraíba. Deixando um legado sonoro de quem ajudou a transformar o clássico Campinense x Treze numa partida mais empolgante ainda, Zelito tinha um sonho que era o mesmo dos milhares que o ouviam: festejar um clube paraibano abraçando um título de importância nacional. Por vezes sua emoção bateu na trave, nos ‘quases’ que ficaram no caminho. Mesmo assim, não perdia a fé de testemunhar nosso futebol reconhecido pelos seus méritos dentro das quatro linhas. Seu silêncio fecha um ciclo na radiofonia esportiva nordestina e abre uma lacuna que demorará bastante a ser fechada na locução paraibana. Agradecemos em nome de todas as gerações que vibraram ao som de sua voz. Obrigado, Zelito! O *Dono da Bola* [coluna esportiva dentro do *Diário da Borborema*], não poderia deixar de abraçar os familiares e reconhecer a formidável contribuição de Zelito para a história do nosso futebol. Quando chegou para comandar a equipe esportiva do DB [Diário da Borborema], em 1963, ao lado de Amauri Capiba, Zelito se firmava como um ícone da imprensa do Brasil. E assim sempre será!²⁷⁰

Outro jornal de destaque na cidade foi o *Jornal da Paraíba*, ao publicar um texto até então desconhecido pelo anonimato que os periódicos trazem consigo, deixando muitas vezes em oculto o nome por traz da matéria, ato é que o texto muito fala sobre essas representações a respeito do Joselito Lucena e inclusive este ano, 2022 pude saber quem havia dedicado seu tempo e escrito para homenageá-lo, foi o crítico literário e também jornalista e professor, José Mário ao me encontrar em um lançamento de um livro me abordou e disse “você é neto de Joselito Lucena?” ao responder que sim, ele lembrou que havia escrito tal comentário em decorrência do falecimento daquele que, segundo ele, foi o maior locutor esportivo que já havia tido a oportunidade de ouvir narrar futebol e me acrescentou essa informação que até então eu não possuía, o comentário diz o seguinte,

Silêncio e luto no futebol paraibano

A morte de Joselito Pereira de Lucena, Zelito como frequentemente era tratado por todos os que tiveram o privilégio de conviver com ele, impregna de silêncio e luto a radiofonia esportiva paraibana, notadamente a que teve como palco de execução a nossa sempre querida e Grande Campina, na qual o baiano de nascimento e

²⁶⁹ Em 16 de março de 2011 - Ofício nº 297 – DRE – AGS. Estado da Paraíba – Câmara Municipal de Campina Grande (Casa Félix Araújo).

²⁷⁰ Jornal Diário da Borborema, 5 de fevereiro de 2011 – sábado.

campinense de coração pontificou como um dos mais brilhantes profissionais da seara esportiva. Baiano de nascimento, originário da cidade de Jacobina, mas, desde os anos sessenta radicado na Rainha da Borborema, Joselito Lucena foi mais um desses que fizeram da nossa cidade a sua pátria particular, a afetuosa mãe que, irreservadamente, o acolheu e dele fez um dos seus mais ilustres filhos. Mestre consumado da difícil arte de narrar uma partida de futebol, Zelito, enquanto esteve empunhando um microfone nas várias emissoras onde atuou, foi imbatível campeão de audiência e não teve concorrentes capazes de ameaçar-lhe a primazia e a liderança cada vez mais crescente e consolidada. Com um timbre de voz nítido, melodioso e acumpliciado a uma rigorosa correção vernacular, suas narrações esportivas nada tinham de mecanicidade e pragmatismo no rastreamento meticuloso de todas as cenas e cenários mobilizados por uma partida de futebol. Pelo contrário, tingiam-se de uma carga impressionante de emocionalismo e captavam, por dentro e com profundidade, as dimensões de lirismo, epicidade e dramaticidade inerentes a um jogo de futebol. Dizendo de outra maneira: Joselito Lucena narrava uma partida de futebol cercado de emoção e poesia por todos os lados, daí a relação extremamente empática que sempre soube manter com os seus inúmeros radiouvintes. Joselito, frequentemente, transformava partes da sua narração em zonas de acendrado suspense e, desse modo, mantinha viva, e com redobrado interesse, a atenção dos seus inúmeros ouvintes. O drible que canta, o passe que encanta e o gol que eletriza as massas sempre se constituíram em realidades que sempre encontravam, na voz de Joselito Lucena, o seu intérprete mais fiel e o seu poeta mais inspirado. Rubro-negro de coração, nunca escondeu de ninguém a sua paixão clubística mais intensa, o Campinense Clube, a Raposa Feroz, legenda imorredoura do desporto nacional, querido Clube de Campina Grande, que, na voz inimitável de Joselito Lucena, encontrou um fiel intérprete para as suas numerosas e multiplicadas conquistas no campo esportivo paraibano. Contudo, nunca lhe faltou, no exercício da sua atividade, a isenção doutrinária própria dos grandes profissionais. Polêmico, sempre emitiu, desassombradamente, os seus pontos de vista acerca do intricado universo futebolístico. Temperamental, às vezes, as suas explosões, no transcorrer de algumas partidas e da exibição do Programa Atualidades Esportivas, tradicional programa da Rádio Caturité, constituíam-se em sua, diria Roland Barthes, “**mitologia secreta e particular**”. Era, entretanto, um homem simples e apaixonado pelo futebol, que reputava como uma das mais significativas invenções da inteligência humana, instrumento não apenas fomentador da competição, mas sim da integração entre os povos. Preocupado com a preservação da história do nosso futebol, Joselito Lucena apresentava todos os domingos, ao final das famosas jornadas esportivas, um programa ancorado no cultivo memória: **No túnel do tempo**. Nessa viagem pelas cronologias do ontem, sem nenhum ranço de nostalgia paralisante, mas sim de valoração positiva dos fundamentos das nossas origens, Joselito revisitava os clássicos do passado e marcava, com o brilhantismo imanente à sua incomum sensibilidade, verdadeiros gols de placa no campo da saudade. Parte Joselito Lucena. Agasalhado pelas flores do adeus, o seu corpo, no estrito cumprimento da sentença bíblica, diluiu-se na terra de onde emergiu modelado pelas mãos sábias e amorosas do Criador. Seu exemplo de profissional competente, contudo, fica a fim de inspirar as novas gerações dos que militam no Rádio campinense. E, de igual modo, para que não nos esqueçamos de que um baiano esteve entre nós, fez superlativa história e tornou-se, meritoriamente, patrimônio da nossa cidade.²⁷¹

Nora (1993, p.7) nos sinaliza a necessidade dessa criação desses *lugares*, pois tais lugares de memória “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”. Eventos futebolísticos

²⁷¹ Texto *Silêncio e luto no futebol paraibano* de autoria de José Mário da Silva, docente da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, escritor membro da Academia Paraibana de Letras e Academia de Letras de Campina Grande.

também elencaram seus lugares de memória para Zelito Lucena, na decisão da 1º fase, o Campinense recebeu o troféu Joselito Lucena, que foi uma premiação sugerida pelo então supervisor do Campinense, o Dorgival Pereira. Na página do Globo Esporte, na internet, a matéria ainda comentou que,

[...] A Federação Paraibana de Futebol (FPF), atendendo sugestão do supervisor do clube [Campinense], Dorgival Pereira, decidiu homenagear o narrador esportivo Joselito Pereira de Lucena, que morreu no ano passado, e vai entregar ao Campinense um troféu que leva o nome do narrador. O troféu será uma espécie de prêmio pela conquista da primeira fase da competição. Joselito Lucena comandava a equipe esportiva da Rádio Caturité de Campina Grande. [...] - foi uma sugestão do supervisor Dorgival Pereira, do Campinense, em homenagear aquele que foi um dos melhores narradores esportivos do Nordeste, Joselito Lucena, e nós acatamos – disse a presidente da entidade, Rosilene Gomes [na época Rosilene Gomes era a presidente da Federação paraibana de Futebol].²⁷²

A equipe esportiva da Rádio Caturité também tratou de criar seu *lugar de memória*, quando por decisão dos próprios companheiros de toda a equipe esportiva, agora já sem o seu diretor, Joselito Lucena, resolveram batizar a equipe esportiva da Rádio Caturité de Equipe Joselito Lucena, fato curioso é que a sala que Zelito ocupou no prédio onde fica a Rádio Caturité, hoje funciona como a sala de esportes²⁷³. O Estádio Renato Cunha Lima, *O Renatão*, a *Toca da Raposa* – Estádio do Campinense Clube – tem sua sala de imprensa chamada de Sala de Imprensa Joselito Pereira de Lucena.²⁷⁴

Nos exemplos acima, é possível perceber a interação dos fatores de vontade de memória e do jogo entre a memória e a história, como destaca Pierre Nora,

O que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca. Inicialmente, é preciso ter vontade de memória. Se o princípio dessa prioridade fosse abandonado, rapidamente derivar-se-ia de uma definição estreita, a mais rica em potencialidades, para uma definição possível, mais maleável, susceptível de admitir na categoria todo objeto digno de uma lembrança.²⁷⁵

O Museu Virtual do Esporte de Campina Grande - assim como diversos outros blogs e plataformas virtuais - prestou sua homenagem e teceu suas palavras sobre o cronista Joselito Lucena. Mais uma vez é possível perceber os jogos de representações que são agenciadas pela mídia a respeito do radialista em questão. A publicação a seguir, como dito, feita pelo Museu Virtual, foi redigida e veiculada no primeiro aniversário de morte de Joselito, vejamos,

²⁷² Globo Esporte – Paraíba. 27/04/2012 <http://globoesporte.globo.com/pb/noticia/2012/04/por-ter-ganho-1-fase-campinense-vai-receber-o-trofeu-joselito-lucena.html>

²⁷³ A rádio Caturité se localiza na cidade de Campina Grande no endereço da Rua: Pres. João Pessoa, 313 – Centro.

²⁷⁴ O Estádio se localiza na cidade de Campina Grande no endereço da Rua: Rodrigues Alves, 1301 – Universitário.

²⁷⁵ NORA, 1993, p.16. Ver NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

Joselito Lucena foi um dos mais queridos cronistas esportivos de Campina Grande e da Paraíba [...] suas opiniões verdadeiras e suas reportagens objetivas eram a sua marca. A torcida acreditava no “bom baiano”, gostava de conversar e dar explicações sobre futebol. A voz inconfundível e a forma emocionante como narrava os jogos deixa saudades. Sempre será lembrado com admiração, respeito e por sua alegria contagiante. Joselito Lucena faleceu, mas a saudade que é um sentimento que não cabe no coração, escorre pelos olhos. Dizem que a saudade chama-se memória. Assim, Joselito estará para sempre nos arquivos do Museu dos Esportes de nossa cidade. Agora Joselito Lucena está narrando lá no céu. Fica em paz e tenha a certeza de que todos estão sentindo muitas saudades.²⁷⁶

Ainda em 2012, a então deputada Eva Gouveia, solicita ao governo do Estado – na época o governador em exercício era o senhor Ricardo Coutinho – que o nome do estacionamento de delegações e imprensa do Estádio *O Amigão*, receba o nome do cronista Joselito Lucena, a lei publicada em *Diário Oficial* dizia o seguinte,

Denomina de Joselito Pereira de Lucena, o Estacionamento de Imprensa, Delegações e Diretores do Estádio “O Amigão”, localizado no Município de Campina Grande, neste Estado. O GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA: Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º Fica denominado de Joselito Pereira de Lucena, o Estacionamento de Imprensa, Delegações e Diretores do Estádio “O Amigão”, localizado no Município de Campina Grande, neste Estado. Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.²⁷⁷

Na imagem que segue, ilustra o dito estacionamento construído na última reforma do Estádio *O Amigão* e que recebeu o nome do cronista esportivo Joselito Lucena, vejamos,



Imagem 20 Estacionamento de Imprensa, Delegações e Diretores do Estádio “O Amigão”.

²⁷⁶ Reportagem de Jobedis Magno de Brito Neves, publicado no Museu Virtual do Esporte de Campina Grande em 4 de fevereiro de 2012 - <http://museudoesportedecampinagrande.blogspot.com/2012/02/memorias-esportivas-joselito-lucena.html> - é possível verificar em outros sites, reportagens sobre o primeiro aniversário de morte do cronista, <http://soesporte.com.br/um-ano-sem-joselito-lucena-e-ivan-thomas/>

²⁷⁷ Diário Oficial Nº 15.125 João Pessoa - Sábado, 29 de dezembro de 2012 - Lei nº 9.941, de 27 de dezembro de 2012 autoria: deputada Eva Gouveia – Palácio do Governo do Estado da Paraíba, em João Pessoa, 27 de dezembro de 2012; 124º da Proclamação da República.

Em 2015, a Prefeitura Municipal de Campina Grande, inaugurava o Ginásio Poliesportivo Radialista Joselito Lucena, mais um *lugar de memória*, que foi inaugurado mais precisamente no dia 11 de março do ano citado. Localizado no bairro do Presidente Médici, em Campina Grande, o ginásio se mantém desde então, sendo palco de diversos eventos esportivos. A praça de esportes é uma das expressões encontradas pelo poder público, nesse caso a Prefeitura Municipal de Campina Grande, na pessoa do então prefeito, Romero Rodrigues, para cristalizar e perpetuar a memória do radialista na respectiva cidade. Sobre o ginásio, Chico Alemão nos falou em entrevista, que,

[...] E por isso que Zelito tem ginásio de esporte. E estádio de futebol se hoje viesse a ser construído na paraíba, eu não tenho dúvida que o nome de Zelito seria, viável a ser posto em qualquer que fosse a praça de esporte, por maior que fosse a praça de esporte, e fosse criada na Paraíba, com a escola e com o legado que ele deixou na radiodifusão paraibana, com o que ele construiu principalmente em Campina Grande, eu tenho plena certeza que o estádio seria no nome de Zelito Lucena.²⁷⁸

Usarei uma fotografia da área externa do Ginásio Poliesportivo Radialista Joselito Lucena, para que possamos visualizar de forma mais sólida, o dito ginásio, vejamos,



Imagem 21 Fotografia da Codecom Campina Grande – 2015.

Em 2016, a Câmara Municipal de Campina Grande inaugurou diversos projetos de lei, e “entre as matérias aprovadas de autoria dos vereadores destacam-se para homenagens como por exemplo denominando a nova TV da Câmara de Antônio Pimentel e Rádio Câmara radialista Joselito Lucena, ambos in memória”.²⁷⁹ Pierre Nora (1993, p. 27) arremata que os lugares de memória são duplos, “um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre

²⁷⁸ Francisco de Assis Lopes da Costa, entrevista concedida ao autor em 12 de julho de 2018.

²⁷⁹ Câmara Municipal de Campina Grande, 18 de março de 2016. <https://www.camaracg.pb.gov.br/camara-aprovou-projetos-de-lei-dos-vereadores-e-reajuste-para-o-magisterio-municipal/>

sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”.

Para além de qualquer rivalidade que possa existir entre Treze e Campinense, um *lugar de memória* interessante surgiu nesse contexto. Joselito Lucena sempre deixou claro que torcia para o Campinense Clube fora de seu trabalho, não era daqueles torcedores mais fanáticos, é tanto que ainda hoje alguns torcedores do Treze Futebol Clube possuem dúvidas sobre Joselito Lucena torcer realmente para o Campinense Clube, alguns chegam a dizer que ele não torcia para o Campinense, justamente pela aproximação que ele tinha com o Treze, torcedores, antigos diretores e personalidades ligadas ao clube.

Fato é que em 2015, o Estádio Presidente Vargas recebeu novas cabines de imprensa, que foram nomeadas com 6 cronistas esportivos, a saber, Joacir Oliveira, Edvaldo Gouveia, Tobias Di Pace, Joselito Lucena, Humberto de Campos e Edmilson Antônio, respectivamente. Obviamente que a homenagem a Joselito Lucena e Humberto de Campos gerou certa crítica diante de alguns torcedores trezeanos, o jornalista Tiago França publicou em seu *blog* intitulado “Muído do França” uma matéria sobre o ocorrido, ele disse que “com os nomes cravados nas cabines, Humberto de Campos e Joselito Lucena, tidos como raposeiros (a certeza se eram mesmo só eles tinham), devem ter se mexido nas covas com tamanha reprovação da patota de trezeano”. Tiago França seguiu comentando que,

Não vejo tanto problema na homenagem a Humberto e Joselito, pelo serviço que eles prestaram ao futebol paraibano como um todo, apesar da (suposta) antipatia dos dois pelo time do São José. No entanto, respeito o lado dos torcedores do Treze que não gostaram da escolha da diretoria. Torcedor quase sempre age pela paixão, ao invés da razão. Será que não caberia o nome do (não menos) inesquecível Manoel Batista em um dos seis espaços? Se não, cabe ao menos a reflexão e lembrança. É lógico que eu não amarro as chuteiras dos cronistas homenageados no PV – muito longe disso –, mas se quando eu morrer a diretoria da Raposa optar por cravar meu nome em algum lugar no Alto da Bela Vista não vou achar ruim – até porque estarei morto! – A torcida rubro-negra teria motivos para reprovar meu nome? Penso que não. Como costumava dizer o crítico ‘Mais Discutido’ Humberto de Campos – com quem tive o prazer de conviver durante meu primeiro estágio em Jornalismo na também saudosa Rádio Borborema –, em sua coluna diária ‘Jogo Duro’: “Durma-se como um barulho desses...” E que Deus tenha todos num bom lugar. Amém!²⁸⁰

Fato é que a homenagem foi feita, e dentro dessa própria matéria, o torcedor trezeano Stefano Wanderley comentou que “essa homenagem do Treze a esses grandes profissionais mostra o quanto eles representaram para a crônica não só da Paraíba como do Nordeste. Independentemente dos clubes que torciam, eram exímios profissionais e levaram o nome de

²⁸⁰ Ver matéria completa em <https://moinhodofranca.wordpress.com/2015/02/09/torcedores-do-treze-ficam-na-branca-com-homenagem-a-raposeiros-no-pv/>

Campina para o Brasil de forma positiva”²⁸¹, o que reforça que a maioria dos torcedores trezeanos aprovaram a homenagem, e que, como ressaltou o Tiago França, apenas uma “patota” teria ficado “na bronca” com tal feito. Vejamos uma imagem encontrada na matéria publicada.



Imagem 22 Foto publicada na matéria em <https://moinhodoFranca.wordpress.com/>

Em 2020, o historiador, poeta e músico Matheus Ferreira da Silva, ou simplesmente Bodão Ferreira, tratou de homenagear o Joselito Lucena com a confecção de um livreto de cordel, onde contou pontos da vida do cronista e ainda ilustrou a capa da literatura de cordel, vejamos o cordel feito pelo Bodão Ferreira,

1.
O ser ao longo do tempo
Com a história contracena
Faz desse mundo um palco
E da vida uma arena
Como fez o “Bom Baiano”
Joselito de Lucena.

2.
Em junho de 35
Nascia em Jacobina
Um dos grandes locutores
Da região nordestina
Que aos 8 anos de idade
Veio morar em Campina.

3.
Zelito desde pequeno

²⁸¹ Comentário feito em 9 de fevereiro de 2015 às 14:33.

Queria ser locutor
Gostava de futebol
Profissional e amador
No jornalismo esportivo
Seria um grande ator.

4.
Mas antes de alcançar
A sua grande conquista
Zelito foi disc-jóquei
Repórter, noticiarista
Radioator, discotecário
Âncora e comentarista.

5.
Com muita experiência
Em cada uma função
Tendo feito quase tudo
Com muita dedicação
Veio em 58
A sua consagração.

6.
A voz grave, aveludada
Conquistou ali o ouvinte
Que esperava lhe escutar
De novo no jogo seguinte
Tornando-se para o esporte
Seu grande contribuinte.

7.
E ali chegou seu lugar
No fim dos anos 50
Ganhou credibilidade
Com a voz precisa e atenta
E 8 anos no rádio
Viraram mais de 60.

8.
Joselito narrou jogos
Na Paraíba inteira
Indo mais além
Durante a sua carreira
Narrando no exterior
Com a Seleção Brasileira.

9.
Esteve em grandes conquistas
Que narrou e transmitiu
A final da mini copa
Entre Portugal e Brasil
Estava no Maracanã
Quando Pelé se despediu.

10.
Narrou Campinense Clube
Sendo penta campeão
Além de participar
Da grande inauguração
Do Estádio Ernani Sátiro

O “Colosso”, o “Amigão”.

11.
E falando da Raposa
Nunca escondeu que torcia
“Noutros Estados sou galo”
Ele brincava e dizia
Sendo sempre imparcial
Quando um jogo transmitia.

12.
O seu jeito de narrar
Cada lance da partida
Tornou-lhe uma figura
Bem quista e reconhecida
Somando muitos amigos
Ao longo de sua vida.

13.
Sempre citou seus parceiros
E as suas referências
Fazia ao Ariosto Sales
Sempre grande reverência
E tantos outros colegas
De rádio e de audiência.

14.
O Palmeira Guimarães
O Josusmá Viana
O Eptácio Soares
Berta Barros, grande dama
Ramalho Filho e muitos
Da imprensa paraibana.

15.
E todos outros estados
Onde Zelito atuou
Além da voz a amizade
Transmitiu onde passou
E o carinho dos colegas
E do público conquistou.

16.
Como na vida nem tudo
Tem a leveza das flores
E todas as profissões
Tem alegrias e dores
Joselito passou
Cenas de medos e horrores.

17.
Incidentes ocorreram
Alguns de breve passagem
Outros bem mais arriscados
Como assaltos e abordagens
Pelo meio do caminho
Quando estava de viagem.

18.
Mas Joselito seguiu

Fazendo o que sabia
 Com a voz inconfundível
 Competência e alegria
 Afinal 60 anos
 Não se constroem num dia.

19.
 Sem dúvida foi um destaque
 No rádio paraibano
 Conquistando os torcedores
 Do mais novo ao veterano
 Que chamavam Joselito
 No apelido, o “Bom Baiano”.

20.
 O timbre de Joselito
 Virou no rádio um emblema
 Feito versos encaixados
 Na estrofe de um poema
 Brilhou na Caturité
 E na Rádio Borborema.

21.
 O jargão, “amigo velho”
 Era por ele usado
 Dentro de sua cabine
 Era um locutor armado
 Empunhando com talento
 Um microfone ligado.

22.
 E o tempo foi passando
 Só não passou seu talento
 Sua voz seguia firme
 Seu trampo um divertimento
 Na rádio, intimidade
 Do povo, reconhecimento.

23.
 No ano de 2011
 Em 4 de fevereiro
 A Caturité perdeu
 Seu ilustre pioneiro
 Até a melhor história
 Tem seu ato derradeiro.

24.
 Joselito de Lucena
 Deixou além da saudade
 Sua paixão, seu compromisso
 Seu legado e verdade
 Obrigado, velho amigo
 Bom baiano, até mais tarde.²⁸²

²⁸² Cordel escrito por Matheus Ferreira da Silva – Bodão Ferreira em 2020.

Com bordões utilizados pelo cronista Joselito Lucena, Bodão Ferreira explorou eventos e questões sobre a vida pessoal e profissional do radialista. Trouxe fatos inclusive já narrados neste trabalho, como a narração da conquista do pentacampeonato do Campinense Clube e ainda, fechando a possível arenga entre Treze e Campinense, disse que “em outros Estados eu sou galo”, de fato, se o jogo fosse Treze e Campinense, as emoções eram repartidas, mas se os clubes de Campina Grande jogassem em outras cidades e até outros Estados, a emoção empregada nos gols das equipes campinenses era notória, fato que o torcedor Leydson Plattinny fez questão de destacar em seu depoimento.²⁸³

É dessa *vontade de memória*, como sugere Pierre Nora (1993) que os lugares se estabelecem e se solidificam pois “na falta dessa intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história”. Ou ainda, como dito, complemento,

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados na mais fez do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória.²⁸⁴

É desse cruzamento entre história e memória que a memória dita e a história escreve, pois nesse sentido, ao pensarem nesse personagem, ao tornarem esse *Homem Monumento*, assim como em tantos outros nomes relevantes para o radiojornalismo esportivo de Campina Grande, há a vontade, o revestimento de aura tal qual pensou Pierre Nora (1993). Nesse “*degradê*” de lugares, pois não são somente espaços físicos, mas se tornam, ainda, símbolos guardiões dessas memórias que envolvem o cronista, o rádio e o futebol de Campina Grande.²⁸⁵

3.5 Entre o enquadramento das memórias e a perpetuação das lembranças: Joselito Lucena visto por alguns familiares

Há cinco anos não rimos juntos, não dividimos transmissões, nem multiplicamos emoções. Porém, não se trata do fim. Foi apenas o término do primeiro tempo de um jogo inacabado. E que jogo, hein? Na realidade, nossa convivência aqui na terra foi um clássico, não foi um jogo qualquer. Foi uma partida cheia de emoções, do princípio até onde paramos. Um dia, em outro plano, iremos continuar. É velho, aqui as coisas ficaram um pouco sem graça. O rádio já não é o mesmo. A “Super Borborema” já não

²⁸³ No dia 26 de abril de 2022, fui convidado para participar de um programa de TV chamado Irmanados Futebol Clube, onde seria feito 60 minutos de programação somente com o intuito de homenagear o cronista Joselito Lucena. No script do programa que fiz questão de guardar a folha, escreveram: “Programa Irmanados Futebol Clube, data: 26/04/2022 horário: 19:00 apresentação: Ronald Amaral e Mário Vinícius. Homenagem ao cronista esportivo Joselito Pereira de Lucena – “Joselito Lucena”.

²⁸⁴ Ver NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares* - pág. 13

²⁸⁵ Ibidem pág. 23-24.

comanda o futebol. A Caturité, sem você, perdeu muito brilho. Até o rádio AM está indo embora. Não apareceu ninguém para relatar de forma tão fiel uma partida de futebol e a nova geração, infelizmente, se vê privada do privilégio de ouvi-lo. O Clássico dos Maiorais (nome dado por você) não coloca mais 40 mil torcedores no Amigão. Por falar em Amigão, finalmente parece que o seu sonho vai se tornar realidade. Suas críticas, mesmo que de forma tardia, foram aceitas, e o Colosso da Borborema vai receber elevadores, evitando assim que a gente chegue arquejando nas cabines depois de subir quase cem degraus. Coisa que você tanto reclamava. As viagens tornaram-se insossas. Diferente daquelas tantas que fizemos. E olha que comecei cedo. A primeira delas ainda com seis anos, quando você me levou para Juazeiro do Norte. A partir daí rodamos quase todo o Brasil e até outros países. Velhos tempos, belos dias. Continuamos mantendo a equipe esportiva da Rádio Caturité, que merecidamente, por proposta dos colegas, recebe o seu nome, conservando assim o seu contato com os ouvintes. Parece que foi ontem, porém lá se vão cinco anos. Lembro-me do medo que tinhas da morte, mas encarastes a cortina final como poucos. Por aqui continuamos tomando aquela cervejinha. Não é Antarctica, pois prefiro Skol. Lembrei-me agora da época de veraneio em João Pessoa, quando dividíamos o cooler. Metade de Antarctica e a outra metade de Skol. Você só na do pingüim e nós na que desce redondo. Teve dia de terminar a Antarctica e, para não perder a oportunidade, você dizer “é o jeito tomar Skol”. Além de uma lição de vida, você me deixou uma grande herança. Passados cinco anos de sua ida, todas as pessoas que falam sobre você só fazem rasgar elogios ao profissional e a pessoa que você foi. É a maior herança que um filho pode receber. Vou ficando por aqui. Tenho muito mais a dizer, mas como conversamos todos os dias, fica pra próxima. Está me dando um nó na garganta. Como o jogo não terminou, vou narrando sozinho aqui na terra e você aí em cima. Reserva um lugar em sua equipe celestial, pois quando terminar o meu tempo aqui chegarei para dividir as transmissões com você aí em cima. Segura firme aí velho que o segundo tempo é comigo.²⁸⁶

Rostand Silva de Lucena

Para Pollak (1989) “assim como uma ‘memória enquadrada’, uma história de vida colhida por meio da entrevista oral, esse resumo condensado de uma história social individual, é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada”.²⁸⁷ É desse contexto que trazemos depoimentos orais colhidos entre alguns familiares do Joselito Lucena, pois é necessário entender um pouco mais desse personagem dentro e fora do seu ambiente de trabalho a partir da ótica dos que conviveram diariamente com Zelito Lucena em um ambiente familiar.

No início do segundo capítulo tive a oportunidade de trazer um pouco de minha relação com o Joselito Lucena avô, aquele que fez parte de minha infância, adolescência e fase adulta, utilizando um exercício da ego-história e partindo de um lugar de uma escrita acadêmica, pude narrar essa relação como foi vista. Nesse momento, reassumo o lugar de pesquisador, historiador e preciso historicizar as narrativas dos familiares do Joselito Lucena sobre seu convívio e olhares sobre essas relações.

²⁸⁶ Crônica escrita por Rostand Silva Lucena, filho e companheiro de trabalho de Joselito Lucena, e publicada em uma rede social em 04/02/2016 - facebook.com

²⁸⁷ POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15*

Na epígrafe que inicia esse tópico, é possível tecer algumas reflexões sobre a relação entre o Joselito Lucena pai e o Rostand Lucena filho, pois além do parentesco, ambos apareceram como companheiros de trabalho, fazendo-se necessário tal acerto de contas. Rostand Lucena trata de apontar, em uma crônica no mínimo emocionante, a sua relação com seu pai que era seu companheiro de trabalho, expõe ainda, que os 5 anos decorridos depois de sua morte não foram capazes de encerrar a partida, fazendo uma alusão ao futebol, tema de suas inúmeras jornadas esportivas juntos.

Rostand Lucena aponta ainda que o rádio esportivo local passa por mudanças, mudanças essas que o Joselito Lucena não alcançou, como por exemplo, a mudança do AM – amplitude modulada – para o FM – frequência modulada, que são, grosso modo, as ondas em que trabalham as rádios. Enquanto a faixa AM opera entre 500 e 1600 quilohertz, a FM atua com 80 e 108 mega-hertz, que nada mais é que a resposta de frequência e a capacidade de alcance, na amplitude modulada – AM a resposta de frequência é inferior a frequência modulada – FM, porém o seu alcance é maior. Na frequência modulada – FM sua resposta é maior e conseqüentemente seu alcance reduzido.

Como apontado por Rostand Lucena em sua crônica, a Rádio Caturité passou por tal mudança, após mais de 6 décadas atuando através da amplitude modulada – AM, a Rádio Caturité mudou-se para a frequência modulada – FM, a “caçula das rádios AM”, como ficou conhecida, tornou-se em 2018, FM 104.1 MHz ou mega-hertz. Tais mudanças se deram pelo fato de que o atendimento de amplitude da Rádio Caturité, digo, o alcance e sua qualidade sonora deveriam crescer, deixando o sinal AM 1.050 KHz em desuso.²⁸⁸

Rostand Lucena seguiu sua crônica trazendo o *Clássico dos Maiorais*, fazendo referência ao clássico de futebol entre Treze e Campinense, e já trata de destacar que o nome para tal clássico é de autoria do cronista esportivo Joselito Lucena, ponto importante para entendermos esses enquadramentos de memória, como aponta Michael Pollak (1989), quando diz que “assim como no caso de uma memória coletiva, essas variações de uma história de vida são limitadas. Tanto no nível individual como no nível do grupo, tudo se passa como se coerência e continuidade fossem comumente admitidas como os sinais distintivos de uma memória crível e de um sentido de identidade assegurados”.²⁸⁹

²⁸⁸ A título de informação, a Rádio Caturité AM era composta pela sigla ZYI 767 – 1.050 KHz e passou a atuar sobre a sigla ZYR 610 – 104.1 MHz.

²⁸⁹ POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15*

É desse sentido de identidade assegurados que Rostand Lucena aponta um clássico que “não coloca mais 40 mil torcedores no Amigão”, justamente porque para Pollak esses enquadramentos se dão como forma de legitimação e de perpetuação da memória apreendida, capturada e congelada nesses ‘lugares’. Rostand segue apontando que, apesar dos atrasos, o Estádio Governador Ernani Sátyro, *O Amigão*, recebeu melhorias e de fato, pouco tempo depois, ocorreram reformas no espaço que possibilitaram a colocação dos elevadores de imprensa e tribuna de honra.

Rostand Lucena relembra as viagens ao lado do pai, que como apresentamos neste capítulo, tratou de levá-lo ainda criança para Juazeiro do Norte, por ocasião da inauguração daquela praça de esportes. Aqui, digo, no relato do cronista esportivo Rostand Lucena, um lugar de memória é erguido não somente entre a crônica esportiva, mas entre os torcedores, pois como destacou Rostand, o nome da equipe esportiva Joselito Lucena surge dessa vontade de conservar juntos aos ouvintes, o nome do Joselito Lucena.

Rostand Lucena traz uma reflexão interessante, a de uma herança que o pai deixou, herança essa que para ele é o orgulho de uma memória imaculada, enquadrada e muito bem representada. Rostand se despede do pai como um grande mentor e companheiro de trabalho, mas que, dentro dessa grande partida de futebol que é a vida, ele se responsabiliza pelo segundo tempo.

O *nó na garganta* do cronista é de fato um fenômeno de entrega, de retorno às lembranças de um tempo cristalizado no passado, dessa reconstrução identitária do ser e ainda de uma preocupação com o esquecimento, desta feita, com esses que assumem a guarda dessa memória do outro, é o *leitmotiv*²⁹⁰ do qual destaca Michael Pollak, pois Pollak (1989) aponta que “essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas últimas devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais”.²⁹¹

Sua filha mais nova, Cassandra Lucena, destacou em depoimento qual a sua relação com Joselito Lucena pai e profissional, quando perguntada como era Joselito Lucena fora do trabalho, Cassandra disse que ele “ficava inquieto porque não gostava de estar sem fazer nada”, nos mostrando a inquietude do ser como aponta Santo Agostinho, que para Andreatta (2015),

²⁹⁰ No dicionário *leitmotiv* assume dois significados que são parecidos. “Na música significa tema melódico ou harmônico destinado a caracterizar um personagem, uma situação, um estado de espírito e que, na forma original ou por meio de transformações desta, acompanha os seus múltiplos reaparecimentos ao longo de uma obra, esp. em óperas; motivo condutor”. Por analogia é uma “ideia, fórmula que reaparece de modo constante em obra literária, discurso publicitário ou político, com valor simbólico e para expressar uma preocupação dominante”.

²⁹¹ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

“Santo Agostinho considera que homem possui naturalmente a vontade da vida feliz e da verdade. Ele se reconhece como um ser inquieto”.²⁹² Sobre Joselito Lucena profissional e pai “não havia diferença, era a mesma pessoa, era a pessoa melhor do mundo pra mim, me dava seus conselhos que trago até os dias atuais, era dedicado, melhor amigo que tive, melhor pai do mundo, se pudesse daria a vida por mim” Cassandra Lucena destaca ainda que “ao ficar DM1 – diabética tipo 1 – cuidou demais de mim, pra ele foi um impacto grande, mas o que queria mais na vida era que eu cuidasse da minha saúde, e hoje faço por ele, o que ele pôde fez por mim”.

Na relação entre pai e filha, quando perguntada sobre a saudade ou as lembranças que ficaram Cassandra Lucena disse que “eu dizia, ‘papai eu sou apaixonada pelo senhor’, na minha vida meu pai era tudo”. Na relação com o profissional Cassandra destacou que “sem dúvidas, o melhor”, referindo-se ao cronista esportivo que Joselito Lucena se tornou ao longo do tempo. Sobre um momento marcante Cassandra disse que “foi quando meu primeiro filho nasceu, que chamei ele e disse; ‘vou colocar nele o seu nome’ e ele com lágrimas nos olhos disse, ‘meu nome?’ ‘Sim, seu nome’, e coloquei Jilton Joselito de Lucena Ferreira”.²⁹³ É aqui que Michel Pollak (1989) nos assegura que “a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência”.²⁹⁴

Uma de suas bisnetas, Júlia Lira destacou também em depoimento como era sua relação com Joselito Lucena, Júlia Lira disse que,

Vovô sempre foi muito animado, acho que em casa e em campo. Como eu vivi a minha infância praticamente toda com ele, ele acompanhou todos os meus passos. Sempre animado, fazendo a gente rir, disposto a ajudar e fazer qualquer coisa por nós. Tive a sorte grande de conviver de perto, todos os dias, por 10 anos com o meu bisavô. Era uma pessoa que não tinha uma maldade no coração, que tirava do dele para dar ao outro. Em casa ele sempre foi assim, engraçado, “presepeiro” e amava tomar aquela cervejinha bem gelada, guardo todos os nossos dias com muito carinho em minha lembrança e coração.²⁹⁵

Nessa relação entre avô e bisneta, Júlia Lira não encontra diferença entre o Joselito Lucena profissional e o Joselito Lucena bisavô “acho que não existe essa diferença. Ele levava a sua humanidade para o campo, em seu trabalho. Do jeito que era em casa, feliz, engraçado, responsável e alegre, ele era em campo enquanto estava trabalhando”. Júlia Lira destaca ainda

²⁹² Ver ANDREATTA, Danilo. A inquietude do homem segundo Agostinho: um estudo do tema nas Confissões, Livros I, VIII e X. 2015. 75 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015.

²⁹³ Entrevista concedida ao autor em 4 de agosto de 2022 – Cassandra de Lucena Ferreira.

²⁹⁴ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

²⁹⁵ Entrevista concedida ao autor em 7 de agosto de 2022 – Maria Júlia Lucena Lira.

as suas sensibilidades, quando diz que “vovô foi um ser único. Nunca sentirei o amor que ele tinha (e tem) por mim e por minhas irmãs em mais ninguém. Quando eu era criança, ‘percebi’ que ele tinha sido a única pessoa que nunca tinha me feito chorar, ou seja, nunca me entristeci com ele”. Júlia Lira aponta que para além de um sinônimo de seriedade muito relacionado ao trabalho, a função que desempenhava, muitas vezes na condição de ser chefe do departamento esportivo, “ele sempre foi referência de alegria e bom humor para mim. No âmbito pessoal, ele marcou a minha vida por me permitir conhecer e viver um amor puro, como eu falei lá em cima, ele só me marcou com felicidade”. Desse lado profissional que ela conheceu, nos disse que “ele me ensinou a lidar com as pessoas com humanidade”.²⁹⁶

Júlia Lira, apesar da pouca idade, percebe no bisavô a sua relevância para a radiofonia campinense, quando destaca que “sem sombra de dúvidas ele marcou a Paraíba e o Nordeste ao usar de sua voz para fazer parte dos “domingos” de muitas pessoas. Não existe alguém que não conheça o famoso ‘Joselito Lucenaaaa’, marcando gerações e gerações”. Relembra ainda que as lembranças no âmbito da convivência familiar são ainda muito fortes. Júlia Lira fez questão de destacar que,

Todas as memórias foram extremamente marcantes e essenciais em minha vida hoje em dia. Mas destaco aqui todas as vezes em que ele chegava do trabalho e sempre fazia graça para mim e para as minhas irmãs. Ele costumava se cobrir com todas as roupas que estavam estendidas no lado de fora e entrar pela casa se arrastando. Morríamos de rir. Marcou bastante a minha infância e é uma das maiores lembranças que eu tenho dele dentro de mim. Outra memória que marcou bastante, foram as valsas das nossas formaturas do ABC, o nosso pai morava em Brasília, então ele não conseguiu estar presente em nenhuma das três formaturas, então vovô assumiu o papel de pé de valsa.²⁹⁷

Pollak (1989) destaca que “além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves” que é o que apontam as entrevistas colhidas. É desse emaranhado de lembranças que se constituem as memórias enquadradas, como sugere Michael Pollak. É “através desse trabalho de reconstrução de si mesmo que o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros”.²⁹⁸ Para Júlia Lira, os marcos guardados em suas lembranças trazem o Joselito Lucena em suas duas dimensões, suas duas representações, a do bisavô brincalhão, mas a do profissional comprometido e que levava seus traços familiares para dentro de suas funções de trabalho.

²⁹⁶ Entrevista concedida ao autor em 7 de agosto de 2022 – Maria Júlia Lucena Lira.

²⁹⁷ Entrevista concedida ao autor em 7 de agosto de 2022 – Maria Júlia Lucena Lira.

²⁹⁸ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

Sua filha mais velha, Josiete Lucena, em entrevista relembra que Joselito Lucena era “uma pessoa alegre, engraçada, educado, preocupado com todos, apaixonado por futebol, torcedor de bem com a vida”, e que possuía em casa e no trabalho “uma personalidade só, mas com responsabilidades diferentes”. Destacou que Joselito Lucena tem em sua vida “toda a importância na formação de caráter, educação, em todos os aspectos, sempre procurou se doar a família e amigos”.²⁹⁹

Quando questionada sobre a importância de Joselito Lucena para a crônica esportiva local, Josiete Lucena nos disse que “sem dúvida nenhuma! Não existe, nem existirá um timbre de voz como a dele, limpa, audível, dicção perfeita. Na atualidade vejo um grande esforço para tal”. Para além de um profissional respeitado, como pudemos ver durante o andamento da pesquisa, Joselito Lucena se mostrou bastante sensível com os familiares, comigo, onde tive a oportunidade de apresentá-lo como avô e não somente como pesquisador, e a Josiete Lucena relembra algo que nos mostra essa sensibilidade do Joselito Lucena, quando disse que “já no final de sua vida, estávamos eu e Rostand com ele internado e ele sabia que estava próximo, mas não comentava nada. Ele aproximou as nossas cabeças com a dele e agradeceu, isso ficou marcado. Nós que deveríamos ter agradecido, mas ele quem agradeceu”.³⁰⁰

Uma de suas netas, Flávia Lucena relembra que “Joselito Lucena, quando não estava trabalhando, era uma pessoa que gostava de ler, assistir TV, se dedicar à família, tomar uma Antártica gelada, fazer um churrasquinho no domingo (ou um pirão), organizar o seu acervo, etc.”. Para Flávia Lucena “não existia diferença” do Joselito Lucena locutor esportivo e avô, “já que ele se dedicava da mesma maneira, tanto ao trabalho, quanto à família, amava os dois com a mesma intensidade e na mesma frequência”.³⁰¹

Flávia Lucena destaca ainda que,

Joselito Lucena foi e é, de grande importância em minha vida pessoal e também referência em minha vida profissional. Fomos, eu e meus irmãos, os netos que moraram a vida toda e foram criados pelo avô, que desempenhou por diversas vezes o papel de pai, mas sem perder a ternura de ser avô, já que dizem que ser avô/avô, é ser mãe/pai com açúcar. Tem grande referência na formação do meu caráter, já que sempre foi um homem íntegro, honesto, responsável, trabalhador, dedicado à família e ao trabalho e diversas outras qualidades, assim, sempre procuro usá-lo como exemplo.³⁰²

Mostrando ainda, que através do convívio diário, Joselito Lucena fez por fornecer também, educação, carinho, amor e responsabilidade, pois como Flávia Lucena destacou, se

²⁹⁹ Entrevista concedida ao autor em 7 de agosto de 2022 – Josiete Lucena de Castro.

³⁰⁰ Entrevista concedida ao autor em 7 de agosto de 2022 – Josiete Lucena de Castro.

³⁰¹ Entrevista concedida ao autor em 7 de agosto de 2022 – Flávia Maria Lucena de Castro.

³⁰² Entrevista concedida ao autor em 7 de agosto de 2022 – Flávia Maria Lucena de Castro.

dedicava à família como seu bem mais precioso, e mesmo, como no meu caso, não morando com ele, todos os dias fazia questão de perguntar se precisava de algo, cuidava até das questões financeiras de todos, nunca deixando que nada faltasse ou que houvesse necessidades que ele não pudesse suprir.

Como profissional, Flávia Lucena reconhece que,

Joselito Lucena sempre foi referência de um dos melhores profissionais do rádio da Paraíba, Nordeste e até mesmo brasileiro. Eu lembro que, quando eu era criança, os meus professores, colegas, funcionários da escola, conheciam o meu avô e sabiam que eu era neta dele, aquilo me enchia de orgulho, mesmo tão pequena, eu já sabia da grandiosidade dele. Ele se dedicou ao trabalho como poucos, para ele, diferente do nome (trabalho), aquilo não lhe era trabalho algum, parecia mais uma diversão, já que fazia com tanto prazer e facilidade. “Trabalhe com o que ama, e nunca terá que trabalhar na vida”.³⁰³

Como as minhas lembranças destacadas no tópico que dediquei a isso, Flávia Lucena sentia a mesma sensação, de que as pessoas da cidade sabiam quem era Joselito Lucena, e isso permanecesse, onde chegamos que alguém identifica de alguma forma o sobrenome, ou mesmo questiona o parentesco, sempre sai alguém para dizer “conheci Zelito Lucena, foi um grande locutor”. Flávia Lucena destacou ainda que,

São inúmeras as memórias marcantes, mas entre elas eu destaco o prazer em agradar as bisnetas, quando ele trazia no final do dia, nem que fosse um pacote de pipoca “murcha” para elas, a pipoca que tinha passado grande parte do dia dentro da bolsinha que era de costume usar, e quando ele, já doente, me esperava passar na frente da casa dele, acenava com a mão para que eu parecesse, e pedia que eu trouxesse uma ‘coquinha gelada pra gente’, pois nós dois dividíamos o mesmo “vício” e prazer pela *Coca-Cola*.³⁰⁴

Flávia Lucena é mãe de Júlia Lira, Ana Beatriz e Maria Eduarda, ela já apareceu em trechos de crônicas que usei no primeiro capítulo, fato interessante, já que em minhas pesquisas encontrei uma crônica feita pelo Joselito Lucena sobre a Flávia Lucena, vejamos,

Hoje é dia 13, 13 de março de 1997. Há exatamente 15 anos eu estava em Londrina, no Paraná, para uma partida do Treze pelo campeonato brasileiro de futebol. Três dias antes, estive em São José dos Campos também para cobertura de uma partida entre Treze e São José, oportunidade em eu vi um zagueiro do Treze fazer gol contra numa reposição de bola do grande goleiro Hélio Show, com a esfera batendo na costa de Hermes para entrar na meta rubro-negra. Mas, voltemos a LONDRINA e o porquê dessa lembrança quando são passados 15 anos exatos. Estava hospedado no Hotel do Lago, um belíssimo hotel, com o setor de restaurante isolado por vidro-Ray Ban. Lá para a surpresa minha, o dono do Hotel do Lago era Lúcio Rabelo que exercera atividades políticas aqui em Campina Grande, recebendo como bom paraibano que não nega as tradições, com fidalguia a delegação alvi-negra. Lembro-me dos fatos porque fui acometido de um problema de gengivite no sábado e quase ficava impossibilitado de transmitir o jogo com Londrina no domingo no estádio do Café. Mediquei-me e fui para o repouso no Hotel do Lago. No domingo, ainda com

³⁰³ Entrevista concedida ao autor em 7 de agosto de 2022 – Flávia Maria Lucena de Castro.

³⁰⁴ Entrevista concedida ao autor em 7 de agosto de 2022 – Flávia Maria Lucena de Castro.

problemas, fui despertado pela voz melodiosa da telefonista que avia uma ligação de Campina. Prontamente atendi e a mensagem era digna de registro e de satisfação. É que nascia na Casa de Saúde Dr. Francisco Brasileiro, uma das netas minhas, Flávia Maria, e, como hoje é a data feliz do seu aniversário, como um vídeo-tape, tudo me voltou a mente, e eu dedico com todo carinho, cheio de regozijo, este espaço, com meus votos de parabéns e de felicidades a Flávia Maria, pois seu aniversário é uma guinada no passado, quando me lembro do estádio do Café em Londrina, no Paraná, edificado numa espécie de cratera, mas, com arquibancadas bonitas no aproveitamento da depressão do terreno, que me faz lembrar o BACIÃO, de Roberto, alí no antigo AÇUDE NOVO. É isso aí, recordar é viver, especialmente quando se recorda coisas boas.³⁰⁵

Aqui, isto é, na crônica acima escrita, é possível perceber que era uma relação recíproca entre Joselito Lucena e os seus, digo, seus familiares e amigos, se no primeiro capítulo pudemos ver Joselito Lucena falando sobre os seus companheiros de trabalho, sobre a vida, sobre as suas dores e alegrias, com a simplicidade de quem reconhece a própria finitude, ou como sugere o filósofo Martin Heidegger, *uma consciência de finitude*. Não nos cabe no momento uma discussão filosófica que cobre todo o sentido de existência ou de consciência do ser, mas o fato é que a partir das narrativas colocadas por essas relações familiares entre os entes queridos e o Joselito Lucena, há, então, essa noção de ser e existir que apontamos.³⁰⁶

Luane Lucena, outra neta do Joselito Lucena, relembra que para ela Joselito Lucena foi “um avô maravilhoso, super engraçado, gostava de tomar uma cervejinha no Bar do Genival e gostava de estar com a família”, e que não avia para ela uma diferença entre o avô e o radialista, para ela Joselito Lucena era o “mesmo Joselito profissional era o mesmo entre família, ele amava o que fazia tanto no trabalho quanto em casa”. Aqui, as lembranças se entrecruzam, Luane Lucena é também mina irmã e ela destaca que “vovô foi como um pai para mim e meu irmão, sempre estava presente em momentos importantes das nossas vidas, nunca nos deixou faltar nada que precisávamos. Mesmo com pouco ele ajudava e já nos era suficiente”.³⁰⁷

Luane Lucena destaca que Joselito Lucena, “em suas narrações de jogos e comentários sobre o futebol em geral, percebia-se a paixão na sua voz, o amor que transmitia, ele era completamente dedicado ao rádio paraibano, eu digo que ele não só era a voz de ouro do nordeste, mas, foi a voz de ouro do Brasil”. E relembra o seu último diálogo com o seu avô, vejamos,

Tenho várias memórias marcantes com voinho, memórias que levarei comigo até o fim dos meus dias, mas, vou deixar aqui a última memória que tenho de antes dele

³⁰⁵ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal com data de 13 de março de 1997.

³⁰⁶ Conferir ARAÚJO, Fabíola Menezes. ALMEIDA, Rafael Ribeiro. *Sobre o conceito de consciência em Heidegger*, Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte vol. 2, nº 1, junho de 2020 ISSN 2596-0911. Artigo recebido em 03.02.2020 e aceito em 27.04.2020

³⁰⁷ Entrevista concedida ao autor em 9 de agosto de 2022 – Maria Luane de Lucena Ferreira.

partir. Recebi a ligação dele do hospital mesmo no dia que foi internado, era uma terça-feira, ele me ligou e disse
 - fala presepe, cadê o presepe? (Era meu 1º filho Luan, tinha 7 meses)
 Respondi: - está dormindo, vovô.
 Ele perguntou ‘tá tudo em ordem?’
 Respondi: - tá sim, vovô, e o senhor, como está?
 - Estou bem... (mesmo imaginando não estar)
 Ao final da ligação eu disse: - tchau, vovô, um beijo!
 Ele respondeu com sua voz linda e marcante:
 - Tchau, presepe, um beijo, vários e vários beijos...
 Foi a última vez que falei com ele. Saudades Vovô.³⁰⁸

Com esses depoimentos, de certo que carregados de emoções e muitas vezes tristeza, pela falta, pela ausência e pela saudade, movimento natural do ser humano que não se conforma com a partida e a falta que alguém que parte, faz, é ainda, possível destacar que Joselito Lucena é também, entre os seus familiares esse *Homem Monumento*, não somente como teoricamente empreendeu Jacques Le Goff, mas foi visto que de forma quase que ordenada, os familiares que participaram dessa pesquisa enxergam Joselito Lucena como sendo este monumento.

É preciso ainda, dentro dos destaques colocados sobre as memórias, problematizar à luz da História, ou mesmo do rigor científico, o papel dos silêncios nos depoimentos, pois Pollak (1989) diz que “existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, ‘não-ditos’” e é com esse pressuposto que devemos entender que “é aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior”.³⁰⁹ Sabemos que Joselito Lucena não era perfeito, possuía os seus defeitos como qualquer ser humano, que mesmo sendo posto pelos seus como um exemplo, é passivo de críticas e lembranças que podem não ser utilizadas justamente por essa preocupação de sua imagem. Meu papel enquanto pesquisador foi questionar, e livremente as pessoas responderam o que achavam ou sentiam sobre o Joselito Lucena, seja como profissional ou como familiar.

Foram sobre essas *notícias de mim*, parafraseando a professora Keila Queiroz e Silva, quando em determinado trecho de sua pesquisa a nível de doutorado, fala sobre a sua avó, que lutando contra o esquecimento de si própria lhe chama e lhe pede, “minha filha, me dê notícias de mim”³¹⁰, que percebemos a dimensão do que existia entre Joselito Lucena e *vovô Zelito*, pois apesar de ser visto na narrativa dos familiares do Joselito Lucena, meu avô, essa condição de igualdade entre o profissional e o *vovô*, nós familiares sentimos essa falta todos os dias, não

³⁰⁸ Entrevista concedida ao autor em 9 de agosto de 2022 – Maria Luane de Lucena Ferreira.

³⁰⁹ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

³¹⁰ Conferir SILVA, Keila Queiroz e. *Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos etários*. João Pessoa, 2008. 278p.

apenas aos domingos quando outros profissionais do rádio puderam facilmente substituir a sua locução.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram tempos de buscas por sintonias, de procuras por diversas estações, frequências que muitas vezes foram interrompidas pelas brechas que a dinâmica do tecido social nos oferece e principalmente como se apresentam, cheias de querelas e descontinuidades, de chiados e interferências. Me encontrei muitas vezes, e acredito ser o espaço adequado para dizer, sozinho, mas nunca desacompanhado, muito menos solitário. Esta pesquisa me deu a feliz oportunidade de encontrar-me comigo mesmo, a partir daqueles que já se foram.

O radiojornalismo esportivo de Campina Grande, por muitas vezes me ofereceu a condição de escuta, de desabafo, pois foram nas horas e horas que me dediquei a difícil missão de escrever não somente uma, mas várias vidas, como sugere François Dosse (2009)³¹¹ que pude fundir minha condição de ser humano e historiador, fato que tantos lutam para que seja desfeito ou desconexo. Lembro-me neste instante que ao perceber a grandeza do radiojornalismo esportivo de Campina Grande a partir dos seus diversos atores sociais que contribuíram e que, evidentemente que foram os principais responsáveis por tudo isso, me vi na condição de um *modesto escriba*, como se sentiu Joselito Lucena todas as vezes que se dispôs a narrar e guardar as façanhas de Treze e Campinense.

Com essa pesquisa, ainda no primeiro capítulo, pude acessar e outras vezes revisitar leituras que nunca me foram enfadonhas, pelo contrário, sempre me pareceram oportunas e dispostas a me ajudar nas concepções dos pensamentos sobre determinada situação, sempre me oferecendo o apoio teórico de que precisava. Foram nas leituras de Murray (2001) que pude entender que existia uma sonoridade nas cidades, a constante busca por uma *afinação do mundo*.³¹² Nas vozes que ecoaram através dos aparelhos de rádios da década de 1920, 1930, 1940, e etc. das que ecoam até hoje, pois mesmo sendo nosso ilustre aparelho um senhor já centenário, nunca perdeu o espaço dos grandes salões, muito menos das pequenas e humildes residências dos interiores do país.

Experimentei também, as primeiras emoções, tal qual o dia 7 de setembro de 1922, quando a cidade do Rio de Janeiro viveu suas primeiras impressões com o rádio. Foram épocas

³¹¹ Ver DOSSE, François. O Desafio Biográfico: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

³¹² Ver SCHAFFER, R. Murray: **A afinação do mundo**: tradução Marisa Trench Fonterrada – São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 191.

de desafios, interferências e quedas nas transmissões foram frequentes, mas assim como em 1919 em Caruaru, Pernambuco, as cidades brasileiras foram se adaptando e resistindo as dificuldades, fazendo com que o nosso querido aparelho de rádio, sobrevivesse, nos trazendo as inúmeras contribuições que somente ele, centenário e firme em meio aos avanços tecnológicos, nos ofereceu.

Ao longo desta pesquisa, foi possível analisar como o rádio foi e continua sendo tão necessário, para além de uma relativização do termo. Foram as movimentações radiofônicas em todo o país, mais precisamente em Campina Grande, nosso contexto e recorte específico, que o rádio se firmou atingindo um *status* de força motriz de propagandas para o comércio, de eventos futebolísticos, de transmissões em praças públicas com informações pertinentes para a cidade e os transeuntes que se viam ali, sempre bem informados dos acontecimentos Estado, País e mundo afora.

Interferências nessa comunicação foram até bem-vindas, pois foram diante delas que ocorreram avanços e modificações nas dinâmicas de trabalho e de organização das estações de rádio, que passava a dividir suas equipes em programas policiais, musicais, esportivos e até mesmo de entretenimento diversos, como rádio novelas e seus subgêneros. Desse cenário nasceu o radiojornalismo esportivo campinense, que já surgiu como uma força, pois o material humano colocado para agenciar aquela empreitada era de grande potência, primeiro trazendo nomes de outras cidades e Estados, depois encontrando aqui uma força igual as dos grandes centros.

Até os silêncios nos foram essenciais, na procura por tantas sintonias enquanto girávamos o botão desse grande rádio que se tornou essa dissertação, acabamos por passar por alguns silêncios, comum para a prática historiadora, e que, com certeza nos fizeram amadurecer enquanto profissionais e principalmente enquanto pessoa, pois foram das dificuldades tal qual passaram os cronistas esportivos que empreenderam as primeiras realizações radiofônicas lá na década de 1950, que principalmente aprendemos e nos desenvolvemos enquanto instrumentos dessa grande formatação histórica, que não somente inaugura uma escrita antes não empreendida, mas traz as vozes e os escritos dos nomes do passado que contribuíram e constituíram o crescimento da cidade de Campina Grande com as suas contribuições radiofônicas.

Do ponto de vista teórico, é preciso ainda um acerto de contas, pois dentro desse contexto entre *História, memória e tempo presente*, daí um contato com esse texto da Márcia Motta (2012) que nos fez refletir sobre o caminhar entre a história do radiojornalismo esportivo de Campina Grande, as memórias dos seus partícipes, a constituição e manutenção de um

arquivo pessoal pelo Joselito Lucena e o meu olhar a partir do presente, enquanto pesquisador, mas também como neto. Foi nessa enorme colcha de retalhos que tive que costurar, remendar e muitas vezes adiar determinados embates teóricos e/ou pessoais, pois me vi inúmeras vezes sufocado, do ponto de vista da grandiosidade do acervo que Joselito Lucena deixou.

Encontrei nas discussões propostas por Motta (2012) o necessário para ampliar o meu olhar sobre esse enredo. A autora acredita que “quando falamos de memória, devemos levar em conta que ela constrói uma linha reta com o passado, alimentando-se de lembranças vagas, contraditórias e sem nenhuma crítica às fontes que, em tese, embasariam essa mesma memória”.³¹³ Percebemos que as memórias constituídas entre os colegas de trabalho de Joselito Lucena, os torcedores e os familiares que participaram da pesquisa, fizeram por fornecer o entendimento necessário para compreensão de que “a memória exerce um poder incomensurável na construção de uma identidade de grupo, consagrando os elementos pelos quais os indivíduos se veem como pertencentes a determinado coletivo, muitas vezes em detrimento de outrem” (MOTTA, 2012, p. 25).

A respeito das angústias por muitas vezes não conseguir encontrar uma data mais específica, uma fala complementar de alguma questão que ficou em aberto e poderia ser melhor elucidada, e até as lacunas de uma narrativa sempre dinâmica e que evidentemente não permite a apreensão de uma totalidade do ponto de vista histórico, encontrei em Pierre Nora a dimensão necessária para tal, quando percebi que a história “é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1993, p. 9). Não nos coube uma glorificação de um passado vivido em sintonia com apenas momentos bons e relevantes. O radiojornalismo esportivo campinense viveu diversos momentos de atrasos, perdas e movimentações contrárias a apenas momentos gloriosos. A História aponta, revira o passado e “nesse sentido, ela não serve para glorificar o passado, pois o que ela realiza, na maioria das vezes, é a deslegitimação de algo construído pela memória, e que muitas vezes permanece escrito, registrado, mantido no presente”.³¹⁴

Dentro dessa dinâmica pudemos perceber que mesmo realizando uma análise a partir de uma história do tempo presente, a crítica às fontes e o rigor teórico e metodológico que nortearam as nossas análises fizeram com que se constituísse um cenário dentro do que se foi possível e permitido para esse momento. A história faz por fornecer fontes, em conjunto com as memórias, pois “as memórias são fontes históricas, pois elas nos ajudam a identificar o que

³¹³ Conferir *Novos domínios da História* / organizadores Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012

³¹⁴ *Ibidem* pág. 26

tem sido lembrado, recordado por um ou vários grupos sociais”, ou ainda “as memórias também são fenômenos históricos, que Peter Burke denomina história social da recordação”. Peter Burke assinala justamente essas questões quando diz que “dado que a memória social, tal como a memória individual, é seletiva, precisamos identificar os princípios de seleção e observar a maneira como variam de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, bem como a forma como se modificam ao longo do tempo” (BURKE, 1992, p. 238), o que nos alerta para as contribuições empreendidas por Michel Pollak.

Foram sobre essas experiências que aprendi a refazer, a remendar e tecer novas colchas com velhos retalhos, pois “aprender a fazer história significa também aprender a cruzar fontes, produzir embates entre elas e conflitos de interpretações sobre uma evidência”³¹⁵, e pudemos perceber desde o primeiro capítulo essa tentativa de cruzamento de fontes, justamente porque contei com um volume de fontes que julgo ter sido privilegiado, mas também bastante cobrado, pois além de eticamente comprometido com essa pesquisa, pude afirmar e reafirmar que se trata do trabalho da minha vida, que não é uma simples paixão avassaladora, mas me coloquei como um intérprete das questões envolvendo o Joselito Lucena, outros atores sociais e o radiojornalismo esportivo de Campina Grande, cidade que creio poder assumir meu amor e comprometimento com tudo que envolve a história do dito município, principalmente sobre o rádio esportivo local e suas adjacências.

No segundo capítulo tive a oportunidade de trazer à tona discussões como os espaços de sociabilidade construídos a partir de um apelo da crônica esportiva local, que foi evidenciado com a noção de socialidade, nos permitindo entender que para além de espaços construídos, tantos outros foram constituídos pelas pessoas, pois ao juntar-se com um grupo de colegas torcedores fosse para uma comemoração, fosse para um protesto ou algo dessa natureza, essas pessoas estavam entre os seus, estavam entre “os iguais”, fortalecendo o conceito que nos foi bastante pertinente. Não foram apenas os torcedores, os cronistas também vivenciaram essa experiência naquele contexto, tendo como pano de fundo um cenário maior e muito mais diversos, que são as relações em uma cidade.³¹⁶

Voltamos cronologicamente e vimos as socialidades dos tempos do Largo da Flórida, quando a dinâmica social campinense ainda se adaptava a uma nova realidade de convivências, digo, Campina Grande experimentava as movimentações das Rádios da cidade em sincronia com a tarde e a noite de encontros em seu entorno, vimos que era comum que torcedores rivais se unissem em uma espécie de encontro maior, regido pelas sociabilidades, pelos encontros no

³¹⁵ Ibidem pág. 29

³¹⁶ Conferir *Michel Maffesoli, estilística... imagens... comunicação e sociedade*.

centro da cidade e muitas vezes nos auditórios das Rádios que também despontavam naquele contexto.

Problemáticas envolvendo torcidas, invasões à campos, quebradeira, vandalismo, tudo isso foi pauta nas crônicas que encontramos do Joselito Lucena, que foram capazes de nos oferecer as dimensões de como essas tensões se davam, qual era o posicionamento da sociedade campinense diante disso, pois dentro dessa própria temática, vimos crônicas e depoimentos que diziam que em algum momento antes da década de 1980 isso não existiu, as torcidas conviviam em harmonia, em vários momentos ocupando até juntas, as arquibancadas dos estádios Ernani Sátyro, *O Amigão* e Presidente Vargas, o *PV*. Percebemos que tais mudanças não se deram somente pelo volume de torcedores frequentadores, pois ao analisarmos, vimos que O Amigão chegou a receber mais de 40 mil torcedores naquele contexto da década de 1970, 1980, já nas décadas mais violentas, não encontramos um público maior do que 20 mil torcedores frequentadores, então não era a aglomeração de pessoas o motivo das queixas sobre violência dentro dos estádios, mas um alarmante crescimento de criminosos utilizando-se das torcidas organizadas para cometer crimes variados.

No terceiro capítulo pude aprofundar questões que já me inquietavam desde a graduação, principalmente quando, ao ler *Memória e História*, do historiador Jacques Le Goff pela primeira vez, especialmente o capítulo dedicado a documento monumento, onde encontrei ali a base inicial para começar a me questionar se Joselito Lucena enquanto um cronista esportivo, radialista e ator social, se encaixava na monumentalização abordada por Le Goff (1990). Me revesti de ética, pois o lugar de neto poderia interferir na análise, mas percebi que mesmo que eu quisesse não apontar, como foi meu temor na graduação, esse *homem monumento*, que o Joselito Lucena foi, as evidências diriam o contrário, então foram momentos tensos, pois não queria que uma pesquisa tão cuidadosa e comprometida fosse questionada do ponto de vista da ética ou de um afastamento, ou separação entre o pesquisador e o neto.

Caminhei entre a tênue linha do historiador e do neto, que muitas vezes não se conformava em não poder conversar com aquele que era então o seu objeto de estudo, já que as conversas entre avô e neto tinham outros teores, eram sempre diálogos despretensiosos, como em 2010, onde fui dormir com ele no Hospital Pedro I, em decorrência de seu acidente doméstico, que acabou quebrando seu tornozelo. Estive por vezes remoendo do porquê que naquela noite, por exemplo, ao invés de conversar sobre outras coisas eu simplesmente não perguntei, “voinho, como foi a sua entrada para o rádio em Campina Grande?”, eu já tinha meus 24 anos, mas infelizmente isso não me ocorreu. Pude então, saborear o amargo das silenciosas

dezenas de páginas com crônicas escritas por ele contando tudo isso, como foi possível conhecer através dessa pesquisa.

Essa relação tão próxima entre avô e neto por vezes foi silenciada, mas hoje, com a escrita e as leituras mais maduras percebo que nunca deveria ter sido uma questão para mim, pois como aponta Roger Chartier,

O pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim, a falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que azem a história.³¹⁷

Fato é que por vezes chorei, sonhei e até achei que o fardo seria pesado demais para carregar, afinal, dentro de um contexto tão cruel como foi o dos últimos 2 anos, a nossa cabeça não estava/está muito “em dia”. Me mantive firme, pois a alegria de poder escrever, e assim me aproximar sempre do Joselito Lucena e do meu avô, tornava a linha tênue em uma condutora de emoções que somente alguém que ama um ente querido e ama a história, pode sentir ao ter o privilégio de trabalhar e viver a experiência de narrar tudo o que foi possível narrar durante essa pesquisa. Joselito Lucena radialista eu reencontrei e reconheci, Joselito Lucena avô eu reencontrei e reconheci como sendo uma das figuras humanas mais importantes que eu tive o privilégio de conviver e aprender, pois as suas lições me perseguem todos os dias.

Ao longo da pesquisa, pudemos confrontar a minha memória pessoal da infância com os registros de memória que narram a trajetória do radiojornalismo esportivo em sintonia com a de Joselito Lucena, ali foi possível perceber a configuração de outro personagem, já não era mais apenas o meu avô que falava, nem a minha memória a única que havia registrado a sua passagem pelo tempo, ou seja, era Joselito Lucena, o sujeito, o radialista, que nos termos de Paul Ricoeur nos foi possível saudar assim uma dívida para com a sua memória, segundo Ricoeur (2000, p. 108) “a ideia de dívida é inseparável da de herança. Todos somos devedores de quem nos precedeu por uma parte do que somos”.

Obviamente que tivemos dificuldades, justamente pela falta de literatura na área da historiografia a respeito do radiojornalismo esportivo do ponto de vista de historiadores como pesquisadores, mas em contrapartida pudemos deixar uma relevante contribuição para a área em questão, mostrando que não esgotamos a temática, de maneira alguma, pois outra dificuldade foi tentar dar conta de uma trajetória de vida imersa em um contexto mais amplo,

³¹⁷ Conferir CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro; Editora FGV.

pois para além da trajetória profissional de Joselito, que foi possível perceber que ultrapassou os 60 anos, essa trajetória profissional se confundiu com a pessoal a todo momento, nos limitando a recortes específicos e por vezes difíceis de serem feitos diante do recorte proposto.

As possibilidades de novos estudos dentro, tanto da temática das biografias históricas quanto do radiojornalismo esportivo são incontáveis, como dito, existem diversos personagens relevantes dentro do rádio campinense, não somente no esportivo, e é nossa pretensão futura avançar com as pesquisas tanto sobre o nosso objeto quanto sobre a sua área de atuação, o rádio. A pesquisa também nos lançou novas perguntas, novos questionamentos a respeito de pontos que foram vagarosamente aparecendo dentro do texto, e com isso nos lançando novas pretensões.

Um dos pontos de maior intensidade dentro da pesquisa era justamente os do convívio com os arquivos pessoais do Joselito Lucena, horas a fio dentro de seu quarto em meio aos seus incontáveis documentos, separando, catalogando, madrugadas virando em meio aos papéis que mais pareciam ser uma espécie de conexão vital entre mim e o Joselito Lucena. Com os contemporâneos, que por vezes se emocionavam em suas entrevistas, cedidas muitas vezes no seio do seu lar, fosse online ou presencialmente, estávamos dentro das casas das pessoas. Alguns foram na correria do seu trabalho, mas sempre com muita vontade em contribuir para a pesquisa, nos causando também forte emoção em poder de certa forma colaborar para com o revisitar de suas lembranças.

Presenciamos bastante choro, mas também muitas risadas e histórias engraçadas e peculiares que de algum modo, não puderam ser descritas de maneira integral, mas que é nossa pretensão publicar algo nesse sentido, narrando os momentos mais variados possíveis dessas relações que viveram Joselito Lucena e seus diversos companheiros de rádio e torcedores espalhados por todo Brasil e pelo mundo. Aos que se foram, a dívida vai sendo amortecida, sendo saldada, aos que estão entre nós, fica a homenagem e a certeza de que outros aparecerão e contarão mais histórias como essas que foram contadas.

Utilizando-se das contribuições de Michel de Certeau (2002, p. 13), “caminhar e/ou escrever, é um trabalho sem trégua, pela força do desejo, sob as esporas de uma curiosidade ardente que nada poderia deter”, pensamos um personagem que transitou entre os registros de uma memória individual/coletiva e as marcas das relações de interdependência. Foi com um olhar atento e uma audição comprometida que encontrei tais sintonias, e para não dizer que Joselito Lucena não participou diretamente da escrita deste texto, curiosamente encontrei na minha última busca pelas crônicas que estavam separadas em uma caixa, um escrito que julguei importante trazê-lo.

Era a última folha dentro da caixa, e ao retirá-la dali, foi como se de fato fosse um breve encerramento dessa escrita, e a última crônica diz “vamos começar de novo, meu povo? Claro! E porque não...? Finalmente, a voz do dever nos chama”. Foi uma crônica sobre o início do ano de 2010, o ano em que ele descobriria o câncer e 6 meses depois faleceria, e seguiu dizendo, “que os pensamentos sejam positivos e que as ações também. As lamentações já fazem parte de um passado que não está tão distante assim. As coisas boas a gente prende a quatro chaves dentro do coração”. Consegui ao longo dos últimos 4 anos desenvolver diversas pesquisas com essa temática, tendo como pano de fundo o Joselito Lucena, o radiojornalismo campinense e o futebol de Campina Grande, e mesmo lá em 2010, Joselito Lucena experimentou e passou para o papel em sua máquina de datilografia o que sinto hoje, quando disse, “a exemplo de outros anos, o cansaço não nos atingiu. Aquele que nos guia e nos protege, mantém acesa a chama do entusiasmo e do vigor, realimentando as chamas da vida para que dias melhores marquem nossa caminhada no cumprimento da missão que nos foi destinada”.³¹⁸

Aqui peço humildemente licença aos meus pares e digo a Joselito Lucena o seguinte; voinho, a sua missão se tornou minha, agarrei com unhas e dentes e contra todas as adversidades que passei, segui firme, pois, meu único propósito foi contribuir para o crescimento da nossa *Rainha da Borborema*, a Campina Grande querida que te acolheu ainda menino e te deu a oportunidade de se tornar imortal para os que acompanharam futebol nessa cidade que o senhor tanto amou. Quem escreve parte de um lugar, uma afinidade, um gosto ou preferência. Atraído pelos temores da responsabilidade de registrar à luz da história, criticamente, teoricamente e metodologicamente o que pude capturar dos documentos que o senhor produziu, guardou e tanto cuidou, me sinto um privilegiado, pois pude conhecer os Josusmá Viana, os Humberto de Campos, os Amaury Capiba, os Martins Neto, os Alberto de Queiroz, os Ariosto Sales, as Berta Barros, os Ramalho Filho, os Deodato Borges, os Edson Paulino, os Benjamim Bley, os Edmilson Juvenal, os José Jataí, os Jovelino Farias e tantos outros que não conheci em vida exercendo suas atividades no rádio campinense.

Ao senhor eu digo que a grandeza do rádio esportivo de Campina Grande, que encontrei através dessa minuciosa pesquisa, se deu pelos companheiros e companheiras do batente diário, que acima de tudo travaram uma verdadeira luta contra as dificuldades de se fazer rádio em Campina Grande, mas que se tornaram os mesmos que não desistiram diante de tais intempéries, mas prosseguiram. Encerro com as suas palavras, pois como disse nos agradecimentos, fui apenas um escriba nessa produção. “A união faz a força e assim, somando a pujança que esta

³¹⁸ Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal com data de 2010.

terra tem, somando esta força na procura do sucesso, este pode vir, porque tudo se espelha no nome desta cidade: Campina... Grande, e que assim seja”.³¹⁹

³¹⁹ Ibidem.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral** / Verena Alberti. – 3. Ed. ver. Atual. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. 384p.
- AMÉRICO II, José. **Uma vitória dentro de uma derrota que eu não tive. Esta derrota foi a vitória do meu livro**. Grafset – Campina Grande – PB. S/D.
- BARBEIRO, H; RANGEL, P. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo histórico – considerações sobre as especialidades na historiografia contemporânea**. História Unisinos 9 (3):230-242, Setembro/Dezembro 2005.
- BAUDRILLARD, Jean, 1929 - **Senhas** / Jean Baudrillard; tradução de Maria Helena Kuhner. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2001. 84p.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**, São Paulo, 2003.
- BOURDIEU, Pierre, 1930 – **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**/Pierre Bourdieu; Tradução: Mariza Corrêa – Campinas, SP: Papyrus, 1996. 11º edição, 5º reimpressão 2016.
- BRAGA, Débora Maria Martins. **A construção do espaço e da memória sonora da cidade de sobral e da seca de 1877-1878 em Luzia –Homem**, in Revista Espacialidades [online]. 2020.2, v. 16, n. 2, ISSN 1984-817X
- BURKE, Peter. **O que é história Cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.191p.
- CERTEAU, Michel de. **A Operação Historiográfica**. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger 1945 – **A história ou a leitura do tempo** / Roger Chartier; [tradução de Cristina Antunes], 2. Ed.;3. reimp. – Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2017. (Ensaio geral).
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. av. vol.5 no.11 São Paulo Jan./Apr. 1991.
- CHARTIER, Roger. **A visão do historiador modernista**. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaina (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro; Editora FGV.
- DA SILVA, Ana Margarida Dias, **Pressupostos teóricos e metodológicos aplicados aos arquivos pessoais: o caso do arquivo de Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, 2º Visconde**

de Vila Maior in: Arquivologia: história, tipologias e práticas profissionais. Eliete Correia dos Santos, Alzira Karla da Silva, Ediane Toscano Galdino de Carvalho, (Organizadoras). Campina Grande: EDUEPB, 2017. 4750 kb. 396 p.: il. (Coleção Diálogos Arquivísticos)

DE ASSIS, Ailton Alexandre, Cap I, O lampião – ou à luz das teorias de memória e arquivos. In. **Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco – memória e autobiografia.** São João del-Rei, Minas Gerais, UFSJ, 2009.

DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**, vol. 1. p. 566.

DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**, vol. 2. p. 582.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

FERREIRA, Jilton Joselito de Lucena, **Amigo velho, até mais tarde: Joselito Lucena, entre as representações de si e o radiojornalismo esportivo de Campina Grande (1950 – 2011).**

FICO, Carlos. **História do Tempo Presente, Eventos Traumáticos e Documentos Sensíveis.** In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 28, n. 47, p.43-59, jan/jun 2012.

FILHO, Ramalho, 1922-1966, **Bom dia para você / Ramalho Filho.** – 1. Ed. – Campina Grande, PB: Plural, 2022. 246p.

FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. In SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de; FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande.** Campina Grande: EDUFCG/EDUEP, 2006.

FREITAS, Goretti Maria. **Memórias da Radiofonia Campinense: As Vozes do Jornalismo Esportivo.** – Campina Grande, 2018. 15p.

GASTALDO Édison Luis, LEISTNER Rodrigo Marques, SILVA Ronei Teodoro da & MCGINITY Samuel. **Futebol, Mídia e Sociabilidade: Uma experiência etnográfica ano 3 - nº 43 - 2005 - 1679-0316**

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes.** O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. **Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados.** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998, pp. 121-127.

GOMES, Iordan Queiroz, Cap. II, Tempos de configuração da vida material. In. **A Família Pessoa, o prestígio e a tradição: encenações e práticas oligárquicas na Paraíba (1889-1942).**

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 6ª Edição 2008.

JÚNIOR, EJ Perosa. **A narrativa de eventos traumáticos na história do tempo presente: os desafios para o historiador**. Diálogos, v.22 n.1, (2018), 190 – 204.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História** / Boris Kossoy. - 2. ed. rev. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAGO, Mário. Na Rolança do Tempo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976. Pág. 226.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LE MOS, A. **Ciber-Socialidade: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Tese de Doutorado, Paris V – Sorbonne, Paris, França, 1995.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIRA, José Araújo. **Anos dourados da Rádio Borborema: década de cinquenta** – 1986.

MAFFESOLI, Michel, **estilística... imagens... comunicação e sociedade**.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARQUES, Giovanna Lopes. **Quem nasce em Campina Grande é Campinense: futebol e sociabilidade na “Rainha da Borborema” (1954-1965)**. – João Pessoa: Editora do CCTA, 2018. 177p. : il.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia E História Interfaces**. 2. Tempo, Rio de Janeiro, vol, nº. 2, 1996, p. 73-98.

MCKEMMISH, Sue. Evidence of me... Archives and Manuscripts, In: **Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Camberra, v.24, n.1, p.28-45. 1996.

MEDEIROS, Mário Vinicius Carneiro, **Treze Futebol Clube: 80 anos de história**. Editora A União, p. 534.

MESQUITA, Humberto. **Tupi: a greve da fome**. Ed. Cortez. São Paulo, 1982. Pág. 18/21

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto história: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, dez/1993, pp. 7-28. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf> (acesso em 11 de Outubro de 2019).

PEREIRA, Wellington, **Crônica: a arte do útil e do fútil**./ Wellington Pereira. – Campina Grande: Latus, 2014. 252 p.

PESAVENTO, **Fragmentos de Cultura, Goiânia**, v. 14, n. 9, p. 1595-1604, set. 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol. 27, n°53, junho 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Estudos históricos 16, cultura e história urbana** - julho - dezembro 1995 ISSN 0103-2168

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano** - 1995

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, 333 p.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 03-15.

PRATA, Nair. **Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro**. V.1. Nair Prata, Maria Cláudia Santos (org.) – Florianópolis: Insular, 2012 – 360 p. : il.

PRIORE, Mary Del. **Biografia: quando o indivíduo encontra a história**. Topoi (Rio de Janeiro) 2009, vol.10, n.19, pp.7-16.

PROST, Antonie. **Social e cultural indissociavelmente**. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. Para uma história cultural. Lisboa: Estampa, 1998, p. 123-137.

REZENDE, Eliana Almeida de Souza. **Um ensaio de ego-história**. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/24636/17693> - Acessado em 22/05/2022.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SCHAFER, R. Murray: **A afinação do mundo**: tradução Marisa Trench Fonterrada – São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 191.

SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil: República – da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.3, pp. 7-48.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar. 2006. p. 118.

SILVA, Keila Queiroz e. **Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos etários**. João Pessoa, 2008. 278p.

SOUTO MAIOR, Gilson. **Rádio: história e rádio jornalismo**. João Pessoa: A União, 2015.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa, GUIMARÃES, Flavianny, FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande**. – Campina Grande, EDUFPG/EDUEP; 2006. 175p.

STONE, Lawrence. **Prosopografia**. Rev. Sociol. Polit. [online]. 2011, vol.19, n.39, pp.115 137.

SYLVESTRE, Josué – **Lutas de Vida e de Morte** - 1982 p. 406.

TAVARES, Clotilde. **Um Herói do Cotidiano: Vida e advocacia de Leidson Farias**. Ed. Engenho de Arte, Capim Macio, RN, 2010. p. 158.

APÊNDICE A – PERGUNTAS UTILIZADAS NA PESQUISA

Norteamento para entrevistas

Entrevistas radialistas

- Como foi seu primeiro contato com Joselito Lucena?
- Dentro dessa vivência com Zelito, na sua visão, quando e como começa a se construir o profissional no meio do rádio, que Zelito se tornou?
- Qual a relevância de Joselito Lucena para o rádio, bem como para o futebol campinense?
- Joselito Lucena ultrapassou gerações, foram mais de meio século dedicados ao rádio. O que Zelito expressava de tão peculiar que o colocou como um radialista relevante tanto para o rádio campinense, como para o rádio paraibano?
- Defina a frase utilizada pelo amigo e colega de trabalho, Gilson Souto Maior, na despedida de Zelito. “Joselito Lucena foi sem dúvidas uma escola”.
- Por fim, descreva um momento marcante ao lado ou sobre Zelito Lucena.

Entrevistas torcedores/torcedoras, campinense e Treze

- Qual a relação entre o rádio e o futebol na sua concepção?
- O que o locutor/cronista esportivo representa para o futebol?
- Porque mesmo indo ao campo de futebol, vários torcedores levam um rádio de pilha para acompanhar a partida através do rádio?
- Quais os momentos mais marcantes entre você como torcedor e a crônica esportiva de Campina Grande?
- Porque Joselito Lucena é citado entre os torcedores como um dos melhores que Campina Grande teve?
- Destaque momentos marcantes envolvendo as narrações do seu time do coração e as suas comemorações na cidade.
- Porque o radiojornalismo esportivo de Campina Grande sobrevive até hoje mantendo as narrações de Treze e Campinense, por exemplo?

- Qual a importância de locutores como Joselito Lucena para a história do futebol e do radiojornalismo esportivo de Campina Grande?
- Quais os lugares na cidade de Campina Grande eram frequentados após os jogos na cidade ou enquanto acompanhavam partidas dos times de Campina Grande em outros estados?
- Destaque uma narração marcante do Joselito Lucena que você nunca esqueceu.

Entrevistas com alguns familiares

- Como era Joselito Lucena quando não estava trabalhando?
- Qual a diferença, se existir, entre Joselito Lucena profissional e Joselito Lucena entre família?
- Qual a importância de Joselito Lucena para a sua vida pessoal e/ou profissional?
- Comente a seguinte frase, “Joselito Lucena foi um dos melhores locutores esportivos do nordeste brasileiro”.
- Descreva uma memória marcante entre você e Joselito Lucena.

APÊNDICE B – LISTA DE DEPOENTES

Adalberto Alves Brasileiro – 18/04/2019.
Antônio Lourenço da Silva – 17/04/2022.
Cassandra de Lucena Ferreira – 04/08/2022.
Edilson Lemos da Silva – 20/04/2022.
Eliete Silva de Lucena – 14/04/2019.
Flávia Maria Lucena de Castro – 07/08/2022.
Francisco Assis do Nascimento – 16/07/2018.
Francisco de Assis Lopes da Costa – 12/07/2018.
Gilson Souto Maior – 05/01/2019.
José Antônio Araújo Costa – 28/03/2022.
José Humberto Lima de Vasconcelos – 14/02/2019.
Josiete Lucena de Castro – 07/08/2022.
Josusmá Coelho Viana – 07/01/2019.
Leydson Plattinny Sousa Cunha – 02/04/2022.
Luciano dos Santos Pereira – 26/12/2018.
Luiz Antônio Mineiro da Costa – 26/01/2019.
Maria Júlia Lucena Lira – 07/08/2022.
Maria Luane de Lucena Ferreira – 09/08/2022.
Mário Vinícius Carneiro Medeiros – 10/03/2022.
Mosaniel dos Santos Cavalcanti – 20/07/2018.
Nely Ângela de Holanda Cavalcanti – 16/03/2022.
Roberto Nascimento Araújo – 11/03/2022.
Romildo do Nascimento – 07/11/2019.
Rostand Silva de Lucena – 18/04/2019.
Vieira Júnior – 18/07/2019.

ANEXO 1 – FONTES

CPdoc da Fundação Getúlio Vargas

Diário Oficial Nº 15.125 João Pessoa - Sábado, 29 de dezembro de 2012 - Lei nº 9.941, de 27 de dezembro de 2012 autoria: deputada Eva Gouveia – Palácio do Governo do Estado da Paraíba, em João Pessoa, 27 de dezembro de 2012; 124º da Proclamação da República.

<http://departamentos.uepb.edu.br/decom/sobre-o-curso/>

<http://globoesporte.globo.com/pb/noticia/2012/04/por-ter-ganho-1-fase-campinense-vai-receber-o-trofeu-joselito-lucena.html>

<http://museudoesportedecampinagrande.blogspot.com/2012/02/memorias-esportivas-joselito-lucena.html>

<http://soesporte.com.br/um-ano-sem-joselito-lucena-e-ivan-thomas/>

<http://www.drzem.com.br/2009/08/jessier-quirino-cumpadre-lele-garrinha.html>

<https://paraibaonline.com.br/2018/06/morre-em-campina-grande-ex-narrador-esportivo/>

<https://resumopb.com/noticia/morre-aos-78-anos-o-ex-radialista-ariosto-sales.html>

<https://www.camaracg.pb.gov.br/camara-aprovou-projetos-de-lei-dos-vereadores-e-reajuste-para-o-magisterio-municipal/>

<https://ge.globo.com/pb/futebol/times/botafogo-pb/noticia/2022/05/16/botafogo-pb-denuncia-torcedor-do-proprio-clube-por-suposta-injuria-racial-na-final-do-paraibano-2022.ghtml>

JORNAL *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*

JORNAL *A UNIÃO*

JORNAL *DIÁRIO DA BORBOREMA*

JORNAL ONLINE *A PALAVRA*

Programa Ponto a Ponto da TV Itararé - 17 de dezembro de 2007

REQUERIMENTO Nº 74/2011 – Autor: Daniella Ribeiro – recebido no expediente do dia 15 de fevereiro de 2011.

Revista *Agora Esportes* Guia 2011

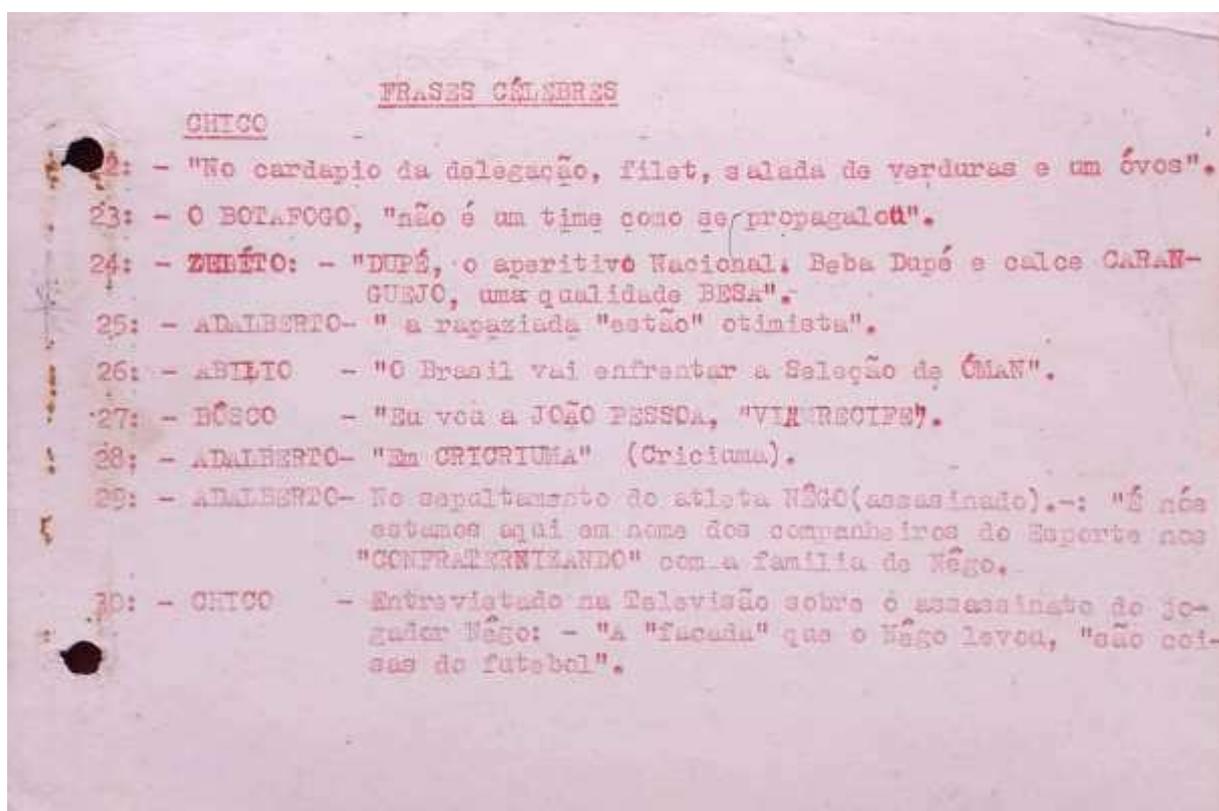
Revista *Época*

Revista *Tudo*, especial 13

www.arquivonacional.gov.br

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

ANEXO 2 – CRÔNICAS DIGITALIZADAS



COMENTARIO...
14 DE MAIO DE 2010
JOSELITO LUCENA.

AH! O RÁDIO, A SUA INSTANTANEIDADE...A SUA PROPAGAÇÃO...O SEU ALCANÇE, O SEU PODER DE COMUNICAÇÃO...A SUA CONDIÇÃO DE FORMADOR DE CULTURA...A SUA HISTÓRIA DE LEVAR ALEGRIA AOS LARES...DE RELATAR O QUE É AGRAVEL...O QUE É BOM...

AH! O RÁDIO RESPONSÁVEL POR HISTÓRIAS MAGNÍFICAS E PELO PODER DE FORMAR GRANDES ARTISTAS: PRODUTORES...LOCUTORES...CANTORES E CANTORAS...TÉCNICOS DE TODAS AS ESCÓCIAS...AH! O RÁDIO QUE VIAJA DO NÓS- SO A OUTROS PLANETAS COM UMA INSTANTANEIDADE QUE POUCOS IMAGINAM.

AH! O RÁDIO DE ONTEM :

AH! O RÁDIO DAQUI DA RAINHA DOS ANOS DE OURO E DOS MONSTROS SAGRADOS QUE FIZERAM PARTE DE SUA HISTÓRIA.

AH! O RÁDIO DE OUTORA QUE NÃO CONTA MAIS COM AS INTELIGÊNCIAS QUE FIZERAM ESCOLA E QUE CHEGARAM A SER ORGULHO DE VÁRIAS GERAÇÕES.

AH! O RÁDIO DE ONTEM QUE FEZ HISTÓRIA E QUE DEIXOU SAUDADES E APREENSÕES. FAZER RÁDIO É BONITO...SER COMUNICADOR DE RÁDIO...SER PRODUTOR DE RÁDIO É P'RA QUEM NASCEU PARA NELE VIVER E SABER TRANSMITIR OS SEUS CONHECIMENTOS PARA GERAÇÕES FUTURAS.

AH! O RÁDIO, QUE LEMBRA FIGURAS E FATOS QUE PASSAM SEM REGISTRO MAS, QUE, AS VEZES A GENTE SE SENTE DESPERTADO PARA ELE.

OUVI ONTEM, UMA PEÇA FANTÁSTICA SOBRE O RÁDIO DE ANTIQUAMENTE.

OUVI VOZES QUE DESPERTARAM PAIXÕES...QUE FIZERAM RIR E QUE FIZERAM CHORAR, QUE PROVOCARAM EMOÇÕES E QUE HOJE SÃO LEMBRANÇAS BEM VIVAS DAS LIÇÕES DO PASSADO QUE ELAS DEIXARAM.

COLOQUEI UMA FITA NO GRAVADOR...JÁ ERA MAERUCADAS: OUVI VOZES QUE A MIM ERAM FAMILIARES. PRIMEIRO O VELHO HUMBERTO...DEPOIS, MACIEL ...AS FESTIVIDADES DE ANIVERSÁRIO DA EXTINTA RÁDIO BORBOREMA. LÁ VINHA AMURY CAPIBA...FERNANDO SILVEIRA...LUIZ PEREIRA...AS CARACTERÍSTICAS DOS PR GRAMAS...WILSON MAUX...OS ESCRITOS DE DEODATO BORGE, PARA MIM UM DOS GRANDES PRODUTORES DO RÁDIO PARAIBANO...AS CARACTERÍSTICAS E ANÚNCIOS DOS JORNAIS FALADOS. AH! NO RÁDIO DE ANTIQUAMENTE OS JORNAIS ERAM FALADOS, PRODUZIDOS, ESCRITOS PARA DOIS LOCUTORES E AS TRANSIÇÕES. ERA UM JORNAL REALMENTE PRODUZIDO, O QUE NÃO EXISTE MAIS POR AQUI QUE SÃO LIDOS DOS JORNAIS...E VEIO MAIS...UM SHOW DE ROBERTO SILVA DE UM ENCONTRO COM O PASSADO AS 6 DA MANHÃ QUE TINHA NA APRESENTAÇÃO JURACY PALHANO SÓ QUE NESSA MANHÃ O APRESENTADOR FOI O PATOENSE LUIS PEREIRA.

SEM-DIA AMIGO :

ENCONTREI ONTEM VINDAS CRÔNICAS...BILHETES ANTIGOS COM
LETRAS QUASE SEM CÔR...RECALOS EM LÍZIA LAUDA OU MENO...CONGRATULAÇÕES...

ESCALAS E FUI LENDO NOME POR NOME DOS RELEVANTES E EXCLAMEI: MEU DEUS :
ESTA ASSINATURA MERECER RESPEITO, MAS É DIRIGIDA A OUTRA PESSOA PEDINDO
PROVIDÊNCIAS. O BILHETE DEBIA ASSIM:

(BILHETE)

MEU DEUS ! O VELHO RABALHO FILHO GOSTAVA DO QUE ERA BOM E FAZIA QUES-
TÃO QUE OS OUTROS SEGUISSEM O SEU EXEMPLO. SABIÁ ESCREVER BEM. TIN-
HA INTELIGÊNCIA, SABIÁ PALAR, INTERPRITAR NO RÁDIO TEATRO OU NOS PRO-
GRAMAS QUE PRODUZIA: EM DIA PARA VOÇÊ...E PARA VOÇÊ CRIANÇA ESTE PRO-
GRAMA, DEUS MEU...POR QUE NÃO ENCONTREI ESTA RELÍQUIA ANTES PARA CO-
CAR NAS MINHAS MEMÓRIAS.

POR QUE FUI REVIVIR ESSE AMONICADO DE PAPIIS...?

FOI PARA TENTAR VENCER A SOLIDÃO QUE ESTA IDÉRIA ME FAZ...QUEM ? EU
ESTOU EM BUSCA DE UM PASSADO BRILHANTE E QUE ORGULHOSAMENTE DIGO QUE
LIVE O PRAZER E A HONRA DE SERVIR A TERRA QUE ME ACOLEU AO LADO DE
FIGURAS, BRILHANTES, INTELIGENTES QUE SEM FICAR A GRANDEZA DESTA TER-
RA. O QUE O FUMOS DE DEU...? PRESTÍGIO...FAMA, VALOR...CORAGEM E CORAGEM
PARA DEFENDE-LO DOS DOIS LADOS: O VERMELHO E PRETO E O PRETO E BRANCO
COMO DESTACA O VILHADOR JOSÉ DE ARREATI RODRIGUE NA LUTA QUE ORGULHOSA-
MENTE TRAVEI AO LADO DE OUTROS COPIAÍDIROS. VELHO ART RODRIGUES, EU
DEVERIA TER REVIVIDO ESTA PÁGINA M. MAIS TEMPO. ESTARIA NAS MEMÓRIAS-
CÊNCIAS. ESCUTE:

OS CAMINHOS QUE PERCORRI FORMAM DEPLICES NAS
COM MEMÓRIAS . COM MEMÓRIAS, RESPEITO AOS MEUS PAIS, AMIGOS E PA-
RENTES RECHOCQUEI OS IMPULSOS INFERIAIS EMAS MÚLTIPLAS PERFORAÇÃO DAS
FLÔRES. FIE O QUE A CONSCIENTIA E VOLTAREI DE DADADA E NÃO TERHO DO QUE
ME ENVERGONHAR. SEM LOCUTOR EMPORLIVO MÔTA QUE SE QUER SABER. HOJE MUI-
TOS SE PASSARAM E LEI JARDINI, MAS FOI MENCIONADO LEM AGORA UMA ENTREVISTA
DE AMAURY CAPLA A REVISTA T. DEBIA ASSIM:

O NINHO DA PATATIVA - 1952

O Paulistano Esporte Clube, tinha a sua sede na Rua Major Belmiro, ali no bairro de São José. A Patativa, como era conhecida a agremiação do citado bairro, fazia parte da história esportiva e social da cidade há muitos anos. Porém não tinha o seu estádio próprio, o que era o sonho de toda diretoria.

Esse sonho tornou-se realidade, no dia 9 de Abril de 1952. Ali, na AVENIDA ASSIS CHATEAUBRIAND, antiga AV. LIBERDADE, quando o PAULISTANO, inaugurava a sua praça de esportes enfrentando o AUTO ESPORTE CLUBE, de João Pessoa, empatando o jogo em 3 a 3.

Foi um dia de muito orgulho para os torcedores do alvi-negro Patativa, cuja bandeira já tremulava nos céus da RAINHA DA BORBOREMA, disputando o certame estadual, travando lutas homéricas dentro de campo contra Ypiranga, Treze, Tabajara ou desfilando na Maciel Páthairo com sua orquestra e seu famoso bloco carnavalesco.

O dia 9 de ABRIL de 1952, foi inegavelmente, um dia de festa para Campina Esportiva e para todos os adeptos desse clube onde pontificaram jogadores como SANDOVAL, MORENO, URAY, JOSIAS, FREIRE, GALEGUINHO, ZÉ PRETO, ARLINDO, MIVALDO PELINCA, ALMIR, COLNER, SILVIO, TONHO-ZECA, ZÉ DE BIU, EVILASIO, SABARÁ, ADAUTINHO, LOLA, LELÉ e tantos outros.

O PAULISTANO sempre foi um time querido, acho que, pela simplicidade daqueles que o fundaram e dos que lutaram social e esportivamente por suas atividades em nossa cidade.

DESTAQUES AOS SEUS FUNDADORES

COMENTÁRIO - 29/04/09

QUARTA FEIRA- 11.50.

JOSEELINO LUCENA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

BOM DIA AMIGOS!

ANDANDO PELO CENTRO DA CIDADE ENCONTREI O PRIMEIRO PERSONAGEM DE HOJE QUE FOI LOGO DIZENDO: "É UM ALÔ PARA TIBÉRIO". OUVI E ANTEI. O MEMO MOSTROU UMA FOTOGRAFIA ANTIGA DO GSE COM PERSONAGENS QUE CONHECI MUITO BEM DURANTE ATUAÇÕES DELES E MINHA NO FUTEBOL LORDESSINO E BRASILEIRO. NA FOTO DISTINGUI O BIRMO QUE AINDA ATUA, EXCELENTE LATERAL, GLAUBER GOMES QUE ATÉ A SEMANA PASSADA VESTIU A CAMISA DO CAMPINENSE, O VOLAVES PARAIBA E OUTROS. FOI AHI QUE ALCANCEI O PEDIDO DE TIBÉRIO. É P'RA DIZER A ÊSSE AHI, ERA UM COMPANHEIRO DELE, QUE SE JOGUEI FUTEBOL AQUI E NO EXTERIOR. SE PATO FOI. TEVE MUITAS ANDANÇAS E O REGISTRO ESTÁ FEITO.

O OUTRO AINDA NO DESLOCAMENTO DO CENTRO PARA A RÁDIO CATURINÉ O BIRMO DE PINTOR DE AUTOMÓVEIS E CENTRO AVANTE, O MEU AMIGO "ADAPINHO". JOGOU NOS GRANDES CLUBES DA PARAIBA, TEVE ANDANÇAS POSITIVAS, VESTIU COM ORGULHO AS CAMISAS DO PAULISTANO, TREZE, CAMPINENSE, BOTAFOGO E OUTROS. ESTE NÃO MEMOSTROU RETRATO NENHUM. MAS? A PERGUNTA VÊLO: "SERÁ QUE EU PERDI A MINHA UNICA FOTOGRAFIA COM A CAMISA DO PAULISTANO". FOI AHI QUE ME TOQUEI. A EXEMPLO DE OUTROS ATLETAS E DIRIGENTES ANTIGO ÊLE ME ENTREGARA UMA FOTO PARA SER INSERIDA LA NO COMPLEXO ESPORTIVO PLINIO LELOS. A EXEMPLO DE ADAPINHO, OUTROS, INCLUSIVE O MEI AMIGO PORNO, FAZEI O MEMEO PERDIDO. PASSADOS ESTES JOGOS, HOJE E DOMINGO, VOU AGILIZAR PERANTE AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESSAS FOTOGRAFIAS, A DEVOLUÇÃO PARA OS SEUS LEGÍTIMOS DONOS, DESOBRIGANDO-ME E ISENTANDO-ME DE QUALQUER RESPONSABILIDADE PELAS MESMAS. OUTRO DIA VOLTAREI AO ASSUNTO QUE ME CAUSA DISSABORE HÁ MAIS DE SEIS OU 7 MEZES.

HOJE E DIA É MAIS UM BÚRGO ENTRE GALO E DINOSSAURO. OS DOIS SÃO COMEÇÕES DE TURNOS. O SOUZA DO PRIMEIRO E O TREZE DO SEGUNDO. ENTÃO ESTA PARTIDA É A PRIMEIRA DA DECISÃO DO CAMPEONATO ESTADUAL DESTES ANOS.

A VITÓRIA DO TREZE DOMINGO PASSADO REAVIVOU AS ESPERANÇAS DE CONQUISTA DO CERTAME E REVIGOROU AS FORÇAS DO ALVI-NEGRO PARA O PRIMEIRO E GRANDE BIRMO QUE ACONTECERÁ ESTA NOITE NO JOSÉ CAVALCANTI.

TORNEIO INICIO NO ESTADIO OLIMPICO

TRANSMISSÃO EM PÉ

UM TRIO DA RADIO BOREOREMA, DÉCADA DE 60, QUANDO DE UMA TRANSMISSÃO DO TORNEIO INICIO DO CAMPEONATO PARAIBANO DE FUTEBOL, NO VELHO ESTÁDIO OLÍMPICO, TAMBEM CHAMADO DE BOI-SÓ

PELA ORDEM: IVO RODRIGUES(TÉCNICO)- EDSON PAULINHO(REPORER) E JOSELIO LUCENA(NARRADOR).

MUITO BOM DIA AMIGOS
 JOSELLITO LUCENA
 27 MARÇO DE 2009
 xcxcxcxcxcxcxcxcxcx

BOM DIA AMIGOS !!!

ONTEM A NOITE INGERI NA MINHA PROGRAMAÇÃO ALGO DIFERENTE DAS QUE SÃO FREQUENTES. A MENDES ESTAVA COMO ESTÁ E CLARO AS ATIVIDADES DO FUTEBOL É SOMENTE UMA COISA CAUSA. PRECISAVA ALGO DIFERENTE E PARTI EM BUSCA DESSA DISTRAÇÃO MENTAL. E ME DEI BEM. FUI ATÉ A AABB PARA VER UM ESPORTE EMOCIONANTE QUE É O BASQUETE. ASSISTI A UM BOM JOGO ENTRE ACADEMIA TBJ DE SALVADOR, PARTIDA PRINCIPAL POIS QUANDO CHEGAMO, EU E A FAMILIA JÁ HAVIA TERMINADO SPORT DO RECIFE GASTANDO ABB E MUITA VIBRAÇÃO DAS TORCIDAS. A DO CAMPINENSE PREDOMINAVA. A DO ACADEMIA OU SEJA DOS BAIANOS PEQUENA MAS ACREDITANDO NA SUA FORMAÇÃO. UM BOM JOGO. VI ATLETAS DE CRIATIVIDADE, HABILIDOSOS E DE PONTUAÇÕES OU ACESSOS PRECISOS. NO FINAL, O TRIUNFO DO CAMPINENSE POR 70 a 67. SAÍ SANSIFITO E ACREDITO QUE VOLTO A UM JOGO QUE É O DE HOJE, DOS LÍDRAS CAMPINENSE E SPORT CLUBE DO RECIFE NESTA COPA DO BRASIL DE BASQUETE MASCULINO QUANDO O RUBRO-NEGRO DA SERRA REPRSENTA A PARAIBA. QUER DIZER: HOJE UM DUELLO DE RAPOSA E LEÃO. SÓ UM COISA FOI DESAGRADAVEL. A JUVENTUDE ABSORVEU AQUELE CÔRO MALDITO QUE FAZ PARTE DOS ESPETACULOS FUTEBOLÍSTICO. AQUELE DETESTAVEL UUU QUE RIMA COM SURURU.

HOJE É O DIA DO CIRCO. QUE É QUE NÃO GOSTA DE CIRCO. DESDE MEINO QUE SOU LOUCO POR CIRCO. VI MUITOS DESSE O MAMBEMME ATÉ OS MAIS RICOS QUE SE APRESENTARAM NESTE MES. O CIRCO TEM A CHINA REVELANDO REGISTROS ANTIGOS MAS NA GREGIA ANTIGA E ROMA ANTIGAS QUE O CIRCO ADQUIRIU FORMA E ATÉ USO PLITICO. OS CESÁRES INCLUSIVE INSTITUIRAM A POLICITA DE "PÃO E CIRCO".

O CIRCO MODERNO SURTIU NA INGLATERRA SENDO COMO ATRAÇÃO PRINCIPAL O ESPETÁCULO COM CAVALOS DEPOIS VIERAM OS SALTIMBANCOS, MALABARISTAS E BALHAÇOS.

HOJE PELA MANHÃ ASSISTI PELA TELEVISÃO O TREINAMENTO EXAUSTIVO PARA O INDIVÍDUO CHEGAR A SER BALHAÇO. NAS DIVERSAS MODALIDADES, ELAS ESTUDAM A PROFISSÃO E CHEGAM A FORMATURA NAS VARIADAS ATIVIDADES. HOJE NO RIO DE JANEIRO VARIAS PESSOAS ESTARÃO SE FORMANDO NAS ATIVIDADES CIRCENSES.

E, PARA FINALIZAR ESTE PAPO, HOJE, DIRIGENTES DE CLUBES, ESPORTISTAS, JORNALISTAS, ENFIM, GENTE QUE QUER DIMINUIR CAPACIDADE DO AMIGÃO, GENTE QUE QUER MANTER O MESMO NÚMERO, E ALGUNS QUE PENSAM EM AUMENTAR. DRA TEM GENTE ATÉ QUE QUER IMPLODIR O AMIGÃO PARA CONSTRUIR OUTRO.

COMENTÁRIO
SEXTA FEIRA
XXXXXXXXXX

NADA ACONTECE POR ACASO

NÃO POSSO E NEM DEVO ESQUECER ESTA VERDADE. HOJE DEI MUITO SEM
O QUE SIGNIFICA E ONTEM MAIS UMA VEZ OUVI UM COMPANHEIRO DIZER P'RA MIM ES-
TAS PALAVRAS FOI O LULA BARBOZA QUANDO DE SUA VISITA ONTEM.
AGRADEÇO AOS QUE REPETIRAM ESTA LÍMIA.

EU JÁ SABIA E PRESSENTIRA QUE ALGO PO-
DERIA ACONTECER. VÊIO AINDA EM BÓA HORA PÊNSO NO PORQUE O TEMPO OPERA SE-
US ESPAÇOS E É A CABEÇA QUE LÃS PÓI FEITA PARA SEPARAR AS ORELHAS E SER
UM TERRENO PARA A CRIAÇÃO DE CABELOS, ELA ABRIGA UMA MENTE QUE TEM SUAS FUNÇÕES
BÁSICA DE RACIOCÍNIO, PENSAMENTOS POSITIVOS E CRIATIVIDADE SEM OUTRAS FUN-
ÇÕES COMO, AFETO, AMOR, CARINHO. SEM ÓDIO OU RANCOR.

APROVEITO PARA AGRADECER MAIS UMA VEZ
ÀQUELES QUE ME TROUXERAM ESSAS VERDADES MAIS UMA VE. ^{CHeguei} CHeguei AO AMIGO DR.
GOLOFREDO CORBOREMA LÁ NO PEDRO I, A SUA EQUIPE E AOS QUE ME ASSISTARAM.

POSSO MUDAR O TEMA...? ~~ACHO~~ ^{ACHO} ACHO SIM. ESCREVER DESAFIADO É UM
DRAMA, E, DRAMAS NA MINHA VIDA JÁ HIVI SEMAIS. ESCREVER ESTÁ SENDO DIFÍCIL
PORQUE ACHO QUE A MI HA INSPIRAÇÃO DESECEBERARACOPÉ. QUALQUER DOR É LÁ SE
VA O PENSAMENTO.

AGORA, O QUE EU PÊNSO QUE SERI... É FALAR DE ESPORTES, O FU-
TEBOL. E O FUTEBOL P'RA MIM É SÉRIO E DEVE SER ENCARADO ASSIM. ESPECIALMEN-
TE POR PESSOAS QUE SÃO INSTRUMENTOS NA CONSTRUÇÃO DE NOTÍCIAS, COMENTANDO E
DIVULGANDO O DIA DIA, SENDO CONSIDERADOS POR ISSO MESMO FORMADORES DE OPINI-
ÃO PÚBLICA. ASSIM DEVE SER. ASSIM DEVERIA SER NA DIVULGAÇÃO DOS DESENTORES DA
PREFERÊNCIA EM CAMPINA, NA PARALÍDA, NO CASO "OS PAIOREIS".

POREM NÃO VÊIO ISSO ASSIM. É DIFERENTE. O QUE SE DIVULGA
OU MOSTRA(E AHI EXISTEM AS RECESSÕES) SÃO FATOS QUE NÃO ENGRANDECEM. MUITO P
LO ONTRÁRIO, DESFIGURA IMAGENS DE OU OU LE OUTRO, PARAGÁUDIO DE PSEUDOS HUMO-
RISTAS. HUMOR É PARA QUEM SABE PAZEL... E FAZER RIR... QUE É O MELHOR REMÉDIO.
E O PIOR É QUE EXISTEM AMULES NO RÁDIO... DESSAS BARDOSERAS.

15/03/97.

Muito bom dia amigos!

Hoje é dia 13, e 13 de Março de 1997. Há exatamente 15 anos eu estava em Londrina, no Paraná, para uma partida de Treze pelo campeonato brasileiro de futebol. Três dias antes, estive em São José dos Campos também para cobertura de uma partida entre Treze e São José, oportunidade em que vi um saguieiro do Treze fazer um gol contra numa reposição da bola do grande goleiro Helio Show, com a esfera batando no costado de Marana para entrar na meta rubro-negra. Mas, voltemos a LONDRINA e o parque dessa lembrança quando já não passados 15 anos exatos, estava hospedado no Hotel do Lago, um belíssimo hotel, com o setor de restaurante isolado por vidros-Hay Ban. Lá para surpresa minha, o dono do Hotel do Lago era Lúcio Rebelo que exercera atividades políticas aqui da Campina Grande, recebendo com bons parabéns que não nega as tradições, com fidelidade a delegação alvi-negra. Lembro-me dos fatos porque fui acometido de um problema de gengivite no sábado e quase ficava impossibilitado de transmitir o jogo com o Londrina no domingo no estádio do Café. Mediguei-me e fui para o repouso no hotel do Lago. NO domingo, ainda com problemas, fui despertado pela voz melancólica da telefonista que havia uma ligação de Campina. prontamente atendi e a mensagem era digna de registro e de satisfação. É que nascia na Casa de Saúde Dr. Francisco Brasileiro, uma das netas minhas, Flávia Maria, e, como hoje é o dia feliz do seu aniversário, como um vídeo-tape, tudo se voltou a mente, e eu cedido com toda carinho, como de Regoalço, este espaço, com votos de parabéns e de felicitações a Flávia Maria, pelo seu aniversário e uma guinada no passado, quando eu lembro do estádio de Café em Londrina, no Paraná, utilizado numa espécie de estádio, mas, com arquibancadas bonitas no aproveitamento da depressão do terreno, que me fez lembrar o BACILHO, de Roberto, ali no antigo AQUÊS NOVO. É isso aí, recordar e viver, especialmente quando se recorda coisas boas.

E, nas mesmas recordações, há sempre um destaque para o dia 13, que tem marcado minha vida com fatos alegres como o que registrei antes e em vezes profundas, lembrando circuitos que marcam esse dia que para muitos é de amor. Para mim, não. Eu gosto do dia 13, porque me faz lembrar que em 1968, cheguei a cidade do Recife logo cedo para aproveitar como fui o artista, o banco de car em Boa Viagem, com uma passagem rápida pela residência dos pais do saudoso Amury Capiba, caminho obrigatório, de toda as viagens, quando das transações dos jogos no Recife. Não deixava-me de dar uma passagem no BUBACÓ DA ÓTILIA, restaurante tradicional, onde batizava a poeira, uma volta pela praia, as vezes Boa Viagem, as vezes a praia de Pina, onde já ficava-me quase dentro do restaurante o RAKIM'S, onde era servida a melhor paqueta do nordeste e depois daí, a ida ao estádio dos Afritos, entrando meu Rosa e Silva, para a ocupação das velhas cabines BALANÇA MAS NHO GAL, para finalmente trazer para Campina, as emoções do jogo Campinense - Recife, ou Recife e Campinense.

ENSaios
24/10/2000.....
JOSELIÃO LUCENA

A COPA AMÉRICA EM SALVADOR

A COPA AMÉRICA 89 realizada em solo brasileiro foi mais uma experiência gratificante na nossa carreira jornalística. Foram 30 dias de um companheirismo sadio, começando pela cidade de Salvador, Bahia, que foi a sede onde ficou a seleção brasileira de futebol. Foi convidado pelo diretor da Rádio Tabajara, na época, meu dileto amigo Gilson Souto Maior, para integrar a equipe do emissora oficial do Estado. Aproveitei e coloquei a Rádio Caturité como o segundo prefixo da RÁDIO PARAIBANA DA COPA AMÉRICA, ao lado de João de Souza, chefe do departamento Pudes Toscano, Fernando Melo, Marciano Soares e o técnico de externas Paulo Roberto, e Paulo Costa.

Malas prontas, embarque de táxi para a cidade de Recife. Encontro no AEROPORTO INTERNACIONAL DOS GUARARAPES. Embarque às 17, chegada a Salvador às 18 e 20 mais ou menos. Aluguel de táxi do aeroporto à cidade e finalmente o local onde estaria a nossa equipe durante o período da Copa. Era o HOTEL ARMAÇÃO, na praça do mesmo nome. Na hora do recibo para o pagamento do táxi, a surpêsa: o carteira com o dinheiro havia sumido. A noite daquela quinta-feira foi de expectativa, chateação porque o dinheiro mais forte estava naquela bolsa. Acomodada no apartamento/studio, um Whisky duplo com gelo na hora do jantar e depois um trago no velho cigarro (companheiro naquele tempo), para esquecer o que aconteceu.

Chegamos a Salvador debaixo d'água. A sexta pela manhã mais chuva ainda. Um telefonema para uma amiga que residia em Salvador e a garantia de que não passaria por vexames no Hotel. A noite ligação para JACOBINA e com um primo deixei entabulado a questão do Hotel.

O Sábado amanheceu chuvoso. Era o dia da abertura da COPA AMÉRICA 89 no Estádio OCTAVIO MANGABEIRA, A FONTE NOVA. Era a festa sul-americana com mais de 70 anos de tradição futebolística. Como sempre acontece a imprensa dedicava todos os seus noticiários À COPA AMÉRICA. No grupo de Salvador, BRASIL, PARAGUAY, COLOMBIA, PERÚ E VENEZUELA.

9 da manhã a equipe já estava na Fonte Nova para o credenciamento de seus membros. 14 horas seria o primeiro jogo entre PARAGUAY e PERÚ. As 16 horas BRASIL E VENEZUELA. Além de registrar os jogos de Salvador, a nossa equipe também destacava o grupo B, com sede em GOIÂNIA, com Argentina, Uruguay, Chile, Bolívia e Ecuador.

Pernambuco também estava inserido na tabela da competição com duas partidas Colombia e Peru, Brasil e Paraguay. E, como o Brasil iria precisar tanto desse jogo no Recife, pois o clima em Salvador era de hostilidade em vista da não convocação do jogador Charles do Bahia.

ABERTURA DA COPA E CHUVAS E VÁIAS

BANDAS DE MÚSICA, APRESENTAÇÃO DO MASCOTE DA COPA, DESFILE DE COLÉGIOS TRADICIONAIS, PRESENÇA DE AUTORIDADES, BALIAS, NUM ESPETÁCULO QUE PODERIA TER UM MAIOR BRILHANTISMO SE NÃO FOSSEM AS CHUVAS CAÍDAS.

01 de Julho, primeira partida da COPA AMÉRICA 89. Um clássico sul-americano, Paraguay e Perú com o duelo entre Rogelio Delgado de seleção Guaraní e Luis Reyna peruano. Um bom jogo. Um bom trabalho da RÁDIO PARABANA DA COPA AMÉRICA.

VÁIA SAUDANDO O BRASIL-SALVADOR PARECIA OUTRO PAÍS

O sucesso que predominava nas rádios de Salvador, primeiro lugar em todas as paradas era a música do XIBIU e no estádio quando o serviço de som parou repentinamente de tocar a música era porque o selecionado canarinho ia entrando em campo. Foi evidentemente um fato surpreendente. Ninguém, em sua consciência, esperava um comportamento tão anti-esportivo e anti-nacional como se verificava naquele instante nas arquibancadas do majestoso estádio da FONTE NOVA, e tudo pela não convocação de um jogador da terra, para aquela partida já que o mesmo ficaria no banco.

BRASIL E VENEZUELA começaram a partida, e, o fato de que os jogadores brasileiros sentiram o peso da váia, ocorreu quando a Venezuela que nunca havia feito um gol no Brasil, conseguiu encontrar o caminho da meta de Tafarel, através de Maldonado, que, a partir daquele momento foi considerado herói em seu país, recebendo na ocasião os aplausos da torcida presente.

Foi necessário muito tempo para a seleção brasileira se encontrar em campo para terminar vencendo a seleção venezuelana, calando assim um público que não parecia e nem acia como brasileiro.

Os jornalistas brasileiros presente á Fonte Nova naquela tarde de 1º de Julho não vão evidentemente esquecer aquele fato inusitado, aquele comportamento da torcida baiana ou quem sabe, a torcida do Bahia, porque na mesma praça esportiva, os adeptos do Vitória aplaudiram a seleção do seu país.

Os paraguaios, venezuelanos, peruanos e colombianos, atletas e jornalistas registraram o fato com muita ênfase para os seus países.

O JOGO E A VITÓRIA BRASILEIRA:

ENSAIOS PRELIMINARES
 JOSELITO LUCENA.....
 NOVEMBRO - 2000

A ATUAÇÃO INCANSÁVEL DA IMPRENSA

Os fatos registrados anteriormente sobre a Copa America no Brasil, falamos sobre o vexame passado pela seleção, a vitória diante da Venezuela. A rede de rádio não teve descanso. De hora em hora, as notícias passadas de Salvador para as emissores. No dia seguinte, o 2 de Julio, Uruguay e Ecuador no preliminar. Chile e Argentina na principal. Era o grupo B em Goiania. Foram os jogos do Serradourada com a narração de Marciano Soares, análises de Fernando Helemo e participação de todos da REDE PARAIBANA DA COPA AMERICA.

O fato que chama mais a atenção nessas competições, é ingavelmente, a versatilidade do homem de rádio, do locutor, o jornalista propriamente dito. O registro em OFF-TUBE, transmissão feita do estúdio, pelo televisor, o que é comum hoje em dia, sempre foi o desafio enfrentado pelos narradores esportivos. Assim, o acompanhamento dos jogos do grupo B, em Goiania, foram assim.

Uruguay x EQUADOR

ARGENTINA x CHILE

-----▲
 POUCO DINHEIRO. VALE A ESPERTIZ^A

Um evento em que o homem de imprensa nordestino passa mais de 25 dias fora de casa, é bastante oneroso. Emissores e jornais procuram cobrir esses acontecimentos e o fazem com muito sacrifício. Em viagens anteriores, era comum realizar as 3 refeições diárias. Isso reentanto sempre foi uma desvantagem para o homem de imprensa. Era um gasto desnecessário. Foi preciso mudar a estratégia.

No esquema tático de alimentação montado para não se perder no combate financeiro, passou-se a utilizar o momento final, os últimos minutos mesmo do café matinal, do desjejum, para a alimentação do dia, com direito a eliminação de todos os obstáculos que estivessem a sua frente. Quando sabia-se o restaurante só funcionava até as 10 horas para o café matinal, faltando uns 15 o time entrava em campo para vencer a primeira batalha do dia, só voltando a atuar de forma arrasadora à noite. Essa era e ainda é uma tática aplicada no campo da esportividade, notadamente em jogos de grande porte quando deve-se chegar ao estádio ainda pela manhã para uma partida as 17 horas.

ENSAIOS
 JOSELITO LUTENA
 24/NOVEMBRO/2000
NÚMERO UM

Retornava do alto da Bela Vista onde o Campinense está implantando o seu CT, e, já na sala de esportes alguém perguntou se a Paraíba esportiva ganhara algum destaque quando da formação de seus selecionados de futebol e se era possível destacar algum confronto em que a SELEÇÃO PARAIBANA estivesse envolvida.

Lembrei-me então do CAMPEONATO BRASILEIRO DE SELEÇÕES do ano de 1959. Naquele ano, a nossa seleção começou a sua etapa de treinamentos logo cedo visando o confronto com o selecionado natalense ou do Rio Grande do Norte.

O primeiro teste foi diante do Santos de João Pessoa com um vitória de 4 a 2 no dia 18 de Outubro, fazendo novo amistoso com o Estrela do Mar, também de João Pessoa por 4 a 1. Nos dois treinos, rendimento abaixo do esperado. Alguma coisa tinha que ser feito para melhorar a nossa seleção. Mas, o pior aconteceu. Derrota de 4 a 1 para a seleção de Campina Grande no dia 25/10. Um empate com a mesma seleção no dia 28 depois de uma derrota de 4 a 0 para o Comerciantes de João Pessoa e outro desastre no empate com o Comerciantes de Caruaru em pleno estádio Presidente Vargas, com o gol da Paraíba sendo marcado por ERNANI, pertencente ao Campinense.

A ESTRÉIA EM SÓLD PARAIBANO

Finalmente havia chegado o dia 29/11/1959. O Estádio Olímpico recebera uma boa platéia. O torcedor não estava muito crente num triunfo da Seleção Paraibana. Mesmo assim compareceu. A PARAIBA partiu na frente. HIDELEBRANDO recebeu uma bola em profundidade e estufou as rédeas do excelente goleiro Ribamar, uma peça de destaque no arco potiguar. Se a Paraíba contava com a maestria de Ruivo, a segurança de Tempestade, as arrancadas perigosas de Géo, Hidelbrendo, Bola 7 e Bira, a SELEÇÃO DO RIO GRANDE DO NORTE tinha as estrelas de grande brilho como SAQUINHO E JORGINHO, a desenvoltura de Zaga onde Calado, Mauro e Pádua transformavam-se em fiéis escudeiros do goleiro Ribamar. 1 a 0 estava de bom grão para a Paraíba, mas, num lance de pura infelicidade o lateral direito GIL SUASTUNA ao tentar desviar a bola de cabeça para a linha de fundo enganou completamente o goleiro TEMPESTADE fazendo assim, o tento de empate dos natalenses.

Evidentemente que, o empate de 1 a 1, frustrara a torcida e a imprensa tabajarina que esperavam uma melhor conduta da nossa seleção. O juiz EVANDRO FERREIRA conduziu o espetáculo com acerto, formando a seleção de Paraíba com TEMPESTADE, GIL E NELSON; MARQUES(MARAJÓ), GONZAGA E MASSANGANA, HIDELEBRANDO, PEDRO NEGRINHO, BIRA, BOLA 7 E RUIVO.

A SELEÇÃO POTIGUAR com RIBAMAR, BIRÓ E CALADO; PAPAGAIO, PÁDUA E MAURO; MESSIAS(JORGINHO), SAQUINHO, ALADIM, IVO E CANINDE

(2)

O SEGUNDO JOGO E O DUÉLO DAS EMISSORAS

O jogo de número dois(2) entre paraibanos e potyguares aconteceu no dia 06 de Dezembro de 1959. A exemplo da jornada do Estádio Olímpico as emissoras paraibanas acompanhavam a seleção. O rádio esportivo demonstrava a sua força e também a sua rivalidade notadamente em Campi na grande entre BORBORAMA e Caturité, a primeira com maior vivência e a segunda tentando ocupar o seu espaço.

A precariedade da comunicação levava a que os profissionais de rádio se deslocassem mais cedo de suas cidades para aquisição de linhas, transmissores, ondas curtas, SSB, etc.

O rádio paraibano era uma agitação constante, notadamente no futebol. A BORBORAMA, a primeira a realizar transmissões esportivas na cidade, contava com uma equipe de maior experiência com a narração vibrante de Aristote Sales, os comentários de Josusmá Viana, que era o comandante da equipe, as participações de Benjamin Bley, José Tavares, o comando técnico em externas de Ronaldo Eloy e Adauto Lucena(Babá), Cirilo Rodrigues e tantos outros.

A CATURITÉ, uma das emissoras paraibanas formara a sua equipe com a experiência de Amaury Capiba, por sinal, o primeiro locutor esportivo do rádio campinense. Ao seu lado, José Villar, Evilásio Tenório, Alberto de Queiroz, Joselito Lucena e outros que emprestavam os seus conhecimentos no campo esportivo. Mas, nesse segundo jogo entre P'RAIBA E RIO GRANDE DO NORTE, a transmissão foi feita pelo locutor JOAO BATISTA, conhecido como o DIAMANTE NEGRO, contratado junto ao rádio pessoense para a narração em vista de sua maior experiência.

A VÉSPERA E A ANSIEDADE DO SEGUNDO ENCONTRO

A imprensa esportiva que saíra de serra, do Aeroporto Santos Dumont, numa aeronave do LOITE AÉREO, já se encontrava alojada no GRANDE HOTEL, no dia 05/12/59.

O domingo surgiu, e com êle a ansiedade para mais um grande jogo, e, claro, grandes reportagens esportivas e se tudo desse certo, uma vitória da seleção.

ESTÁDIO JUVENAL LAMARTINE E O DUÉLO

O simpático estádio natalense recebeu a imprensa desde a manhã. Era, o trabalho de instalação do material, sem direito a voltar ao hotel para o almoço.

Estádio lotado. E, como diria o inesquecível narrador ALBERO DE QUEIROZ; "ABREM-SE AS CORTINAS DO ESPETÁCULO NO ESTÁDIO JUVENAL LAMARTINE, EM NATAL.

Bem, o resto da história fica pra depois.

ENSAIOS
 JOSÉ LITO LUCENA
 31/OUTUBRO/00

MESTRE NILO, O DECANO.

Mais uma vez, encontro-me num verdadeiro dilema, em vista das descobertas que fiz ao revolver velhos papéis e recortes de jornais mais desgastados pelo tempo. Todos eles envolvem grandes figuras e verdadeiros mestres, e porque não dizer, grandes amigos que marcaram época no jornalismo serrano.

Encontrei duas pérolas do mestre NILO TAVARES. Duas verdadeiras jóias, encrustadas nas páginas emrelecionadas do DIÁRIO DA BORBOREMA, edição do mês de Março de MIL NOVECENTOS E 70, alusivas a competição denominada de MISTÃO 70, que abrigaria os clubes CAMPINENSE E TREZE, que havia solicitado licença para não disputarem o Campeonato Estadual patrocinado pela FPF. Como responsável pela organização do referido MISTÃO, ao lado dos demais companheiros da crônica, sendo o MESTRE NILO, com todo seu potencial, uma figura de prôa para o êxito do campeonato.

Na sua coluna OPINIÃO, do DIÁRIO DA BORBOREMA, o consagrado jornalista NILO TAVARES, escreveu o seguinte:

"BAIANO quando não é catimbosáiro é trapalhão e, salva as exceções, o Zelito Lucena, do Departamento Esportivo da Borborema, não quiz fugir à regra. Viajou e, em viajando, deixou um lacônico recado:

"Diga ao Nilo que faça uma opinião sua, para o DB de amanhã."

E só. Mais nada, como se nós fossemos empregado dele ou da empresa onde ele trabalha, a troco de minguados e nunca aumentados cruzeiros. Mas acontece que uma tal de "confiança" nos liga a todos, que vivemos brigando, chingando um com o outro, descobrindo qualidades que não possuímos, mas, na hora "H", o apêlo é atendido sem mais delongas.

Eis-me eu, aqui, graciosamente atendendo ao recado de Zelito, não tenho embora, nenhuma opinião formada. Opinião de que? p'rá que? Eu já estou perdendo a paciência como o Zé Bezerra (vulgo, diabo é quem diz), naquele seu jingle miserável, dizendo que todo o Brasil vai calçar sandálias. Já é um brasilzinho paedégua, todo calçado de sandálias...

Então resolvemos dar a nossa opinião sobre Cajazeiras e Souza esportivas, dos dias atuais, com vistas ao MISTÃO que tem empolgado, lestreantemente, a opinião pública esportiva deste, e daquelas cidades do sertão paraibano, e, especialmente sobre a realização do Torneio Início que se pretende seja realizado em Souza ou Cajazeiras.

Sinceramente como nós gostaríamos que o fosse aqui em Campina Grande, onde teríamos "sombra e água frêscas", para assistir os embates tranquilamente, na nossa própria casa.

(2)

Um motivo superior, entretanto, leva-nos a aceitar, sem mais delongas, e com desusado entusiasmo, a sua realização numa daquelas duas cidades, pois teríamos então, um novo desafio à Federação Paraibana de Futebol, mostrando que um Torneio Início realizado nos confins do Estado, muito distante, ~~mas~~ muito mesmo, do Capital, no caso João Pessoa, para não haver engano, vai render talvez o dobro ou mais de renda do Torneio Início de João Pessoa, sob o patrocínio do gloriosa e decantada madrastra, e sem as condições não financeiras ou esportivas, mas oficiais da terra do Palácio da Redenção.

Esta graciosa e palpitante expectativa, essa antevisão de supremacia, esse gosto insuadido de superioridade, essa renovada alegria de poder mostra que nós cá também dispomos de elementos fortes, de maiores trunfos, tudo isto, todos esses fatores, nos levam a desejar, ardente e ansiosamente que o Torneio Início do MISTXO 70, seja realizado em Souza ou Cajazeiras. E, em assim sendo, depois da festa, somada a receita, pagas na íntegra as despesas, sem se ficar devendo a ninguém, AINDA ASSIM, vamos ver que a nossa arrecadação líquida será maior que a arrecadação bruta do TORNEIO INICIO B: FPF.

E como ficará, depois, a pseudona dona do futebol paraibano, toda poderosa e valentona, incapaz de dialogar ou de discernir, ensinada e ôstrificada no seu orgulho e na sua presepunção? Bom, no caso, só lhe restará fazer como diziam os nossos avós, em linguagem da época, hoje desaconselhável: só lhe restará BAIXAR A CERVI...!

E nos continuaremos, e vamos dar, também, um show de melhor arrecadação na primeira peleja do MISTXO realize-se ela onde quer que seja, aqui ou Esperança, em Souza ou Cajazeiras. O lugar pouco importa. O que está em jogo é a liberdade ferida; são os interesses espinhados; que está em jogo infim, é o direito inalienável de quatro grandes cidades, CAMPINA GRANDE, Souza, Cajazeiras e Esperança, que foram menos prezadas, desmoralizadas e achincalhadas pelo QUERO, MANDO E POSSO dos senhores "sábios" da Federação Paraibana de Futebol.

Há uma canção popular que diz, numa de suas partes, uma verdade muito interessante e que representa justamente, quando Treze e Campina se emprestavam o seu concurso, davam-lhe o contributo maior de sua receita, e aí vivia ela à tripa fôrra, sem faltar nada para as congêneras cânsias esportivas. E agora? Agora a FPF faz o seu campeonato de lá mesmo, e nós vamos fazer o nosso MISTXO num brado de independência e de poderio econômico. Não vamos dar coisa nenhuma à Federação, dela também nada desejamos, apenas que tenha sorte e seja feliz, pois do jeito que foi o Torneio Início (renda menor em dois terços do ano passado) e o primeiro encontro de campeonato em João Pessoa (renda também muito menor do que o ano passado), parece que a coisa vai ficar no meio do caminho, e como disse o poeta: "No meio do caminho tinha uma pedra"
No meio do caminho tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra".

ENSaios
 JOSELITO LUCENA
 OUTUBRO - 2000

O feriadão registrado há pouco, ~~quando~~, ofereceu-me o tempo necessário para limpar algumas gavetas repletas de papéis antigos e que na ótica dos mais novos só serviam para tomar espaço e o caminho para toda essa papelada seria evidentemente o lixo. Mas, entre os papéis encontrei uma velha fotografia registrando um dos grandes acontecimentos do esporte de Campina na década 60. Era a formação de uma equipe fabulosa e que, certamente ao reve-la os mais antigos viveriam momentos de nostalgia. Ao contemplar a fotografia, senti o tempo voltar, como se tivesse entrado na máquina que proporcionasse a condição de estar naquela noite de 10 de Janeiro de 1962 em pleno estádio Municipal Plínio Lemos.

O ESTADO MUNICIPAL ficou conhecido ao longo dos anos, como A TOCA DA RAPOSA, denominação dada ao rubro-negro para não ficar por baixo do seu rival conhecido como O GALO DA BORBOREMA, o dono do terreno na serra famosa. Para acabar com o cartaz do Galo, somente uma RAPOSA FERRO". Pois bem, ali no tradicional bairro de José Pinheiro, no Municipal feticamente iluminado, o CAMPINENSE fazia a sua festa de enfaixamento dos seus atletas, comemorando assim, a conquista do bi-campeonato estadual.

Num só ano o Campinense havia conquistado dois títulos, o de Campeão, relativo ao ano de 1960, cujo campeonato atingiu o ano de 1960. O de campeão ai de estava bem vivo na mente do torcedor aristocrático. Várias mudanças ocorreram nesse espaço de tempo. Se o goleiro campeão havia sido BIU PERNÃO, na última partida, o arqueiro do jornada final do bi-campeonato era o excelente CAZUZA, egresso do SPORT CLUBE DO RECIPE e que foi um dos melhores do Campinense Clube, através dos anos.

Outra vez a mente adou colhendo fragmentos de conquista primeira. Como num passe de mágica, a volta a noite festiva de 10 de Janeiro de mil novecentos e sessenta e dois, quando a torcida viu entrar em campo o famoso bi-campeão e um dos seus tradicionais adversários, o BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE DE JOÃO PESSOA. A torcida rubro-negra tomava quase todas as dependências do estádio municipal. Na arquibancada principal, a massa rubro-negra fazia a festa. Nas cadeiras os dirigentes cartolas e convidados. Na arquibancada frontal as cabines de imprensa, justamente a que ficava para o lado de Nova Brasília, a musica era constante. Nas cabines, os locutores, comentaristas das rádios Borborema, Caturité, Tabajara e Arapuan, de Campina e João Pessoa, decantavam as façanhas do CENTRO ESPORTIVO CAMPINENSE CLUBE, o da Praça Coronel Antonio Pessoa, ao longo do campeonato estadual com vitória de 9 a 1 sobre o Santos, 4 a 0 no Auto Esporte, derrote de 2 a 1 diante do Botafogo, triunfo sobre o Paulistano 1 a 0, tropeço diante do Treze 1 a 0, vitória em cima do Galo 1 a 0, 4 a 1 no Auto, 2 a 0 no Paulistano, 2 a 1 no Santos, um tropêço ante o Botafogo por 1 a 0, empate com o Galo 1 a 1 e vitória final sobre o Treze, 2 a 1.

(02)

Entrega de faixas, bola rolando e a vitória do CENTRO ESPORTIVO CAMPINENSE CLUBE sobre o BOTAFOGO por 4 a 2, gols de ARAPONGA(2), IBIAPINO e NELSON(depenalti), enquanto ICÁRIO e AÉCIO compareceram com os tentos do BOTAFOGO.

O CAMPINENSE formou com CAZUZA, BRAGA e NELSON, SALOMÃO, PRÊTA e MASSANGANA; ZEZINHO CAIÃO, TONHO ZECA, CHICLETES(ARAPONGA), ZEZINHO IBIAPINO(TOINHO MENTIROSO) e ZÉ LUIZ.

O BOTAFOGO de FREIRE(FERREIRA), JOCA(NI) e ESCURINHO; MARAJÓ, depois INALDO, JACA e ROMERO; BETO II(PELADO), AÉCIO, ICÁRIO, PRINCEZ COCA COLA e SÍLVIO.

JUIZ, JOSÉ DE DEUS VÉLOSO, auxiliado por AMAÇO ANSELMO e ANTONIO BARROSO. O goleiro FREIRE do Botafogo e o atacante CHICLETES do Campinense foram expulsos. Porém, o árbitro permitiu a substituição de ambos para não tirar o brilhantismo da festa.

Ah, velha foto, que proporcionou esses bons e maravilhosos momentos de recordações. Vou guarda-la com muito carinho.

Joselito Lucena

A MAIS FAMOSA E O ESPORTE NO RÁDIO

JOSELITO LUCENA

30/11/00.

Atendendo a uma solicitação do ex-companheiro de rádio, integrante de um "cast" fabuloso de artistas na ERA DE OURO DO RÁDIO, Eraldo Cesar, congratulo-me com a Rádio Borborema na passagem de mais um aniversário. O tema, é claro, o futebol, embora tivesse exercido múltiplas atividades na emissora associada.

Reconhecendo o valoroso desempenho dos personagens desta história, e, sobretudo a contribuição dada ao rádio de nossa terra, a minha homenagem a êsses verdadeiros heróis do esporte no rádio.

A MAIS FAMOSA.

Tudo começou ainda na década de 50. A exemplo de outras emissoras brasileiras, a Rádio Borborema, seguindo a tradição do "rádio - padrão associado", a TUBY DO RIO DE JANEIRO, criava o seu Departamento de Esportes, inicialmente com a apresentação de programas redigidos e apresentados nos estúdios, através de pessoas já identificadas na área dos esportes.

A PRIMEIRA TRANSMISSÃO

Como o corpo diretivo associado era quase ~~composto~~ composto por cearenses, o Diretor Artístico Fernando Silveira, que conhecia bem o material humano do sem-fio cearense, escolheu para a primeira transmissão o locutor Jaime Rodrigues, vinculado ao elenco da CEARÁ RADIO CLUBE DE FORTALEZA. A expectativa foi grande. Naquela dia paré a realização da PRIMEIRA JORNADA ESPORTIVA, estiveram atentoá OSMAN BRAGA, FERNANDO SILVEIRA, Celso Rodrigues (natural de Caruaru), Amaury Capiba e os técnicos Ronaldo Elói e Adauto Lucena (Babá). Claro que outros cobras da época estiveram presentes, ocupando espaços no caminhão que servia de cabine. O pontapé inicial havia sido dado.

Depois daquela tarde em que o público presente ao extádio Presidente Vargas não olhava para o jogo, e, sim, para os que realizavam aquela façanha, outros nomes surgiram no jornalismo esportivo campinense.

Vêio a contratação do primeiro locutor da terra, AMAURY DA MOTA BARBOSA, ou simplesmente Amaury Capiba, que pertencia ao "cast" associado, atuando como radio-ator e cantor, tendo sido por muito tempo goleiro titular do TREZE FUTEBOL CLUBE.

O interesse pela difícil profissão despertou o interesse de Ramalho Filho, que escrevia comentários de estúdio; Nilo Tavares, cuja inteligência também esteve voltada para o esporte; José Palmeira Guimarães, a voz que empolgava o rádio-ouvinte na década de 50, mas que já tinha em seu calcanhar o jovem ARIOSTO FERREIRA SALES que contaria ao longo dos anos com a parceria de JOSUSMÁ VIANA que era o di-

retor do Departamento Esportivo.

Outros nomes estiveram sob o comando da dupla. José Tavares, Benjamin Bley, Luismar Rezende, Cirilo Rodrigues, Francisco de Assis (Olé), Antonio Menezes, Cesar Brasil, Geraldo Rodrigues e outros que estiveram envolvidos em transmissões importantíssimas como Treze e Fluminense na década de 50, no FV, Santos de São Paulo e Botafogo no Maracanã, excursão a Manaus e outros eventos esportivos.

Entre 61 e 62 a Borborema fez mudanças. No remanejamento Joselito Lucena passava a comandar o Departamento de Esportes sendo o locutor titular do escrete associado, nascendo ahí o "slogan: A MAIS FAMOSA"

Então, vieram, ALBERTO DE QUEIROZ, Ary Ribeiro, Edmilson Antonio, Ary Neves, Francisco Moreira, Edson Paulino, Humberto de Campos, dublê de locutor e comentarista, José Araujo, Magidiel Lopes, Arlindo Nóbrega, Paulo Rogerio, Severino Quirino, Clélio e Levy Soares, Gilson Souto Maior, a assistência técnica sempre eficiente de Ronaldo Elói, Marcos e Mucio Albuquerque e tantos outros, como Adalberto Alves.

Surgiu então com todo seu vigor e mocidade Edivaldo Gouveia, o pianista e a narração jovem de Rostand Silva Lucena. A BORBOREMA marcou época, fazendo jus ao slogan de A MAIS FAMOSA, sob o comando de Joselito Lucena.

Esta, a nossa modesta homenagem àqueles que enfrentando todos os sacrifícios da época, por falta de meios de comunicação, fizeram a grandeza do rádio esportivo campinense.

JOSELITO LUCENA

30/11/2000.

Por que?
 Nada tenho contra João Pessoa, mas pergunto, por que?

João Pessoa gloriosa - de nome glorioso - que possui a mais bonita praia do mundo, um povo espetacular, ficou silenciosa!
 Por que?

Respondo-lhe: porque sabe que, em termos de estádio, Campina Grande está a merecer em primeiro lugar este benefício.

João Pessoa tem a praia - dádiva de Deus; os benefícios de todos os Governos - dádivas do Homem; e Campina Grande, no atual momento, só pretende uma coisa, a fim de se complementar em sua estrutura: - um estádio.

Por que e como negar tão pouco a quem tanto tem oferecido?

É certo que João Pessoa é sede da Federação, mas isto é apenas uma nomenclatura jurídica, pois, como frisou Ari Rodrigues, em maioria, os filiados dessa Federação estão no interior, subindo e descendo, todos os dias, a Serra da Borborema.

E as maiores rendas também. E os campeonatos? Quase todos em Campina Grande. De 1960 para cá somente três pernôitaram em João Pessoa.

Que você, meu caro amigo Assis Camêlo, defenda a prioridade de um estádio para João Pessoa - como Deputado - explica-se.

Que você - como Dirigente de um Órgão Esportivo - conhecendo as condições reais do Estado, o faça em detrimento de Campina Grande, incompreende-se.

Que você assuma essa atitude depois do que antes afirmou, disse, justificou e prometeu é incoerência.

Assim agindo você, meu caro Assis Camêlo, negou toda a inocência, a bendita inocência, a santa inocência do menino do campo da ladeira, menino de alma pura, sentimento claro, coração aberto, fala honesta, menino que você matou no Deputado, que tinha a obrigação moral de viver o menino, única forma de simbolizar o povo.

Você, Assis Camêlo, assim agindo, deixou de ser você. Você é um assassino. Você matou o menino do campo da ladeira.

Mas, como toda atitude é passível de reexame, eu lhe faço um apelo:

ressuscite
 da ladeira - pois, assim fazendo - ressuscite em você o menino do campo
 mais que isso, confirmará a vida. você eternizará a vida do Deputado, e,
 do Homem!

17.10.1973

OBRIgADO, ATÉ BREVE...

Após dias seguidos à trilhar por um caminho onde somente a luz deveria imperar, mas que, talvez mesmo, pela / força do destino, muitas vezes as trevas encontr^{am} guarida, alcançamos hoje, exatamente agora, o marco de encerramento de nossa // longa e voluntária caminhada. Hoje, quando só a voz do silêncio / dita, em se tratando de uma labuta diária, originada no "esportes-das-multidões", nunca poderíamos nem deveríamos seguir-lhe os passos, calando também, sim, nós que com a dedicação que nos é possível, fazemos "a mais famosa". Palavras simples, porém, francas e acima de tudo precisas, haveriam de sair de dentro de nós, sob uma força total. Sair para você, torcedor amigo... Você que, hoje / em dia não nos acompanha simplesmente por um esporte, ou amor, à uma pura e sã audição, porque você, certamente preferindo fazer o papel da água, correr para o rio, para o rio que no seu fundo só existe a imparcialidade. E você, também conduz uma proeza a mais, a de ter transformado em hábito, a audição, para conosco. E por isso mesmo, quantas vezes você torcedor amigo, chorou, riu, / vibrou e até, se martirizou? ...e, pelo fato de na jornada-66, a esta altura prestes a partir para sempre, termos dado tudo de nós dentro de nossa efetiva capacidade de trabalho e dentro de uma // conduta unificada, onde o pensamento de um, simbolizou, como ainda simboliza, o dos demais.

Os grandes feitos retratados, você, dividiu conosco o entusiasmo, dividindo da mesma forma, a tristeza quando um desastre se fazia presente, lamentando profundamente, sentindo o impacto do marasmo, sua característica tutelar. E porque você, com toda amabilidade possível, compactuou em tudo, com a gente da "mais famosa", é que à viva voz, alucinamos simultaneamente, um /

Página - 2

... "obrigado" - até breve. Obrigado, por tudo quanto ficou exposto e até breve, porque o tempo sim, é que parte para sempre e nós, apenas com a marcha do tempo, voltaremos. Baseado no seu estímulo para conosco, é que achamos distante demais o retorno / ao seu convívio, entretanto, chega de súbito a conformação, ao / debruçamo-nos na janela do próprio tempo e vê, que, muito mais / longe é a distância que nos separa do deserto de Saara e nunca / ninguém desiludiu.

Com torcedor amigo, estão cessadas as nossas atividades em mais um período, em mais uma fração de continuidade sim, em 1966. Estão cessadas também, as nossas palavras. E o esgotamento chegou quando somente, revivemos os grandes feitos durante a temporada e os grandes desastres, que, infelizmente, tiveram vêz. Não sabemos, se por força da natureza ou por, inesperienza material. Não adianta, a emoção, o entusiasmo, nem tampouco o choro e o lamento, depois da revelação de tudo aquilo // que acabamos de notificar. Foi apenas uma repriça. É certo que / outra vêz, provocamos dentro do eu de cada um, momentos distintos, mas, fôí um chamado do dever, a que atendemos, passe uma esponja no passado e alerte para dias futuros.

E encerrando o ANO ESPORTIVO EM REVISTA, deixamos pois, o nosso, "OBRIGADO, ATÉ BREVE"...

"A QUENTE DECISÃO DE 68"

Em vista dos desentendimentos entre a diretoria do TREZE, na pessoa do seu ~~presidente~~ presidente Edvaldo do Ó, com os Diários Associados, a decisiva do Campeonato Estadual de 1968 entre Treze e Botafogo no Estádio Presidente Vargas, foi realmente quente, dada a proibição da entrada da Rádio Borborema através de sua equipe de esportes naquele estádio.

No dia anterior ao jogo, tomamos as medidas necessárias para a cobertura do encontro, visitando as dependências do II Batalhão de Polícia Militar do Estado, cuja CAIXA D'AGUA, bastante alta, ficava por trás de um dos gols do Estádio Presidente Vargas e poderia ser a solução dos nossos problemas.

Em transmissões anteriores lá do PV, já havíamos prestado atenção que soldados daquela corporação assistiam aos jogos de cima da referida CAIXA D'AGUA e diante da situação em que estava-mos, lembramo-nos que a mesma poderia ser utilizada na emergência, embora a posição fosse incômoda e a distancia também.

Solicitamos ao então Comandante de Batalhão de Polícia, Major Geraldo Gomes, a cessão daquele local para que a nossa equipe pudesse cobrir o evento. Fomos atendidos. Pedimos permissão a direção do Hospital Pedro I para a utilização da sua linha telefônica, objetivo também alcançado. Tudo sem causar suspeitas para que não fossem criados obstáculos.

Com todas essas providências tomadas, fizemos o "jingle" de chamada da JORNADA ESPORTIVA, o que serviu para agitar os meios trezeanos, com a diretoria do Treze tomando as providências para evitar a nossa entrada no Estádio e conseqüentemente a transmissão da BORBOREMA.

ESPECTATIVA

Chegada a hora, era grande o nervosismo entre nós. Era uma situação difícil. Lá estava-mos instalando o material de transmissão. A movimentação dos nossos técnicos Marcos e Múcio Albuquerque, já com as presenças deste cronista, Humberto de Campos e Ary Ribeiro. Cada um subia a escada lentamente, mas, não aparecia lá em cima para não despertar a atenção da torcida e dos dirigentes galistas, especialmente desses últimos que se agitavam lá do outro lado, nas portarias do estádio, aguardando a nossa chegada para a barração da equipe.

A LONA

Começamos a nossa GLORIOSA JORNADA. Mas, de repente,

DEPARTAMENTO ESPORTIVO

O Departamento de Esportes de uma emissora de rádio, é um setor de intensa atividade dentro da empresa, desde que a sua programação, de fácil consumo por parte do público, é responsável, em sua maioria, pelo mais elevado índice de audiência da mesma. Como o futebol é um esporte apaixonante contando com a participação de multidões não só em dias de jogos, mas, na sua cotidianidade, uma maior atenção é dedicada ao mesmo dentro da programação de uma rádio. A sua responsabilidade é das maiores já que tem que dedicar um tratamento igual a todas as agradações, informar ao ouvinte com imparcialidade, ilustrando, se possível, essas informações, pois o torcedor gosta de detalhes. Além do público, dos clubes, dos esportistas de um modo geral, o Departamento de Esportes, por contar geralmente com o maior índice de audiência da emissora, recebe também o prestígio do anunciante, aumentando portanto a responsabilidade dos que nele trabalham, dos que dele participam.

FUNCIONAMENTO

O DEPARTAMENTO ESPORTIVO DA RÁDIO BOBORAMA é composto de locutores, redatores, plantonista, repórteres, comentaristas, rádio-escuta e técnicos, existindo é claro, uma pessoa responsável pelo setor para poder coordenar todo o trabalho. Essa equipe em sua maioria, tem uma atividade muito intensa, já que o futebol, o esporte mais divulgado não para, e não ser uma vez por ano, quando das férias dos profissionais.

Diariamente, dois repórteres são conduzidos até os estádios locais onde vão colher subsídios para os programas especializados. Os seus contactos iniciais são com os responsáveis pelo setor de esportes dos clubes, averiguando se existem novidades que possam ser transmitidas ao público, consultando ao Departamento Médico para saber se existem jogadores contundidos e que possam se constituir em desfalques para os próximos jogos; Ao Departamento Técnico, através do seu responsável, para que o mesmo opine sobre a conduta do seu clube no jogo passado ou o que tem em mente para a partida futura. Esses primeiros contactos, deixam o repórter mais a par da situação e aí então, assiste as atividades de campo, quando são treinamentos com bola, passando as entrevistas com os atletas, desde que, esses repórteres sempre vão aos estádios munidos de gravadores*

Depois de cumprida essa missão, os reporteres retornam a sala de esportes onde redigam suas matérias, providenciando junto ao departamento de gravações a montagem dessas entrevistas, que são levada ao ar após o panorama de cada clube. Quando não existe qualquer atividade no campo, alguns trechos dessas entrevistas são aproveitados somente com a voz do entrevistado, pois cabe ao reporter, que também deverá ser redator e script das atividades, geralmente em um original e duas cópias, com a deixa, para a técnica saltar a gravação. Esses reporteres em dias de jogo desenvolvem uma atividade maior já que visitam os estádios logo cedo para as entrevistas que antecedem aos mesmos.

O locutor esportivo, que geralmente é o responsável pelo setor tem que estar a par de todo o trabalho desenvolvido pelos reporteres nos estádios, para que possa analisar o que deve ir ao ar ou não. Além disso, os seus comentários ou análises, são fundamentados dentro dos pronunciamentos dos dirigentes e atletas. Diariamente, esse locutor, quando dirigente do Departamento, mantém diálogos, entendimentos, conversações, com os presidentes de clubes, sendo esses contactos em sua maioria por telefone, pois em sua sala, acoplado ao telefone, existe um amplificador para ampliar o som, pois os seus contactos são gravados, depois de consultar, é claro, a pessoa que se encontra do outro lado do telefone. Nos dias de jogos a sua atividade ainda é maior pela cobertura do espetáculo até o encerramento, preocupando-se com a parte publicitária, técnica e de retaguarda. A parte publicitária é de suma importância, já que significa o ganha pão da equipe; a técnica, com a seleção de sinais, vinhetas, gravação de todo o jogo, reprise dos gols e cronometragem; a retaguarda, onde o Plantão Esportivo desenvolve um trabalho de sustentação da tarde esportiva, desde a sua abertura até o encerramento, colhendo resultados, informando com precisão, não se admitindo deslizes, embora esse plantão, conta apenas com dois rádios para a coleta de notícias, quando nas grandes emissoras do Sul, o mesmo trabalho é desenvolvido com uma equipe formada por três escutas com mais de 5 rádios e ainda telex das principais agências noticiosas do Brasil; a técnica em campo, desde a instalação de todo o material necessário: microfones, para a cabine, locutor e comentarista; rádios e fones para os reporteres que trabalham com microfones sem fio e instalação de mesas nas vestiárias onde são realizadas as reportagens na abertura e encerramento dos espetáculos. Ao comentarista, cabe a análise do jogo, com o mesmo anotando os lances mais importantes, subsídios que

são fundamentais para os seus comentários.

AUDIÊNCIA-LIDERANÇA-CONCEITO

A RÁDIO BORBOREMA tem no seu DEPARTAMENTO ESPORTIVO, um setor de destaque em sua programação diária, onde alcança o maior índice de audiência através de seus programas: "TIRO DE CANHO", apresentado às 7.30 da manhã por EDIVALDO GOUVEIA, que é plantonista, redator e locutor; "MINUTO ESPORTIVO" redigido e apresentado por Adílio Bezerra, redator, locutor e reporter, com edições das 8.30 da manhã às 21.30; "JOGO DURO" um comentário de Humberto de Campos, às 11.50 da segunda a sábado; "O ESPORTE EM MARCHA", noticiário de 40 minutos, começando às 11.55, terminando às 12.35, com a presença de todos os seus componentes, Jossilite Lucena, Evandro Nogueira, Rostand Silva Lucena, Adílio Bezerra, Francisco Lopes (Chico Alemão) e Edivaldo Gouveia; às 18.15 RÁDIO ESPORTES BORBOREMA, também com a apresentação ou presença de todos os componentes em trabalhos redacionais e de reportagem. Em todos esses programas ou noticiários, a equipe se faz presente, tratando a todos os clubes de uma só forma, criticando, quando são passíveis de críticas ou elogiando-os quando também o merecem. Destaca-se nessa atividade, a parte técnica, com profissionais realmente capacitados como o técnico de som, o encarregado das montagens de gravações e o técnico de campo.

Sem quantidade, mas, com QUALIDADE, em todas as pesquisas de audiência nesses 34 anos, jamais o DEPARTAMENTO DE ESPORTES deixou de figurar em primeiro lugar, nos programas e nas transmissões esportivas, o que atesta a capacidade dos seus profissionais. Com esse índice de audiência, a liderança é realmente uma recompensa ao profissional, que passa a sentir mais profundamente o conceito que granjeou junto ao público, tornando-se também preferido pelos clientes que preferem inserir as suas publicidades dentro de sua programação.

O FUNCIONAMENTO DE UMA DIVISÃO DE ESPORTES COMO O DA RÁDIO BORBOREMA, dirigido por Jossilite Lucena, é de muito trabalho, com dificuldades em sua maioria, mas, gratificante, quando se sente a receptividade junto ao público, notadamente nas jornadas esportivas de âmbito inter-estaduais.

JORNALISMO ESPORTIVO

O Jornalismo esportivo, pelo seu papel informativo de todos os fatos ligados aos desportos, tem no rádio um dos seus expoentes maiores como veículo de divulgação. Esta, é a razão da nossa presença aqui esta noite. Um fato que nos comove, pois o palestrante deveria a escolha recair sobre ou tra colega militante da imprensa serrana, com um cabedal de conhecimentos maior e que tivesse a facilidade de se comunicar com maior facilidade, / transmitindo uma mensagem de uma significação realmente importante. Agradecemos aos que elaboraram esta programação para a semana do radialista / ou jornalista, especialmente ao confrade Gilson Scuto Maior.

O JORNALISMO ESPORTIVO

Qual realmente é o papel do rádio na evolução dos desportos serranos? Como se sentiriam hoje os pioneiros do jornalismo esportivo em Campina Grande, ao verem os estádios tomados de gente, pessoas ávidas para saber o dia a dia do seu clube, dos seus astros da bola, legiões de rapazes, moças, garotos, velhos, gente de todas as camadas, incluindo no seu cotidiano, o futebol de campo "a grande paixão do brasileiro", o futebol de salão, basquete, vôlei, o atletismo, o tênis, as corridas ou grandes prêmios automobilísticos...

Sentiriam satisfação...? Regosijo...? Recompensa...? Teria a luta em preendida alcançado o objetivo...? Teriam pensado... haveriam imaginado que, as dificuldades enfrentadas, os obstáculos transpostos, representariam anos depois "o sabor gostoso" da vitória obtida...? Era com isto que hoje nós temos em matéria de divulgação esportiva, o que realmente esperavam...? Talvez nem eles próprios pensassem na dimensão que seria tomada pelo jornalismo esportivo com a utilização do rádio, jornais e revistas na propagação dos fatos ligados a essa atividade, antes tida como uma diversão e que, ao se profissionalizar, tomou rumos crescentes.

No começo... a vontade de informar. A necessidade de fazer com que os outros tomassem conhecimento dos fatos. O interesse de se levar ao conhecimento dos demais, o resultado de um acontecimento esportivo... e, ao levar essa informação... a carência de que essas pessoas as quais foram passadas as informações... levados os resultados, se transformassem em participantes ou assinantes. Deve ter sido assim no começo. Dentre as pessoas assistentes de uma partida de futebol, entre dois quadros locais, aqueles que se preocupavam em registrar o fato, os promotores, os divulgadores, os jornalistas ou simplesmente "os propagandistas". Como promover um encontro inter-municipais ou mesmo inter-estaduais, sem que a comunidade venha a se inteirar do fato. Como levar ao conhecimento das gerações que vêm a seguir, que tais fatos ocorram em determinado tempo...?

Joselito Lucena.

REMINISCÊNCIAS

NO TEMPO DA RACIONAL E DO SSB

JOSELITO LUCENA

EDITADO

Na década 60, os meios de comunicação eram deficitários. Não existia a EMBRATEL. Os estados eram quase todos isolados uns dos outros. Realizar uma transmissão do Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Alagoas era realmente difícil e exigia bastante do profissional de rádio esportivo. O meio de comunicação para alguns estados era a RADIONAL e quando se conseguia uma ligação, tinha que gritar bastante e terminava-se rouco.

Na época, o meio mais fácil, era a utilização das ondas curtas das emissoras de rádio de outros estados, mas, tudo dependia da qualidade de som que se recebia na cidade.

O uso da onda curta foi a salvação das emissoras de rádio e também a dor de cabeça dos locutores esportivos, técnicos de campo e os da retaguarda esportiva. Todos deviam estar bem identificados e em total harmonia com o que seria levado a efeito. Uma transmissão por onda curta envolvia muita gente, tanto de um lado como do outro. Se a sua emissora possuía onda curta, era muito mais fácil você cambiar transmissões. Se não possuía, então tudo teria que ser feito na base da unidade.

A Oaturité levava uma desvantagem com relação a Barborema. A emissora dos Byingtons, não possuía onda curta. A associação tinha uma que era espetacular. Penetrava em todo o nordeste e chegava súfivel ao exterior. Na emissora que viria a ser do clero, transmitir um futebol era desanimador. Segundo a obstinação e a força de vontade dos componentes do Departamento Esportivo, transpunham os obstáculos e a única maneira era através de transmissores de rádio amador em acoplamentos tão difíceis que as vezes não dava certo, mas, quando acontecia chegar a transmissão na sua cidade, era uma festa e motivo para comemorações. O Departamento deveria estar a par de quem possuía rádio amador e com qual cidade se comunicava para então solicitar a cessão de utilizá-lo no dia de jogo diretamente do estúdio onde seria realizada a partida. Era desgastante, mas, gratificante. Você as vezes tinha que alugar um carroça, levar um técnico, montar antena no estádio, com a mesma direcionada para o seu estado e tudo isso aí levava tempo.

Com a Barborema, não. Tudo era mais fácil. A cadeia associada dominava todo o Brasil e o Nordeste era bem servido de emissoras do complexo de Assis Chateaubriand, quase todas elas equipadas com ondas curtas.

Em Natal, a Radio Joty era uma emissora frequentemente usada para essas transmissões. Quando acontecia de um time de Campina atuar em Natal, era sempre solicitar a cessão da onda curta de 4.935 metros, para boletins e a transmissão do jogo. Você padia uma linha de campo do telefonico local do Estadio para a técnica da Joty e enjetava fosse som na onda curta.

A recepção em Campina era local. Através de um rádio Hallycraft, transportava-se o som para a onda média e curta ao mesmo tempo para que chegasse a todos os leres nordestinos. Em todo e qualquer estado onde a emissora tivesse uma onda curta, procedia-se dessa maneira. Ronaldo Eloy, Aristete Sales e Jesusmá Viana, foram meus mestres nessas atividades.

Foi assim, que transmissões do Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia, Pernambuco, Alagoas e outros estados, chegaram até Campina e aos milhares de ouvintes espalhados por toda paraiiba esportiva por todo o nordeste.

Em 27 de Agosto de 1968, cobrindo uma excursão do Campinense por gramados do Piauí, Joselito Lucena e Humberto de Campos utilizavam para a Borborema, a onda curta famosa e potente da Rádio Pioneira de Teresina.

Conhecemos e fizemos amizade com nomes famosos do rádio piauiense como Carlos Sáid, "o magro de aço", o melhor comentarista esportivo do rádio daquele estado na época e os irmãos Aluisio (reporter) e Dídimo de Castro, locutor esportivo. Desse jogo travado no Estadio Lindolfo Monteiro, em Teresina, ficou a imagem do Campinense Clube que empatou em 1 a 1 com o Flamengo local. O gol dos serranos foi anotado por um jogador que era denominado por Humberto como o Doido e que atuou no Campinense, Treze, e Nacional de Fatos, Lulú, já falecido.

- Joselito Lucena -

01-02-1969

-ESCRITO EM 1969".

REMINISCÊNCIAS
UMA VIAGEM NO TÚNEL DO TEMPO
JOSELITO LUCENA
04/JUNHO/2008

ENCONTREI NOS ARQUIVOS UM ARTIGO QUE ESCREVI EM 1969 SOBRE
UMA HISTÓRIA QUE VIVI AO LADO DE PERSONAGENS QUE TIVERAM UMA RESPON-
SABILIDADE MUITO GRANDE NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DO RÁDIO, JORNAL E
TELEVISÃO. CLARO QUE DEVO MUITO A ESSES QUE FIZERAM O RÁDIO DOS ANOS DE
OURO.

VELHOS TEMPOS... ANOS BRANCOS !!!

(O CORRENTIÃO)

MEMÓRIAS
JOSEITO LUCENA

O RÁDIO DOS ANOS DE OURO.

O Rádio campinense viveu seus anos de glórias por umas três décadas, e, durante essa fase áurea, foram incontáveis os nomes que se tornaram famosos na radiofonia da terra. Alguns, importados, aqueles que podemos afirmar que foram realmente os precursores daquela maravilhosa plêiade de excelentes artistas e outros que aqui deram seus primeiros passos e que se tornaram dignos da admiração do público e do reconhecimento dos companheiros.

O rádio da terra nasceu e cresceu numa época em que Campina Grande deixava para trás a sua condição de cidade provinciana, das retrêtas, passeios ou footings domingueiros em frente ao seu segundo maior prédio o Edifício Esial, na tradicional Praça da Bandeira, onde a sociedade serrana se reunia para os encontros, bate-papos e ouvir os programas sempre atraentes da VOZ DE CAMPINA GRANDE, onde a figura identificada com a comunidade serrana, de um cearense que aqui aportara JOSÉ JATAÍ, comandava as noites de entretenimento na serra famosa.

A VOZ DE CAMPINA GRANDE situava-se no segundo andar do Edifício Esial, sobre a SOUVETERIA FLORIDA outro ponto de reunião da mocidade campinense, pertinho da barbearia do CHÁ PRETO a sua esquerda onde também estava instalada a SINUCA 1060 e a direita próxima a Churrascaria do PAIZINHO e a Sinuca Gato Preto, do Lula e outras casas, cafés e restaurantes bem próximos. e, frontal ao prédio dos antigos Correios e Telegrafos, cujas calçadas serviam para acomodar os expectadores em dias de shows, ESTAVA O EDIFÍCIO ESIAL.

A VOZ DE CAMPINA GRANDE, era o porta-voz de reivindicações e o órgão de comunicação do centro da cidade, colocando a sociedade campinense a par dos últimos acontecimentos. Nos bairros, é claro, existiam também os serviços de alto falantes, por exemplo o de JOVELINO FARIAS (O GAUCHO), no bairro de José Pinheiro e o de Milton Ramalho no bairro da Liberdade.

Mes, ali, na tradicional Praça da Bandeira, por muitos anos, Campina teve o seu "auditorio ao ar livre", com apresentações de verdadeiros mitos da radiofonia brasileira como Silvio Caldas, Luiz Gonzaga, Dilú Melo, Quitandinha Serenaderês, Orlando Dias, Catulo da Paula, Isaura Garcia, os Índios Tabajara e tantos outros que encheram os corações dos jovens da época, de ternura e embeveceram os mais velhos com seus cantos maviosos.

A formação para o rádio surgiu evidentemente ali na VOZ DE CAMPINA GRANDE. Não foram somente os grandes artistas do Rio-e-São Paulo que encheram as noites campinenses de sons, de harmonias, amor e risos, como JARARACA E RATINHO os maiores humoristas da época e dois que lhes seguiram os passos, VENANCIO E CORUMBA.

Os da terra, já davam demonstrações de suas capacidades artísticas como Arnaldo Leão, exímio flautista, pianista, enfim, um instrumentista eclético; um virtuose do violão Antonio Emiliano, um patoense que ao defilhar o PINHO tornava a musica mais bela.

08 de Março de 1975

Sábado

O maior acontecimento esportivo de Campina Grande, a inauguração do Estádio Governador Ernani Sátyro, "O AMIGÃO", aconteceu no dia 8 de Março num sábado chuvoso, com o jogo CAMPINENSE CxO BOTAFOGO DO RIO DE JANEIRO. O Sábado proporcionou a que viessem de todo o nordeste emissoras de rádio, jornalistas da região e as emissoras do Rio de Janeiro, o que não ocorreu na abertura do Almeidão no domingo em João Pessoa, pois os campeonatos regionais estavam em pleno andamento. Cabines de madeira foram construídas, para abrigar a todas as emissoras da região nordestina e a festa dos cronistas foi um espetáculo à parte, pois alguns chegaram logo na sexta-feira. Desde a manhã, a equipe da Rádio Bortorema estava à postos, realizando suas reportagens ouvindo opiniões de jornalistas, autoridades, e pessoas convidadas. Foi um espetáculo a inauguração do AMIGÃO. A FOTO é um registro do dia. Nela, Francisco de Assis(OLÉ), no centro JOSÉ LUCENA e Alberto de Queiroz. Dia 08/03/1975.

COMENTÁRIO

12 FEV/2007

JOSELIO LUCENA
XXXXXXXXXXXXXX

OLÁ DIZ AMIGOS!

FOI MAIS UM ESTABELECER QUE FOI TRAZENDO VARIAS LEMBRANÇAS QUE SÃO UM BEM E PROFUNDO MERGULHO NO LIVRO DO PASSADO QUE ME ACOSTUMEI A CHAMAR DE REMINISCÊNCIAS. ESPERAVA UM TEMPO MELHOR PARA VOLTAR AO PASSADO QUANDO NO PRINCÍPIO DO FILME A FILA QUEBROU. LEMBRONA ACCOU E UMA PESSOA DO CUIRO DAS DA LINHA, IDENTIFICOU E PERDEU P'RA PALAR SOBRE A GOLEADA SOFRIDA PELA ARSEN. JÁ DISSE AO QUE NÃO GOSTEI. DA SURRA... DA PALTA DE RESPEITO AO PÚBLICO NÓRÇANDU O TÉRMINO A SOGO, NO BITO POPULAR, FUGINDO DA LUTA. HORRÍVELMENTE. NÃO ADIANTOU A SUBSERVIÊNCIA DE ALCUNS PSEUDOS CRONISTAS EXALTAREM OS CARREIS DE GRANDES CONQUISTAS E OS PELOS GÓSTIOS EM COMPELIÇÕES ATERR-ESMADURAS. FUGAR SOCO INMEDIATAMENTE VOCÊ PERDE O SAPO NÃO ENCHE ENCOÔ TACA COM CARO DE PALMEIRA, SE É QUE NUNCA ENCOBRIR ESSA DEFICIÊNCIA. HA PENA QUE ESSE TITRE LOS CASULAS AUMENTA BATA VEZ MAIS.

MUDO DE LIRA E ENCONTRO UMA EM ELEGIÇÃO. O PERSONAGEM PERGUNTOU: O CAMPINENSE ESTÁ AFUNDADO ... UM GRUPO QUE NINGUÉM SABE O QUE VEIO QUER COMPRAR-LO E QUE ESTÁ ESTABELECENDO MANTENENDO MEMÓRIAS...?

NÃO GOSTO E NÃO PAGO P'RA ASSO. PAGO P'RA TRABALHAR, A EXEMPLO DE HOSFAND CHICO ALMEIDA, EDSON, GUMBERG E OUTROS DA EQUIPE. NÃO SEI SE O PRESIDENTE E CONSELHOS VÃO VIVER O NOBRE DA CLUBE E O SEU PATRIMÔNIO E NÁP ME INTERESSA MACHO. MENTE O FORTUDO AQUI. SABE PORQUE NÃO INTERESSA ANALISAR...? PORQUE OS DISCURSOS DO PRESIDENTE SÃO CHEIOS DE FLOREIOS E PERFUMADOS. O CAMPINENSE NÃO É SÓ LE UM BLOCO MÔ. O CAMPINENSE TEM HISTÓRIAS BONITAS E OS SEUS PELOS SERVEM DE ORGULHO PARA OS QUE LUTARAM NA DIVULGAÇÃO DOS MESMOS.

PRESIDENTE: DAIJA A SEU CLUBE DE FORÇA A ERJA. ESPECIALMENTE NO QUE SE RELACIONA NO PACOTE QUE ESTÁ FEITO, PORQUE AÉ ARAVOTOS QUE DECANTAM AS QUALIDADES DE UM GRUPO, ASSUMEM O SEU PALANQUE NAS ARQUIBAS E DGEDES DO RENAISSANCE. SE O DISCURSO LE PROPRA GANHAZAS DESSE PORTE PAGAR, VOCÊ PERDE NO DISCURSO E NO POSIO DA INTENSIDADE. NINGUÉM ME DISSE NADA NÃO O OBJETIVO É DOPAR O TREINADOR P'RA FORA QUE LEVA TODA CULPA AO QUE ACONTECE NO RIBRÓ-NEGRO. PIQUE TRAFUQUILLO FELITAS DA DE PEQUENO ESCREVA VOCÊ. TEM SEU VALOR E LARGO RESPEITO.

RAPOSEIROS INTERROGAM O CLUBE A A QUEM QUIZER PELO MONDIALE QUE MOUÉ ANA QUE. E, POR PALAR EM GIM...DIM, ARRUDA PRÁ VENDO O SOL QUERADO. NÃO É ALUSÃO A NINGUÉM GIREI QUE A POSIÇÃO MEROROU

29-06-68

REMINISCÊNCIAS
JOSELITO LUCHTA
04 JUNHO 2008.

FALTANDO EXATAMENTE 25 DIAS PARA A COMEMORAÇÃO DE MAIS UM ANIVERSÁRIO, ENCONTREI UM COMENTÁRIO ESCRITO PELO SAUDOSO JORNALISTA RAMALHO FILHO POR OCASIÃO DO ANIVERSÁRIO DO ANO DE 1965, DIA 29 DE JUNHO, LIDO NO MICROFONE DA RÁDIO BORBOREMA NAQUELE DIA.

O COMENTÁRIO FOI REELABORADO DESTA FORMA:

(COMENTÁRIO)

O COMENTÁRIO de RAMALHO FILHO
 (No aniversário de Joselito Lucena)
 DATA:- 29/06/1965.

Amigos, não sei se vocês sabem que nós, os homens e as mulheres que fazemos rádio somos uns sentimentais e sentimentais doentes, inveterados, mesmo. Em Campina Grande, pouquíssimos os que fazem rádio por paixão, isto é, os que vivem exclusivamente do rádio. A maioria vive para o rádio. Explicando melhor: o grande número faz rádio por amor à arte, pela satisfação de ver o seu nome divulgado, pelo prazer de se ouvir um pouco de si mesmo. Para tanto, é preciso renunciar a muita coisa, principalmente ao afastamento da família e às delícias das horas de lazer. No número dos que fazem rádio por amor, por dedicação, o prazer intelectual está esse sujeito admirável, inteligente, bom, temperamental, explosivo às vezes, mas sentimental, bom colega, versátil como homem de rádio, pois é locutor (o melhor de 64), locutor esportivo, radiador, noticiarista, que é Joselito Lucena. Unificando todas e suas grandes qualidades, a de ser pontual, cumpridor dos seus deveres.

Joselito, como vocês ouviram, começou no rádio como "boy" do serviço de alto-falantes do pioneiro da radiodifusão em Campina Grande, o José Jataí. Essa primeira grande experiência de sua vida serviu para que ele fosse, no rádio, o homem de sete instrumentos porque Joselito, na verdade, conhece todos os segredos, todas as "nuances de uma estação de rádio. Desde o controle, uma das partes mais difíceis na técnica, até o posto de direção, passando pela discoteca, onde tem excelente gosto musical, estagiando pelo rádioteatro, vivendo bem qualquer papel, galã ou vilão. Nas horas vagas dentro de uma estação de rádio, o "baiano", como o chamamos fraternalmente, faz graça, diz piadas. Nos dias de "lurdú" (característica própria dos negros), Amaury Capiba, seu grande amigo e grande colega, fá-lo modificar a cara feia e tudo fica às mil maravilhas. Atacado de todos os lados pelas que fazem esporte em Campina Grande, pula por cima dessas injustiças e desses ataques, dando um verdadeiro "show" de honestidade profissional.

Na vida particular teve a felicidade de casar-se com uma mulher admirável, incentivadora nos seus triunfos e consoladora nas horas de tristeza que não são incomuns na vida dos que fazem rádio por idealismo.

Neste dia do seu aniversário, nós estamos felizes. Não houve festa especial, porque, graças a Deus, para os que fazem rádio por amor, todos os dias são dias de festas. Basta um furo. Nós nos sentimos pagos de todas as canseiras. Abraçamos cordialmente o querido amigo, colega e irmão, o grande valor do rádio paraibano e nordestino, que é Joselito Lucena...O BAIANO!

O COMENTÁRIO de RAMALHO FILHO
 (No aniversário de Joselito Lucena)
 DATA: - 29/06/1965.

Amigos, não sei se vocês sabem que nós, os homens e as mulheres que fazemos rádio somos uns sentimentais e sentimentais doentes, inveterados, mesmo. Em Campina Grande, pouquíssimos os que fazem rádio por paixão, lato é, os que vivem exclusivamente do rádio. A maioria vive para o rádio. Explicando melhor: o grande número faz rádio por amor à arte, pela satisfação de ver o seu nome divulgado, pelo prazer de dar ao ouvinte um pouco de si mesmo. Para tanto, é preciso renunciar a muita coisa, principalmente ao afastamento da família e às delícias das horas de lazer. No número dos que fazem rádio por amor, por dedicação, por prazer intelectual está esse sujeito admirável, inteligente, bom, temperamental, explosivo às vezes, mas sentimental, bom colega, versátil como homem de rádio, pois é locutor (o melhor de 64), locutor esportivo, radiador, noticiarista, que é Joselito Lucena. Unificando todas essas grandes qualidades, a de ser pontual, cumpridor dos seus deveres.

Joselito, como vocês ouviram, começou no rádio como "boy" do serviço de alto-falantes do pioneiro da radiodifusão em Campina Grande, o José Jataí. Essa primeira grande experiência de sua vida serviu para que ele fosse, no rádio, o homem de sete instrumentos porque Joselito, na verdade, conhece todos os segredos, todas as "nuances de uma estação de rádio. Desde o controle, uma das partes mais difíceis na técnica, até o posto de direção, passando pela discoteca, onde tem excelente gosto musical, estagiando pelo rádioteatro, vivendo bem qualquer papel, galã ou vilão. Nas horas vagas dentro de uma estação de rádio, o "bailano", como o chamamos fraternalmente, faz graça, diz pilhérias. Nos dias de "lun-dú" (característica própria dos negros), Amaury Capiba, seu grande amigo e grande colega, fá-lo modificar a cara feia e tudo fica às mil maravilhas. Atacado de todos os lados pelos que fazem esporte em Campina Grande, pula por cima dessas injustiças e desses ataques, dando verdadeiro "show" de honestidade profissional.

Na vida particular teve a felicidade de casar-se com uma mulher admirável, incentivadora nos seus triunfos e consoladora nas horas de tristeza que não são incomuns na vida dos que fazem rádio por idealismo.

Neste dia do seu aniversário, nós estamos felizes. Não houve festa especial, porque, graças a Deus, para os que fazem rádio por amor, todos os dias são dias de festas. Basta um furo. Nós nos sentimos pagos de todas as canseiras. Abraçamos cordialmente o querido amigo, colega, irmão, o grande valor do rádio paraibano e nordestino, que é Joselito Lucena... O BAIANO!

COMENTÁRIO
 JOSELO LUCENA
 25 DE FEV-210

XXXXXXXXXXXX

BOM DIA AMIGOS!

GRAÇAS A DEUS UMA LETRA VENCIDA. O RAIO DE UM NOVO DIA
 E O SOL A ILUMINAR UMA NOVA MALINHA. E, QUE ASSIM SEJA. ESCREVER DELTAO
 É UM PROBLEMA. AÍ AQUI, ALÍ E AQUI. FALTA O QUE...? SE É O JEITO. E AQUI
 LEMBREI-ME DA PERGUNTA: JEITO SE ESCRIVE COM "G" OU COM JOTA...?

E DESTA FORMA MESMO QUE VOCÊ PENSOU...E QUE O ARREZ NÃO
 ENCONTROU. NÃO ADAPTA PRESSÃO...FORÇA...PODEAR PRÓ CIMA COM TUDO...AS VEZES
 NÃO DÁ... O QUE É QUE EU FAÇO...? FALTA O RACIOCÍNIO...A TRANQUILIDADE...O
 JEITINHO. E COMO AÍ LA ESTAMOS NO PÊ. A MÔ. DE CARNAVAL, TEMA, PARA LEMBRAR
 O QUE FALTOU...AQUELA MUSICA "VA COM JEITO VAI. CATUCA POR BAIXO QUE ELE
 VAI". FALTOU ISSO AÍ O JEITO. LEMBOU...FUSTIGOU...FÊZ TUDO QUASE CERTINHO
 MAS, CADÊ O JEITO... FALTOU. -É AQUELE ALEGIO POPULAR: O RÊIO NÃO CAI NO MES-
 MO LOCAL MAIS DE UMA VEZ. EXPLICADA A ELABORAÇÃO DE UM JEITO DIFERENTE.

QUEM FOI UMA TARDE E A OLBECER DE RECORDAÇÕES, DE LEM-
 BRANÇAS DE VIRAR A FOLHA DO BÃO AQUELAS CARTAS...FITAS...SCRIPS MEMORÁVELI-
 DAS COM REGISTROS DIGNOS DE CRONOS...RISOS...ALGRIAS E TRISTEZAS. POR MAIS
 DE 3 HORAS COM SATISFAÇÃO HECEBI A VISITA A COMPANHEIRO ELEVADO GOVEIA,
 PALANOS SÔBRE PATIDIA, A RÁDIO...CADAMTIO...FIRIOS...PELOS E BISHETOS. RIMOS...
 NÃO CHORAMOS LEMBRAMOS. O QUE LESCOBERAMOS...AS RECOMPENSAS QUE TIVEMOS...OS QUE
 PARTIRAM OS QUE POR AÍ AÍ DA ESTÃO. PALANOS DE FORBÔL...COMPANHEIRISMO...
 VIAGENS...FESTAS...PALANOS DO BEM E DO LEM. CLARO...FALTOU O QUE...? FALA-
 MOS DE POLITICA E AÍ DA NÃO FALTOU A POLITICAGEM...A BAJULAÇÃO QUE OS POLITI-
 GOSTAM...PALANOS DE RÁDIO E FOI UM PAPO ESCURECEDOR. NESSE CAPITULO DEMORAMOS
 UM BOCAL. LEMBRAS AS VEZES QUANDO SE FAZ DE RÁDIO...QUE É UMA FAMILIA. SE FOI
 DEVEMOS RESTRIÇÕES...SE É...NEGATIVO. UMA ARTES QUE NÃO TÊM-MOS ANDOLE PARA
 ISSO E NÃO CULTIVAMOS FOI A BAJULAÇÃO E A TRAIÇÃO. ELE SABE. GRAÇAS A DEUS
 GUARDEI AO LOI GO DOS ANOS, CARTAS, BILHETES, AMBAÇADORES, VOTOS DE APLAUSOS,
 CONGRATULAÇÕES. MUITOS SE FORAM, PARTIRAM, LEMBRANDO EXEMPLOS DE EDUCAÇÃO BON-
 DADE, EDUCAÇÃO E RESPEITO. NESSES OU LEMBRAMOS COISAS BÔAS. DOS QUE SE
 FORAM E NÃO SEM OMBORTARAM A ALTURA, NÓS PERDAM-MOS. DEUS JÁ PERDOOU E DE
 NÓS SÓ RESTOU PRA ELEU AQUELA FRASE. PERDAM SENHOR...ELES NÃO SABEM O QUE
 FAZEM.

RÓFICOS

01 - No dia 22 de Setembro de 1993, viajei com Chico Almeida para transmitir o jogo Brasil x Urugua, no Estádio do Maracanã, decidindo as eliminatórias da Copa do Mundo para o ano de 1994. Foi no voo da Varig 263 saindo do Aeroporto João Gualberto, com conexão no voo 341, saindo do Aeroporto Internacional dos Guararapes com destino ao Rio de Janeiro, as 18 horas já com bastante atraso. Ficamos no Hotel CK, onde já estava o amigo Natanael Alveira Deuter das Faixas. O Hotel CK situado na Rua Dentas Barreto, 24. À noite jantamos, fomos ao Amarelinho onde encontramos os amigos de Alagôas, tomando chopp preto e amarelo. No sábado fomos a Copacabana em Gávea onde aproveitamos para ver o treino de Seleção do Zico para a Seleção Brasileira de Futebol.

.. ..
 A grande dificuldade encontrada por qualquer narrador esportivo em transmissões no meio de torcida, é a pressão que ele sofre nos momentos positivos de ataque de equipe de sua cidade, estado ou país. No Nhôzinho Santos não foi diferente. Grande sufôco. Mas, foi nesse jogo que aconteceu aquele gaffe da comercial de CARANGUEJO. Em determinado momento do jogo troquei as bolas dizendo: "BEBA DUFÉ E CALCE CARANGUEJO O APERTIVO NACIONAL".

.. ..
 ACONTECEU EM SÃO LUIZ DO MARANHÃO NO NHÓZINHO SANTOS, NO DIA 17 DE SETEMBRO DE 1972. O SAMPAIO CORREIA FOI O VAMPELO DO NOR-LESTE E O VICE CAMPEÃO FOI O CAMPINENSE.

.. ..
 Joselito Lucena.

24- MARÇO -
 JOSEFITO LUCENA
COMENTÁRIO:

HOJE É DIA DE FUTEBOL. O ESPORTE DAS MULTIPLIÇÕES É UM MARCO NA NOSTRA VIDA, MAS SE CONFRONTA COM O RÁDIO E ISTO DES-REMENTE. SÃO DOIS MUNDOS SÓ MISTURA E GOSTO E ESSA MARAVILHA DE AFETO DE CONVIVÊNCIA ME REVIGORA, ALÉM, NÃO ME A BATE ATÉ NOS MOMENTOS EM QUE ESTOU PRÉSO AO LETIVO. OS DOIS ÚLTIMOS MESSES ME DERMAM ANÁLISES MAIS REAIS DA VIDA; DO DIA A DIA, DA FAMILIA, DO COMPANHIERIS, DA AMIZADE. AS LEMBRANÇAS VÊM E VOLTAM. UMA POEM OU PASSAM CELEBRAMENTE COMO AS NÓVENS E OUTRAS FICA. MACHUCAM SÃO AS LOCES E BELAS RECORDAÇÕES. UMAS TRAZEM CANÇÕES, VULGOS E AHI SUOÇO VOZES QUE DIZEM: NADA ACONTECE POR ACASO... E O QUE VEM EM-SEGUIDA, É O LIVRO DA VIDA PARA UM ESTUDO MAIS PROFUNDO DO QUE SE PASSOU. É O ESTUDO NO QUAL VOCÊ SE APROFUNDA PARA SEPARAR O JOIO DO TRIGO. DE UNS 3 DIAS P'RA CÁ, CÁI AQUI, ALÍ E ACOLÁ. E O DEFUTIVO ESTÁ MAIS PERTO DO QUE VOCÊ IMAGINA. ESSE É A FAMILIA... UMA AÇÃO... UMA PALAVRA... UMA ASSISTENCIA... UM AFETO... UM CARINHO... É UMA CONSULTA: QUER ISTO...? ESTÁ BOM...? HOJE ESTÁ MELHOR, E PÉ RESPIRADO: QUER IR PRO QUARTO, QUER QUE APAGUE A LUZ...? RESDIGO O TELEVISOR...? É A FAMILIA. E A FAMILIA É FUDO. NÃO SEU PORQUE ESSE RESADAVE SEFOI PARA AMENIZAR? DIMINUIR OU APASTAR AS LORES, OU PORA MOSTRAR QUE NEM TUDO ACONTECE POR ACASO. UMA LIÇÃO A MAIS NO RESCONDICIONADO DA VIDA: NÃO SEJA UM ROBOT... NÃO SEJA UMA MÁQUINA CUJOS MECANISMOS DASYS SUAS ATIVIDADES, SUPERARAM ESTA DÁDIVA MARAVILHOSA QUE A VIDA DE UM SER HUMANO, QUE TEM PENSAMENTOS, VIGOR, CORAÇÃO, AFETO, CARINHO E AMOR P'RA MAR, E RESCIBER NO CASO DA FAMILIA.

3 DIAS MACHUCANDO... TRICOTE... E PRECISO A EXPLODIR A QUALQUER INSTANTE. AINTE SEM QUE FAÇO MINHAS ORAÇÕES TODAS AS MARCHUCALAS. NINGUEM TEM NADA A HAVER COM ISTO;. E MEUHO DITO. AH ! O HORARIO DE ESPORTES, E O MEU HORARIO E DOS COMPANHIEROS... É DE FUTEBOL. E AHI ESPERO QUE TREZE E CAMPINEENSE VENÇAM SEUS COMPROMISSOS DE HOJE A NOITE. A RAPOSA AQUI COM O APÓIO DE SUA TORCIDA E O GALO LÁ FORA ULTRAPASSAM O BARREIRAS. COM VIGORIS POSSO DORMIR TRANQUILO E FELIZ. VOU OUVIR, MOSTAR, MAIA E TOLOS DA EQUIPE.

COMENTÁRIO
QUARTA 2
24/FEV/10

CL. A. BUNDEL
TONY SHOW = BOGUEIRO COLLETTI

BOM DIA AMIGOS!

VOCÊ JÁ ESTEVE CERCADO POR DIVERSAS DONZELAS POR TODOS OS LADOS...? NÃO...? ENTÃO VOCÊ NÃO É UM HOMEM FELIZ! EU SOU UM HOMEM SERENHO, TRANQUILO, ALEGRE FELIZ. BEMAS É QUE OS CIRCOS SÃO COLÉRICOS PARA OS OLHOS E QUANDO SE JUNTAM A MENHA ENTREGUEIRA, CHEFE E AUXILIARES ABREM AS PORTAS DO PARAÍSO. AI, UÉ.

DESCULPEM! A DOR ME BROUXE DE VOLTA A REALIDADE. MAS QUE É BOM SONHAR, ENTÃO VIVAMOS O PRESENTE. A DOR CORTOU A INSPIRAÇÃO.

A REALIDADE É QUE HOJE É DIA DE HOSPIEDADE DE POLER DE REABILITAÇÃO DO GALO DA BORBORELA DA COPA DO BRASIL. É UM SEGUNDO MÉRITO ANTES O VOTO-TE E O ARREZE. O DE LÁ FOI UM LESABRE. O DE HOJE É P'RA ARREBENTAR A BÓCA DO BALÃO. TEM TUDO P'RA VENCER. JOGA EM CASA. O ESTÁDIO DEVE ESTAR LOTADO EM MISTA DA CONVOCAÇÃO FEITA AQUI NA CATURAMA IMPROBÁVELMENTE. E, SE ASAREQUIBANCALAS RECEBEREM A TORCIDA QUE SE ESPERA FICA MAIS FACIL PORQUE A TORCIDA VAI JOGAR COM O TIME. É SÓ ESPERAR UNS CINCO NO VOTORARI E PARTIR PARA O ABRAÇO. OS VOTORARIENSES TÊM A VITÓRIA, MAS NÃO TÊM O LICENCIAMENTO DA MAIOR TORCIDA. AGORA É PARTIR PARA A VITÓRIA, MAS LEMBREM-SE DO QUE EU GUARDEI DO CRUZEIRO DO SUL LÁ DE BOROÇABA EM DIA 11 DE FEVEREIRO DESSE 2004, SOBRE O JOGO DA QUARTA, LÁ.

(JORNAL)

RECEBI COM TODO AGRADO A VISITA DO MEU AMIGO BRASILEIRO QUE INCLUSIVE TRABALHOU COMIGO NA ANTIGA RADIO BORBORELA. ELE E A ESPOSA ME VISITARAM NELA NA MÃ. OBRIGADO A BEM. ME VISITOU PELA MANHÃ E COMPANHEIRO LUCIANO SANTOS ACOMPANHADO DO NOSSO AMIGO TONY SHOW QUE É FÃ DO 3º TEMPO. COMO NÃO; POSSO SAIR DE CASA SEMA SEMA COSIETE QUE É FISIOTERAPEUTA FOI COM LEIJA VISITAR O AMIGO E COMPANHEIRO LÁ DE MESSSEJANA, O POPULAR CHICO ALÉMÃO. GRAÇASA A MÃOS DAI E PARA A S AISAÇÃO NOSSA E SEM ESTAR DA PHILLA, PASSA BEM!

VISHEI COM UMA FOTICIA QUE GUVI HOJE PELA MANHÃ. SE SAIU NA CATURAMA, PODE ARREBENTAR. O TIME DO LUCIANO É DE PRIMEIRA. RA. SUÉLIO LAC. FOI CONTRATADO PRA BOUZA. BOM AQUISIÇÃO DO ALDOOME ABRANTES. VOU FORÇAR PELO SUÉLIO E LÁ FA MUAÇA DOS POLÇOS E ALEGRIA SEVE SER GERAL.

ZÉ AMÉRICO II, UM CONTADOR DE HISTÓRIAS
 JOSÉ NEBY DE LUCENA/E OS BALANOS DE JACOBINA.

*** * * * * *

PRESTO UMA HOMENAGEM A UMA DAS CRIATURAS MAIS VIVIDAS E QUE TEVE UMA TRAJETÓRIA BRILHANTE, ~~DE SACRIFÍCIO, DE DESGASTOS FÍSICOS, DE ANDA- CAS QUE NÃO SE PODE MEDIR QUILOMÉTRICAMENTE O QUE ÉLE PERCORREU NESTE TEM- PO EM NOSSO CONVÍVIO. ERA FILHO DE FELIPE BERNARDO DA ROCHA E MARIA JU- LIA DA CONCEIÇÃO LUCENA. ERA 14 IRMÃOS CONFORME DEPOIMENTO NO LIVRO QUE ACHEI E QUE ERA UMA E DEVO DIZER, ERA, NÃO, É, UMA RELÍQUIA "UMA VITÓ- RIA DENTRO DE UMA DERROTA QUE QUE NÃO TIVE. ESTA DERROTA FOI A VITÓRIA DO MEU LIVRO". A VOCÊ VELHO TIO QUE VIAJOU POR OUTROS MUNDOS, LOUVO A SUA IN- TELIGÊNCIA, ABORANDO OS SEUS REGISTROS QUE, IDENTIFICARAM PORQUE COMO ORI- GINÁRIOS DE JACOBINA(BAHIA), O QUE NOS ORGUEHA.~~

DIZ ZÉ AMÉRICO QUE EM 1926, APÓS ALGUMAS DIFICULDADES CHEGOU A PRINCESA ISABEL E FOI PARA A CAÇA DO SEU CUNHADO NÉCO PEREIRA E QUE LÁ TAMBÉM TINHA UMA PRIMA CHAMADA MARCELE E UMA TIA FRANCISCA CHAMA- DA DE: MANA. ELAS DUAS TINHAM UM HOTEL. OUTRAS VISITAS ÉLE FEZ A PRINCESA JÁ QUE NÉCO ERA SEU CUNHADO, CASADO COM SUA ~~XXXXXXXXXX~~ IRMÃ GERCINA.

DEPOIS DE ALGUNS REGISTROS SOBRE A REVOLUÇÃO DE 30, OS RELATES QUE ESTÃO NO SEU LIVRO CHEGAM A NOSSA ORIGEM BAIANA E TUDO ESTÁ RELATADO ASSIM:

" NO DIA 4 DE OUTUBRO DE 1930 AO AMANHECER, O CORONEL ZÉ PEREIRA CHAMOU NÉCO PEREIRA QUE ERA AMIGO DELE EM QUEM CONFIAVA E DISSSE: VAMOS SAIR AGORA MESMO. DESPEDIU-SE DA ESPOSA, ABRACOU O FILHO E PEGOU O CARRO QUE ERA DIRIGIDO NÉCO E E PASSANDO POR TRÁS DE AFOGADOS DE INGAZEIRAS ATRAVESSARAM O RIO PAJUBÁ, CHEGANDO A CARNAÍBA DE FLORES, DEIXARAM O CARRO E ENTRARAM NA NA MATA VIRGEM, A PÉ, EM VILA BELA, QUE É SERRA TALHADA. ANTES DE CHEGAR LÁ DISSSE ESTAR COM FOME E SÊDE E QUE HAVIA CHEGADO O MOMENTO DE CADA UM SEGUIR SEU CAMINHO. ERA AMIGOS INSEPARÁVEIS, MAS, QUE IAM CUMPRIR O DESTINO QUE DEU E NOSSA SENHORA HAVIA RESERVADO PORA ÉLES E QUE NINGUEM PODERIA FUGIR AO SEU DESTINO E NINGUEM ESCAPA DA FATALIDADE. ~~XXXXXXXXXX~~

AHÉ DEIXEI POR CONTA DA NARRATIVA DE JOSÉ AMÉRICO II, A NARRATIVA QUE ESTÁ NO SEU LIVRO QUE É ESTA:

(ASSIM FIQUEI SABENDO PORQUE NASCI EM JACOBINA NA BA- HIA E CHEGUEI A CAMPINA GRANDE.

ULTRAPSSOU BARBEIRAS, ~~XXXXXX~~ SACRIFÍCIOS, DESGASTOS FÍSICOS EM ANDAÇAS QUE NÃO SE PODE MEDIR EM QUILÔMETROS O QUE ÉLE PERCORRE DURANTE O TEMPO VIVIDO ENTRE NÓS.

(2)

TORÇO PARA QUE URGENTEMENTE SEJA TOMADA UMA POSIÇÃO CONTRA TORCIDAS BAIENTEIRAS E ESPERO QUE TUDO COMIÇE POR ALÍ A 120 QUILOMETROS DE DISTANCIA ONDE MAIS UMA VEZ FICOU PALESTRADA A FORMA DE COMPORTAMENTO DAQUELA TORCIDAZINHA CALMA (PARA NÃO DIZER BAGUNCEIRA", LÁ DO BOTAFOGO QUE ONTEM INVADIU O GRUPO DO ALMEIDA FIZ BATERIA PEGOU A BOLA E ANDOU ENTRANDO NO ARCO ADVERSARIO PARA A SEU MODO FAZER O GOL E EMPATE".

GENTE DAQUELA ESPÉCIE TEM QUE SER BANIDA DOS ESTÁDIOS. AQUILO QUE FOI FEITO POR OCASIÃO DO JOGO DO CAMPINENSE CONTRA O INTERNACIONAL E A INVASÃO DO ALMEIDA É CRIME E CRIME É ASSIM DEFINIDO POR VIGNY: **TOIOS OS CRIMES E OS VICIOS DERIVAM DA FRAQUEZA. POR ISSO NÃO MERECEM SENÃO PIEDADE.**

JÁ CAIO MÁRIO DIZ QUE " QUANTO MAIS NEGAMOS UM CRIME, MAIS A CONSCIENCIA NOS OBRIGA A PENSAR N'ele2.

OBRIGADO, BOM DIA E VAMOS COMBATER ESSES VÂNDALOS.

MEMÓRIAS
 JOSELTILU LUCENA
 ANO 2006, - VIAGEM FÓTBOL
 XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

JOSELTILU LUCENA - 21 DE FEVEREIRO DE 2006, A CONFIRMAÇÃO PARA A VIAGEM A CAMPO GRANDE NO MATO GROSSO DO SUL SU SAÍU QUASE EM CIMA DA HORA DE VIAJAM. CHEGUEI EM CASA QUASE 12, BANHO AS PRESSAS, CHEGANDO AO CENTRO AS 12 HORAS? NOTANDO DE LEVÔU ATRÁS UM TAXI PARADO A AV. DOVIÁRIA ONDE HUBILDO DE ESPERAVA E FOMU PARA O AEROPORTO DE SANTA RITA.

UMA VIAGEM MUITO SÉRIA E INESQUECÍVEL.

AS VEZES AS PESSOAS PENSAM QUE EXISTEM ANIMOSIDADES ENTRE OS PROFISIONAIS DE IMPRENSA, COM RELAÇÃO A MINHA PESSOA, NÃO. XA NÃO GO TO E NÃO ADMITIU OS QUE VESTEM CAMISAS DO SEUCKUBE, SE APRESENTAM COMO SE FOSSEM DIRETORES DO SEU TIME, QUE COLOCAM NOS SEUS CELULARES O NOME DOSEU CLUBE E QUE NÃO TENHA RESPEITO A CLASSE E QUE SEJAM SUBMISSOS AOS DIRETORES DOS SEUS CLUBES E QUE SÃO BENEFICIADOS POR ATIVIDADES DE DIVULGACIONES.

COM O GRANDESEMPRE ME DEI BEM E NÃO TENHO RESENTIMENTOS ATÉ QUE A MINHA SEJA MOSTRADO O CONTRÁRIO.

POSI, BEM.
 EMBARCAMOS NO MESMO VÔU SAINDO ATRÁS A PRIMEIRA ESCALA DE GUANANDA SAINDO AS 21, 30 DEBAIXO DE CHUVA. CONFESSEI QUE NÃO SABIA O QUE A MINHA ERA OFENSIVO QUANDO SOLICITEI DA AERONÁUTICA UMA DEFEIÇA. A MESMA DISSE DUIS NOMES E PERGUNTO VÔCE CONHECE A "XINGU,,,?" DISSE QUE NÃO, MAS, ELA CHEGOU DEPOIS NUMA LATA VERDE/ESCALA COM CONES DA AMAZONIA. PEDI UMA PARA MIM E OUTRA PARA O GRANDE- REPEIT A DOSE O GRANDE LIMBER, MAS, ÉLE SENTIU. ERA FONTE.

O COREÇO. - ESTÁ NA MINHA ANGARA ESCLATA DENTRO DO VÔU. ESTAVA COM A XINGU NOS BRIBOS. DE MEMÓRIA ANTIÃO ESTIVERMOS NESTE LUGAR. BALANÇA DE UM LADO PARA O OUTRO, ENTÃO UMA VÔCE (VACUO). MAIS ADIANTE QUANDO REGISTRO DO FALSO, ESCUTO UM GRITO, É O GRANDEOURA POLÍDORA ATRÁS DE MIM, TENHA ASSISTENTE UMA DAS ASSISTENTES DOVITÃO QUE ESCOMESOU E CRIO, JUS TAMENTE ALI DE ONDE SÃO ENVIDOS OS ALIMENTOS, DEFUMACIONAIS, AIC.

DESDE GUANANDA, BRASÍLIA E CAMPO GRANDE ISTO SE REGISTRO. QUANDO A XINGU DEIXOU MINHAS MÃOS E SUBIU PARA BATER NO TETO DO VÔU, UMA SENHORA SE SOLIDARIZOU CONIGO. OLHEI PARA TRÁS E O HUBILDO ESTAVA AGARRADO NA POLÍDORA.

CLARO QUE, OS PASSAGEIROS QUE COMPRENEM VIAGAVAM PARA CAMPO GRANDE NOS ALENTAVAM NO DESEMBARQUE QUE AQUELE FUI JE FALDO INJUSTADO.

MAS, A VIAGEM A CAMPO GRANDE LEVE DUIS FATOS QUE JUSTIFICAVAM A RUSSA, PELO TEROS A MINHA, IDA. SEMOS ISTO ESQUECER DEPOIS.

SE QUISEREM ALGUMA CONFIRMAÇÃO PROCUREM "O GRANDE", HUBILDO NASCIMENTO,".

ÉLE VAI CONFIRMAR QUE, AMIZADES EXISTEM POIS FOMOS RECEBIDOS PELO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS CHOVISTAS ESPORTIVOS DO MATO GROSSO, MARCO ANTONIO E SEU FILHO, QUE NOS LEVÔU PARA O HOTEL NACIONAL ONDE DISTRIBUÍMOS O RESMO APROPRIADO.

(AINDA TEM MÃOS).

CONTINUAÇÃO

APÓS O BANHO FUI COM ROMILDO PARA O RESTAURANTE DO HOTEL INTERNACIONAL. A BEIRA DA PISCINA E PEGAMOS UMA PISCANHA CAPRICHADA. ANDAMOS UM POUCO E COMO ESTAVA FICANDO TARDE FOMOS RECUPERAR AS ENERGIAS POIS O JOGO NO PEDRO PEDROSSIAN NOS TOMARIA MAS TEMPO EM VISTA DO FUSO HORARIO. DIA DO JOGO ANDAMOS BASTANTE PELA CIDADE E ALMOÇAMOS NO GAUCHÃO UMA BOA CHURRASCARIA PROXIMA AO HOTEL.

FINALMENTE FOMOS LEVADOS PARA O ESTÁDIO. CLARO QUE MAIS CEDO. PRIMEIRO SUSTO: PROCUREI MINHA LINHA DE TRANSMISSÃO E NÃO TINHA. FUI INFORMADO PELO TÉCNICO DA EMBRATEL QUE O PEDRO NÃO HAVIA CHEGADO. UMA DECEPÇÃO. QUANDO VÍ OS COMPANHEIROS TESTANDO E FALANDO PARA SUAS RÁDIO NÃO ME APAVOREI. JÁ HAVIA PASSADO POR ALGUNS VEXAMES ANTERIORES. RESOLVI LUTAR. CONVERSEI COM O TÉCNICO E PEDI PARA FAZER UMA LIGAÇÃO PARA A MINHA RÁDIO PELO TELEFONE E FUI ATENDIDO. MOSTREI OS MEUS CONHECIMENTOS TÉCNICOS E CONSEGUI CONVENCÊ-LO A ME EMPRESTAR O SEU COMUNICADOR PARA QUE EU PUDESSE COM LIGAÇÃO A COBRAR, FAZER MINHA TRANSMISSÃO. ELE ARGUMENTOU QUE ERA IMPOSSIVEL PORQUE NÃO TINHA RETORNO. MOSTREI A ELE QUE EU FARIA. COM UM BOM PAPO E UM AGRADO, USEI O SEU TELEFONE E QUANDO OUVI QUE MEU SOM CHEGAVA A RECIFE E JOÃO PESSOA FALTAVA APENAS UM DEGRAU QUE ERA A TELEMAR E ASSIM CHEGUEI COM MEU SOM A RADIO;

COMBINEI COMO SERIA O MEU RETORNO E O QUE PARECIA DIFIL TAMBEM PARA MINHA TÉCNICA EU JÁ HAVIA FEITO QUANTO DA MINI-COPA E DESPENIDA DO REI PELÉ, ANOS 7 e 72. COMO NAQUELAS JORNADAS DO MARACANÃ, A DE CAMPO GRANDE TAMBEM. O TÉCNICO DA EMBRATEL FICOU ENCANTADO. NUNCA HAVIA VISTO NADA IGUAL E QUE IRIA CONTAR AOS SEUS COMPANHEIROS O QUE ACONTECEU;

MINHA TRANSMISSÃO FOI EXCELENTE. O MEU PISTA COMENTARISTA FICOU ENCANTADO. TRABALHEI MUITO. CANSEI, MAS, FIQUEI CONTENTE COMIGO MESMO E OS COMPANHEIROS QUE ME AJUDARAM.

DETALHES DO JOG

Dafazenda O MUNDO NOVO, onde um rio corrente nos dava a sensação de um paraíso, das criações, das andanças dos cavalos, cercando o gado, dos seus veículos ~~xxxxxxxxxxxx~~ um Ford 29 e um 30, um velho caminhão, uma residência há poucos passos da estação ferroviária, foram evidentemente momentos de satisfação de uma família que deixara o solo parai-bano para se refazer de tudo numa cidade altamente hospitaleira. Essas cenas que se tornaram corriqueiras, que faziam parte do cotidiano, são como um replay saudoso em minha retina. De um momento para outro, tudo se desmoronou. Questões, que somente com o passar dos anos vim a saber, determinaram a nossa saída urgente da velha acolhedora JACOBINA com destino a Campina Grande, deixando para trás a casa de primeiro andar em frente ao cinema onde via-vos o filme sem sequer entrar no mesmo, bastando abrir a janela; os banhos na lagôa da Picula; o apugue na rua da Matriz; os primeiros colegas de escola também na mesma rua, cercada de arêia branca nos mórros tradicionais de Jacobina, o casa-rão da linha do trem, a entrega de leite em garrafas, montados no lombo de um cavalo, atravessando a ponte do Rio do Ouro, eu e Zezito, quando tive a primeira fratura num braço ao despençar do cavalo, tudo isso é um filme de longa metragem, cujo celulóide nunca se apagou da minha mente. Em vez de quatro já era-mos cinco, com o irmão Waldemar e a única mulher da família, Teresa. Mas, como frisei antes, de um momento para outro tudo se desmoronou e deixamos para trás, tios primos, tias, e toda espécie de parentes, com destino a Campina Grande, onde realmente crescemos e nos tornamos parte da comunidade. Minha infância em JACOBINA, vale apenas contar. Isto fica para depois. É uma homenagem, à cidade que me serviu de berço.

CAMPINA DOS MEUS OITO A ~~13~~ ANOS

Uma mudança brusca, repetida, sem a consciência do que realmente acontecera, ~~transformou~~ transformou tudo do dia para a noite. Desde a viagem de JACOBINA a JUAZEIRO DA BAHIA, num trem que nos conduziu em horas incontáveis. O sabor dos bolos de SONHO e a visão pela primeira vez da Catedral de Petrolina foram fatos marcantes como atravessar o Rio São Francisco em barcos, cujas BARRANCAS metiam mêdo, até a chegada já a noite na cidade serrana.

CAMPINA surgiu aos meus olhos como uma cidade progressista, embora não me passasse pela mente, o que era progresso ou desenvolvimento. Mas, era uma cidade imponente, com o seu comércio de algodão, com suas fábricas de descarroçamento, com uma movimentação im-par, com o seu serviço de alto falantes A VOZ DE CAMPINA GRANDE, com seus edifícios majestosos como o Esial e Grande Hotel, com suas ruas largas, com sua feira central, com os seus cartões postais, AÇUDE VELHO E AÇUDE NOVO e o velho prédio dos Correios e Telegrafos, o cine Ca-

UM NOVO SUSTO NO AR !
ENCONTRO COM A XINGÔ

DIA 21 DE FEVEREIRO DE 2006. MAIS UMA VIAGEM. AGORA, CAMPO GRANDE, MATO GROSSO. VOLTAVA AQUELA REGIÃO MAIS UMA VEZ. PRIMEIRO CONHECI CUIABÁ QUANDO O CAMPINENSE REPRESENTOU A PARAIBA NO CAMPEONATO BRASILEIRO PARA ENFRENTAR O MIXTO COM A CONFIRMAÇÃO DAS PASSAGENS DE ÚLTIMA HORA FIQUEI OBRIGADO A TOMAR RAPIDAS PROVIDÊNCIAS. APÓS TOMAR BANHO ROSANDO ME CONDUZIU CONDUZIU ATÉ AS PROXIMIDADES DA RODOVIÁRIA ARGEMIRO DE FIGUEIREDO ONDE ENCONTREI ROMILDO E JUNTOS FOMOS DE TAXI PARA O AEROPORTO. PEGAMOS UM TAXI E FOMOS PARA O AEROPORTO DE SANTA RITA. ERAM 12 e 45. ERAM AÇÕES APREMIADAS DESDE QUE O VÔO ERA AS 14.30; . CHEGAMOS E SAÍMOS DE GOIANA XXXX DEBAIXO DE ERAM EXATAMENTE 21,30.

A V E Z D A X I N G Ô

QUANDO FOI ANUNCIADO O SERVIÇO DE BORDO E A EQUIPE COMEÇOU O ATENDIMENTO A AEROMOÇA FIZ A SOLICITAÇÃO PARA MIM E O GRANDÃO. ELA ENTÃO PERGUNTOU-ME: "VOCÊ JÁ CONHECE A XINGÔ...? DISSE QUE NÃO. AHI, CONHECI A XINGÔ. ERA PRETA, GOSTOSA, GALLINTE COMO DIZ O MEXICANO. GOSTEI, E PARTI PARA A SEGUNDA. GOSTEI. O AVIÃO ESTREMECEU UM POUCO. TEMPO FECHADO. UM VÁCUO... E DE REPENTE AQUELA DESCIDA BRUSCA, NOVO ESTREMECIMENTO, UM BALANÇO MAIOR. UMA DESCIDA DE VEZ A XINGÔ FUGIU DA MINHA MÃO. SUBIU, DESCEU RÁPIDA MOLDANDO UMA PESSOA NA POLTRONA AO LADO ENQUANTO UM POUCO MAIS ATRAS O GRANDÃO QUE ESTAVA AGARRADO A SUA POLTRONA FISCOU ASSUSTADO QUANDO A AEROMOÇA FOI AO SOLO E GRITOU. A VELOCIDADE NÃO ERA NORMAL E ISTO A GENTE FICOU SABENDO QUANDO DO DESEMBARQUE POIS OUTROS PASSAGEIROS ACOSTUMADOS AOS VÔOS DE ROTINA DIZIAM QUE AQUILO NUNCA HAVIA ACONTECIDO:

O FUSO HORÁRIO E BEM ACOLHIDOS

QUANDO DESEMBARCAMOS NO AEROPOR _____ FOMOS RECEBIDOS PELO PRESIDENTE DA CRÔNICA ESPORTIVA DO MATO GROSSO AO LADO DO SEU FILHO. OLHEI O RELOGIO E A DIFERENÇA DO MEU PARA AO DO AEROPORTO ERA DE UMA HORA. LEMBREI-ME ENTÃO DE CUIABÁ. HAVIA ESQUECIDO A DIFERENÇA DE UMA HORA. MARCOS E SEU FILHO NOS CONDUZIRAM PARA O HOTEL NACIONAL APARTAMENTO 215

JOSELITO LUCENA

24 DE MARÇO DE 2009

COMENTÁRIO /

BOM DIA AMIGOS!

É...OS TEMPOS MUDARAM, E AS MUDANÇAS CORREM CELEREMENTE. ESSAS CITAÇÕES NA ABERTURAM, LEMBRAM "BLOGANS" DE GRANDES COMPANHEIROS QUE TIVE NO PASSADO. ERAM ECORPORES DE CONCELHO E DE PRESTÍGIO NO RÁDIO, NA TELEVISÃO E NAS COLUNAS JORNALÍSTICAS.

HOJE, TUDO É DIFERENTE. COMO TENHO PAIXÃO POR FUTEBOL, E, ESSA É UMA DAS MINHAS GRANDES PSIXÕES OU PREFERENCIA, DEDICO MUITO TEMPO PARA ACOMPANHAR O QUE VAI PELO MUNDO E NO RÁDIO OU NA TV ACOMPANHO O DIA A DIA NO BRASIL E NO MUNDO.

DE REPENTE COMO DIZIA ODRICO PARAGUASSÚ, AS CÂMARAS MOSTRAM O RIO DE JANEIRO. QUANDO É NO FUTEBOL, OS BUELOS DE TORCIDAS, BRIGA GENERALIZADA E LA DO ALTO DE BRAÇOS ABERTOS PARA A GUANABARA O CRISTO REIDENTOR, UMA DAS 7 MARAVILHAS DO MUNDO A TUDO OBSERVA. A CÂMARA MUDA, E LA VEM OUTRA IMAGEM, MAS? NÃO ERA AQUELA DO PASSADO, QUANDO DICK FARNEY LEVAVA AOS LANCES BRASILEIROS UMA MUSICA QUE DECANTAVA AS BELEZAS DE COPACABANA A PRINCESINHA DO MAR, COM ESTAQUE PARA SUAS AREIAS PARA O CÉU TÃO LINDO SUAS SERENIAS SEMPRE SORRINDO. NÃO ERA A COPACABANA DOS MEUS ONHOS E NEM DO MEU TEMPO. ERA PALCO DE UMA GUERRA ENTRE GUADRILHAS COM TIROS, GRANADAS, ENFEIANDO UMA DAS PAISAGENS BONITAS DOS VELHOS TEMPOS, ALI NAS CALÇADAS DA PANGOSA PRAIA ONTE OS REGISTROS FOTOGRAFICOS DE HOJE, ME FAZEM VOLTAR AO PASSADO.

APAO A TV JÁ QUE O BBB SÓ TEM MESMO PARA MOSTAR ALGUMAS PERNAS BONITAS E VOU VIRANDO A MADRUGADA ESPERANDO UM REENCONTRO COM O DIA A DIA DA VELHA RAINHA DA BORBONEMA E ANI, MAIS RECEPTÕES.

E, OS TEMPOS MUDARAM, O CENTRO DE CÁ FICOU COM O CENTRO DAS GRANDES CIDADE, O LUGAR IDEAL PARA PARA AÇÕES QUE INCOMODAM E MACHUCAM A COMUNIDADE. O CENTRO VIROU CAMPO DE BATALHA, O QUE SERVE DE ALERTA PARA QUE ESTEJAMOS EM CASA LOGO CEMO DA NOITE. OS TIROS ECOARAM NA FLORIANO PEIXOTO E ATÉ GRANADA ISRAELENSE ENTROU EM CENA. É...ATÉ CAMPINA PERDEU O SEU SUSSEGO.

A SERRA DA REINBALDO FUTEBOL, ESTÁ SUBSTITUINDO O ESPORTE DAS MULTIÇÕES, O FUTEBOL, PELA BALA. QUE ESSES ESPÍRITOS DO MAL FIQUEM LÁ POR SEUS FERREIROS. ESPEREMOS POR MENHORES DIAS E POR JUSTIÇA QUE FOI ASSIM DEPINDIDA POR CHATEAUBREIANS. " A JUSTIÇA É O PÃO DO POVO", DE QUE ÉLE ESTÁ SEMPRE NECESSITANDO".

DE LADO ESSES ACONTECIMENTOS TRISTES E DEPRIMENTES. VOLTEMOS A NOSSA OFICINA PARA FALAR DE ESPORTES. "VEJO EM MANCHETE SIMCES PROMETE VIRADA DO BOTAFOGO. TAMBEM BLANER DO ESPORTE QUE ESTÁ SENDO UM ASCO DE PANCADAS, QUALQUER UM FARIA UM PROMESSA NESSAS. O TECNICO QUER DAR UM OUTRO DESTINO A CAMPANHA NEGATIVA DO TRICOLOR. É AMANHÃ. VAMOS AGUARDAR.

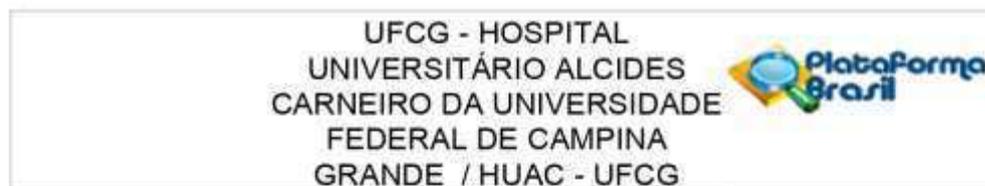
BOM DIA AMIGOS!

VAMOS COMEÇAR DE NOVO MEU POVO...? CLARO ! E PORQUE NÃO...? FINALMENTE, A VOZ DO DEVER NOS CHAMA . É INÍCIO DE ANO ! QUE OS PENSAMENTOS SEJAM POSITIVOS E QUE AS AÇÕES TAMBÉM. AS LAMENTAÇÕES JÁ FAZEM PARTE E UM PASSADO QUE NÃO ESTÁ TÃO DISTANTE ASSIM, AS COISAS DOAS A GENTE PRECISA DE A QUATRO CHAVES DENTRO DO CORAÇÃO. ELAS PODEREM NOS INSPIRAR AÇÕES POSITIVAS NA LUTA QUE JÁ COMEÇAMOS A TRAVAR EM DEFESA DO BUREBOD PARALBANO. HÁ DÉCADAS COMEÇO ASSIM COMO OMBILISMO SAGUDINHO AQUELES QUE A'NDA ESTÃO DOENTES PELOS EXCESSOS DO PASSADO E QUE CIENTAMENTE NÃO O MELHOR DE SI, DOS SEUS CONHECIMENTOS PARA DAR NA ALPESA DOS JUCESSOS ESFORÇOS. O QUE FALTOU NA TEMPORADA PASSADA E QUE NÃO DERAM FRUTOS, O QUE FALTOU REPIRO SERÁ MOTIVO PARA UMA REFLEXÃO MAIOR, UM ESTUDO MAIS PROFUNDO PARA SABER AS CAUSAS E, DIAGNOSTICANDO ONDE ACONTECERAM OS ERROS, APASTA-LOS DEFINITIVAMENTE E EM VEZ DE PALHAS, DE ERROS, SOMAR ACERTOS PARA UMA CAMINHADA MAIS OBJETIVA ESTE ANO. OS COMPANHEIROS ESTÃO DE VOLTA, ESPERANDO QUE AS SUAS MENTES QUE SÃO BRILHANTES VOLTEM MAIS ILUMINADAS NESTE 20010.

A EXEMPLO DE OUTROS ANOS, O CANSAÇO NÃO NOS ATINGIU. AQUELE QUE NOS GUIA E NOS PROTEGE, MANTÉM Acesa A CHAMA DO ENTUSIASMO E DO VIGOR, REALIMENTANDO AS CHAMAS DA VIDA PARA QUE DIAS MELHORES MARQUEM NOSSA CAMINHADA NO CUMPRIMENTO DA MISSÃO QUE NOS FOI DESTINADA.

QUE ESTA MENSAGEM SEJA UM INCENTIVO AOS DIRIGENTES DOS NOSSOS ESPORTES QUE APRESENTEM DENTRO DOS SEUS PLANOS, SEM CAIDADES OU PRESUNÇÕES, OS CAMINHOS QUE AS SUAS AGILITAÇÕES TENDEM A PERCORRER, EVITANDO OS CAMINHOS TORTUOSOS QUE PODEREM SIGNIFICAR UM DESBQUEBRIO MAIS À FRENTE. A UNIÃO FAZ A FORÇA E ASSIM, SOMANDO A FORÇA QUE ESTA TERRA TEM, SOMANDO ESTA FORÇA NA PROVA DO SUCESSO, ESTE PODE VIR, PORQUE TUDO SE ESPERMA NO NOME DESTA CIDADE: CAMPINA...GRANDE E QUÊ ASSIM SEJA.

ANEXO 3 – PARECER CONSUBSTANCIADO – COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ARQUIVO PESSOAL DO CRONISTA ESPORTIVO JOSELITO PEREIRA DE LUCENA (1950-2011)

Pesquisador: Jilton Joselito de Lucena Ferreira

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 51935321.8.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.278.316

Apresentação do Projeto:

Projeto aborda um tema importante e está devidamente estruturado.

Objetivo da Pesquisa:

analisar o radiojornalismo esportivo de Campina Grande (1950-2011), pois pensar tal seguimento radiofônico é refletir sobre a sua interação com a cidade, a dinâmica entre seus agentes sociais e suas tramas sociopolíticas e culturais em seu entorno.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com o pesquisador os riscos e benefícios advindos da pesquisa serão:

Riscos:

Os riscos envolvidos com sua participação são: cansaço e fadiga durante o procedimento e a exposição de seus depoimentos. O cansaço e a fadiga serão minimizados por pausas, ambiente arejado e horário que o participante julgue mais conveniente para a realização da entrevista. Já em relação a exposição dos depoimentos, esse risco será amenizado com o anonimato do entrevistado por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Benefícios:

Os benefícios da pesquisa serão: contribuir com a História do radiojornalismo esportivo de

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

**UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG**



Continuação do Parecer: 5.278.316

Campina Grande e inserir a localidade no campo histórico da Paraíba

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa denota relevância científica e social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados ao sistema:

Projeto completo

Folha de rosto

Termo de Anuência

Termo de compromisso dos pesquisadores

Cronograma

Orçamento

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Instrumento de coleta de dados

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram resolvidas

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1760397.pdf	29/12/2021 12:39:02		Aceito
Outros	termoeuekeilaassinadopresencialmente PDF.pdf	29/12/2021 12:38:27	Jilton Joselito de Lucena Ferreira	Aceito
Outros	instrumentodecoleta.docx	07/12/2021 17:23:17	Jilton Joselito de Lucena Ferreira	Aceito
Outros	Termodeanuenciapermissaodeacessaro arquivopesscal.docx	20/09/2021 10:52:42	Jilton Joselito de Lucena Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de	TERMODECONSENTIMENTOLIVREEE	20/09/2021	Jilton Joselito de	Aceito

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

**UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG**



Continuação do Parecer: 5.278.316

Assentimento / Justificativa de Ausência	LARECIDOpronto.docx	10:51:36	Lucena Ferreira	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinadootavioejilton.pdf	01/06/2021 12:19:12	Jilton Joselito de Lucena Ferreira	Aceito
Outros	Assinadoproffotavio.pdf	01/06/2021 12:16:28	Jilton Joselito de Lucena Ferreira	Aceito
Outros	assinadootavioejilton.docx	01/06/2021 12:15:23	Jilton Joselito de Lucena Ferreira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoedesquisacompleto.pdf	21/05/2021 18:19:44	Jilton Joselito de Lucena Ferreira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 08 de Março de 2022

**Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))**

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br